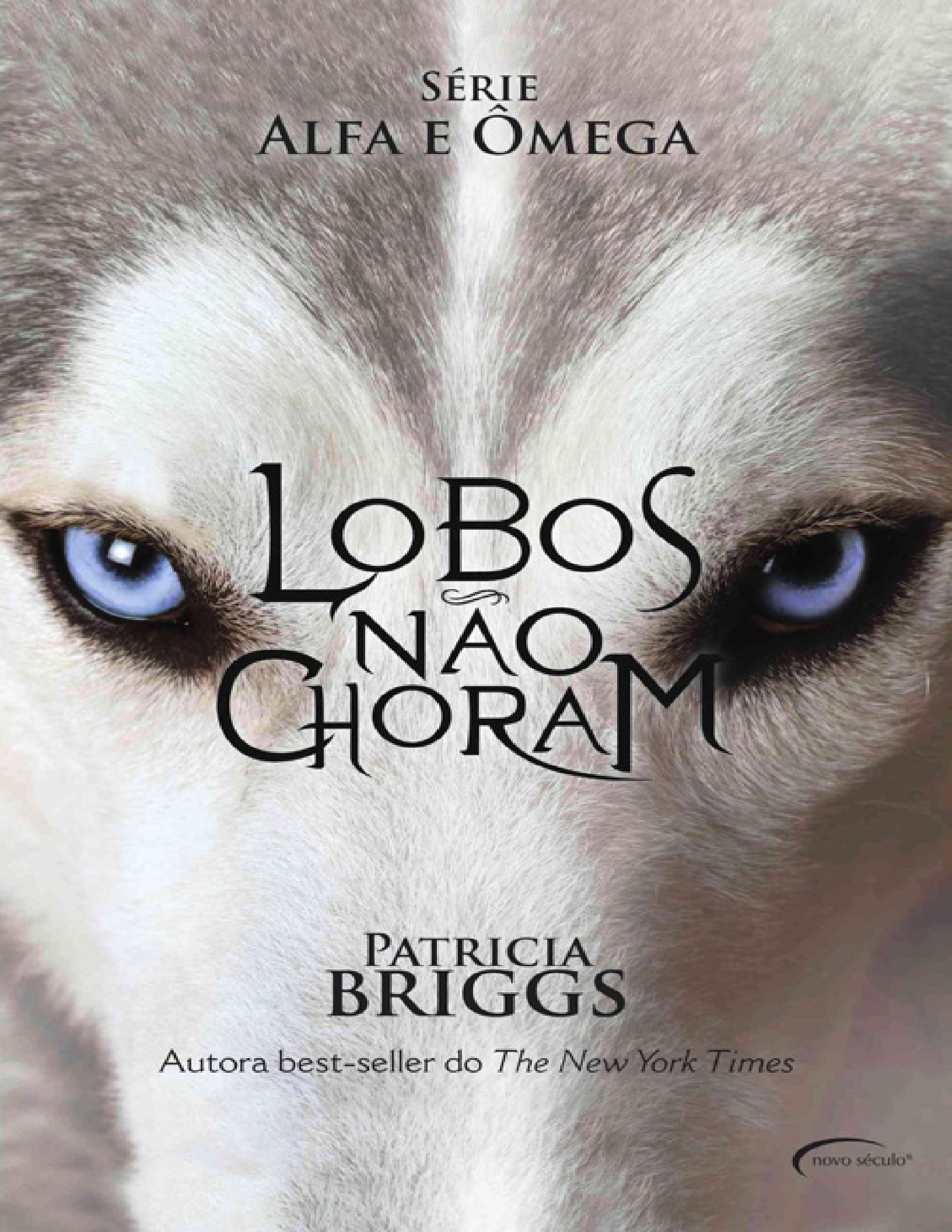
Série
Alfa e Ômega
Lobos não choram
Patricia Briggs
Autora best-seller do *The New York Times*
novo século

PATRICIA BRIGGS

LOBOS NÃO CHORAM

novo século®
SÃO PAULO 2012

Cry Wolf - an Alpha and Omega novel
Copyright © 2008 by Hurog, Inc.
Excerpt from Bone Crossed copyright © 2008 by Hurog, Inc.
Alpha and Omega
Copyright © 2007 by Hurog, Inc.
Copyright © 2012 by Novo Século Editora Ltda.
All rigths reserved.

Coordenadora Editorial	Carolina Ferraz
Tradução	Sonia Strong
Preparação	Lucas Cartaxo
Diagramação	Francisco Martins
Revisão	Tássia Carvalho
Capa	Adriano de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Briggs, Patricia
Cry wolf / Patricia Briggs ; [traduzido por Sonia Strong]. -- Barueri, SP : Novo Século Editora, 2012. -- (Coleção Alfa e Omega)

Título original: Cry wolf

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

12-07266 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Edição Digital: 2013

Todos os direitos reservados à:
Novo Século Editora Ltda.
Alameda Araguaia, 2190, 11º andar – Barueri –SP

E-ISBN: 978-85-428-0029-6

www.novoseculo.com.br

Quer saber como começa esta história?
Leia antes *Alfa e Ômega*, no final deste livro:
o conto que deu origem à série de sucesso de
Patricia Briggs!

Amanda, fashionista, musicista, e cabeleireira artística.
Este é para você.

Agradecimentos

Ao grupo de sempre pelo serviço editorial prestado, sem palavras: Michael Briggs, Katharine e Dave Carson, Michael Enzweiler, Anne Peters, Kaye e Kyle Roberson. A minha paciente e fantástica editora, Anne Sowards. Ao grupo de arte Ace, especialmente Daniel dos Santos, que continua a me entregar capas adoráveis. E as minhas fontes de pesquisa: meu bom amigo CthulhuBobLovely (desta vez eu acho que escrevi certo); Shelley Rubenacker e seus amigos do LatinForum; Bill Fansler, oficial de recreação florestal, Floresta Nacional de Kootenai – e especialmente a meu marido Mike, que tem me ajudado em minhas tentativas de pesquisa por anos (ele, diferente de mim, não é tímido ao telefone). Como sempre, se o livro for bom, é culpa deles – todos os erros são meus.

Prólogo

Região noroeste de Montana

Montanhas Cabinet[1]: Outubro

Ninguém melhor do que Walter Rice sabia que o único lugar seguro era longe das outras pessoas. Isto é, seguro para elas. O único problema era que ele ainda *precisava* delas, precisava do som das vozes e das risadas humanas. Para sua vergonha, ele algumas vezes ficava perto de um dos acampamentos apenas para escutar as vozes e fingir que estavam falando com ele.

Essa era uma parte muito pequena do motivo pelo qual estava deitado de barriga para baixo nos arbustos de uva-ursina[2] e nas velhas folhas pontiagudas de pinheiro à sombra de um grupo de árvores, observando um rapaz que escrevia com um lápis em um caderno de espiral de metal, depois de pegar uma amostra de fezes de urso e armazenar o saco plástico parcialmente cheio em sua mochila.

Walter não receava ser visto pelo garoto: o Tio Sam[3] treinou Walter muito bem para que ele fosse capaz de se esconder e rastrear, e décadas vivendo sozinho em algumas das áreas mais desabitadas dos Estados Unidos o haviam transformado em uma imitação razoável daqueles índios milagrosamente invisíveis que povoavam os livros e os filmes favoritos de sua infância. Se ele não quisesse ser visto, ele não seria, além disso, o garoto tinha as habilidades de sobrevivência na floresta iguais às de uma dona de casa suburbana. Não deveriam tê-lo enviado ao território dos ursos-

pardos sozinho – alimentar os ursos com estudantes de pós-graduação não era bom; podia dar aos ursos ideias erradas.

Não que os ursos estivessem por ali naquele dia. Como Walter, eles sabiam ler os sinais: em algum momento, nas próximas quatro ou cinco horas, uma grande tempestade iria chegar. Ele podia sentir isso em seus ossos e, o mais estranho, não carregava uma mochila grande o suficiente para estar preparado para a chuva. Era cedo para uma tempestade de inverno, mas as coisas funcionavam assim nessa parte do país. Walter já vira neve cair em agosto[4].

Aquela tempestade era a outra razão pela qual ele estava seguindo o garoto. A tempestade e o que fazer a respeito dela – ser tomado pela indecisão não era algo que lhe ocorresse com tanta frequência.

Walter podia deixar o garoto ir. A tempestade viria e tomaria sua vida, mas essa era a lei da montanha, das áreas selvagens. Era uma morte limpa. Se apenas o estudante de pós-graduação não fosse tão jovem... Há muito tempo ele vira muitos garotos morrerem – seria de se esperar que estivesse acostumado com isso. Em vez disso, mais um parecia ser demais.

Ele podia alertar o garoto. Mas tudo nele se rebelava contra esse pensamento. Muito tempo havia se passado desde que ele havia conversado face a face com qualquer outra pessoa... Até mesmo esse pensamento fez sua respiração congelar-se.

Era muito perigoso. Podia causar outro *flashback* – o último fora há algum tempo, mas eles aconteciam de forma inesperada. Seria muito ruim se Walter tentasse avisar o garoto e acabasse matando-o.

Frustrado, Walter seguiu o jovem por algumas horas enquanto este perambulava, distraído, cada vez mais longe da estrada mais próxima e de sua própria segurança. O saco de dormir na mochila deixava claro que ele estava pensando em passar a noite ali, o que

deveria significar que o garoto achava que sabia o que estava fazendo na mata. Infelizmente, ficava cada vez mais claro que essa era uma falsa confiança. Era como ver June Cleaver[5] meter-se em encrenca. Triste. Apenas triste.

Era como ver os novatos chegando ao Vietnã em seus uniformes engomados, prontos para serem homens, quando todos sabiam que eles eram apenas bucha de canhão.

O maldito garoto estava instigando em Walter todas as coisas das quais ele queria manter distância. Mas a irritação não era forte o suficiente para fazer qualquer diferença para a consciência de Walter. Por quase dez quilômetros, ou assim ele calculou, Walter havia se arrastado atrás do garoto, incapaz de tomar uma decisão: sua preocupação o impedira de sentir o perigo até que o estudante parou no meio da trilha.

Os arbustos espessos entre eles só lhe permitiam ver o topo da mochila do garoto, e aquilo que o havia feito parar era algo mais baixo. Não era um alce, o que constituía uma boa notícia. Você pode até argumentar com um urso preto, ou até mesmo com um urso-pardo se ele não estiver com fome (o que, de acordo com sua experiência, raramente era o caso), mas com um alce...

Walter puxou sua grande faca, embora não tivesse certeza de que iria tentar ajudar o garoto. Até mesmo um urso negro proporcionaria uma morte mais rápida do que a tempestade (apesar de mais sangrenta). E, como conhecia os ursos daquela região, Walter podia avaliar a situação do garoto... Ele se moveu lentamente no meio do mato, sem fazer barulho, embora folhas de álamo cobrissem o chão. Quando não queria fazer barulho, Walter não fazia.

Um rosnado baixo provocou-lhe um arrepio de medo que atravessou seu corpo, elevando sua adrenalina até a camada de

ozônio. Era um som que Walter nunca tinha ouvido aqui, e ele conhecia cada predador que vivia em seu território.

O rosnado veio de pouco mais de um metro adiante, e não havia mais nada impedindo sua visão. Lá no meio do caminho havia um cão – ou algo parecido. No início, Walter pensou que era um pastor-alemão por causa da coloração, mas havia algo de errado com as articulações das patas dianteiras, que faziam com que o animal se parecesse mais com um urso do que com um cão. E ainda por cima era maior do que qualquer droga de cão ou de lobo que ele já vira. O animal tinha olhos frios, olhos de assassino, e dentes incrivelmente longos.

Walter podia não saber como chamá-lo, mas sabia do que se tratava. Na face da fera espreitavam todas as imagens de pesadelo que assombravam sua vida. Era a coisa contra a qual lutara em suas duas idas ao Vietnã e todas as noites desde então: a morte. Essa era uma batalha para um guerreiro de sangue, experiente na batalha e calejado como ele, não para um inocente.

Walter saiu do esconderijo dando um grito selvagem, previamente calculado para atrair a atenção, e correu, ignorando o protesto de seus joelhos já muito velhos para a batalha. Um longo tempo se passara desde sua última luta, mas ele nunca havia esquecido a sensação do sangue correndo em suas veias.

– Corra, garoto! – disse ele, ao passar correndo pelo jovem com um sorriso selvagem, preparado para atacar o inimigo.

O animal poderia fugir; ele havia levado algum tempo avaliando o garoto, e, às vezes, quando a refeição de um predador o ataca, o predador vai embora. Mas de alguma forma Walter não achava que a fera era esse tipo de animal – havia uma estranha inteligência em seus olhos ofuscantemente dourados.

Seja lá o que havia impedido a fera de atacar o garoto imediatamente, não funcionou com Walter. A fera lançou-se contra ele como se estivesse desarmado. Talvez ela não fosse tão

inteligente quanto ele pensara, ou talvez tivesse sido enganada por seu exterior grisalho e não percebera o que um velho veterano armado com uma faca tão longa quanto seu braço podia fazer. Talvez tivesse sido atiçada pela fuga do garoto – ele havia seguido o conselho de Walter ao pé da letra; corria como um corredor profissional, e apenas via Walter como um obstáculo ao seu desejo de carne fresca e tenra.

Mas Walter não era um garoto indefeso. Ele havia tirado a faca de algum general inimigo que matara, assassinado no escuro, como lhe haviam ensinado. A faca estava coberta de símbolos mágicos gravados na lâmina, símbolos estranhos que há muito haviam ficado enegrecidos, perdendo o original brilho da prata. Apesar dos símbolos e feitiços exóticos, era uma boa faca, e cravou-se profundamente no ombro do animal.

A fera foi mais rápida do que Walter, mais rápida e mais forte. Mas ele havia dado o primeiro golpe, e isso fez toda a diferença.

Walter não venceu, mas triunfou. Ele deu trabalho para a fera e ainda a feriu gravemente. Ela não seria capaz de ir atrás do garoto, não naquela noite – e se o garoto fosse esperto, a essa altura já estaria a meio caminho de seu carro.

Finalmente, o monstro partiu, arrastando a pata dianteira e sangrando por uma dúzia de ferimentos – embora não houvesse dúvidas sobre quem estava mais ferido. Walter havia visto muitos homens morrerem, e sabia, pelo cheiro de seu intestino perfurado, que sua hora havia chegado.

Mas o jovem estava seguro. Talvez isso compensasse, de alguma forma, por todos os jovens que não tinham sobrevivido.

Walter relaxou os músculos das costas e sentiu a grama seca e o solo cederem sob seu peso.

O chão era frio contra seu corpo suado e quente, e sentiu-se confortado. Parecia justo ver sua vida terminando assim, salvando

um estranho, pois originalmente foi a morte de outro estranho que o havia trazido aqui.

O vento aumentou, e Walter achou que a temperatura caíra alguns graus, mas podia ser também apenas a perda de sangue e o choque. Ele fechou os olhos e esperou pacientemente que a morte, sua velha inimiga, finalmente viesse reivindicá-lo. A faca ainda estava em sua mão direita, apenas no caso de a dor ser forte demais. Feridas na barriga não provocavam uma morte fácil.

Mas não foi a morte que chegou no auge da primeira tempestade de neve da temporada.

UM

Chicago: Novembro

Anna Latham tentou desaparecer no banco do passageiro.

Ela ainda não havia se dado conta de como sua autoestima estava ligada à presença de Charles ao seu lado. Anna só o conhecia há um dia e meio, e ele mudara o seu mundo... pelo menos enquanto ainda estivesse ali, ao seu lado.

Sem ele, toda a sua recém-recuperada autoestima havia desaparecido. Sua ausência algo zombadora apenas mostrava ser ela realmente covarde, como se Anna precisasse ser lembrada disso...

Ela olhou para o homem que estava dirigindo o furgão alugado de Charles. Ele dirigia com uma facilidade casual debaixo da luz-da-manhã-pós-hora-do-*rush* na via expressa coberta de lama, como se fosse um nativo de Chicago em vez de um visitante vindo das áreas selvagens de Montana.

Qualquer pessoa que olhasse para o pai de Charles, Bran Cornick, julgaria se tratar de um estudante universitário, um *nerd* ou talvez um estudante de arte. Alguém sensível, gentil e jovem, mas Anna sabia que Bran não era nenhuma dessas coisas. Ele era o Marrok, a quem todos os Alfas deviam obediência – e ninguém dominava um lobisomem Alfa sendo sensível e gentil.

O Marrok também não era jovem. Anna sabia que Charles tinha quase duzentos anos, e isso significava que seu pai era ainda mais velho.

Anna olhou para ele atentamente, com o canto dos olhos, mas, exceto por alguma coisa no formato das mãos e dos olhos, não

conseguiu de jeito nenhum ver semelhanças entre Charles e o Marrok. Charles parecia ser um genuíno nativo norte-americano, como sua mãe havia sido, mas ainda assim Anna achava que haveria alguma semelhança, algo que lhe dissesse que o Marrok era o mesmo tipo de homem que seu filho.

Em sua mente, Anna estava disposta a acreditar que Bran Cornick não iria prejudicá-la, que ele era diferente dos outros lobos que conhecia. Porém, seu corpo foi como que treinado a temer os machos de sua espécie. Quanto mais dominante os lobisomens, mais altas eram as chances de que machucassem Anna. E não havia lobo mais dominante, em qualquer lugar, do que Bran Cornick; sua aparência inofensiva não a enganava.

– Eu não vou deixar nada acontecer com você – disse ele, sem olhar para Anna.

Como ela podia sentir o cheiro de seu próprio medo, era óbvio que ele também podia senti-lo.

– Eu sei – foi o que Anna conseguiu dizer, odiando-se por ter permitido que a transformassem em uma covarde. Ela esperava que o Marrok pensasse que era medo da ideia de enfrentar os outros lobos de sua alcateia depois que ela mesma precipitara a morte de seu Alfa. Anna não queria que o Marrok soubesse que estava com medo dele também – ou principalmente dele.

Ele sorriu um pouco, mas não disse mais nada.

Todas as vagas de estacionamento atrás do seu prédio de quatro andares estavam repletas de carros estranhos. Havia uma caminhonete cinza brilhante rebocando um pequeno *trailer* laranja e branco com um peixe-boi gigante pintado na lateral, exatamente acima da frase que anunciava a qualquer um, dentro de um quarteirão de distância, que a Flórida era “O Estado do Peixe-boi”.

Bran estacionou atrás do reboque sem se preocupar com o fato de bloquear a saída. Mas, afinal de contas, enquanto eles saíam do carro, Anna percebeu que não precisava mais se preocupar com o

que seu senhorio acharia disso; ela estava indo para Montana. Seria Montana o “Estado do Lobisomem”?

Quatro lobos em suas formas humanas esperavam por eles na porta de segurança, incluindo Boyd, o novo Alfa. Seus olhos ensombrados a avaliaram de cima a baixo. Anna abaixou o olhar depois daquela primeira olhada e manteve Bran entre ela e eles.

Anna tinha mais medo deles do que do próprio Marrok, e isso era estranho, porque agora não havia a especulação, aquela avareza em seus olhos que geralmente desencadeava seus medos. Eles pareciam controlados... e cansados. Ontem, seu Alfa tinha sido morto, o que afetara a todos. Anna sentiu isso também, mas havia ignorado pois pensou que Charles também morria.

A dor deles era culpa dela. Todos sabiam disso.

Anna lembrou a si mesma que Leo precisava ser morto – ele havia matado muitos, e permitido a morte de tantos outros. Ela não iria olhar para qualquer um deles novamente, e tentaria não falar com eles, e esperava que a ignorassem.

Mas, mesmo assim... eles tinham vindo aqui para ajudá-la a se mudar. Anna tentou evitar essa cena, mas não estava disposta a discutir com o Marrok por muito tempo. Ela ousou dar outra olhada rápida para Boyd, mas não pôde ver nada mais em seu rosto daquela vez.

Anna pegou a chave e começou a mexer na fechadura, com os dedos desajeitados devido ao medo que sentia. Nenhum dos lobisomens fez qualquer movimento que indicasse impaciência, mas ela tentou se apressar, sentindo os olhos deles nas suas costas. O que estavam pensando? Alguns estavam se lembrando do que haviam feito com ela? Anna não estava, e se esforçava para não pensar nisso.

Respire, pensou ela, repreendendo a si mesma.

Um dos homens balançou o corpo e fez um som ansioso.

– George – disse Boyd, e o outro lobo ficou quieto.

Era o medo dela que estava estimulando o lobo, Anna sabia. Ela precisava se controlar – e a fechadura pegajosa não estava ajudando. Se Charles estivesse aqui, ela poderia lidar com tudo aquilo, mas ele estava se recuperando de vários ferimentos causados por tiros. O pai dele lhe havia dito que Charles tinha uma reação mais forte à prata do que a maioria dos lobos.

– Eu não esperava você aqui – disse Bran.

Anna presumiu que ele não estava falando com ela, já que a havia convencido a deixar Charles sozinho essa manhã.

Ele devia estar falando com Boyd, porque foi Boyd que respondeu.

– É meu dia de folga. – Até a noite passada, Boyd tinha sido o terceiro da alcateia. Mas agora ele era o Alfa da Alcateia do Subúrbio Oeste de Chicago. A mesma que Anna estava abandonando. – Eu achei que poderia ajudar um pouco com as coisas – continuou Boyd. – O Thomas aqui concordou em dirigir a caminhonete até Montana e voltar.

Anna abriu a porta, mas Bran não entrou de imediato. Ela parou exatamente na entrada da porta, segurando-a aberta.

– Como estão as finanças da sua alcateia? – perguntou Bran. – Meu filho me disse que Leo alegou que precisava de dinheiro.

Anna ouviu o típico sorriso sem humor de Boyd quando ele falou.

– Ele não estava mentindo. Manter sua companheira era caro como os diabos. Não vamos perder a mansão, mas essa é a única boa notícia que nosso contador tem para mim. Vamos conseguir alguma coisa com a venda das joias de Isabella, mas não tanto quanto Leo pagou por elas.

Anna conseguia olhar para Bran, e então observou que ele avaliava os lobos que Boyd trouxera como um general avalia suas tropas. Seu olhar parou em Thomas.

Anna olhou para ele também, vendo o que o Marrok viu: jeans velhos com um buraco em um joelho, tênis que haviam visto

melhores dias. Era muito parecido com o que ela estava usando, só que o buraco era em seu joelho esquerdo, não no direito.

– O tempo que você vai levar para ir de carro até Montana e voltar colocará seu emprego em risco? – perguntou Bran.

Thomas manteve os olhos na ponta dos pés e respondeu, com voz suave:

– Não, senhor. Eu trabalho em construção, e esta é a temporada fraca. O patrão me liberou; ele me disse que tenho duas semanas livres.

Bran tirou um talão de cheques do bolso e, usando os ombros de outro lobo como uma superfície sólida onde pudesse escrever, fez um cheque.

– Isto é para suas despesas nessa viagem. Vamos calcular uma taxa de pagamento e haverá dinheiro esperando por você quando chegarem a Montana.

Os olhos de Thomas brilharam de alívio, mas ele nada disse.

Bran passou pela porta, passou por Anna e começou a subir as escadas. No momento em que não estava mais os observando, os outros lobos levantaram os olhos para olhar para Anna.

Ela levantou o queixo e enfrentou seus olhares, esquecendo totalmente sua decisão de não fazer isso até que fosse tarde demais. Os olhos de Boyd eram insondáveis, e Thomas ainda estava olhando para o chão... Mas os outros dois, George e Joshua, eram fáceis de interpretar. Com Bran de costas para eles, o que ela era naquela alcateia ficou totalmente visível nos olhos deles.

Esses dois, George e Joshua, tinham sido os lobos de Leo, e isso não só por inclinação; eles o eram de fato. Anna não era nada, e causara a morte de seu Alfa: eles a teriam matado – caso se atrevessem.

Apenas tentem, disse-lhes Anna, sem usar palavras. Ela virou as costas para os dois, sem olhar para baixo – como companheira de Charles, ela supostamente era superior a todos eles. Mas ambos

não eram apenas lobos, e a parte humana deles nunca iria esquecer o que haviam feito com ela, com o incentivo de Leo.

Com o estômago embrulhado, e a tensão pressionando a parte de trás do seu pescoço, Anna tentou manter um ritmo constante até chegar ao seu apartamento no quarto andar. Bran esperou ao seu lado, enquanto Anna abria a porta. Ela se afastou para que ele pudesse entrar primeiro, mostrando aos outros que ele, pelo menos, tinha seu respeito.

Bran parou na porta e olhou em torno da quitinete com uma carranca. Anna sabia o que ele estava vendo: uma mesa pequena com duas cadeiras dobráveis maltratadas, seu *futon* – e não passava muito disso.

– Eu disse que podia embalar as coisas essa manhã – disse-lhe Anna. Ela sabia que não tinha muito, mas incomodou-se com o julgamento silencioso de Bran. – Assim eles viriam e apenas carregariam as caixas.

– Não levará nem uma hora para colocar tudo isso em caixas e levá-las para baixo – disse Bran. – Boyd, quantos de seus lobos estão vivendo assim?

Convocado, Boyd passou por Anna, entrou na sala e franziu a testa. Ele nunca estivera no apartamento até então. Olhou para Anna, caminhou até a geladeira e abriu a porta, expondo o espaço vazio no seu interior.

– Eu não sabia que as coisas estavam assim tão ruins.

Boyd olhou para trás.

– Thomas?

Convidado a entrar, Thomas também passou pela porta.

Ele deu ao seu novo Alfa um sorriso de desculpas.

– Eu não estou tão mal assim, mas minha esposa também está trabalhando. A contribuição é muito cara.

Thomas estava quase tão baixo na hierarquia da alcateia quanto Anna, e, como era casado, nunca havia sido convidado para “brincar

” com ela. Mas tampouco havia impedido isso. Anna supunha que era mais do que se poderia esperar de um lobo submisso, mas isso não a impediu de ter ressentimentos em relação a Thomas.

– Provavelmente cinco ou seis, então – disse Boyd, com um suspiro. – Vou ver o que pode ser feito.

Bran abriu sua carteira e entregou ao Alfa um cartão.

– Ligue para Charles na próxima semana e marque um encontro entre ele e seu contador. Se necessário, podemos providenciar um empréstimo. Não é seguro ter lobisomens famintos e desesperados nas ruas.

Boyd assentiu.

Com os negócios do Marrok aparentemente concluídos, os outros dois lobos passaram por Anna, e George deliberadamente esbarrou nela. Anna se afastou e, por instinto, colocou os braços protetoramente em torno de si mesma. Ele deu-lhe um sorriso de escárnio que escondeu rapidamente dos outros.

– *Illegitimis nil carborundum* – murmurou ela. Foi algo estúpido de se fazer. Anna sabia, mesmo antes de o punho de George atingi-la.

Ela se abaixou e esquivou-se. Em vez de um soco no estômago, levou um no ombro e virou-se por causa do impacto. A pequena entrada não lhe dava muito espaço para fugir de um segundo golpe.

Mas não houve um segundo soco.

Boyd mantinha George preso no chão com um joelho no meio de suas costas. George não estava lutando contra ele, apenas falando rápido:

– Ela não deveria falar isso. Leo disse isto: nada de latim. Você se lembra.

Quando percebera que ninguém mais na alcateia entendia latim, exceto Isabella, que supostamente era sua amiga, Anna passou a usar as frases como uma forma secreta de desafio. Havia demorado algum tempo até que Leo descobrisse.

– Leo está morto – disse Boyd muito calmamente, com a boca próxima do ouvido de George. – Novas regras. Se você for inteligente o suficiente para continuar vivo, não vai bater na companheira de Charles na frente do pai dele.

– “Não deixe que os bastardos a derrotem”? – disse Bran perto da porta. Ele estava olhando para ela como se Anna fosse uma criança que havia se mostrado inesperadamente esperta. – Esse latim está horrível, e sua pronúncia precisa ser melhorada.

– A culpa é do meu pai – disse ela, esfregando o ombro. O hematoma iria desaparecer até o dia seguinte, mas por enquanto estava doendo. – Ele estudou dois anos de latim na faculdade e o usava para se divertir. Todos na minha família falavam. Sua frase favorita era: “*Inter dum feror cupidine partium magnarum europe vincendarum*”.

– “Às vezes tenho vontade de conquistar grande parte da Europa?” – disse Boyd, soando um pouco incrédulo. Isabella não havia sido, aparentemente, a única que entendia sua rebeldia.

Ela balançou a cabeça.

– Normalmente, ele só dizia isso quando meu irmão ou eu estivéssemos nos comportando muito mal.

– E essa era sua frase *favorita*? – disse Bran, examinando-a como se ela fosse um inseto... Mas um inseto com quem ele estava satisfeito.

– Meu irmão era uma peste – disse Anna.

Bran sorriu devagar, e ela reconheceu o seu sorriso como um dos sorrisos de Charles.

– O que você quer que eu faça com ele? – perguntou Boyd, inclinando a cabeça em direção a George.

O sorriso de Bran sumiu, e ele olhou para Anna.

– Você quer que eu o mate?

O silêncio imperou enquanto todos esperavam a sua resposta. Pela primeira vez, Anna percebeu que o cheiro do medo ali não

vinha só dela. O Marrok amedrontava todos eles.

– Não – mentiu. – Ela só queria entrar em seu apartamento, embalar suas coisas e acabar com aquilo, para então nunca mais precisar ver George e os outros iguais a ele. – Não.

E, Anna estava falando sério.

Bran inclinou a cabeça, e ela viu seus olhos mudarem levemente, reluzentes e dourados na penumbra do corredor externo.

– Deixe que ele se levante.

Anna esperou até que todos estivessem em seu apartamento para deixar o anonimato do corredor. Assim que entrou no apartamento, viu que Bran estava tirando a roupa de cama do *futon* até deixar apenas o colchão. Era algo estranho, como ver o presidente cortando a grama da Casa Branca ou tirando o lixo.

Boyd aproximou-se dela e lhe entregou o cheque que estava pendurado na porta da sua geladeira; era seu último salário.

– Acho que você vai querer ficar com isso.

Anna pegou o cheque e enfiou-o no bolso de suas calças.

– Obrigada.

– Nós todos estamos lhe devendo explicações – disse Boyd. – Nenhum de nós podia contatar o Marrok quando a coisa começou a ficar feia. Leo proibiu. Eu não posso lhe dizer quantas horas passei olhando para o telefone tentando passar por cima da ordem de Leo.

Anna olhou em seus olhos, surpresa.

– Eu demorei um pouco até descobrir o que você era. – Ele lhe deu um sorriso amargo. – Eu não estava prestando atenção. Tentei realmente não prestar atenção ou pensar. Tornava tudo mais fácil.

– Ômegas[1] são raros – disse Bran.

Boyd não desviou o olhar dela.

– Quase não percebi o que Leo estava fazendo, e por que havia escolhido você para ser tratada daquele jeito, pois ele sempre foi do tipo “mate-os rapidamente”. Eu o conhecia há muito tempo, e ele

nunca havia consentido abusos desse tipo antes. Eu via como isso o deixava enojado. Justin era o único que realmente gostava. – Anna controlou sua vontade de recuar e lembrou a si mesma que Justin também morrera na noite passada. – Quando percebi por que Leo não confiava em você para seguir ordens, que você não era apenas um lobo muito submisso, que você era um Ômega... foi quase tarde demais – suspirou Boyd. – Se eu tivesse lhe dado o número do Marrok dois anos atrás, não teria levado tanto tempo para chamá-lo. Então eu lhe devo os meus agradecimentos e minhas humildes desculpas.

Boyd baixou os olhos, inclinando a cabeça para mostrar-lhe a garganta.

– Você pode... – disse Anna, engolindo saliva para umedecer a garganta subitamente seca. – Você pode prometer que isso não vai acontecer novamente? Com ninguém? Eu não sou a única que foi ferida.

Ela não olhou para Thomas. Justin tinha grande prazer ao atormentar Thomas.

Boyd inclinou a cabeça solenemente.

– Eu prometo.

Anna deu-lhe um aceno curto, o que pareceu satisfazê-lo. Boyd pegou uma caixa vazia das mãos de Joshua e caminhou até a cozinha. Eles haviam trazido caixas, fita adesiva e papel de embrulho, mais do que suficiente para arrumar tudo o que ela possuía.

Anna não tinha mala alguma, então pegou uma das caixas e colocou dentro dela as coisas básicas de que precisaria. Ela estava muito introspectiva, e mantinha os olhos baixos, para si mesma. Muita coisa havia mudado, e Anna não sabia como lidar com isso.

Anna estava no banheiro quando o telefone celular de alguém tocou. Sua condição de lobisomem lhe permitia ouvir os dois lados da conversa telefônica:

– *Boyd*?

Era Rashid, um dos lobos novos, que também era médico... Ele parecia estar em pânico.

– Sou eu. O que há de errado?

– *O lobo na sala de contenção, ele...* – Boyd e seu celular estavam na cozinha, e mesmo assim ela ouviu o barulho de algo se quebrando pelo telefone. – *É ele* – murmurou Rashid desesperadamente. – *É ele. Ele está tentando sair, e está destruindo a sala de contenção. Eu acho que ela não vai segurá-lo.*

Charles.

Ele estava grogue quando Anna saíra, mas pareceu feliz na noite anterior ao deixá-la nas mãos de seu pai enquanto dormia e se recuperava dos efeitos da extração de algumas balas de prata do seu corpo. Aparentemente, as coisas tinham mudado.

Anna pegou sua caixa e encontrou Bran na porta do banheiro.

Ele deu-lhe um olhar escrutinador, mas não parecia chateado.

– Parece que somos necessários em outro lugar – disse ele, parecendo calmo e relaxado. – Não creio que ele vá machucar ninguém, mas a prata tem um efeito mais forte e imprevisível nele do que em alguns lobos. Você pegou as coisas de que precisa?

– Sim.

Bran olhou ao seu redor, e seus olhos caíram sobre Boyd.

– Diga ao seu lobo que chegaremos lá o mais rapidamente possível. Eu confio em você para se assegurar de que tudo esteja embalado e o apartamento limpo quando saírem.

Boyd inclinou a cabeça submissamente.

Bran pegou a caixa das mãos dela e enfiou-a debaixo de um braço, e lhe estendeu o outro em um gesto antiquado. Anna colocou os dedos levemente na dobra do braço oferecido, e Bran a acompanhou por todo o caminho de volta para o furgão, fazendo-a caminhar devagar quando, na verdade, ela queria correr.

O Marrok dirigiu de volta para a mansão em Naperville onde a alcateia do Subúrbio Oeste se reunia. Bran não desrespeitou nenhuma lei de trânsito, mas nem por isso perdeu tempo.

– A maioria dos lobos não seria capaz de escapar de uma sala de contenção – disse ele suavemente. – Há prata nas barras, e existem muitas barras, mas Charles também é filho de sua mãe; ela nunca deixaria se prender por algo tão trivial quanto um punhado de barras de metal e uma porta reforçada.

De alguma forma, Anna não ficou surpresa com a informação de que Bran sabia como a sala de contenção fora construída.

– A mãe de Charles era uma bruxa?

Anna nunca havia encontrado uma bruxa, mas já tinha ouvido histórias. E, desde que se tornara um lobisomem, aprendera a acreditar em magia.

Bran balançou a cabeça.

– Isso não era bem definido. Nem mesmo tenho certeza de que ela tivesse algum poder mágico estritamente falando. Os Salish[2] não veem o mundo desta forma: mágico e não mágico. Natural e não natural. O que quer que ela fosse, porém, o filho dela também é.

– O que vai acontecer se ele conseguir sair?

– Seria bom se chegássemos lá antes que isso aconteça.

E isso foi tudo o que ele disse.

Eles deixaram a via expressa, e Bran diminuiu a velocidade para o limite permitido. O único sinal de sua impaciência era a batida rítmica de seus dedos no volante. Quando Bran parou na frente da mansão, Anna saltou do carro e correu para a porta da frente. Ele não parecia apressado, mas de alguma forma chegou lá antes dela e abriu a porta.

Anna correu pelo corredor e desceu a escada do porão três degraus de cada vez, com Bran em seu encalço. A falta de ruído

não era animadora.

Normalmente, a única maneira de distinguir a sala de contenção dos quartos de hóspedes no porão eram a porta e a estrutura de aço. Mas grandes pedaços de gesso haviam sido arrancados da parede em ambos os lados, revelando as barras de prata e aço que haviam sido embutidas nela. O papel de parede de dentro do quarto pendia em tiras como uma cortina, impedindo que Anna visse o interior da sala.

Em frente à porta, havia três membros da alcateia em sua forma humana, todos de pé, e Anna pôde sentir o cheiro do medo deles. Todos sabiam o que havia naquela sala – pelo menos um deles tinha visto como ele havia matado Leo, apesar de Charles ter sido baleado duas vezes com balas de prata.

– Charles – disse Bran em um tom de reprimenda.

O lobo urrou em resposta, um uivo rouco que feriu os ouvidos de Anna e não continha nada além de raiva cega.

– Os parafusos estavam saindo das dobradiças, senhor. Sozinhos – disse nervosamente um dos lobos, e Anna percebeu que a coisa que ele segurava em uma das mãos era uma chave de fenda.

– Sim – disse Bran calmamente. – Imagino que sim. Meu filho não reage muito bem à prata e menos ainda ao cativeiro. Teria sido mais seguro para vocês deixá-lo sair – ou não. Minhas desculpas por tê-los deixado aqui sozinhos para enfrentá-lo. Pensei que ele estava melhor. Parece que subestimei a influência de Anna.

Ele se virou e estendeu a mão para Anna, que havia parado na base da escada. O lobo feroz não a incomodava tanto quanto os homens ali no porão. As paredes do corredor eram demasiado estreitas, e ela não gostava de ter tantos lobos por perto.

– Venha aqui, Anna – disse Bran. Embora sua voz fosse suave, era uma ordem. Ela passou pelos outros lobos, olhando para seus pés e não para seus rostos. Quando Bran pegou em seu cotovelo,

Charles rosnou ferozmente, embora Anna não soubesse como o lobo havia visto isso através do papel de parede pendurado.

Bran sorriu e tirou a mão.

– Tudo bem. Mas você a está assustando. – Instantaneamente, os rosnados diminuíram. – Fale um pouco com ele – disse Bran. – Vou levar os outros para cima um pouco. Quando você estiver confortável, vá em frente e abra a porta, mas pode ser uma boa ideia esperar até que ele pare de rosnar.

E assim a deixaram ali sozinha. Anna devia estar louca, porque imediatamente se sentiu mais segura do que se sentira o dia todo. O alívio de não estar mais com medo era quase inebriante. As tiras de papel de parede flutuaram enquanto Charles andava para lá e para cá atrás da barreira, e ela teve um vislumbre de seu pelo vermelho.

– O que aconteceu com você? – perguntou ela. – Você estava bem quando saímos essa manhã. – Em forma de lobo, ele não podia responder, mas parou de rosnar. – Sinto muito – disse Anna. – Mas os outros estão embalando minhas coisas no apartamento, e eu tinha de estar lá. Também precisava pegar algumas roupas para vestir até o *trailer* chegar a Montana.

De repente ele se arremessou contra a porta. Não com força suficiente para causar danos, mas a exigência era clara.

Anna hesitou, mas o lobo parara de rosnar. Com um encolher de ombros mental, ela empurrou o ferrolho e abriu a porta. O lobo de Charles era maior do que ela se lembrava – ou talvez ele apenas parecesse maior com suas presas visíveis daquele jeito. O sangue corria do buraco de bala em sua perna esquerda e escorria para a pata. Dos dois buracos em suas costelas, o sangue escorria um pouco mais rápido.

Atrás dele, o quarto, bem decorado quando Anna saíra, estava em ruínas. Charles arrancara grandes pedaços de gesso de todas as quatro paredes, e também do teto. Pedaços do colchão estavam espalhados pela sala, misturados com pedaços da cômoda.

Anna assobiou ao ver os danos.

– Caramba!

Charles mancou até chegar perto dela e cheirou-a cuidadosamente. A escada rangeu, e o lobo virou-se com um rosnado, colocando-se entre ela e o intruso.

Bran sentou-se no topo da escada.

– Eu não vou machucá-la – disse ele. E depois ele olhou para Anna. – Eu não sei o que ele realmente é capaz de entender agora. Mas acho que ele ficará melhor em sua própria casa. Liguei para o nosso piloto, e ele está pronto para partir.

– Eu pensei que ainda teríamos alguns dias.

Anna sentiu seu estômago se contrair. Chicago era o seu lar. – Eu tenho de ligar para o restaurante Scorci's e dizer a Mick que estou indo embora, para que ele possa encontrar outra garçonete. Também não tive a chance de conversar com minha vizinha e dizer a ela o que está acontecendo.

Kara iria ficar preocupada.

– Eu tenho de voltar para Montana hoje. Amanhã de manhã vamos realizar o funeral de um amigo meu que acabou de morrer. Eu ia deixá-los aqui para irem mais tarde, mas não acho que seja uma boa ideia agora – disse Bran, acenando com a cabeça em direção a Charles. – Ele obviamente não está cicatrizando tão bem quanto eu pensei. Eu preciso levá-lo para casa e fazer com que o examinem. Tenho um celular. Você pode ligar para a sua vizinha e seu Mick e explicar as coisas para eles?

Anna olhou para o lobo que se colocara entre seu pai e ela para mantê-la segura. Não era a primeira vez que ele fazia algo parecido.

Além disso, qual era a sua alternativa? Ficar com a alcateia de Chicago? Boyd podia ser uma grande melhoria em relação a Leo, mas... ela não tinha vontade de ficar com eles.

Anna pôs a mão nas costas de Charles e correu os dedos pelo seu pelo. Para isso ela não precisava se inclinar – Charles era um

lobisomem grande. Ele alterou a sua posição até que ficasse pressionado contra ela, apesar de nunca tirar os olhos de Bran.

– Ok – disse ela. – Dê-me o telefone.

Bran sorriu e estendeu o celular até ela. Charles não se moveu de sua posição entre eles, forçando Anna a se esticar para pegar o aparelho, enquanto o lobo olhava friamente para o pai. A atitude dele a fez rir, o que tornou muito mais fácil convencer Kara que Anna estava indo para Montana porque queria e ponto.

DOIS

Após o desastre daquela manhã, Anna havia ficado receosa com o voo para Montana. Ela nunca tinha entrado em um avião antes, e achou que isso seria amedrontador, especialmente na pequena aeronave de Bran, um bimotor Lear com capacidade para seis passageiros.

Bran estava sentado no lugar do copiloto, o que deixava os seis assentos de passageiros vazios. Charles empurrou-a para que ela passasse pela primeira fileira de assentos voltados para a frente com uma cutucada de seu focinho, e olhou para o par de assentos na parte de trás até que ela se sentou. Quando ele se instalou no espaço no chão e colocou a cabeça sobre os pés dela, Anna colocou sua caixa no assento ao lado, apertou o cinto e esperou pela decolagem.

Anna não esperava aproveitar o voo, especialmente quando percebeu que Charles definitivamente não estava se divertindo. Ele permaneceu rígido e mal-humorado a seus pés, rosnando suavemente quando o avião saltava um pouco.

Mas voar no pequeno avião era como estar em um brinquedo do parque de diversões mais alto do mundo. Um brinquedo suave, como a roda-gigante, mas com um toque de perigo que tornava tudo mais divertido. Anna não achava que eles fossem despencar do céu literalmente, não mais do que ela acreditava que fosse possível uma roda-gigante se soltar e sair rolando pelo parque. E nenhuma roda-gigante no mundo oferecia uma visão como aquela.

Nem mesmo o mergulho para pousar em uma pequena faixa de terra que parecia menor do que um estacionamento do Wal-Mart havia estragado seu humor. Anna apertou o cinto e colocou uma das

mãos sobre a caixa para que ela não caísse sobre Charles quando o avião pousasse, e seu estômago tentou se manter no lugar. Ela se viu sorrindo quando eles atingiram a pista e o avião balançou duas vezes antes que as rodas tocassem o chão.

O piloto taxiou até chegar a um hangar suficientemente grande para conter dois aviões daquele tamanho, mas a outra metade do prédio estava vazia. Anna pegou sua caixa e seguiu Charles para fora do avião. Ele estava mancando muito – ficar imóvel por tanto tempo claramente não lhe havia feito bem algum. Charles ainda estava se colocando entre ela e o pai.

Assim que pisou o chão, Anna começou a tremer. Sua jaqueta era um pouco fina para Chicago, mas ali quase não valia nada. O hangar não era aquecido, e estava frio o suficiente para que ela visse o vapor de sua respiração.

Anna não havia percebido que Charles estava muito perto dela, e, quando se virou a fim de olhar para o avião, seu joelho bateu no lado enfaixado de Charles. Ele não mostrou qualquer sinal de que isso o incomodara, mas deve ter doído um pouco. Porém, a culpa era dele. Se Charles não estivesse tão perto dela, isso não teria acontecido.

– Calma – disse-lhe Anna, exasperada. – Seu pai não vai me atacar.

– Eu não acho que ele esteja preocupado com a minha intenção de *feri-la* – disse Bran, em um tom divertido. – Vamos levá-la para algum lugar longe de todos os outros machos para que ele possa relaxar um pouco.

O piloto, que seguiu os passageiros até o hangar e estava envolvido em algum tipo de manutenção, sorriu ao ouvir isso.

– Nunca pensei que iria ver esse velho índio tão agitado. – Charles deu-lhe um olhar, e o piloto abaixou os olhos, mas não parou de sorrir. – Ei, não me olhe feio. E veja só, eu trouxe você

para casa, são e salvo. Quase tão bem quanto você poderia ter feito, hein, Charles?

– Obrigado, Hank – disse Bran, virando-se para Anna em seguida. – Hank precisa fazer algumas coisas no avião, então vamos aquecer o motor da caminhonete. – Bran colocou a mão sob o cotovelo de Anna quando saíram da proteção do hangar para enfrentar quase trinta centímetros de neve. Charles rosnou; Bran rosnou de volta, exasperado. – Chega. *Chega*. Eu não tenho planos de roubar sua dama, e o chão é áspero.

Charles parou de fazer barulho, mas começou a andar tão perto de Anna que ela se viu colidindo com Bran, porque não queria machucar Charles. Bran segurou Anna para evitar que ela caísse e franziu a testa para o lobisomem ao seu lado, mas não disse mais nada.

Além do hangar, da pista de pouso e de dois sulcos profundos na neve, onde alguém havia recentemente dirigido um carro, não havia praticamente sinal algum de civilização. As montanhas eram impressionantes, mais altas, mais escuras e mais ásperas do que as suaves colinas do Meio-Oeste que ela conhecia. Entretanto, Anna podia sentir o cheiro de fumaça, e concluiu que não estavam tão isolados quanto parecia.

– Eu pensei que era mais silencioso aqui.

Anna não tinha a intenção de dizer nada, mas o barulho a assustou.

– É o vento nas árvores – disse Bran. – E há alguns pássaros que ficam aqui o ano todo. Às vezes, quando o vento para e o frio está sobre nós, o silêncio é tão profundo que você pode senti-lo em seus ossos.

Aquilo parecia assustador para Anna, mas, pelo tom de voz dele, era evidente que Bran adorava tudo por lá.

Bran os levou para trás do hangar, onde uma picape cinza coberta de neve esperava por eles. Ele enfiou a mão na parte de

trás do carro, pegou uma vassoura e bateu no chão com força para remover a neve.

– Vá em frente e entre – disse ele. – Por que você não dá a partida na picape para que ela possa aquecer? As chaves estão na ignição.

Bran varreu a neve para fora da porta do passageiro e segurou-a para que Anna entrasse.

Anna colocou a caixa no chão da cabine e entrou na picape. A caixa fez com que a ação de deslizar pelo assento de couro para se sentar no assento do motorista fosse um pouco difícil. Charles pulou atrás dela e agarrou a porta com a pata para que ela fechasse. Seu pelo estava molhado, mas, depois de sua reação inicial de afastar-se, Anna descobriu que ele gerava muito calor corporal.

A caminhonete ronronou ao dar a partida, soprando ar frio na cabine. Assim que Anna se assegurou de que o motor ia continuar funcionando, deslizou para o assento do meio.

Depois de remover a maior parte da neve, Bran jogou a vassoura de volta na parte de trás da picape e pulou para o banco do motorista.

– Hank não deve demorar muito agora. – Ele viu como Anna tremia e franziu a testa. – Nós vamos lhe arrumar um casaco mais quente e botas apropriadas para o inverno aqui. Mas Chicago não é exatamente um lugar tropical; você devia ter roupas mais apropriadas para o inverno do que essas.

Enquanto Bran falava, Charles passou por cima dela, forçando-a a se mudar para o banco do passageiro mais próximo da porta. Ele se ajeitou entre os dois, mas, para que se encaixasse, metade do seu corpo ficou estendida sobre o colo de Anna.

– Eu tinha de pagar as contas de energia elétrica, gás, água e aluguel – disse ela suavemente. – Nossa, Charles, você pesa uma tonelada. Garçonetes não ganham o suficiente para luxos.

A porta se abriu, e Hank subiu na picape e colocou o cinto de segurança antes de soprar em suas mãos.

– Este vento está bem forte hoje.

– Hora de ir para casa – concordou Bran, engatando a primeira e saindo com a picape. Se ele estava seguindo por alguma estrada, era uma enterrada sob a neve.

– Vamos deixar Charles e sua companheira em casa primeiro.

– Companheira?

Anna estava com o rosto voltado para a frente, mas era impossível não perceber a surpresa na voz de Hank.

– Não é de admirar por que o velho camarada está tão agitado. Caramba, Charles, esse foi um trabalho rápido. E ela é bonita também.

Anna não gostava que falassem a seu respeito como se ela não estivesse lá. Mesmo que estivesse muito intimidada para dizê-lo.

Charles voltou-se para Hank e levantou o lábio para mostrar uma fileira de dentes muito afiados.

O piloto riu.

– OK, OK. Mas, mesmo assim, bom trabalho, cara.

Foi então que o seu nariz lhe disse algo que Anna não havia percebido no avião: Hank não era um lobisomem. E ele claramente sabia que Charles era.

– Eu pensei que não devíamos contar a ninguém – disse ela.

– Contar o quê? – perguntou Bran.

Anna olhou para Hank.

– O que nós somos.

– Ah, aqui é Aspen Creek – respondeu Hank. – Todos nós sabemos sobre os lobisomens. Se você não for casado com um, um de seus pais é um lobisomem – ou um de seus avós. Esse é o território do Marrok, e nós somos uma família grande e feliz.

Havia sarcasmo na voz dele? Anna não o conhecia bem o suficiente para dizer com certeza.

O ar que soprava no rosto de Anna finalmente conseguiu aquecê-la. Ali, entre o ar aquecido e Charles, a sensação de que era um cubo de gelo começou a passar um pouco.

– Eu pensei que os lobisomens não tivessem famílias, só alcateias – ela se aventurou a dizer.

Bran olhou para ela antes de olhar de volta para a estrada.

– Você e Charles precisam ter uma longa conversa. Há quanto tempo você é um lobisomem?

– Três anos.

Ele franziu o cenho.

– Você tem uma família?

– Meu pai e irmão. Eu não os vejo desde...

Ela encolheu os ombros.

– Leo me disse para me desfazer de todos os laços com eles – ou então ele os consideraria um risco para a alcateia.

E os mataria, também, pensou Anna.

Bran franziu o cenho novamente.

– Fora de Aspen Creek, os lobos não podem contar a ninguém, exceto a seus cônjuges, o que eles são. Permitimos isso para a segurança dos cônjuges. Mas você não precisa se isolar de sua família. – Quase para si mesmo, Bran disse: – Acho que Leo estava com medo de que sua família pudesse interferir com o que ele estava tentando fazer com você.

Ela podia ligar para a sua família? Anna quase fez a pergunta a Bran, mas decidiu esperar e conversar com Charles.

Assim como a viagem de avião, a casa de Charles era diferente do que ela imaginara. De alguma forma, estando ali, nas áreas selvagens de Montana, Anna pensou que Charles vivesse em uma daquelas grandes casas feitas de troncos de árvores, ou algo antigo, como a mansão da alcateia. Mas a casa onde Bran os

deixara não era enorme, nem feita de troncos. Em vez disso, parecia uma casa de fazenda de estilo simples, pintada de uma combinação bastante agradável de cinza e verde. Ela ficava encostada em uma colina, e dali se avistava uma série de pastos cercados, ocupados por alguns cavalos.

Anna acenou agradecida para Bran quando ele partiu. Depois disso, pegou a caixa, que estava um pouco desconjuntada, já que havia ficado molhada no chão da picape, e subiu os degraus, com Charles seguindo-a sorrateiramente. Havia uma leve camada de neve sobre eles, embora fosse óbvio que eram frequentemente limpos.

Anna teve um momento de hesitação quando percebeu que havia se esquecido de pedir a Bran para destrancar a porta, mas a maçaneta girou facilmente sob sua mão. Ela supôs que, se todos em Aspen Creek sabiam sobre os lobisomens, ninguém seria estúpido a ponto de roubar um. Ainda assim, para alguém vindo da cidade, parecia estranho que Charles deixasse sua casa destrancada enquanto viajava até o outro lado do país.

Ela abriu a porta, e todos os pensamentos sobre fechaduras sumiram. O exterior da casa podia ser comum, mas o interior não era.

Como o chão do seu apartamento, o chão da sala era de madeira, mas no dele os tons de madeira escura e clara eram combinados de uma forma que lhe pareceu arte norte-americana nativa. Tapetes persas espessos com aparência macia cobriam a parte central da sala de estar e a sala de jantar. Na parede mais distante havia uma lareira de granito, bela e ao mesmo tempo bastante usada aparentemente.

Sofás e cadeiras de aparência confortável estavam misturados a mesas e estantes artesanais feitas de madeira de bordo. A pintura a óleo de uma cachoeira cercada por uma floresta de pinheiros poderia estar pendurada em um museu, e Anna calculou que o

quadro provavelmente custava mais do que ela havia ganhado em toda a sua vida.

Da porta, ela podia ver diretamente a cozinha, onde bancadas de granito cinza brilhavam sutilmente em contraste com armários escuros de carvalho estilo Shaker[1], que eram apenas irregulares o suficiente para terem sido feitos à mão, como o mobiliário na sala de estar. Somente os utensílios de aço inoxidável com bordas pretas pareceriam modernos demais ali, mas de alguma forma tudo se complementava. Não era uma cozinha enorme, mas não havia nada nela que teria parecido fora de lugar em uma mansão.

Anna ficou em pé, pingando neve derretida no chão polido, e sem sombra de dúvida concluiu que ela e sua caixa não pertenciam àquele lugar. Se ela tivesse qualquer lugar aonde ir, teria se virado e saído, mas tudo o que a esperava lá fora eram o frio e a neve. Mesmo que houvesse táxis aqui fora, Anna só tinha quatro dólares em sua carteira, e menos do que isso em sua conta bancária. O cheque que ainda estava em seu bolso poderia levá-la até a metade do caminho para Chicago, se ao menos Anna pudesse encontrar um banco para descontá-lo e um terminal de ônibus.

Charles havia passado por ela e entrado na casa, mas parou quando percebeu que ela não o seguia. Ele deu um longo olhar para Anna, e ela apertou os braços ao redor do papelão molhado. Talvez ele também estivesse mudando de ideia.

– Sinto muito – disse ela, baixando os olhos ao encontrar o brilhante olhar amarelo de Charles.

Sentia muito por ser um incômodo, por não ser mais forte, melhor, alguma coisa assim.

De repente, Anna teve uma sensação de ardor em sua pele, o que atraiu seus olhos de volta para Charles. Ele havia caído no chão e começava a se transformar de volta em humano.

Era muito cedo; ele estava muito ferido. Às pressas, ela fechou a porta de fora com o quadril, deixou a caixa cair no chão e correu para o lado dele.

– O que você está fazendo? Pare com isso. – Mas ele já havia começado, e Anna não se atreveu a tocá-lo. A transformação, fosse de humano para lobisomem ou vice-versa, doía sempre, e até mesmo um toque gentil podia se transformar em agonia. – Droga, Charles.

Mesmo após três anos como lobisomem, Anna não gostava de observar a transformação – fosse a dela ou a de qualquer outra pessoa. Era algo horrível ver os braços e as pernas de alguém torcendo-se e dobrando-se, e havia aquela parte de revirar o estômago no meio da transformação, quando não havia nem pelo e nem pele cobrindo músculos e ossos.

Mas com Charles foi diferente. Ele lhe dissera que ou a magia de sua mãe ou o fato de ter nascido um lobisomem acelerou sua transformação, e também fez com que ela fosse quase bela de se ver. Anna ficou enlevada na primeira vez que a presenciara.

Porém, daquela vez não tinha sido assim. A transformação foi lenta e horrível como a dela. Charles havia se esquecido dos curativos, e eles não tinham sido colocados de forma que pudessem se adaptar à transformação. Anna sabia que os curativos acabariam se rompendo, e também sabia que isso ia doer.

Assim, ela deslizou ao longo da parede para evitar tocar nele, e em seguida correu para a cozinha. Ela abriu as gavetas buscando freneticamente até que encontrou aquela onde Charles guardava objetos afiados e pontiagudos, incluindo um par de tesouras. Anna concluiu que a probabilidade de machucá-lo com uma tesoura era menor do que usando uma faca, e por isso agarrou a tesoura e voltou para a sala.

Ela cortava à medida que Charles se transformava, ignorando o rosnado estrondoso enquanto forçava a lâmina sob o tecido

demasiadamente apertado. A pressão adicional o machucaria, mas era melhor do que esperar até que a tensão sobre o tecido dos curativos finalmente os rasgasse em pedaços.

A velocidade da transformação diminuiu mais e mais à medida que progredia, chegando ao ponto de Anna temer que Charles ficasse a meio caminho entre homem e lobo: ela tinha pesadelos nos quais se imaginava presa a uma forma que não era nem uma, nem outra. Por fim, lá estava ele, curvado sobre si mesmo aos pés dela, totalmente humano.

Anna pensou que ele já havia acabado, mas então roupas se formaram em torno de seu corpo nu, escorrendo sobre sua pele, como sua pele havia escorrido sobre a carne enquanto ele se transformava. Não eram roupas extravagantes, apenas uma calça jeans e uma camiseta branca lisa, mas ela nunca havia conhecido um lobisomem que pudesse fazer isso; era magia de verdade.

Anna não sabia até que ponto Charles era capaz de utilizar a magia. Ela não sabia muito sobre ele, mas sabia que ele fazia seu coração bater mais rápido e empurrava seu habitual estado de pânico para longe.

Anna tremeu, percebendo que estava frio na casa. Charles devia ter desligado o aquecimento antes de ir para Chicago. Ela olhou em volta e pegou uma pequena colcha de retalhos dobrada sobre as costas de uma cadeira de balanço. Com cuidado para não encostar com força em sua pele supersensibilizada, Anna colocou a colcha levemente sobre Charles.

Ele se deitou com o rosto contra o chão, tremendo e sem fôlego.

– Charles?

Seu impulso era tocá-lo, mas, depois de uma transformação, a última coisa que Anna queria era ser tocada. A pele estava fina e sensível demais.

A coberta escorregou dos ombros de Charles, e, quando ela a levantou para cobri-lo de novo, viu uma mancha escura crescendo

rapidamente na parte de trás de sua camisa. Se os ferimentos fossem comuns, a transformação teria cicatrizado mais do que isso. Ferimentos causados por prata cicatrizavam muito mais lentamente.

– Você tem um *kit* de primeiros socorros? – perguntou Anna. O *kit* de primeiros socorros de sua alcateia estava equipado para lidar com ferimentos causados pelas lutas mais ou menos sérias que sempre aconteciam quando todos os lobos se reuniam. Era impossível acreditar que Charles não estivesse tão bem preparado quanto ela... ou quanto à alcateia de Chicago.

– Banheiro.

A voz dele estava áspera devido à dor.

O banheiro ficava atrás da primeira porta que ela abrira, um grande cômodo com uma banheira com pés em forma de garra, um chuveiro grande e uma pia de pedestal de porcelana branca. Em um canto havia um armário de toalhas. Na prateleira de baixo, ela encontrou um *kit* de primeiros socorros de tamanho industrial e o levou para a sala de estar.

A pele geralmente morena e quente de Charles estava acinzentada, e sua mandíbula cerrada devido à dor. Seus olhos negros brilhavam como se ele estivesse com febre, cintilando com pontos dourados que combinavam com os brincos que ele usava. Charles havia se sentado, e a colcha de retalhos se esparramava no chão ao redor dele.

– Isso foi uma estupidez, Charles. A transformação não ajuda quando os ferimentos são causados por prata – repreendeu-o Anna. Sua súbita raiva foi alimentada pela dor que ele havia causado a si mesmo. – Tudo o que você fez foi usar toda a energia que seu corpo precisa para cicatrizar. Deixe-me enfaixá-lo, e encontrar alguma coisa para comer.

Anna também estava com fome.

Charles sorriu para ela – apenas um pequeno sorriso. E depois fechou os olhos.

– Tudo bem.

A voz dele estava rouca.

Anna teria de tirar a maioria das roupas de Charles.

– De onde é que suas roupas vêm?

Anna concluiria que as roupas eram as que ele estava usando quando havia se transformado em lobo, mas, como havia ajudado Charles a se despir para que o médico de Chicago pudesse examiná-lo, sabia que ele não estava usando nada além de curativos quando se transformara em lobo.

Ele balançou a cabeça.

– De algum lugar. Não sei.

O jeans era Levis, rasgado no joelho, e a camiseta tinha uma etiqueta da Hanes. Anna se perguntou se havia alguém, em algum lugar, que de repente se visse andando por aí de cuecas.

– Maravilha – disse ela, enquanto cuidadosamente levantava a camiseta grudada para que pudesse dar uma olhada no ferimento no peito dele. – Mas isso seria mais fácil se você não estivesse vestido.

– Desculpe – grunhiu ele. – É hábito. – Uma bala tinha perfurado seu peito bem à direita do osso esterno. O buraco na parte de trás era pior, maior do que o da frente. Se ele fosse humano, ainda estaria no pronto-socorro, mas lobisomens eram durões. – Se você colocar um curativo Telfa[2] na frente – disse-lhe Charles – eu posso segurá-lo para você. Você terá de segurá-lo nas costas. Em seguida, enrole tudo com a atadura veterinária.

– Atadura veterinária?

– Aquela coisa colorida que parece uma atadura elástica. Ela é autoadesiva, então você não precisa prendê-la. Provavelmente vai precisar de dois curativos para cobrir tudo.

Anna cortou a camiseta com a tesoura que tinha encontrado na cozinha, rasgou a embalagem de curativos e colocou um contra a

ferida aberta no peito de Charles, tentando não pensar no ferimento que ia da parte da frente do corpo até as costas. Além disso, Charles apertou o curativo com mais força do que ela teria ousado empregar.

Anna remexeu no *kit*, procurando a atadura veterinária, e encontrou uma dúzia de rolos completos no fundo. A maioria deles era de cor marrom ou preta, mas havia alguns outros. E como ela estava zangada com Charles porque ele se machucou ainda mais, em vez de simplesmente ter ficado em sua forma de lobo por alguns dias, ela pegou um par de rolos de ataduras cor rosa fluorescente.

Charles riu quando viu a escolha de Anna, mas o processo todo devia ter sido dolorido: os lábios de Charles se comprimiram, e ele ofegou por um tempo.

– Meu irmão colocou isso aí – disse ele, quando o pior já havia passado.

– Você fez alguma coisa para irritá-lo também? – perguntou Anna.

Charles sorriu.

– Ele disse que era tudo o que havia no consultório, quando fui reabastecer o *kit*.

Anna estava pronta para fazer mais algumas perguntas sobre o irmão de Charles, mas todo o desejo de provocá-lo morreu quando ela olhou para as suas costas. Nos poucos minutos que ela gastara organizando seus esforços curativos, o sangue tinha se acumulado na área entre a pele e a parte superior do jeans. Anna deveria ter deixado a camisa lá até que tivesse tudo pronto.

– *Tarditas et procrastinatio odiosa est* – disse Anna para si mesma, abrindo um pacote de curativos Telfa.

– Você fala latim? – perguntou Charles.

– Não, eu apenas cito muitas frases. Essa deveria ser uma frase de Cícero, mas seu pai disse que a minha pronúncia é péssima. Você quer que eu traduza?

O ferimento da primeira bala, aquela que ele tinha recebido para protegê-la, era uma linha vermelha inchada diagonal acima do ferimento mais grave. Iria doer por um tempo, mas não era importante.

– Eu não falo latim – disse ele. – Mas eu sei um pouco de francês e espanhol. A procrastinação é uma droga?

– É isso que a frase significa.

Charles já havia piorado as coisas; agora um médico deveria cuidar dele.

– Está tudo bem – disse ele, respondendo à tensão em sua voz. – Somente tampe o vazamento.

De cara fechada, Anna começou a fazer exatamente isso. Ela segurou os longos cabelos de Charles (que iam até a cintura), bastante úmidos de suor, e colocou-os por cima do ombro.

Não havia curativo Telfa algum grande o suficiente para a ferida nas costas, então Anna pegou dois deles e os manteve no lugar fazendo uma pressão razoável com seu joelho enquanto passava os braços ao redor dele com o rolo de atadura veterinária. Charles pegou a ponta da atadura sem que ela precisasse pedir e segurou-a contra suas costelas. Anna usou essa ponta para terminar de enrolar o resto da atadura ao redor dele uma primeira vez.

Porém, Anna também estava machucando Charles com todo esse processo. Ele quase havia desistido de respirar, exceto pelas respirações curtas e superficiais. Prestar primeiros socorros a um lobisomem era algo perigoso. A dor podia fazer um lobo perder o controle, como tinha acontecido naquela manhã. Mas Charles apenas ficara bastante imóvel enquanto ela apertava as ataduras o suficiente para manter os curativos no lugar onde precisavam ficar.

Anna usou dois rolos do envoltório e tentou não notar como o rosa brilhante ficava bem contra a pele escura de Charles. Parecia errado ficar notando essas coisas em um homem quando ele estava prestes a desmaiar de dor. Sua pele lisa e escura esticada sobre os

músculos tensos e ossos... talvez, se ele não cheirasse tão bem sob o sangue e o suor, ela pudesse ter mantido a distância.

Dela. Ele era dela, sussurrou aquela parte de Anna que não se preocupava com questões humanas. Apesar de todos os temores que Anna tinha ou pudesse ter acerca das rápidas mudanças em sua vida, a sua metade lobo estava muito feliz com os acontecimentos dos últimos dias.

Anna pegou um pano na cozinha, molhou-o e limpou o sangue da pele de Charles, enquanto ele se recuperava de seus desajeitados esforços de primeiros socorros.

– Há sangue na perna de sua calça também – disse-lhe Anna. – Você tem que tirar o jeans. Você pode simplesmente fazê-la desaparecer, assim como você a fez aparecer?

Charles balançou a cabeça.

– Não agora. Nem mesmo para me mostrar.

Anna pesou as dificuldades de remover a calça jeans e pegou a tesoura que tinha usado na camiseta. A tesoura era boa e afiada, e cortou o brim duro tão facilmente quanto cortara a camiseta, deixando-o vestido somente com cuecas *boxers* verde-escuras.

– Espero que esse chão tenha um bom acabamento – murmurou Anna, como que para desviar sua atenção da ferida. – Seria uma pena manchá-lo.

O sangue de Charles se espalhara pelo sofisticado assoalho. Felizmente, os tapetes persas estavam longe demais para correr qualquer perigo.

A segunda bala tinha atravessado a panturrilha. Parecia pior do que estava no dia anterior, mais inchado e dolorido.

– O sangue não vai prejudicá-lo – respondeu Charles, como se estivesse acostumado a sangrar no chão o tempo todo. – O piso tem quatro camadas de poliuretano, aplicadas ano passado. Ele vai ficar bem.

O *kit* não tinha mais ataduras cor-de-rosa, assim, para a perna, ela escolheu a segunda cor mais censurável, um verde-amarelado brilhante. Como o rosa, a cor brilhante ficava bem nele. Anna usou o rolo inteiro e outro par de curativos Telfa para evitar que as ataduras grudassem no ferimento, e finalmente acabou de fazer os curativos, deixando a colcha, as roupas e o chão cobertos de sangue. Suas roupas também não estavam em bom estado.

– Você quer que eu o leve para a cama antes que eu limpe esta bagunça, ou quer alguns minutos para se recuperar?

– Vou esperar – disse ele.

Seus olhos negros haviam mudado para aquele tom de amarelo-lobo enquanto ela trabalhava. Apesar do ataque de cólera infantil da manhã, que amedrontou os lobos de Chicago, seu controle era muito, mas muito bom mesmo para que conseguisse ficar imóvel daquele jeito enquanto Anna fazia os curativos – mas não havia nenhuma razão para provocá-lo.

– Onde fica sua lavanderia? – perguntou ela, agarrando uma muda de roupa de sua caixa.

– No andar de baixo.

Anna levou um minuto para encontrar o local, mas finalmente abriu uma porta na parede baixa entre a cozinha e a sala de jantar (que ela julgou ser um armário) e encontrou uma escada. A lavanderia ficava em um canto do porão semiacabado – o resto do porão era uma sala de musculação equipada com uma perfeição impressionante.

Anna jogou os trapos das ataduras e das roupas de Charles no lixo ao lado da máquina de lavar. Havia um tanque na lavanderia, e ela encheu-o com água fria e colocou tudo o que podia ser aproveitado lá dentro, deixando de molho por alguns minutos enquanto vestia roupas limpas e também jogava sua camisa manchada de sangue e seu jeans no tanque. Um balde de cinco

litros ao lado da secadora estava cheio de panos limpos dobrados, e ela pegou alguns para limpar o chão.

Charles não reagiu quando Anna entrou na sala; seus olhos estavam fechados e seu rosto, sereno. Qualquer um teria uma aparência rídicula sentado ali, vestido apenas com a roupa de baixo manchada de sangue e envolto em ataduras cor-de-rosa e verdes, mas não Charles.

O sangue no chão foi limpo tão facilmente quanto ele havia prometido. Anna poliu o chão uma última vez e levantou-se para levar até o andar de baixo os trapos manchados de sangue, mas Charles agarrou seu tornozelo com sua grande mão e ela ficou paralisada, perguntando-se se ele não tinha finalmente perdido o controle.

– Obrigado – disse ele, soando bastante civilizado.

– Eu diria “às ordens”, mas se você me obrigar a fazer curativos muitas vezes, eu terei de matá-lo – disse ela.

Ele sorriu, mantendo os olhos fechados.

– Vou tentar não sangrar mais vezes do que o necessário – prometeu Charles, liberando-a para suas tarefas.

Depois de ligar a máquina de lavar, Anna aqueceu no forno de micro-ondas os *burritos* congelados que retirou do congelador, pois estava com fome. Charles, então, devia estar faminto.

Anna não encontrou café, mas havia chocolate quente instantâneo e uma variedade de chás. Decidindo que açúcar era do que precisava, ela ferveu um pouco de água para fazer um chocolate quente.

Quando tudo estava pronto, levou um prato e uma xícara de chocolate para a sala e colocou-os no chão, na frente de Charles. Ele não abriu os olhos ou moveu-se, e então Anna o deixou sozinho.

Ela andou pela casa até que encontrou seu quarto. Não foi difícil. Apesar do luxo do mobiliário e da decoração, essa não era uma casa enorme. Havia apenas um quarto com uma cama.

Isso a obrigou a fazer uma pausa desagradável.

Anna puxou os cobertores; pelo menos não teria de lidar com sexo por alguns dias ainda. Charles não estava em condições de fazer qualquer exercício. Ser um lobisomem havia lhe ensinado, entre outras coisas, a ignorar o passado, viver o presente e não pensar muito sobre o futuro. Funcionava, contanto que o presente fosse suportável.

Ela estava cansada, muito cansada, e sentindo-se completamente deslocada. Anna fez o que tinha aprendido a fazer ao longo dos últimos anos, e contou com a força da sua metade lobo. Porém não o suficiente para que outro lobisomem pudesse sentir isso, e ela sabia que, se olhasse para si mesma no espelho, encararia seus próprios olhos castanhos. Mas, sob sua pele, ela podia sentir a presença do *Outro*. Ela usara sua metade lobo para suportar coisas pelas quais sua metade humana não teria sobrevivido. Por enquanto, o lobo lhe dava mais força e a protegia de suas preocupações.

Anna passou a mão sobre os lençóis de cor verde-floresta – Charles parecia gostar de verde – e voltou para a sala de estar.

Ele ainda estava sentado, agora com os olhos abertos, e o chocolate quente e os *burritos* que ela deixara haviam desaparecido, o que era um bom sinal. Mas o olhar dele estava desfocado, e seu rosto ainda mais pálido do que deveria estar, com linhas profundas de exaustão.

– Vou levá-lo para a cama – disse-lhe Anna do corredor, a uma distância segura. Era melhor não assustar um lobisomem ferido, ainda que ele esteja em forma humana e tenha problemas para se sentar sozinho.

Charles balançou a cabeça e aceitou a ajuda. Mesmo em sua forma humana, ele era mais de trinta centímetros maior que Anna, que tinha quase 1,60 m. E também era bem pesado.

Anna poderia ter levantado e carregado Charles se fosse preciso, mas iria ser estranho e ela o machucaria. Em vez disso, colocou seu ombro debaixo do braço dele e o apoiou, levando-o para o quarto.

Estando tão perto dele, era impossível não responder ao cheiro de sua pele. Charles cheirava a macho e a companheiro. Ajudada pelo cheiro, Anna se deixou levar pela confiança que seu lobo tinha em Charles, acolhendo o contentamento da fera.

Ele não fez som algum a caminho da cama, embora ela pudesse sentir a extensão de sua dor na tensão de seus músculos. Charles estava quente e parecia febril, e isso a preocupava. Anna nunca tinha visto um lobisomem febril antes.

Charles sentou-se no colchão com um sibilo de dor. O sangue acumulado na cintura da cueca iria manchar os lençóis, mas ela não se sentiu confortável em falar sobre isso. Charles parecia estar à beira de um colapso – ele estava muito melhor do que isso antes de decidir mudar para a forma humana. Considerando sua idade, ele deveria saber o que ocorria.

– Por que você não permaneceu como lobo? – repreendeu-o Anna.

Charles olhou para ela com olhos serenos, que tinham mais de lobo do que de humano em suas profundezas amarelas.

– Você ia partir. O lobo não tinha como convencê-la a mudar de ideia.

Então ele havia passado por tudo aquilo porque achava que ela iria deixá-lo? Romântico... e tolo.

Anna revirou os olhos, exasperada.

– E para onde eu teria ido? E o que isso significaria se você sangrasse até morrer?

Deliberadamente, ele abaixou o olhar.

Charles, um lobo (e um homem) tão dominante, do qual mesmo os humanos se afastavam, estava se submetendo a ela... Anna perdeu o fôlego.

– Meu pai a teria levado aonde quer que você quisesse ir – disse-lhe Charles, suavemente. – Eu estava certo de que podia convencê-la a ficar, mas subestimei a gravidade dos meus ferimentos.

– Tolo – disse ela acidamente.

Charles olhou para Anna, e o que viu em seu rosto o fez sorrir, embora sua voz soasse séria quando ele respondeu seu insulto.

– Sim. Você me faz perder o juízo.

Ele começou a se deitar na cama, e Anna rapidamente colocou o braço em torno do seu corpo, logo acima das ataduras, e ajudou-o a deitar-se no colchão.

– Você prefere deitar-se de lado?

Charles balançou a cabeça e mordeu o lábio. Anna sabia por experiência própria como era doloroso deitar-se assim, gravemente ferido.

– Há alguém que eu possa chamar para ver você? – perguntou ela. – Um médico? Seu pai?

– Não. Eu ficarei bem depois de dormir um pouco.

Anna deu-lhe um olhar cético que ele não percebeu.

– *Existe* algum médico por aqui? Ou alguém com conhecimentos médicos que saiba mais do que eu, em algum lugar aqui por perto? Talvez um escoteiro de dez anos de idade, por exemplo?

Charles deu um sorriso rápido, o que aqueceu sua beleza austera até fazer o coração dela doer.

– Meu irmão é médico, mas ele provavelmente ainda está em Washington – disse Charles, para depois hesitar por um instante. – Se bem que talvez não. Ele provavelmente estará de volta para o funeral.

– Funeral?

O funeral do amigo de Bran, ela se lembrou – a razão pela qual Bran não podia ficar mais tempo em Chicago.

– Amanhã – respondeu ele, embora isso não fosse o que ela queria. Como Anna não tinha certeza se queria mesmo saber mais

sobre quem estava morto e qual o motivo, não perguntou mais. Charles ficou em silêncio, e ela achou que ele estava dormindo até que ele falou de novo. – Anna, não confie demais.

– O quê?

Anna pôs a mão na testa de Charles, que não parecia estar mais quente.

– Se você decidir aceitar a oferta de meu pai e partir, lembre-se de que ele raramente faz coisas por motivos simples. Ele não seria tão velho quanto é, não teria tanto poder quanto tem se fosse um homem simples. Meu pai quer usar você para seus próprios fins.

Charles abriu os olhos dourados e olhou-a nos olhos.

– Ele é um bom homem, mas mantém um firme controle sobre as coisas, e um Ômega pode significar que ele nunca mais terá de matar outro amigo.

– Como esse do funeral? – disse ela.

Sim, era isso mesmo que ela havia detectado; Charles balançou a cabeça uma vez, ferozmente.

– Você não seria capaz de ajudar esse, ninguém poderia. Mas talvez o próximo...

– Seu pai *realmente* não iria me deixar partir?

Anna então era uma prisioneira?

Charles pressentiu sua ansiedade.

– Eu não quis dizer isso. Ele não mente. Meu pai lhe disse que você poderia partir se assim quisesse – e ele permitiria. Mas ele vai tentar fazer com que você concorde em ir para onde ele mais precisa, sem mantê-la aqui contra a sua vontade.

Anna olhou para ele, e o lobo dentro dela relaxou.

– Você também não iria me manter aqui se eu não quisesse.

As mãos se moveram com uma velocidade de tirar o fôlego, apertando-lhe os pulsos antes que ela pudesse reagir. Os olhos de Charles ficaram mais claros, passando do ouro polido para o âmbar brilhante do lobo quando ele lhe disse com a voz rouca:

– Não conte com isso, Anna. Não conte com isso.

Anna deveria ter ficado com medo. Charles era maior e mais forte do que ela, e a velocidade de seu movimento fora calculada para assustá-la – embora ela não estivesse certa do motivo que o levara a fazer isso, a menos que ele quisesse ter certeza de que ela o entenderia. Mas, com o lobo em situação predominante, Anna não podia ter medo de Charles – ele era dela e não a machucaria, não mais do que ela estaria disposta a machucá-lo.

Anna se inclinou para a frente, pousando a testa na dele.

– Eu conheço você – disse. – Você não pode me enganar.

A convicção a acalmou. Ela podia conhecê-lo há pouco tempo – muito pouco tempo –, mas de certa forma o conhecia melhor do que ele mesmo.

Surpreendentemente, ele riu – um bufo calmo que talvez (assim Anna esperava) não tivesse doído muito.

– Como é que Leo conseguiu induzi-la a se comportar como um lobo submisso?

Anna se lembrou de todos os espancamentos, de todas as relações sexuais forçadas com homens que ela não desejava, e olhou para as cicatrizes nos pulsos que Charles segurava. Na ocasião, ela usou uma faca de prata para abrir os pulsos, e, se não tivesse ficado impaciente, se tivesse esperado até estar sozinha em casa, teria certamente morrido.

Leo tentou enfraquecê-la por dentro, porque ela não era um lobo submisso, e sim algo completamente diferente. Ele não queria que ela soubesse disso. Anna estava fora da estrutura da alcateia, como Charles lhe tinha dito. Nem dominante nem submissa. Ômega. O que quer que isso significasse. A mão de Charles passou rapidamente de seus pulsos para os contornos de seu rosto. Ele a afastou um pouco até que pudesse ver seu rosto.

– Anna? Anna, desculpe-me. Eu não quis...

– Não foi você – disse ela. – Eu estou bem. – Ela se concentrou e notou que ele parecia ainda mais cansado do que antes. – Você precisa dormir.

Charles olhou para ela incisivamente, e então balançou a cabeça e a soltou.

– Tenho uma TV na sala de jantar. Ou, se você quiser, pode jogar na internet no meu computador no escritório. Ou...

– Estou cansada também.

Anna podia ter sido condicionada a andar com o rabo entre as pernas, mas não era tola. Dormir era exatamente o que sua mente exausta precisava para tentar lidar com as mudanças bruscas em sua vida. Trocar Chicago pelos confins de Montana era o de menos se comparado ao fato de que agora Anna era um lobo Ômega, valorizada por causa disso, e não mais uma loba submissa e sem valor, além de ser uma companheira, seja lá o que tudo isso significasse. Uma coisa era certa: estava bem melhor que antes – mas ainda assim era um pouco traumático.

– Você se importa se eu dormir aqui?

Anna manteve o tom tímido, não querendo se intrometer onde não era desejada. Aquele era o território dele, mas sua metade lobo estava relutante em deixá-lo sozinho e ferido.

Parecia estranha tal necessidade. Estranha e perigosa, como se o que ele era pudesse alcançá-la e engoli-la de uma vez, ou mudar seu pensamento até que ela ficasse irreconhecível. Mas ela estava muito cansada para combater tudo isso ou até mesmo descobrir se queria combater.

– Por favor – disse ele, e foi o suficiente.

⊗

Anna estava certa, ele sabia; precisava mesmo dormir.

Depois que ela voltou do banheiro vestindo uma velha camisa de flanela e calças de pijama desbotadas, enrolou-se ao lado dele e

caiu no sono logo depois. Ele estava exausto também, mas descobriu que não se sentia disposto a abrir mão de nenhum momento que pudesse passar com ela em seus braços – seu presente inesperado.

Charles não sabia o que ela pensava sobre ele. Antes de ser baleado, ele planejava cortejá-la por mais tempo. Assim ela se sentiria mais segura antes que ele a arrastasse para fora de seu território.

Charles se lembrou do olhar no rosto de Anna quando ela entrou em sua casa... (Nesse momento, ela fez um barulho ao lado dele, e Charles afrouxou os braços ao redor dela.) Charles havia se machucado um pouco mais ao se transformar, e a cicatrização seria ainda mais lenta em forma humana. Mas, se ele a perdesse, Charles suspeitava de que aquele seria um ferimento que não cicatrizaria.

Anna era realmente forte por ter sobrevivido ao tratamento de Leo e ainda assim ter saído inteira no final. Mesmo com tudo o que ela disse sobre sua falta de opções ao fugir, Charles sabia que, se não a tivesse distraído, ela teria corrido para longe dele. O cansaço que sentia agora e a dor da transformação tinham valido a pena. Ele tinha esperado muito tempo para encontrá-la, e não iria correr o risco de perdê-la.

Parecia estranho ter uma mulher na sua cama – e, ao mesmo tempo, parecia que ela sempre estivera lá, e que sempre fora dele. Anna havia colocado a mão sobre a ferida no peito dele, mas ele ignorou a dor, prestando atenção a uma sensação mais feroz, mais jubilosa: ela era dele...

De repente, a voz do Marrok fluiu pela sua cabeça, como uma corrente morna. *O funeral será às 9h. Se você não puder ir, avise-me. Samuel estará lá; ele vai querer dar uma olhada nos seus ferimentos depois.*

Bran não era um verdadeiro telepata; ele podia enviar mensagens, mas não recebê-las. Uma vez, Samuel disse a Charles que Bran nem sempre fora capaz de fazer nem mesmo isso, mas, algum tempo depois de se tornar um Alfa, ele desenvolvera o talento para tal.

E há algo que eu preciso de você...

A voz de seu pai sumiu, e Charles sabia que não deveria ouvir essa parte. Ou que pelo menos seu pai não queria que ele a ouvisse.

Charles nunca questionara a fé de seu pai em Deus ou a fé de seu avô nos espíritos, porque ele conhecia as duas coisas. Deus raramente falava com ele; no entanto, às vezes Ele o advertia ou lhe dava conforto, ou força. Mas os espíritos eram mais exigentes, mesmo que, às vezes, fossem menos benéficos, e Charles tinha aprendido a reconhecer quando um deles o estava cutucando.

– Desculpe – sussurrou para Anna, quando se moveu um pouco para pegar o telefone, que felizmente não estava muito longe do seu lado da cama. Mas ela não se mexeu.

Charles discou para o telefone celular de seu pai.

– Você não pode vir ao funeral? Você está pior?

Mesmo antes de inventarem o identificador de chamadas, seu pai sempre sabia quem estava telefonando. Com Charles, há muito ele deixara de perder tempo com saudações e iniciava imediatamente a conversa.

– Estou bem, pai – disse Charles.

Os músculos de Anna se enrijeceram um pouco contra o corpo dele quando ela acordou.

– Mas você tinha outra coisa para me dizer. – Houve uma pausa. – Se eu soubesse que sua mãe era filha de um xamã, eu nunca a teria tomado como companheira.

Ele dizia isso desde que seu filho havia começado a mostrar sinais dos talentos da mãe. Charles sorriu: seu pai sabia melhor do

que ninguém que era impossível mentir para outro lobisomem, ou pelo menos para os seus próprios filhos. Mesmo que fosse pelo telefone.

– Tudo bem – disse Bran, quando Charles continuou a esperar. A frustração tornava sua voz afiada. – Houve uma morte lá nas montanhas Cabinet. Um caçador de alces foi despedaçado há algum tempo, no último dia da temporada de caça. Um dos nossos contatos com os guardas do parque me disse. Vai estar nos jornais de amanhã. Oficialmente, foi um urso-pardo.

– Lobo desgarrado? – perguntou Charles.

– Talvez. Ou talvez alguém tentando dizer para mim que tornar pública a existência dos lobisomens seria uma má ideia. – Anna, totalmente imóvel ao seu lado, estava acordada e ouvindo. Bran continuou: – As Cabinets ficam bem em nosso quintal, onde eu posso seguramente receber a mensagem. Não temos um lobo desgarrado em Montana há quinze ou vinte anos. – A maioria deles era inteligente o suficiente para ficar longe do território pessoal do Marrok. – Mais ou menos um mês atrás, os guardas ouviram um relato sobre um monstro que um estudante de pós-graduação encontrou, a poucos quilômetros do local onde encontraram o caçador morto. O estudante disse que a fera saiu da floresta de repente. Ela uivou para ele e mostrou presas e garras, e todos concluíram que se tratava de um puma, embora o estudante tivesse ficado muito indignado por acharem que ele não reconheceria um puma. O jovem sustentou a história de que era um monstro, até que o venceram pelo cansaço e ele mudou sua versão.

– Por que ele ainda está vivo para contar a história? – perguntou Charles, e sentiu Anna enrijecer ainda mais. Anna entendeu mal a pergunta. Assim, ele continuou, mais por causa dela do que por seu pai. – Se fosse um lobo desgarrado, não teria deixado o estudante sair vivo depois de ter sido visto tão claramente – esclareceu Charles.

Já há muito tempo não era necessário matar uma testemunha. Na maioria das vezes, eles podiam contar com a descrença geral no sobrenatural, e ali, no noroeste do Pacífico, havia muitas histórias sobre Pé-Grande[3]. Uma das alcateias de Oregon tinha como passatempo criar casos de pessoas que viram o Pé-Grande, desde que atribuíram a essa criatura os danos feitos a um carro, quando na verdade o culpado foi um de seus lobos novatos.

– O estudante falou que um velho maluco com uma faca saiu do nada e disse-lhe para correr – falou Bran. – E então ele correu.

Charles pensou por um minuto.

– Um velho maluco que por acaso estava lá exatamente quando um lobisomem decidiu matar o garoto? Um velho não conseguiria nem mesmo retardar um lobisomem.

– Eu não disse em momento algum que a história fazia sentido. – A voz de seu pai era seca. – E também não temos certeza de que o monstro era um lobisomem. Eu não havia prestado atenção a essa história até que o caçador foi morto na mesma área apenas um mês depois.

– E nesse caso? Vocês têm certeza de que o caçador foi vítima de um lobisomem?

– Minha informante foi Heather Morrell. Ela sabe diferenciar uma vítima de um urso-pardo de uma vítima de lobisomem.

Heather era humana, mas tinha sido criada em Aspen Creek.

– Tudo bem – concordou Charles. – Você quer que eu vá dar uma olhada? Vai demorar alguns dias até que eu esteja pronto ir.

Charles também não queria deixar Anna.

– Você pode enviar outra pessoa? Seria preciso alguém dominante o suficiente para controlar um lobo desgarrado.

– Não quero enviar ninguém que possa acabar morto.

– Só eu.

Charles também podia utilizar um tom seco.

– Só você – reconheceu Bran calmamente. – Mas não vou mandar você lá enquanto estiver ferido. Samuel está aqui para o funeral. Ele pode verificar isso.

– Você não pode enviar Samuel.

Sua resposta fora imediata. A negativa tinha sido simplesmente muito forte para ser apenas instinto. Às vezes, os espíritos de sua mãe lhe davam uma pequena ajuda no planejamento do futuro.

Dessa vez, foi seu pai que esperou. Então, ele tentou descobrir por que essa era uma ideia tão ruim, e não gostou da resposta que recebeu.

– Desde que voltou do Texas, há algo de errado com Samuel – disse Charles finalmente.

– Ele está com pensamentos suicidas – comentou Bran, colocando o pensamento em palavras. – Eu o enviei para Mercy porque talvez ela possa tirar esses pensamentos dele. É por isso que eu o enviei a Chicago e não a Washington.

Pobre Mercy; pobre Samuel. Charles passou um dedo sobre o braço de Anna. Graças a Deus, graças a todos os espíritos, seu pai nunca havia tentado arrumar uma companheira para ele. Charles olhou para Anna, e deu graças a Deus por seu pai tê-lo enviado para Chicago em vez de Samuel.

Os espíritos responderam à sua oração impulsiva, interferindo um pouco mais.

– Samuel é durão – disse ele, selecionando as imagens de advertência que estavam sendo jogadas em sua direção. – Mas é um curador, e eu não acho que seja disso que essa situação precisa. Eu vou. Vai ser preciso esperar alguns dias, mas eu vou.

A sensação ruim que Charles havia sentido desde que seu pai estabelecera contato com ele pareceu acalmar-se. Sua decisão parecia certa.

Mas seu pai não pensava assim.

– Você levou três tiros de balas de prata ontem – ou estou me esquecendo de algo? E ainda perdeu o controle essa manhã.

– Duas balas e um arranhão – disse Charles, corrigindo-o. – Portanto, vou mancar um pouco na trilha. Meu controle está ótimo agora.

– Você vai deixar Samuel dar uma olhada em você, e depois conversamos.

Seu pai desligou abruptamente. Mas sua voz continuou na cabeça de Charles: *Eu não quero perder os meus dois filhos*.

Charles desligou o telefone, e disse a Anna:

– Pergunte.

– Bran, o Marrok, vai tornar pública a existência dos lobisomens?

Sua voz estava abafada, como se ela nunca pudesse imaginar uma coisa dessas.

– Ele acha que muitas pessoas erradas já sabem – disse ele. – Os avanços da ciência e os computadores têm tornado cada vez mais difícil nosso anonimato. Meu pai espera poder controlar melhor as coisas se for ele quem iniciar o fluxo de informações, em vez de esperar até que nossos inimigos ou algum idiota inocente decida fazer isso por nós.

Anna relaxou apoiada nele, pensando em tais palavras.

– Isso vai tornar a vida interessante.

Charles riu, aninhou-a em seus braços e finalmente, abençoadamente, adormeceu.

TRÊS

Havia realmente uma cidade. Não era grande coisa, mas tinha um posto de gasolina, um hotel e um edifício de dois andares de tijolo e pedra com uma placa na frente anunciando Escola de Aspen Creek. Além da escola, escondida atrás das árvores e pouco visível de qualquer lugar que se olhasse, exceto do estacionamento, ficava uma igreja de pedra antiga. Se não fosse pelas indicações de Charles, Anna não a teria encontrado.

Anna dirigiu a grande caminhonete verde de Charles pelo estacionamento da igreja até uma vaga projetada para um carro muito menor. Era a única vaga. Ela não tinha visto casa alguma, mas havia vários caminhões e outros veículos de quatro rodas no estacionamento.

A caminhonete de Charles era mais velha do que ela, mas parecia nova. Tinha pouco mais de oitenta mil quilômetros rodados, e isso de acordo com o hodômetro – o que equivalia a pouco mais de três mil quilômetros por ano. Charles tinha dito a ela que não gostava de dirigir.

Anna desligou o motor e observou ansiosamente enquanto Charles abria a porta e saltava para o chão. O pulo não pareceu incomodá-lo. A mancha em sua atadura rosa não estava maior do que estivera na noite passada, mas Charles ainda parecia cansado, e havia um brilho febril sob sua pele que ainda a preocupava.

Se eles estivessem em Chicago, participando de uma reunião com sua antiga alcateia, Anna não o teria deixado vir. Muitos dos lobos de lá teriam se aproveitado da fraqueza dele. Ou pelo menos ela tentaria impedi-lo mais insistentemente.

Anna tinha expressado sua preocupação, com os olhos cuidadosamente treinados voltados para o chão. Em sua experiência, ela sabia que lobos dominantes não gostavam de ter sua força colocada em dúvida e, algumas vezes, reagiam mal. Não que ela realmente achasse que Charles iria machucá-la.

Ele apenas dissera:

– Ninguém se atreveria a me desafiar. Meu pai os mataria, se eu não fizesse isso primeiro. Não estou indefeso.

Anna não teve a coragem de questionar seu julgamento novamente. Tudo o que ela podia fazer era esperar que ele estivesse certo.

Ela tinha de admitir que Charles não parecia nada indefeso, ainda mais com as camadas das ataduras escondidas pelo paletó escuro que usava. O contraste entre o terno formal e seu cabelo trançado e enfeitado com contas, o qual ia até a cintura, era estranhamente atraente. É claro que o rosto dele, belo e exótico, e seu corpo grande, musculoso e rijo significavam que ele ficaria lindo com qualquer coisa que usasse.

Charles aparentava muito mais classe ao se vestir do que ela. Anna teve de usar uma calça jeans e uma camisa amarela de botões porque a única outra coisa que tinha para usar era um par de camisetas. Afinal, não esperava ter de ir a um funeral enquanto ainda empacotava suas coisas.

Anna suspirou e abriu a porta com cuidado para não arranhar o Subaru estacionado ao lado dela. Charles esperava por ela na frente da caminhonete e estendeu o braço, o que pareceu ser o começo de um gesto familiar, apesar de antiquado. Ela enfiou o braço no dele e deixou-o determinar o próprio ritmo, andando até a igreja.

Em público ele não mancava, mas Anna sabia que olhos perspicazes estariam observando a rigidez de seu caminhar. Ela olhou para Charles quando começaram a subir os degraus, mas não

conseguiu ver nada em seu rosto: ele já estava usando a máscara que mostrava em público, sem expressão. O interior da igreja parecia uma colmeia, com uma centena de vozes misturadas, de modo que ela entendia uma palavra aqui ou ali, mas nada fazia sentido. Anna podia sentir o cheiro dos lobos, mas ali também havia humanos. A congregação inteira tinha um cheiro peculiar de tristeza, revestido de raiva e ressentimento.

Quando eles entraram na capela, todos os bancos estavam ocupados, e havia até algumas pessoas em pé ao fundo. Todos se viraram quando Charles e ela entraram, olhando para ela: uma intrusa, a única pessoa em toda a maldita igreja que estava usando jeans. Ou amarelo.

Anna apertou o braço de Charles com mais força. Ele olhou para o rosto dela, e depois olhou ao seu redor. Em menos tempo do que o necessário para caminhar por três fileiras de bancos, todos pareciam haver encontrado algo urgente que desviara sua atenção para outro lugar.

Anna apertou o braço de Charles um pouco mais forte para agradecer-lhe, e olhou ao redor da igreja; o lugar lembrava a Igreja Congregacional na qual crescera, com sua madeira escura, o teto alto e o interior em forma de cruz. O púlpito ficava diretamente à frente do corredor pelo qual eles estavam caminhando, cerca de sessenta centímetros acima do solo. Atrás dele, havia várias fileiras de assentos virados para a congregação.

Ao se aproximarem da frente da igreja, Anna percebeu que errara ao considerar que ela estava totalmente lotada. A primeira fileira à esquerda estava inteiramente vazia, exceto por Bran.

Ele estava sentado como se estivesse esperando um ônibus em vez de estar em um funeral, apesar do terno cor-de-carvão de uma marca famosa que usava. Os braços estavam pendurados do lado do corpo, com os cotovelos apoiados nas costas do banco; as pernas esticadas e cruzadas nos tornozelos, com os olhos

concentrados na balaustrada à sua frente ou no infinito. Seu rosto não revelava muito mais do que a expressão usual de Charles, o que parecia errado. Anna não o conhecia há muito tempo, mas o rosto do Marrok era mutável, e não projetado para ficar tão imóvel.

Ele parecia isolado, e Anna lembrou-se de que o homem que a cidade inteira viera prantear tinha sido morto por Bran. Um amigo, ele dissera.

Ao lado dela, Charles deu um rosnado baixo que chamou a atenção de seu pai. Bran olhou para eles e uma sobrancelha ergueu-se, extinguindo a sua falta de expressão. Ele deu palmadinhas no banco ao seu lado enquanto perguntava ao filho:

– O quê? Você acha que eles iriam estar felizes comigo?

Charles virou-se, de modo que Anna se viu repentinamente com a face virada para o peito dele. Mas ele não estava olhando para ela, e sim para todas as pessoas na igreja – que mais uma vez desviaram o olhar. À medida que o seu poder perpassava pelo ambiente como uma onda fervente, fez-se silêncio repentino.

– Tolos – disse ele, alto o suficiente para que todos na igreja o ouvissem.

Bran riu.

– Venha e sente-se antes que você os assuste demais. Não sou político para me preocupar com o que eles pensam de mim, contanto que me obedeçam.

Após um momento, Charles aquiesceu e Anna viu-se sentada entre os dois.

Assim que Charles estava sentado, virado para a parte da frente da igreja, os sussurros recomeçaram, aumentaram e chegaram ao nível anterior. Havia uma corrente oculta ali, espessa o suficiente para sufocá-la. Anna sentiu-se distintamente como uma intrusa.

– Onde está Samuel?

Charles olhou sobre a cabeça de Anna para olhar para seu pai.

– Ele está entrando neste momento.

Bran dissera isso sem olhar para trás, mas Charles virou-se, e Anna também.

O homem que vinha caminhando pelo corredor era quase tão alto quanto Charles, e seu rosto uma versão mais áspera do de Bran. A aspereza fazia com que seu rosto não parecesse tão suave ou tão jovem quanto o de seu pai. Anna o achou estranhamente atraente, embora não tão bonito quanto Charles.

Seu cabelo castanho-escuro tinha um corte descuidado, mas de alguma maneira ele achou um jeito de parecer bem vestido e arrumado. Em uma das mãos ele carregava uma caixa de violino, velha e puída, e, na outra, uma jaqueta azul-escura de caubói.

Quando ele estava quase ali na frente, virou-se uma vez, observando as pessoas com uma única olhada. Então olhou para Anna e seu rosto abriu-se em um sorriso singularmente afável – um sorriso do qual ela já vira uma variação no rosto de Charles.

Com aquele sorriso, ela conseguiu ver além das diferenças superficiais e notou as similaridades subjacentes, o que era uma questão de estrutura óssea e movimento, em vez de uma semelhança na fisionomia propriamente dita.

Ele sentou-se ao lado de Charles e trouxe com ele o aroma fresco de neve sobre couro. Seu sorriso aumentou, e ele começou a dizer algo, mas parou quando uma onda de silêncio varreu a multidão, vinda de trás da igreja.

O pastor, vestindo roupas sacerdotais antiquadas, caminhou lentamente pelo corredor central; uma Bíblia de aparência antiga descansava na dobra do seu braço esquerdo. Quando ele chegou à frente do púlpito, a igreja ficou em silêncio.

Sua óbvia idade avançada mostrou a Anna que ele não era um lobisomem, mas tinha uma presença que fez o seu “Bem-vindos e obrigado por virem prestar seus respeitos ao nosso amigo” soar cerimonial. Ele colocou a Bíblia no pódio tomando cuidado com a

encadernação de couro envelhecido, gentilmente levantando a capa com relevos e colocando um marcador de lado.

O pastor leu o capítulo quinze da primeira carta de Paulo aos Coríntios. E recitou o último verso sem olhar para baixo:

– “Ó morte, onde está o teu aguilhão? Ó túmulo, onde está tua vitória?” – Ele fez uma pausa, deixando seus olhos passearem ao longo da sala, assim como Charles havia feito, e depois disse: – Pouco tempo depois de nos mudarmos para cá, Carter Wallace veio até minha casa às duas horas da manhã para segurar a mão da minha esposa quando nossa *golden retriever* teve sua primeira ninhada de cachorrinhos. Ele não quis cobrar nada, porque me disse que, se fosse cobrar para consolar mulheres bonitas, seria um gigolô e não um veterinário.

O pastor afastou-se do púlpito e se sentou na cadeira semelhante a um trono de madeira no lado direito. Houve um som de arrastar de pés e um ranger de madeira, e em seguida uma mulher idosa se levantou. Um homem com cabelos castanho-claros escoltou-a até o altar, segurando-a com uma mão pelo seu cotovelo. Quando passaram pelo banco onde Anna estava, ela pôde sentir o cheiro do lobo nele.

A mulher idosa demorou alguns minutos para chegar até o topo das escadas que levavam até o púlpito. Ela era tão pequena que teve de subir em um banquinho, e o lobisomem ficou atrás dela com as mãos em sua cintura para dar-lhe firmeza.

– Carter veio à nossa loja quando tinha oito anos – disse ela, com uma voz sussurrante e frágil. – Ele me deu quinze centavos. Quando lhe perguntei para o que era, ele me disse que, alguns dias antes, Hammond Markham e ele tinham estado ali, e Hammond havia roubado uma barra de chocolate. Perguntei-lhe por que era ele e não Hammond que estava trazendo o dinheiro. Carter me disse que Hammond não sabia que ele estava trazendo o dinheiro para mim. – A senhora riu e enxugou uma lágrima de seu olho. – No

entanto, ele me garantiu que o dinheiro era de Hammond, roubado de seu cofrinho justamente naquela manhã.

O lobisomem que a acompanhava levantou a mão da senhora, levou-a aos lábios e a beijou. Em seguida, ele levantou-a nos braços, apesar de seus protestos, e levou-a de volta para onde eles estavam sentados. Eram marido e mulher, não o neto e a avó que pareciam ser.

Anna estremeceu, e de repente ficou bastante feliz por Charles ser um lobo como ela, e não um humano.

Outras pessoas se levantaram e contaram mais histórias ou leram versículos da Bíblia. Houve lágrimas. O morto, Carter Wallace, ou melhor, o Dr. Carter Wallace, já que evidentemente se tratava do veterinário da cidade, era amado por todos ali.

Charles esticou os pés para fora e inclinou a cabeça. Ao lado dele, Samuel brincava distraidamente com a caixa do violino, esfregando em um local puído no couro.

Anna se perguntou a quantos funerais eles tinham comparecido, quantos amigos e parentes já haviam enterrado. Ela já amaldiçoou seu corpo sempre jovem e regenerativo outrora – quando esse fato havia tornado difícil o suicídio. Mas a tensão nos ombros de Charles, a inquietação de Samuel e a imobilidade distante de Bran lhe diziam que havia outras coisas que faziam com que a imortalidade virtual fosse uma maldição.

Ela se perguntou se Charles já não tivera uma esposa. Uma esposa humana que havia envelhecido, enquanto ele não. Como seria, quando as pessoas que você conhecera quando crianças envelheciam e morriam enquanto você nunca teria sequer um cabelo branco?

Ela olhou para Charles. Ele tinha duzentos anos de idade, como lhe dissera, e seu irmão e seu pai eram ainda mais velhos. Com certeza, já haviam ido a muitos funerais.

Um nervosismo crescente na congregação interrompeu seus pensamentos. Ela olhou em volta para ver uma garota andando pelo corredor. Não havia nada nela que sugerisse tanta agitação por parte da igreja. Embora ela estivesse longe demais para Anna sentir seu cheiro entre o de tantas pessoas, algo lhe dizia que ela era humana.

A garota subiu as escadas, e a tensão espalhou-se no ar enquanto ela folheava a Bíblia, observando a congregação sob os cílios abaixados.

Ela colocou o dedo em uma página e leu:

– “Porque esta é a mensagem que ouvistes desde o princípio: que nos amemos uns aos outros. Não como Caim, que era do maligno, e matou a seu irmão. E por que causa o matou? Porque as suas obras eram más e as de seu irmão justas.”[1]

– Shawna, neta de Carter – murmurou Charles. – Isso vai ficar feio.

– Ela não estudou muito – disse Samuel calmamente, mas com um leve toque de humor. – Na Bíblia, há escritores de língua mais afiada do que João.

Ela continuou lendo mais alguns versos, e, em seguida, olhou para o Marrok, que a obsequiou, olhando em seus olhos. Anna não sentiu nenhum poder emanando do Alfa, mas a garota abaixou seu olhar após meio segundo.

– Ela esteve longe, na escola – disse Charles, com a voz quase inaudível. Ninguém que estivesse muito mais longe do que Anna teria sido capaz de ouvi-lo, fosse humano ou mesmo lobisomem. – Ela é jovem e cheia de si, e se ressente do poder que meu pai tem em Aspen Creek, muito antes do nosso Dr. Wallace ter tomado a decisão fatal de se tornar um lobisomem. Mas carregar essa mágoa para o funeral dele é indesculpável.

Ah... De repente, a tensão e a raiva estavam fazendo sentido.

Carter Wallace tinha sido transformado, e como não havia feito a transição muito bem, Bran se viu forçado a matá-lo.

Carter tinha sido amigo de Bran, de acordo com o próprio Marrok. Olhando para o seu rosto fechado, Anna deduziu que provavelmente ele não tinha muitos amigos.

Anna estendeu a mão até seu próprio ombro, onde por acaso Bran havia pousado uma das mãos, e tomou a mão do Marrok nas suas. Fora um impulso, e, assim que percebeu o que havia feito, ficou paralisada. Mas Bran segurou sua mão com uma força que desmentia sua atitude casual. Doeu, mas ela não achou que fosse de propósito. Depois de um momento, seu aperto suavizou-se.

No púlpito, Shawna começou a falar novamente; mesmo com toda sua amargura, ela era incapaz de encarar Bran.

– Meu avô estava morrendo de câncer nos ossos quando o Marrok lhe contou sobre a Transformação. Vovô nunca quis ser um lobisomem, mas, enfraquecido e doente, acabou sendo persuadido. – Para Anna, o discurso parecia ter sido memorizado, como se ela tivesse praticado na frente de um espelho. – Ele decidiu ouvir seu *amigo*. – Shawna não olhou para Bran novamente, mas nem mesmo Anna, que não conhecera o morto, tinha dúvidas sobre a quem ela se referia. – Então, em vez de morrer de doença, ele morreu com o pescoço quebrado, porque Bran decidiu que ele não era um lobisomem bom o suficiente. Talvez vovô tivesse achado essa morte melhor.

Ela não disse “Eu não acho”, mas mesmo assim a frase ecoou pela sala depois que Shawna saiu do púlpito.

Anna estava preparada para odiá-la, mas, quando a garota passou por eles com o queixo inclinado desafiadoramente para a frente, Anna notou seus olhos vermelhos e inchados.

Houve um momento em que Anna pensou que Charles ia explodir a seus pés, pois podia sentir a raiva dele aumentando, mas foi

Samuel que se levantou. Ele deixou a caixa do violino para trás, enquanto caminhava até o pódio.

Como se não estivesse sentindo a atmosfera pesada, ele contou uma história sobre um Carter Wallace muito jovem, que escapara da vigilância de sua mãe para dar uma caminhada e andar por alguns quilômetros dentro da floresta, antes que seu pai finalmente o encontrasse a cerca de sessenta centímetros de uma cascavel irritada. O pai de Carter, que era um lobisomem, matou a cobra, o que enfureceu seu filho.

– Eu nunca vi Carter tão furioso desde então – disse Samuel, sorrindo. – Ele tinha certeza de que a cascavel era sua amiga, e o pobre e velho Henry, o pai de Carter, estava abalado demais para argumentar com o filho. – O sorriso de Samuel desapareceu, e ele deixou o silêncio imperar antes de falar novamente. – Shawna estava longe quando o debate ocorreu, então vou desculpá-la pela sua desinformação – disse ele. – Meu pai não achava uma boa ideia deixar Carter enfrentar a Transformação. Ele disse a todos nós, incluindo o nosso velho doutor, que *Doc*[2] era pacato demais para prosperar como lobo.

O púlpito rangeu escandalosamente sob o peso de Samuel, e ele abriu as mãos deliberadamente.

– Para minha vergonha, tomei o partido de seu filho Gerry, e nós dois, seu médico e seu filho, persuadimos Carter a experimentá-la. Meu pai, sabendo que a Transformação em um homem tão doente quanto *Doc* era um grande risco, tomou a si a tarefa de transformá-lo e conseguiu. Mas ele estava certo. Carter não pôde aceitar nem controlar seu lobo. Se ele fosse qualquer outra pessoa, teria morrido em fevereiro com os outros que falharam na Transformação. Mas Gerry, cuja tarefa era acabar com isso de uma vez por todas, não o fez. E, sem o seu consentimento, meu pai sentiu que não poderia. – Ele respirou fundo e olhou para a neta de Carter. – Ele quase matou

sua mãe, Shawna. Cuidei dela depois, e afirmo que foi sorte, e não qualquer impulso por parte de Carter, que poupou a vida dela. Você pode até verificar isso com ela. Como é que um homem, cuja vida sempre fora dedicada a servir os outros, teria suportado o fato de ter matado a própria filha? Depois disso, ela perguntou ao Marrok (e eu a ouvi) se ele iria cuidar da tarefa que era do seu irmão. Àquela altura, o lobo em Carter já o dominara totalmente, a ponto de ele não ser capaz de responder por si mesmo. Então, não é verdade, meu pai não tentou convencer Carter a passar pela Transformação; ele apenas foi aquele que chamou a responsabilidade para si e resolveu o problema.

Quando Samuel terminou de falar, deixou seus olhos passarem lentamente pela sala, enquanto as cabeças inclinavam-se em submissão. Ele inclinou a cabeça uma vez e então se sentou ao lado de Charles novamente.

As próximas pessoas mantiveram os olhos longe do Marrok e de seus filhos, mas Anna concluiu que era por vergonha, e não pela raiva mal-humorada que tinha sido tão proeminente quinze minutos atrás.

Por fim, o pastor levantou-se.

– Tenho aqui uma carta que Carter me deu há algumas semanas – disse ele. – Era para ser aberta na ocasião de sua morte, que para ele poderia ser em breve, de uma forma ou de outra.

Ele abriu a carta e colocou um par de óculos.

– “Meus amigos” – ele leu. – “Não lamentem a minha passagem; eu não a lamento. Minha vida neste último ano me mostrou que interferir com os planos de Deus raramente é uma boa ideia. Vou me reunir à minha amada esposa com alegria e alívio. Mas tenho um último pedido. Bran, você, seu velho bardo, cante algo para mim no meu funeral.”

A igreja estava muito quieta. Charles sentiu um carinho relutante pelo morto. Abençoado Carter, que era um curador tanto quanto Samuel... Ele sabia o que estava por vir, e como as pessoas reagiriam também. Incluindo o Marrok.

Charles se levantou e estendeu a mão para seu pai, porque Bran, estranhamente, parecia ter sido totalmente surpreendido. Bran não a tomou, mas soltou a mão de Anna e levantou-se.

Anna colocou a mão no colo e a flexionou, como se doesse.

– Você sabia que *Doc* ia fazer isso? – sussurrou Charles para Samuel, com um aceno de cabeça em direção à caixa gasta do violino enquanto seguiam o pai até a frente da igreja. Se ele soubesse, Charles teria trazido algo para tocar também. Como não soube, foi relegado ao piano – que tinha três teclas desafinadas, o que tornaria necessário improvisar.

Samuel balançou a cabeça.

– Eu tinha planejado tocar algo em vez de falar – disse ele. Depois, quando abriu a caixa e tirou seu violino, perguntou a seu pai, em um tom um pouco mais alto: – O que você vai cantar, pai?

Charles olhou para seu pai, mas não pôde ler seu rosto. *Funerais de mais, amigos mortos de mais*, pensou ele.

– *Simple Gifts* – disse Bran após uma pequena pausa.

Charles sentou-se ao piano, enquanto Samuel afinava o violino. Quando seu irmão acenou, Charles tocou a introdução do hino Shaker[3]. Ele achou que foi uma boa escolha; a música não era triste, nem abertamente religiosa, e se adequava a Carter Wallace, que foi, sobretudo, um homem simples. Além disso, essa era uma canção que todos conheciam bem.

É a dádiva de ser gentil, é a dádiva de ser justo,
É a dádiva de acordar e respirar o ar da manhã,
Caminhar todos os dias no caminho que escolhemos,
É a dádiva que rezamos para nunca perder.

Quando a voz suave de seu pai terminou o segundo verso, Charles percebeu que a canção também se adequava ao seu pai. Embora Bran fosse um homem sutil, suas necessidades e seus desejos eram muito simples: manter o seu povo vivo e seguro. Para atingir esses objetivos, ele estava disposto a ser infinitamente desumano.

Ele olhou para Anna, sentada sozinha no banco. Seus olhos estavam fechados, e seus lábios murmuravam as palavras junto com Bran. Ele se perguntou como seria a voz de Anna quando cantava, e se ela se harmonizaria com a dele. Charles não tinha certeza se ela cantava ou não, mas ela lhe havia dito que trabalhava em uma loja de música e vendia guitarras quando encontrou o lobo que a atacara e a transformara contra sua vontade.

Anna abriu os olhos e olhou para ele. O impacto foi tão forte que ele ficou espantado ao perceber que seus dedos continuavam a tocar sem parar.

Ela é minha... – pensou Charles.

Se ela soubesse da intensidade dos sentimentos dele, teria corrido para a porta. Charles não estava acostumado a ser tão possessivo, nem à alegria selvagem com que ela enchia seu coração. Isso afetava o seu controle, e então ele voltou sua atenção para a música. A música, pelo menos, ele podia controlar.

⊠

Anna teve de se esforçar para não cantar em voz alta. Se a audiência fosse puramente humana, ela teria cantado. Mas havia muitas pessoas ao redor dela cuja audição era tão boa quanto a sua.

Uma das coisas que ela mais detestava em ser um lobisomem era o fato de ter de deixar de ouvir muitos dos seus músicos favoritos. Seus ouvidos identificavam a menor variação no tom ou

algum erro de gravação. Mas ela ainda conseguia ouvir alguns cantores.

A voz de Bran era clara e perfeitamente afinada, mas foi o timbre rico que a fez arrepiar-se de deleite.

Enquanto ele cantava a última nota, o homem que estava sentado no banco atrás dela se inclinou para a frente até que sua boca estivesse quase encostada no pescoço de Anna.

– Então, Charles trouxe um brinquedo para casa, não é? Será que ele vai compartilhar?

A voz tinha um leve sotaque.

Anna deslizou para a parte da frente do banco o máximo que pôde e olhou fixamente para Charles, mas ele estava fechando a tampa sobre as teclas do piano, de costas para ela.

– Então ele a deixou como um cordeiro entre os lobos – murmurou o lobisomem. – Uma mulher tão suave e meiga estaria melhor com outro homem. Alguém que gosta de ser tocado.

Ele colocou as mãos nos ombros de Anna e tentou puxá-la de volta para ele. Anna soltou-se de suas mãos, esquecendo-se do funeral e da audiência. Ela não iria deixar mais ninguém tocá-la contra sua vontade. Anna virou-se para enfrentar o lobisomem, que se inclinou para trás em seu banco e sorriu para ela. As pessoas de ambos os lados deslizaram para longe no banco da igreja, afastando-se para dar a ele todo o espaço disponível – o que dizia muito mais sobre ele do que a curva serena de seus lábios.

Anna tinha de admitir que ele era adorável. Seu rosto era refinado e elegante, e a sua pele, como a de Charles, escura e bronzeada pelo sol. O nariz e os olhos negros eram característicos do Oriente Médio, embora o sotaque fosse o de um puro espanhol – ela tinha um bom ouvido para sotaques.

Ele parecia ter sua idade, mais ou menos 23 ou 24 anos, mas, por alguma razão, ela estava absolutamente certa de que ele era

muito, mas muito velho. Além disso, ele tinha um ar selvagem, doentio, que inspirava cautela.

– Deixe-a em paz, Asil – disse Charles, com as mãos nos ombros de Anna, onde o outro homem a havia tocado. – Ela vai arrancar suas tripas e atirá-las para os corvos se você a incomodar.

Anna recostou-se contra o calor do corpo de Charles, mais do que surpresa pelo fato de ele estar certo ou, pelo menos, ao ver que sua primeira reação não fora o medo, mas a raiva.

O outro lobo riu, sacudindo os ombros com crueldade.

– Ótimo – disse ele. – Ótimo. Alguém tem de fazê-lo. – Em seguida, o humor estranho deixou o seu rosto, e ele o esfregou, cansado. – Não falta muito tempo agora. – Ele olhou para alguém atrás de Anna e Charles. – Eu lhe disse que os sonhos voltaram. Sonho com ela quase toda noite. Você precisa fazer isso logo, antes que seja tarde demais. Ainda hoje.

– Tudo bem, Asil – disse Bran, com uma voz que soava monótona e cansada. – Mas não hoje. Nem amanhã. Você pode aguentar um pouco mais.

Asil virou-se e olhou para a congregação, que fora testemunha silenciosa de tudo, e falou com uma voz clara e melodiosa:

– Uma dádiva é o que vocês têm, alguém que sabe o que precisa ser feito e o faz. Vocês têm um lugar que podem chamar de lar, um lugar seguro, e graças a ele. Eu tive de deixar meu Alfa para vir aqui, porque o amor dele por mim o impediria de pôr fim à loucura que me consome. – Ele virou a cabeça e cuspiu simbolicamente sobre o seu ombro esquerdo. – Um amor fraco que atraiçoa. Se soubessem o que sinto, o que Carter Wallace sentiu, saberiam que Bran Cornick é uma bênção, que mata aqueles que precisam ser mortos.

E então Anna percebeu que aquilo que o lobo havia pedido a Bran era sua própria morte.

Impulsivamente, Anna afastou-se de Charles. Ela apoiou um joelho no banco em que estivera sentada e estendeu a mão sobre ele para agarrar o pulso de Asil, que estava apoiado nas costas do outro banco.

Ele sibilou, em choque, mas não se afastou. Enquanto ela o segurava, o cheiro de selvageria e de doença desvaneceu-se. Asil olhou para ela, e Anna viu o branco de seus olhos brilhantes enquanto sua íris se reduzia a pequenas linhas ao redor de sua pupila negra.

– Ômega – sussurrou ele, respirando pesadamente.

Charles se aproximou por trás dela, mas não a tocou, enquanto a carne fria sob as pontas dos seus dedos se aquecia. Todos estavam imóveis em seus lugares. Anna sabia que tudo o que tinha que fazer para acabar com isso era remover a mão, mas estava estranhamente relutante em fazê-lo.

O choque no rosto de Asil diminuiu, e a pele ao redor dos seus olhos e de sua boca suavizou-se até demonstrar um pesar que foi crescendo e aprofundando-se, desaparecendo naquele lugar onde todos os pensamentos íntimos se escondem de observadores perspicazes demais. Ele estendeu a mão e tocou o rosto dela levemente, ignorando o grunhido de advertência de Charles.

– Há mais dádivas aqui do que eu tinha imaginado.

Asil sorriu intensamente para Anna, com olhos e com a boca.

– É tarde demais para mim, *mi querida*. Você desperdiça seus dons com meu velho corpo. Mas o alívio eu lhe agradeço. – Ele olhou para Bran. – Hoje e amanhã, e talvez no dia seguinte, também. Porém, eu acho que ver Charles, o lobo solitário original, preso pelo pé na armadilha do amor, vai me divertir por mais algum tempo.

Asil libertou-se com um giro do pulso, pegou a mão de Anna e, com um olhar dissimulado para Charles, beijou-lhe a palma. Depois,

ele a soltou e saiu da igreja. Sem pressa, mas também sem perder tempo.

– Tenha cuidado com esse aí – advertiu Charles, mas não parecia estar aborrecido.

Alguém limpou a garganta, e Anna olhou ao redor para encontrar os olhos do pastor. Ele sorriu para ela, depois olhou para a congregação. A interrupção da cerimônia não pareceu incomodá-lo nem um pouco. Talvez ele estivesse acostumado com interrupções de lobisomens. Anna sentiu o rubor subir-lhe ao rosto e afundou-se no banco, desejando poder afundar ainda mais. Ela tinha acabado de interromper o funeral de um homem que ela nem conhecia.

– É hora de terminar – disse o sacerdote. – Nosso luto chegou ao fim, e, quando sairmos, devemos nos lembrar de uma vida bem vivida e de um coração aberto a todos. Se todos inclinarem a cabeça, faremos a oração final.

QUATRO

Região noroeste de Montana
Montanhas Cabinet

Walter não sabia como havia sobrevivido ao ataque da fera; não sabia também como conseguira sobreviver a três missões no Vietnã, quando tantos de seus amigos e companheiros não conseguiram. Talvez sua sobrevivência em ambos os casos tivesse sido apenas sorte, ou talvez o destino guardasse outras coisas para ele.

Como, por exemplo, mais trinta anos vagando sozinho pela floresta.

Se a sua sobrevivência após o ataque da fera tinha sido improvável, o resto era simplesmente estranho. A primeira coisa que notou foi que a dor da artrite que afetava seus ombros e joelhos, além da pontada de uma velha ferida em seu quadril, tinha desaparecido; o frio já não o incomodava também.

Demorou muito mais tempo para ele perceber que seu cabelo e sua barba tinham recuperado a cor de sua juventude – ele não tinha um espelho na hora.

Foi quando Walter começou a prestar atenção em coisas muito estranhas: ele estava mais rápido e mais forte do que nunca, e, além disso, as únicas feridas que não tinham cicatrizado com a mesma velocidade notável que a ferida em sua barriga eram as que torturavam sua alma.

Ele realmente não entendera o que havia acontecido até a manhã após a primeira lua cheia, quando acordou com sangue na boca, sob suas unhas e espalhado por seu corpo nu: a lembrança do que

ele tinha feito, do que ele se tornara, estava clara como diamantes. Só aí ele soube que tinha se tornado o inimigo, e chorou pela perda dos últimos resquícios de sua humanidade.

Aspen Creek, Montana

Com o braço de Charles em torno de seus ombros, Anna seguiu todos até o gélido estacionamento da igreja. Eles pararam na calçada e esperaram enquanto o local lentamente se esvaziava. Algumas das pessoas que saíam da igreja olharam para Anna, mas ninguém parou.

Quando eles estavam praticamente sozinhos, Anna viu-se vigiada por olhos cinzentos cautelosos, apesar do sorriso amigável que Samuel deu a ela.

– Então você é o filhote abandonado que meu irmão decidiu trazer para casa? Você é mais baixa do que eu esperava.

Foi impossível ofender-se quando a intenção claramente não era essa; pelo menos ele não a chamara de cadela.

– Sim – disse ela, tendo o cuidado de resistir ao desejo de se contorcer sob o seu olhar ou de tagarelar sem parar, como às vezes fazia quando estava nervosa.

– Samuel, esta é Anna. Anna, meu irmão, Samuel – disse Charles, apresentando-os.

Aparentemente por achar que a breve apresentação não foi boa o suficiente, o irmão de Charles reapresentou-se.

– Dr. Samuel Cornick, irmão mais velho e torturador de pacientes. Muito prazer em conhecê-la, Anna...

– Latham – disse Anna, desejando que lhe ocorresse algo mais interessante para dizer.

Ele lhe deu um sorriso encantador, mas Anna percebeu que isso não foi o suficiente para aquecer seus olhos.

– Bem-vinda à família.

Samuel lhe deu um tapinha na cabeça, para irritar Charles, principalmente; ele apenas disse:

– Pare de flertar com minha companheira.

– Comportem-se – disse Bran. – Samuel, você pode levar Charles de volta à clínica e dar uma olhada em seus ferimentos? Tenho um trabalho para ele, mas, se ele não se recuperar logo, terei de achar outra pessoa para ir. Acho que isso aí não está cicatrizando tão bem quanto deveria.

Samuel deu de ombros.

– Claro, sem problemas. – E então olhou para Anna. – Mas pode demorar um pouco.

Ela não era tola. Samuel queria conversar com Charles sem ela por perto – ou talvez fosse Bran quem quisesse, e Samuel estava apenas ajudando.

Charles percebeu também, pois lhe disse suavemente:

– Por que você não leva a caminhonete de volta para casa? Samuel ou meu pai me darão uma carona de volta.

– Claro – disse Anna, com um sorriso rápido. Ela repetiu para si mesma que não tinha motivos para se sentir magoada e, então, virou-se e caminhou rapidamente em direção à caminhonete.

Anna bem que precisava desse tempo só para ela. Havia certas coisas sobre as quais ela desejava refletir sem Charles a seu lado obscurecendo-lhe os pensamentos.

Charles quis grunhir ao perceber o alívio de Anna ao deixá-lo, o qual ficou implícito na rápida caminhada que fez até a caminhonete.

Ele lutou contra a raiva irracional que sentiu por Samuel, que a havia mandado embora com polidez, respondendo às ordens que Bran mentalmente havia lhe passado. Charles sempre percebia quando seu pai estava falando com Samuel; algo no rosto do irmão sempre o traía.

Samuel esperou até que Anna entrasse na caminhonete e saísse do estacionamento, e em seguida perguntou:

– Você matou o lobo que abusou dela?

– Ele está morto.

Por alguma razão, Charles não conseguia manter os olhos longe da caminhonete. Ele não tinha gostado do fato de mandá-la para longe. Charles sabia que não havia nada com que se preocupar; ninguém aqui iria tocar o que era dele – e a cidade toda já sabia quem ela era, graças à atuação de Asil no funeral.

Mesmo as poucas pessoas que não haviam ido ao funeral, como a companheira de seu pai – que tinha deixado muito clara sua atitude com sua ausência –, saberiam antes de uma hora. Ainda assim, ele não gostava da ideia de deixar Anna sozinha. Nem um pouco.

– Charles? – chamou seu irmão, com uma voz calma.

– Por isso pedi que deixasse Anna partir – murmurou Bran. – Queria que você visse as mudanças nele. Ontem ele se comportou do mesmo modo quando ela saiu de perto dele. Ela é um Ômega, e acredito que seu efeito sobre Charles está mascarando os sintomas. Acho que não extraíram toda a prata dos ferimentos.

– Quando ele foi baleado?

– Há dois dias. Três vezes. Um dos ferimentos é uma queimadura nas costas; outro tiro atravessou o peito e saiu pelas costas e o terceiro atravessou a panturrilha. Todas as balas eram de prata.

Charles observou enquanto a caminhonete fazia cuidadosamente a curva que a levaria para casa.

– Ele é mais sensível ao envenenamento por prata do que... *Charles*!

Mãos fortes o agarraram pelos ombros e seu pai tocou seu rosto, prendendo-o com o olhar mais efetivamente do que seu irmão o prendera com as mãos.

– Tenho de ir – disse Charles ao seu Alfa, com o coração na garganta. Ele não podia pensar, não podia ficar ali. Precisava protegê-la, embora estivesse machucado.

– Espere – disse-lhe seu pai, e a ordem envolveu o seu corpo como cordas de aço, imobilizando-o, quando seu único desejo era ir atrás daquela caminhonete. – Samuel ainda precisa dar uma olhada em você. Enviarei Sage para cuidar dela, que tal?

O toque de seu pai, sua voz e algo mais o ajudaram a pôr seus pensamentos em ordem. Charles estava fora de controle.

Ele fechou os olhos e usou o toque de seu pai para acalmar a fera até que pudesse pensar com mais clareza.

– Fiz a mesma coisa de novo, não é? – perguntou ele, embora não precisasse da confirmação de Bran. Charles respirou profundamente e assentiu com a cabeça.

– Sage seria ótimo.

Ele não queria ninguém em sua casa; seu pai e seu irmão, tudo bem, mas outras pessoas só se fosse estritamente necessário. Mesmo assim, ele não queria que Anna ficasse sozinha. Sage cuidaria disso.

Sage não faria mal à sua Anna e a protegeria até que ele chegasse, mantendo os outros machos afastados. A inquietude em seu interior aquietou-se com mais firmeza. Charles observou seu pai telefonar para Sage e ouviu-o perguntar se ela podia encontrar-se com Anna em sua casa. Depois, permitiu que o levassem até o hospital no carro de Samuel. Seu pai os seguiu no Humvee[1].

– Papai me contou que você teve de matar Gerry – disse ele ao seu irmão.

Gerry era o filho de *Doc* Wallace. Ele fora responsável por ferir um número considerável de pessoas e matar várias outras em sua busca por uma droga que pudesse subjugar Bran, em um complô

intricado para forçar o bom doutor a aceitar sua dupla natureza. Gerry não havia se preocupado com os danos colaterais.

Samuel assentiu com uma expressão sombria.

– Ele não me deu outra opção.

Apesar de estar distraído pela necessidade de proteger a sua companheira e pela ardência de seus ferimentos, que não estavam cicatrizando como deveriam, Charles pôde ouvir o que seu irmão não estava dizendo. Ele então falou:

– Você está se perguntando quantas pessoas estaríamos dispostos a matar para proteger papai? Quantas pessoas torturaríamos e mataríamos?

– Exato – sussurrou seu irmão. – Já matamos pessoas. Tanto lobos quanto inocentes, e tudo por nosso pai. O que nos faz tão diferentes para que Gerry tenha merecido morrer e nós sobrevivêssemos?

Se Bran enviara Samuel junto com Mercy a Tri-Cities[2] para curar sua melancolia, não tinha funcionado muito bem. Charles se esforçou para parar de pensar em sua companheira e pensar em algo que pudesse ajudar seu irmão. Mas ali, sem o toque de Bran, era muito mais complicado coordenar seus pensamentos.

– Nosso pai manteve as alcateias seguras e controladas. Sem sua liderança, seríamos tão caóticos e estaríamos tão espalhados quanto os lobos da Europa – e o número de humanos mortos seria muito maior, também. Qual teria sido o resultado se o plano de Gerry tivesse sido bem-sucedido? – perguntou Charles.

Sage cuidaria de Anna por ele. Não havia razão alguma para aquela necessidade infernal e incontrolável de estar com ela.

– Gerry achava que o pai dele aceitaria o lobo para derrotar o Marrok – murmurou Samuel. – Quem pode dizer que ele não estava certo? Talvez tivesse conseguido salvar o pai dele. Gerry estava tão

errado assim comparado ao papai quando, por exemplo, envia você para matar alguém?

– E se Gerry estivesse certo? Se todos seus planos tivessem um bom resultado, se a única coisa de que o pai dele necessitasse fosse uma razão para aceitar o lobo, e se, com a ajuda da nova droga de Gerry, ele tivesse matado nosso pai e se tornado o Marrok, então, o que aconteceria? – perguntou Charles. – *Doc* era um bom homem, mas como você acha que ele seria, como o Marrok?

Samuel pensou e então suspirou.

– Ele não era dominante o suficiente para ser o Marrok. Haveria caos, enquanto os Alfas se enfrentariam pela supremacia. Gerry tentaria matar todos, como um chacal nas sombras. – Samuel estacionou em frente à clínica, mas não desceu do carro. – Mas você não mataria por papai, de qualquer maneira? Mesmo que não fosse importante para a sobrevivência dos lobos neste país? Gerry estava tão errado?

– Ele infringiu a lei – disse Charles.

Ele sabia que para seu irmão aquele tipo de coisa não era tão bem definida assim. Samuel nunca tinha sido forçado a aceitar as coisas como elas eram, não como Charles. Então ele analisou mentalmente os acontecimentos em busca de algo que pudesse utilizar.

– Gerry matou gente inocente. Não para a sobrevivência da alcateia, mas sim por uma vã esperança de que seu pai sobrevivesse.

Charles sorriu levemente quando algo, exatamente o que precisava, veio à sua mente:

– Se você ou eu matássemos algum inocente para proteger papai, e não para a sobrevivência de todos nós, ele mesmo nos mataria.

A tensão abandonou os ombros de Samuel.

– Sim, ele faria isso mesmo, não é?

– Sente-se melhor agora por estar do lado dos anjos? – perguntou Charles, enquanto seu pai estacionava ao lado deles.

Samuel sorriu, cansado.

– Vou dizer a papai que você o chamou de anjo.

Charles saiu do carro e respondeu ao olhar divertido de seu pai sobre o capô do veículo de Samuel com um encolher de ombros.

⁂

Samuel acendeu as luzes da clínica e os levou a uma das salas de exame.

– Muito bem, velho – disse ele. – Vamos ver esses buracos de bala. – Mas seu sorriso se desvaneceu quando Charles começou a ter dificuldades em tirar o casaco do terno. – Espere – disse, e abriu uma gaveta para pegar um par de tesouras. Quando viu o rosto de Charles, sorriu. – Ei, é só um terno. Eu sei que você pode comprar outro.

– Provas de roupa... – grunhiu Charles. – Quatro provas e uma viagem à cidade para ser espetado e cutucado. Não, obrigado. Pai, você pode me ajudar a tirar isto aqui e manter seu filho e suas tesouras longe de mim?

– Largue as tesouras, Samuel – disse Bran. – Suponho que, se ele foi capaz de colocá-lo, podemos tirar sem ter de cortá-lo. Não é necessário grunhir, Charles.

Com a ajuda do pai, Charles conseguiu tirar o casaco, mas isso o deixou empapado de suor e um pouco agitado, o que fez seu pai murmurar algumas palavras tranquilizadoras. Eles nem sequer pediram ajuda a Charles para desabotoar sua própria camisa.

Samuel deu uma boa olhada na atadura veterinária rosa brilhante e sorriu.

– *Isso* não foi ideia sua.

– Anna.

– Acho que gosto da sua pequena loba. Ela pode se assustar com um pouco de facilidade, mas encarou o Asil sem hesitar. E qualquer um que se atreva a embrulhar você em ataduras cor de rosa...

Entretanto, Samuel ficou sério de repente quando cortou o ridículo tecido rosa e viu os ferimentos, na frente e atrás. Ele colocou o rosto perto de um deles e o cheirou, antes de voltar a enfaixá-lo com uma atadura um pouco menos brilhante.

Charles se surpreendeu ao descobrir que preferia as ataduras cor-de-rosa, porque havia sido Anna quem as tinha colocado.

– Quase o perdi com essa aqui, irmãozinho. Mas o cheiro está limpo e parece estar cicatrizando bem. Abaixe as calças agora; quero ver essa perna em que você está tentando não se apoiar.

Charles não gostava de tirar as roupas. De acordo com ele, isso era consequência de sua parte nativa. Isso e sua relutância em se mostrar ferido. Não gostava que os outros vissem suas fraquezas, nem mesmo seu pai e seu irmão. Relutantemente, abaixou as calças.

Samuel estava franzindo o cenho até mesmo antes de remover a atadura verde brilhante. Quando ele o fez, aproximou o nariz e afastou a cabeça bruscamente.

– Quem limpou isto?

– A alcateia de Chicago tem um médico.

Não havia muitos médicos que fossem lobisomens. Ninguém além de Samuel, que ele soubesse: o médico da alcateia de Chicago era um dos novos lobos que Leo vinha escondendo do Marrok. Estar rodeado de tanto sangue e carne tornava difícil para um lobisomem concentrar-se em curar – embora ele nunca tivesse notado essa dificuldade em Samuel.

– Um charlatão... – grunhiu seu irmão. – Posso sentir o cheiro da prata a um metro e meio de distância.

– Ele teve pouco treinamento como lobo – argumentou Charles. – Nenhum dos novos lobos de Leo sabe o que fazer com o nariz, inclusive Anna. Duvido muito que ele soubesse reconhecer a prata pelo cheiro.

– E suspeito também que ele estava com muito medo de você – disse seu pai, lá do canto onde havia se autoexilado. – Você não é exatamente um bom paciente.

– Deite-se na mesa – disse Samuel. – Terei de escavar um pouco. Pai, você vai ter de me ajudar com isso.

Doeu muito mais que levar o tiro, mas Charles permaneceu imóvel enquanto Samuel escavava e cutucava. O suor pingava de sua testa, e ele continha a custo o desejo de transformar-se e atacar, mantendo o controle somente porque seu pai o segurava com força.

Charles tentou não prestar atenção ao que seu irmão estava fazendo, mas era impossível ignorar completamente os comentários. Quando Samuel limpou o ferimento com soro fisiológico, todos os músculos do corpo se retesaram em protesto, e ele sibilou.

– Sinto muito, velho, ainda há um pouco aí – disse Samuel.

Seu irmão continuou escavando e cortando. Embora nunca fosse gritar, não pôde impedir o uivo de lobo quando Samuel voltou a lavar o ferimento com soro fisiológico, nem o grunhido de alívio quando Samuel começou a enfaixá-lo, sinalizando o final da tortura.

Enquanto Charles estava ainda derrubado, tentando reaprender a respirar, Samuel disse:

– Não vou ficar aqui, pai.

Charles deixou de se preocupar com sua perna e observou o rosto de Samuel. Ele não estava em condições de viver sozinho de novo. Ele concluiu que seu pai já sabia disso – Bran lidava muito melhor com pessoas do que Charles.

Bran não respondeu; apenas ficou dando voltas, lentamente, na banqueta que ficava no canto da sala.

Samuel decidiu então continuar, sem dúvida, exatamente como Bran pretendera.

– Não posso ficar. Há muita gente que espera demais de mim aqui. Não quero fazer parte da alcateia.

Bran continuou girando sobre a banqueta.

– Então, o que você vai fazer?

Samuel sorriu, um fulgor rápido que provocou em Charles uma pontada no coração pela falta de um sentimento autêntico atrás daquela expressão. O que quer que tivesse acontecido com seu irmão durante os anos em que vivera sozinho, havia feito Samuel mudar, e Charles temia que a mudança fosse irreversível.

– Pensei em importunar Mercy um pouco mais.

Sua voz e seu rosto pareciam relaxados, mas seu corpo estava tenso, mostrando que aquilo era importante para ele.

Talvez seu pai não estivesse tão equivocado quando empurrara Samuel em direção a Mercy – embora, segundo a experiência de Charles, o amor não fosse tranquilo nem indolor. Talvez indolor e tranquilo não fosse o amor de que Samuel precisava.

– E o Adam? – perguntou Charles relutantemente.

Mercy vivia em Tri-Cities, em Washington, e o Alfa da alcateia de Colúmbia não era dominante o suficiente para liderar sua alcateia com Samuel nela, e Adam ocupou a posição de Alfa por tempo demais para se adaptar a outra posição.

– Já falei com ele – respondeu Samuel rapidamente.

– Ele concorda que você passe a ocupar a posição dele?

Charles não conseguia acreditar. Outro lobo talvez, mas não Adam.

Samuel relaxou, apoiando-se no balcão, e sorriu.

– Não vou tomar a alcateia dele, meu velho. Somente ficarei em seu território como qualquer lobo solitário. Ele disse que estava tudo

bem.

O rosto do Marrok mostrava uma expressão cuidadosamente neutra, e Charles sabia qual era a fonte de sua preocupação. Houve noites em que Samuel dependeu bastante da alcateia para obter estabilidade nos últimos dois anos, desde que havia voltado do Texas, e um lobo solitário não tinha uma alcateia para dar suporte.

Samuel, como seu pai – e Asil –, era velho. E isso era perigoso para os lobisomens. A idade nunca parecera influenciar muito Samuel, até ele ter voltado alguns anos atrás, depois de viver sozinho por mais de uma década.

– É claro – continuou Samuel – que ele não sabe que vou morar com Mercy.

Charles de repente lembrou-se de que Adam também tinha uma queda pela pequena coiote.

– Então, Mercedes decidiu perdoar-lhe?

– Mercy? – disse Samuel, revirando os olhos; pela primeira vez em muito tempo as sombras os deixaram. – *Nossa* Mercy, que nunca fica brava quando pode se vingar? Claro que não.

– Então, como você a convenceu a deixar que você se mudasse para lá?

– Ela ainda não deixou – disse ele, confiante. – Mas vai.

Qualquer que fosse o esquema que ele tinha em mente, seus olhos se iluminaram com sua antiga *joie de vivre*[3]. Seu pai viu isso também. Charles o viu tomar uma decisão repentina.

– Tudo bem – disse Bran abruptamente. – Tudo bem. Sim, vá. Acho que pode ser o melhor.

O retorno a Aspen Creek não havia melhorado Samuel em nada. Talvez Mercedes tivesse melhor sorte. Isso se ela não matasse Samuel, ou até seu pai, por colocá-la na linha de fogo.

Charles, cansado de ficar deitado de barriga para baixo vestindo apenas a roupa íntima, sentou-se e lutou contra o zumbido nos seus

ouvidos o qual ameaçava mandá-lo de volta para baixo.

– Como se sente? – perguntou Samuel, retornando ao modo doutor.

Charles fechou os olhos e fez um inventário.

– Eu não sinto mais vontade de derrubar a porta e sair, mas pode ser somente porque você já fez o pior que podia.

Samuel sorriu.

– Não. Eu poderia torturá-lo por mais algum tempo, se eu quisesse.

Charles olhou para o irmão.

– Estou *muito* melhor, obrigado.

Os ferimentos estavam doendo, mas Charles sentia-se mais como ele mesmo desde o dia em que tinha sido baleado. Ele se perguntou por que o envenenamento por prata o tinha feito sentir-se tão protetor em relação a Anna. Charles nunca havia sentido nada parecido.

– Tudo bem.

Samuel olhou para o pai.

– Não vai ser para amanhã ou depois... Se Charles fosse qualquer outra pessoa, eu diria dez dias de repouso pelo menos, mas ele não é estúpido e é durão. Com a prata removida, ele vai cicatrizar quase tão rápido como de costume. Depois de quarta-feira, nenhum estranho será capaz de dizer que há algo errado com Charles, e assim ele não correrá perigo de ser atacado porque algum idiota acha que pode vencê-lo. Mas, se você o está enviando para derrotar uma alcateia inteira, vai precisar enviar alguns músculos com ele por algumas semanas ainda.

Charles olhou para o pai e esperou sua decisão. Correr pelas montanhas Cabinet no meio do inverno não era sua atividade favorita – aquelas montanhas não gostavam muito de viajantes. Ainda assim, Charles seria capaz de fazer isso melhor do que qualquer um que seu pai pudesse enviar até lá, estivesse ele ferido

ou não, especialmente se a missão não fosse apenas perseguir um lobo desgarrado, mas responder a um ataque ao território de seu pai.

Finalmente, Bran assentiu.

– Eu preciso de você inteiro mais do que eu preciso da urgência em resolver isso. Vamos esperar uma semana.

– O que você vai fazer a respeito de Asil? – perguntou Charles. – Apesar dos melhores esforços do Reverendo Mitchell, de Samuel, e mesmo de *Doc* Wallace, a alcateia está em uma situação delicada, agora. Se você tiver de matá-lo, haverá consequências para a alcateia.

Bran sorriu levemente.

– Eu sei. Asil veio até mim há um mês reclamando de seus sonhos e mais uma vez me pediu para matá-lo. Não é algo com que eu normalmente me preocuparia, mas ele é o Mouro.

– Com quem ele está sonhando? – perguntou Samuel.

– Sua companheira morta – disse Bran. – Ela foi torturada até a morte. Ele não fala sobre isso, embora eu saiba que se sente culpado porque estava viajando quando aconteceu. Asil me disse que parara de sonhar com ela quando se juntou à nossa alcateia, mas os sonhos recomeçaram no mês passado. Ele acorda desorientado e às vezes... não está nem mesmo no lugar onde foi dormir.

Charles achou perigoso ter um lobo com os poderes do Mouro correndo por aí, sem supervisão.

– Você acha que a morte dele pode esperar? – perguntou Samuel.

Bran sorriu, e era um sorriso verdadeiro.

– Eu acho que pode esperar. Temos um Ômega para ajudá-lo – disse Bran. Ele olhou para Charles, e o sorriso aumentou. – Ela não vai deixar você por ele, Charles, não importa o que Asil diga para enfurecê-lo.

Anna concluiu que a sala de estar de Charles, embora ricamente decorada, era aconchegante e parecia-se com um verdadeiro lar. Apenas não era o *seu* lar. Ela perambulou inquieta pelas salas até que finalmente chegou ao quarto, sentando-se em um canto no chão com as pernas dobradas para cima, abraçando a si mesma. Ela se recusava a chorar. Anna estava apenas sendo tola: ela nem sequer sabia realmente por que estava tão chateada.

Ficou chateada quando foi mandada embora da igreja, mas ao mesmo tempo sentiu uma onda de alívio ao se ver sozinha na caminhonete.

Lobisomens e violência, lobisomens e morte: essas coisas combinavam como café e pão com manteiga. Talvez fosse melhor ficar escondida ali do que em Chicago, mas todos eram monstros.

Não era culpa deles, dos lobos daqui; eles estavam apenas tentando viver o melhor que podiam com esta maldição que os transformava em feras vorazes. Até mesmo Charles. Até mesmo o Marrok. Até mesmo ela. Havia regras para ser um lobisomem: às vezes um homem tinha de matar seu melhor amigo para o bem de todos. Companheiros humanos envelheciam, enquanto os lobisomens permaneciam jovens. Lobos como Asil tentavam forçar os outros a atacá-los porque queriam morrer... ou matar.

Sua respiração havia se acelerado. Se alguém tivesse matado Leo e sua companheira anos atrás, muita gente ainda estaria viva, e Anna seria uma graduanda na Universidade Northwestern com um quase-diploma em teoria da música, em vez de ser uma... uma o quê?

Ela precisava encontrar um emprego, alguma coisa para dar-lhe um propósito e uma vida além do fato de ser um lobisomem. Sob muitos aspectos (e não só o salário), ser garçonete no Scorci’s tinha sido importante em sua vida. É difícil chafurdar na autopiedade, quando você está trabalhando até a exaustão por oito a dez horas

por dia. De alguma forma, porém, Anna duvidou que ali houvesse trabalho para uma garçonete.

De repente, a campainha tocou.

Anna se levantou e esfregou o rosto rapidamente, mas ele estava seco. A campainha tocou de novo, e então ela saiu correndo para atender à porta da frente. Naquele momento, Anna se viu caindo em contradição: antes havia ficado bastante feliz por conseguir alguns minutos a sós, mas agora tudo o que queria era uma distração.

Ela vislumbrou um Lexus cinza metálico antes de sua atenção ser desviada pela mulher que estava na varanda. Sua expressão era de boa índole e amigável. Os cabelos, loiros e escuros, cuidadosamente presos em uma trança francesa, eram quase tão longos quanto os de Charles.

O nariz de Anna confirmou que era um lobisomem.

A mulher sorriu e estendeu a mão.

– Eu sou Leah – disse ela. – A esposa do Marrok.

Anna apertou sua mão e soltou-a rapidamente.

– Vamos entrar e conversar, que tal? – disse a mulher em tom agradável.

Anna sabia que Charles não gostava de sua madrasta – e nem de aviões, carros ou de telefones celulares. Fora isso, não havia qualquer razão para se sentir desconfortável com a presença dela. Além disso, não havia maneira de recusar-se a recebê-la sem ofendê-la.

– Entre – convidou-a Anna educadamente, dando um passo para trás.

A esposa do Marrok passou rapidamente por e entrou na sala. Uma vez dentro, ela parou, dirigindo toda sua atenção à sala, como se não a tivesse visto antes. Anna teve a sensação desconfortável de que estava cometendo um erro deixando a mulher entrar. Talvez Charles não a deixasse entrar em sua casa – ela não conseguia

pensar em nenhuma outra razão que explicasse a fascinação de Leah pelo mobiliário de Charles.

A menos que toda aquela apreciação fosse apenas um jogo de poder previamente planejado para deixar bem claro a Anna que ela não era tão interessante quanto a sala. Enquanto Leah explorava, Anna concluiu que a última possibilidade era a correta – a sala não era grande o suficiente para tomar tanto tempo de sua atenção.

– Você não é o que eu esperava – murmurou Leah finalmente. Ela tinha parado na frente de um violão feito à mão, que estava pendurado na parede longe o suficiente da lareira para que a madeira não sofresse danos por causa do calor. Poderia se tratar de um objeto de decoração, exceto pelo fato de o braço do instrumento estar desgastado pelo uso.

Anna não disse nada nem se moveu de seu lugar perto da porta.

Leah se virou para olhar para ela, e não havia nada gentil ou amigável em seu rosto agora.

– Ele teve de raspar o fundo do barril para encontrar você, não foi? Teve que ir até Chicago para encontrar um bebê, uma mulher que não representaria qualquer tipo de desafio. Diga-me, você se senta e fica quando ele manda?

A grosseria do ataque tornou-o mais pessoal e extrapolou o simples desejo de colocar um lobo menos importante em seu devido lugar. Leah, apesar de ser a companheira do Marrok, parecia estar com ciúmes. Ela também se sentia atraída por Charles?

A porta se abriu, e uma segunda mulher entrou na casa juntamente com uma onda de ar frio e perfume francês. Ela era alta e esguia, como uma modelo de passarela, e parecia sofisticada. Seu cabelo castanho tinha luzes douradas, acentuadas pelo *glitter* também dourado espalhado nas maçãs do rosto e, mais pesadamente, sobre o magnífico par de olhos azuis.

Anna reconheceu-a do funeral; ela não era apenas bonita, mas tinha uma expressão dramática também, e a combinação a tornava

memorável. A mulher fechou a porta atrás dela e tirou sua jaqueta de esqui, jogando-a casualmente na cadeira mais próxima. Ela ainda usava a saia escura e a blusa que tinha vestido pela manhã.

– Que é isso, Leah... “Sentar-se e ficar”? Você pode fazer melhor do que isso, querida.

Sua voz era rouca e ronronava com o charme do sul. Ela disse para Anna:

– Desculpe entrar desse jeito, mas parecia que você estava precisando ser resgatada da nossa cadela rainha.

– Vá embora, Sage. Isso não tem nada a ver com você – ordenou Leah energicamente, embora não parecesse ter ficado ofendida com o insulto.

– Querida – disse a mulher com voz doce –, eu adoraria partir, mas recebi minhas ordens do chefe. Um degrau acima de você. – Os olhos azuis brilhantes deslizaram sobre Anna. – Você deve ser a Anna de Charles. Sou Sage Carhardt. Desculpe a acolhida grosseira, mas qualquer coisa que deixe o nosso Charlie feliz com certeza torce o rabo dela, porque o nosso Alfa ama seus filhos.

– Cale a boca – gritou Leah, e seu poder varreu a sala, levando Sage a dar dois passos para trás.

Engraçado, Anna teria jurado que Sage era a mais dominante das duas... E então percebeu que a energia tinha o gosto do Marrok. Anna se lembrou de que a mulher compartilha o poder de seu companheiro, mas ainda não havia entendido que o poder era real.

– Você – Leah tinha voltado sua atenção para Anna –, sente-se no sofá. Eu vou lidar com você em um minuto.

Com pesar, Anna concluiu que uma mulher prudente teria feito isso mesmo; a mulher que ela havia sido uma semana atrás teria se encolhido, sentado e esperado por qualquer coisa. Porém, a Anna companheira de Charles, um lobisomem Ômega, estava fora da ordem da alcateia. Então, ela ergueu o queixo e disse:

– Não, obrigada. Acho que é melhor você sair e voltar quando o meu... – Anna era um lobisomem há três anos, mas chamar Charles de companheiro parecia errado, e ele não era seu marido – quando Charles estiver aqui.

A hesitação havia roubado grande parte da força de sua frase.

Sage sorriu, e seu rosto foi todo iluminado de prazer.

– Sim, Leah, por que você não volta quando Charles estiver aqui? Eu gostaria de ver isso.

Mas Leah não estava prestando atenção nela. Ela abaixou as sobrancelhas em confusão enquanto olhava para Anna.

– Sente-se – disse ela, com uma voz baixa e cheia de poder que, porém, mais uma vez deslizou por Anna sem tocá-la.

Anna franziu a testa também.

– Não. Obrigada. – Pensou em alguma coisa e, antes que pudesse se conter, disse: – Eu vi Sage no funeral, mas o Marrok estava sozinho. Por que você não estava ao lado dele?

– Ele não tinha nada que fazer lá – disse Leah veementemente. – Ele matou Carter, e agora finge *chorar* por ele? Eu não pude impedi-lo de ir. Ele nunca me escuta mesmo... Seus filhos são seus conselheiros; tudo o que sou é uma substituta para seu amor perdido, a incomparavelmente bela e abnegada cadela índia. Eu não posso impedi-lo, mas não vou apoiá-lo também. – Quando Leah terminou, uma lágrima desceu por sua face. Ela limpou-a e olhou para sua mão, e depois se virou para Anna com uma expressão de horror. – Ah, meu Deus. Meu Deus! Você é uma daquelas. Eu deveria ter adivinhado; deveria saber que Charles iria trazer alguém como você para o meu território.

Ela partiu deixando atrás de si uma corrente de ar frio e poder aturdido, enquanto Anna tentava não demonstrar sua total confusão.

– Eu teria pago para ver isso – disse Sage, e o sorriso ainda se espalhava pelo seu rosto. – Ah, querida – murmurou ela –, estou tão

feliz por Charles ter trazido você para casa. Primeiro Asil, e agora Leah. A vida vai ser muito mais interessante por aqui.

Charles precisou do apoio do pai para entrar no Humvee.

– Bem... – disse seu pai, com uma pitada de um resmungo que lhe mostrou que Bran realmente estivera preocupado com ele – isso vai ensiná-lo a se desviar um pouco mais rápido da próxima vez.

– Sinto muito – desculpou-se Charles humildemente, enquanto se sentava no banco do passageiro.

– Ótimo – disse Bran, fechando a porta suavemente. – Não deixe que isso aconteça novamente.

Charles afivelou o cinto de segurança. Ele provavelmente sobreviveria a um acidente mas, do jeito que seu pai dirigia, o melhor era colocar o cinto para se manter no assento.

O calor ardente que impedira sua cabeça de pensar claramente tinha desaparecido, mas ele ainda não estava bem. Apesar da sopa que Samuel esquentou no micro-ondas e obrigou seu irmão a comer, Charles se sentia tão fraco quanto um gatinho. Seu irmão lobo estava inquieto, querendo encontrar algum lugar escuro e seguro para se curar.

– Você realmente vai deixar Samuel ser um lobo solitário? – perguntou Charles, quando já estavam na estrada. O Marrok era possessivo e territorial, e não era típico dele permitir que alguém que lhe pertencia ficasse vagando por aí. Na última vez que Samuel tinha partido, não havia pedido permissão; simplesmente desaparecera. Charles havia levado alguns anos para encontrá-lo.

– Sou muito grato por encontrar algo, *qualquer coisa*, que Samuel queira fazer; eu faria até chantagem se fosse necessário.

– Você já não fez isso?

Charles gostava de Adam, o Alfa de Tri-Cities, mas ficou surpreso ao ver que o Marrok não precisaria forçar um acordo; poucos Alfas

dariam as boas-vindas em seu território a um lobo solitário tão dominante quanto Samuel.

– Ainda não – disse seu pai, pensativo. – Embora eu talvez tenha que ajudar Samuel um pouco com Mercedes. Ela não ficou feliz quando eu o mandei de volta para ela.

– Samuel pode resolver as coisas com Mercedes.

– Espero que sim – Bran bateu os dedos no volante. – Gosto da sua Anna. Ela parece tão delicada e tímida, como uma flor que pode murchar à primeira palavra áspera, mas que de repente pode fazer algo como enfrentar Asil.

Charles empurrou os ombros para trás no banco enquanto eles viravam uma esquina gelada e voltavam para a estrada em direção à sua casa.

– Você deveria vê-la com um rolo de macarrão.

Charles não tentou esconder a satisfação em sua voz. Ele estava se sentindo cada vez melhor. Seus ouvidos tinham parado de tinir e seu controle reaparecera. Um pouco de comida e sono, e ele estaria quase de volta ao normal.

– Você gostaria de entrar? – perguntou, mais por educação do que por vontade de vê-lo entrar.

– Não – disse Bran, balançando a cabeça. – Mande Sage para casa, também. Ela vai querer conversar, mas você e Anna precisam de algum tempo. Anna estava muito perturbada no fim da cerimônia.

Charles olhou para cima bruscamente.

– Pensei que era apenas uma reação ao funeral.

– Ali havia muita gente que ela não conhecia.

– Não, havia algo mais.

Charles relembrou os últimos momentos do funeral, mas não conseguiu ver o que seu pai vira.

– Eu não notei nada.

– Claro que notou – disse seu pai, com um sorriso irônico. – Por que você acha que estava tão agitado quando ela foi embora?

– Foi aquela história com Asil?

Se Asil a tinha perturbado, talvez Charles pudesse cuidar dele e seu pai não teria com que se preocupar.

Bran balançou a cabeça e riu.

– Eu sempre lhe digo que posso colocar pensamentos na cabeça das pessoas, mas não posso tirá-los. Eu não sei o que a estava incomodando. Pergunte a ela.

Milagrosamente, eles chegaram à porta de Charles sem contratempos.

Charles deslizou para fora do Humvee e por um momento pensou que seus joelhos não aguentariam seu peso e ele iria deslizar até o chão.

O pai olhou-o com cuidado, mas não ofereceu ajuda.

– Obrigado.

Ele odiava estar fraco, mas odiava mais ainda quando as pessoas tentavam tratá-lo como um bebê. Pelo menos ele odiara até conhecer Anna.

– Entre antes que você caia – foi tudo o que seu pai disse. – Isso é agradecimento o suficiente.

Talvez devido ao movimento ou ao frio, seus joelhos ficaram mais firmes e Charles estava andando quase normalmente quando chegou à porta da frente.

Seu pai buzinou duas vezes e partiu, assim que Charles colocou a mão na maçaneta da porta. Ele entrou na casa e encontrou Anna e Sage sentadas em frente uma da outra na sala de jantar, cada uma com sua xícara de chá. Mas seu nariz lhe disse que Anna também tivera outra visita.

Charles se sentiu um idiota quando pediu para seu pai enviar Sage até ali. Mas o cheiro de Leah fez com que ele ficasse feliz com sua paranoia. Leah não tinha demorado a atacar.

Sage interrompeu o que ia dizer a Anna e, em vez disso, olhou-o cuidado-

samente.

– Charlie – disse ela –, você está horrível.

Ela levantou-se, beijou-o na bochecha, entrou na cozinha e colocou a xícara na pia.

– Obrigado – disse ele secamente.

Ela sorriu.

– Vou sair e deixar os dois pombinhos sozinhos. Anna, não o deixe mantê-la presa nessa caverna; ligue para mim. Nós vamos viajar, só garotas, até Missoula, para fazer compras ou algo assim.

Sage deslizou por Charles e deu uma pancadinha leve no ombro dele antes de sair.

Anna tomou um gole do chá e olhou para ele com olhos escuros, insondáveis. Pela manhã, ela prendera o cabelo para trás com uma faixa, e ele se sentiu falta dos cachos cor-de-uísque em torno de seu rosto.

– Ela o chamou de “Charlie” – disse Anna. – Ele levantou uma sobrancelha. Anna sorriu, uma expressão súbita que iluminou seu rosto. – Não combina com você.

– Sage é a única que diz isso – admitiu ele. – Felizmente.

Ela se levantou.

– Posso fazer um chá? Ou alguma coisa para você comer?

Charles sentiu fome no caminho, mas de repente tudo o que queria fazer era dormir. Ele nem sequer estava muito interessado em caminhar pelo corredor.

– Não, acho que vou para a cama.

Anna levou sua xícara para a cozinha e colocou-a no lava-louça, juntamente com a outra. Apesar de suas palavras, Charles a seguiu até a cozinha.

– O que seu irmão disse? – perguntou ela.

– Que ainda havia prata no ferimento da minha panturrilha. Samuel limpou-o.

Anna olhou atentamente para o rosto dele.

– Acho que não foi divertido...

Ele não pôde deixar de sorrir do eufemismo.

– Não.

Anna enfiou-se debaixo do braço dele:

– Vamos lá, você está balançando. Vamos levá-lo para a cama antes que você caia.

Ele não se importava nem um pouco com a sua ajuda; Anna podia até mesmo tê-lo chamado de Charlie que ele não reclamaria, contanto que ela ficasse ali ao seu lado.

Anna o ajudou a tirar as roupas. Charles não havia vestido o casaco novamente, por isso o processo não foi muito doloroso. Enquanto ele se deitava na cama, ela puxou as persianas para baixo, bloqueando a luz. Quando Anna começou a puxar as cobertas para cima, Charles pegou em sua mão.

– Fica comigo? – perguntou ele. Charles estava cansado demais para falar, mas não queria que ela ficasse a sós com o pensamento que a incomodava, o mesmo que seu pai havia percebido.

Anna ficou paralisada, e o cheiro de seu terror repentino foi um teste para o controle de Charles, retomado desde que seu irmão o tinha livrado dos últimos vestígios de prata. Não havia nada para ele matar, exceto fantasmas, então Charles controlou o surto de raiva protetora e esperou para ver o que ela faria. Ele poderia ter soltado a mão dela, e estava pronto para fazê-lo, mas somente se Anna se afastasse.

Charles não sabia o porquê do medo de Anna quando os dois dormiram juntos na noite passada, até que ela baixou os olhos para a mão que segurava a dela.

Charles concluiu que alguém a tinha agarrado, talvez mais de uma vez. Quando a raiva começou a se acumular dentro dele, Anna virou a mão e fechou-a sobre a dele.

– Tudo bem – disse ela, com a voz um pouco rouca.

Depois de meio segundo, ela retirou sua mão e sentou-se na cama para tirar os tênis. Ainda vestida com o jeans e a camisa, Anna se deitou ao lado de Charles. Seu corpo estava rígido e relutante.

Ele virou-se na cama, dando-lhe as costas e esperando que ela se tranquilizasse, pois não iria obrigá-la a fazer mais nada. Charles achou graça de si mesmo ao descobrir que não era só por causa dela que ele havia pedido que Anna ficasse; ele também se sentia melhor vendo ao saber que ela estava segura ao seu lado. Charles adormeceu ouvindo a respiração de Anna.

Ele cheirava bem. À medida que seu corpo relaxava no sono, Anna podia sentir sua tensão deslizar para longe. Ela não tinha sido ferida, mas também estava cansada. Cansada de ficar em exposição, cansada de tentar descobrir o que devia fazer, cansada de se preocupar se havia saído de uma enrascada para entrar em outra diferente.

Anna tinha tantas perguntas. Ela não perguntara nada a ele sobre a estranha reação de sua madrasta ou sobre Asil porque parecia que Charles iria adormecer assim que parasse de se mover – o que tinha praticamente acontecido.

Ela olhou para seu pulso, mas não havia novos hematomas lá; Charles não a machucara de jeito nenhum. Anna não sabia por que a sensação da mão dele em torno de seu pulso a deixara em pânico – seu lobo bloqueou a memória da maior parte dos abusos que ela sofrera. Mas seu corpo havia retido a lembrança de um aperto de mãos que a esmagava e alguém gritando com ela enquanto a machucava, enquanto estava presa e não conseguia fugir para longe dali.

Com o pulso acelerado, Anna sentiu a Transformação se aproximar, enquanto seu lobo se preparava para protegê-la

novamente. Ela aspirou o cheiro de Charles e deixou-o fluir sobre ela, acalmando o lobo; Charles nunca iria machucá-la; tanto ela quanto seu lobo estavam convencidos disso.

Depois de um momento, Anna reuniu sua coragem e deslizou sob as cobertas. Como Charles não acordou, ela deslizou para mais perto dele, mas parava a cada investida enquanto seu corpo continuava tentando lembrá-la de que Charles era bem mais forte do que ela e podia machucá-la bastante.

Os lobos, como ela soube em conversas ouvidas por acaso, normalmente ansiavam por toque físico. Os homens na alcateia de Chicago tocavam-se uns aos outros muito mais do que o habitual para um grupo de homens heterossexuais. Mas estar perto de outro lobo nunca lhe trouxera paz ou conforto.

Contudo, Anna poderia invocar seu lobo para ajudá-la, como tinha feito na noite anterior. Assim, poderia deitar-se ao lado dele e aspirar seu cheiro cada vez que respirasse. Mas, como Charles estava dormindo, Anna achou que aquele era um bom momento para tentar resolver algumas de suas dúvidas. Seu lobo poderia resolver o problema de imediato, mas Anna queria ser capaz de tocar Charles sem que fosse necessário invocá-lo.

Era a cama que estava tornando tudo tão difícil – ela fazia com que Anna se sentisse vulnerável, tornava mais difícil forçar uma aproximação. Asil também tinha dito que Charles não gostava de ser tocado. Ela se perguntou por quê. Charles não parecia se importar quando ela o tocava, muito pelo contrário.

Anna esticou a mão pouco a pouco até que pôde sentir os lençóis quentes com o calor do seu corpo. Descansou seus dedos sobre Charles e seu corpo ficou paralisado, em pânico. Ela estava contente por ele estar dormindo, para que não pudesse vê-la puxar a mão para trás e dobrar seus joelhos sobre a barriga vulnerável. Anna tentou não tremer, porque não queria que ele a visse assim, como uma covarde.

Então se perguntou por que ter esperança era muito mais difícil do que ser tomada pelo desespero.

CINCO

Anna metodicamente vasculhou os armários; Charles iria acordar com fome. Felizmente, o homem tinha a casa abastecida para aguentar um cerco. Ela pensou em comida italiana – Anna ficara bem experiente em cozinhar comida italiana –, mas não sabia se Charles gostava. Um ensopado parecia uma escolha mais segura.

O *freezer* no porão estava cheio de carne empacotada em embrulhos de papel branco próprios para o congelamento, perfeitamente etiquetados. Anna escolhera um pacote cuja etiqueta dizia ser carne de alce para ensopado, a fim de começar a descongelá-lo na no balcão central da cozinha. Ela nunca tinha comido carne de alce antes, mas concluíra que carne para ensopado servia justamente para ser cozida em um ensopado.

Na geladeira, ela encontrou cenouras, cebolas e aipo. Agora, tudo de que precisava eram batatas. Elas não estavam dentro da geladeira ou nos balcões, e nem em cima da geladeira ou embaixo da pia.

Qualquer pessoa tão bem abastecida quanto Charles era obrigada a ter batatas *em algum lugar*, a menos que ele as odiasse. Anna estava curvada, com a cabeça dentro de um armário baixo, e falava sozinha procurando as batatas quando o som de um telefone celular fez sua cabeça virar para cima e bater na borda da bancada.

O celular estava no quarto, então ela esfregou a cabeça e esperou que Charles atendesse, mas ele simplesmente não parava de tocar.

Dando de ombros mentalmente, ela tentou sentir o cheiro das batatas; Charles disse-lhe que ela não usava o nariz o suficiente.

Mas, se houvesse alguma batata por ali, o cheiro estava camuflado pelas especiarias e frutas que Charles mantinha em sua cozinha.

O telefone na parede começou a tocar. Era um telefone antigo, de roda, feito meio século antes de inventarem o identificador de chamadas. Anna olhou para ele, e sua frustração aumentou. Aquela não era a sua casa. Depois de dez toques ela finalmente o atendeu.

– Alô?

– Anna? Chame Charles para mim, por favor.

Não havia como confundir aquela voz: era Bran.

Anna olhou para a porta fechada do quarto e franziu a testa. Se todo aquele ruído não acordara Charles, então ele precisava mesmo dormir.

– Ele está dormindo. Posso pegar o recado?

– Eu receio que não seja possível. Por favor, acorde-o e diga-lhe que preciso falar com ele.

Anna sentiu que o “por favor” foi uma cortesia da parte de Bran. Aquilo era uma ordem.

Então, Anna apoiou o aparelho no suporte e foi acordar Charles. Antes que ela chegasse à porta, ela se abriu. Ele vestia calça jeans e camiseta.

– É meu pai? – perguntou ele.

Quando ela assentiu com a cabeça, Charles passou por ela e pegou o telefone.

– Do que você precisa?

– Temos um problema – ouviu Anna. – Preciso de você... E traga Anna, também. O mais rápido que você puder chegar aqui.

Bran precisava dele. Charles era o seu executor, seu assassino de aluguel. Ele regularmente colocava sua vida em risco por seu pai, e ela simplesmente teria de se acostumar com isso.

Anna estava vestindo a jaqueta no momento em que Charles desligou o telefone. Ele se retirou para o quarto e voltou com meias e botas na mão.

– Você consegue me ajudar com as botas? – pediu Charles. – Curvar-me ainda é um problema.

Anna dirigiu como alguém que nunca tinha dirigido em estradas com gelo antes. E talvez nunca tivesse. Mas ela dirigira melhor aquela manhã, e Charles não achava que as estradas estivessem piores.

Evidentemente, aquilo que a estivera incomodando ainda estava presente. Charles sentia o cheiro da ansiedade de Anna, mas não sabia o que podia fazer a respeito disso.

Se suas costelas estivessem em melhor forma, ele teria assumido a direção no lugar dela, mas se contentou em mostrar-lhe o caminho. Assim que a caminhonete derrapou ao entrar na entrada da garagem de seu pai e ele segurou a porta com mais força, ela diminuiu a velocidade até quase estar rastejando. Um utilitário esportivo verde-giz com placas do governo estava estacionado bem ao lado da porta, com os dizeres “Serviço Florestal”. O chamado de seu pai devia estar relacionado com o lobo desgarrado nas montanhas Cabinet. Talvez houvesse um outro corpo.

Anna parou atrás do utilitário esportivo e estacionou.

– Você está sentindo esse cheiro? – perguntou a Anna, quando ela deu a volta ao redor do caminhão onde ele a esperava.

Anna inclinou a cabeça e se concentrou no que estava cheirando.

– É sangue?

– Fresco – disse ele. – Isso a incomoda?

– Não. Deveria?

– Se você fosse como qualquer outro lobo, Ômega, você estaria ficando com fome agora. – Anna franziu a testa para ele, e Charles respondeu ao olhar. – Sim, eu também. Mas eu sou velho o suficiente para não me incomodar muito.

Charles não se preocupou em bater à porta; seu pai já devia ter notado que eles haviam chegado. Ele seguiu o cheiro de sangue até o quarto de hóspedes.

Charles percebeu que Samuel também estivera ali. Ele reconheceu a elegante pilha de curativos, mesmo que não reconhecesse o homem de meia-idade que estava deitado na cama. Ele era tão humano quanto Heather Morrell, que estava sentada na cadeira ao lado da cama, segurando a mão dele.

Heather olhou para cima. Charles percebeu o súbito medo em seu rosto, mas não fez nada para diminuí-lo. Assustar as pessoas era parte do que o tornava um executor eficiente para seu pai. Além disso, até que ele falasse com seu pai e descobrisse o que estava acontecendo, não havia nada que pudesse dizer para acalmá-la.

– Onde está o Marrok? – perguntou Charles.

– Está esperando por você no escritório – disse-lhe Heather.

Ele deu um passo para trás e começou a sair, quando Heather pronunciou seu nome suavemente.

Charles parou.

– Jack é um bom homem – sussurrou ela.

Ele olhou sobre o ombro para vê-la encarando-o atentamente. Charles podia ter perguntado a Heather o que ela queria dizer, mas precisava falar com seu pai primeiro.

Anna nada disse, mas, pela tensão que estava se acumulando nela, Charles percebeu que ela também havia sentido algo da corrente oculta presente naquele lugar. A menos que o palpite dela estivesse errado, a continuação da existência do amigo de Heather, Jack, era uma questão duvidosa.

Então, Charles acenou com a cabeça e foi em direção ao escritório, com Anna andando atrás dele.

O fogo da lareira estava aceso, e isso era um mau sinal. Seu pai só acendia a lareira quando estava preocupado. O Marrok estava

sentado de pernas cruzadas no chão, em frente ao fogo, olhando as chamas.

Charles parou na soleira da porta, mas Anna passou por ele e colocou as mãos perto do fogo. Ninguém falou por algum tempo.

Finalmente Bran suspirou e se levantou. Ele caminhou lentamente ao redor de Charles.

– Como você está se sentindo? – perguntou, ao completar a volta.

A perna dele queimava e ainda estava fraca para aguentar uma corrida. Charles não mentiria ao seu pai, mas também não precisava enumerar suas dores e fraquezas:

– Melhor. Do que você precisa?

Bran cruzou os braços sobre o peito.

– Eu já matei alguém que eu não queria esta semana, e não quero fazer isso de novo.

– O Jack de Heather precisa ser morto?

Será que seu pai queria que ele fizesse isso? Charles olhou para Anna um pouco ansiosamente. À medida que ela chegava mais perto do fogo, encurvava os ombros, sem olhar para nenhum deles. Charles também não queria matar ninguém naquela semana.

Bran encolheu os ombros.

– Não. Se for preciso fazer isso, eu o farei. Espero poder evitá-lo. Ele é um dos colegas de trabalho de Heather. Eles estavam fazendo um trabalho de Busca e Salvamento nas montanhas Cabinet, à procura de um outro caçador perdido, quando foram atacados por um lobisomem. Dessa vez não houve nenhuma dúvida do que se tratava, pois Heather o viu claramente. Ela atirou e o afugentou; ela tem carregado balas de prata desde que identificou o que matou o outro caçador. Heather me disse que seu amigo Jack fez a conexão entre seu atacante e o caçador morto enquanto perdia a consciência e voltava a ela no caminho para cá.

– Ela o trouxe aqui porque ele foi transformado?

– Heather pensou que ele poderia ter sido, mas Samuel diz que não. Os ferimentos não foram graves o suficiente, e não estão cicatrizando rápido o suficiente.

Depois de dizer isso, seu pai fez um daqueles gestos eloquentes nos quais era tão bom. Esse dizia: “Eu sou apenas um amador; vou deixar isso para os especialistas”.

– O maior problema dele aparentemente é a perda de sangue, e não o ferimento. E a nossa Heather se arrependeu de tê-lo trazido aqui, desde que Samuel fez o seu pronunciamento.

– O que você está pensando?

Charles sabia que Anna estava ouvindo cada palavra. Parte dele queria esconder isso dela, para protegê-la do lado mais desagradável da sua vida. Mas ele se recusava a ter um relacionamento com sua companheira baseado em meias verdades e coisas ocultas. Além disso, ela já sabia o bastante sobre como certas coisas podiam ser desagradáveis.

Bran se recostou na cadeira e suspirou.

– Se um guarda florestal, um homem experiente e respeitado como o Jack de Heather, sair e afirmar que foi atacado por um lobisomem, as pessoas vão prestar atenção. E, antes de ficar quieta, Heather me disse que ele é um homem franco. Se ele achar que há perigo para outros, vai espalhar as notícias tão alto quanto possível, mesmo que elas pareçam impossíveis.

Charles olhou nos olhos de seu pai. Em outra ocasião, eles poderiam simplesmente deixar passar. Se matassem o lobo que estava causando problemas e não houvesse mais mortes, qualquer fogueira que o guarda-florestal tivesse acendido iria morrer por falta de combustível. Mas seu pai acreditava que eles teriam de revelar sua existência ao público logo, talvez em alguns meses. Eles não podiam se dar ao luxo de uma má propaganda.

Tentando ganhar tempo para ver se havia alguma saída para o dilema, Charles perguntou:

– Como ela conseguiu tirar Jack de lá?

Charles conhecia as montanhas Cabinet. Naquela época do ano, só se podia caminhar por uma grande parte da montanha com sapatos de neve ou montaria, e Heather não era um lobisomem para conseguir carregar um homem mais pesado do que ela.

– Heather ligou para o tio. Tag o trouxe.

Ah. Essa era a razão pela qual Bran parecia meramente reflexivo, em vez de fechado, como ele sempre ficava quando havia algum negócio desagradável para resolver.

Charles deu ao pai um sorriso pequeno e aliviado.

– Mas é mesmo uma pestinha – disse ele.

Heather tinha 43 anos, mas Charles a vira nascer e ela ainda era uma criança para ele, e, mais importante, para seu formidável tio, Colin Taggart.

– Então, se você fizer o que precisa fazer e eliminar esse aparentemente respeitável e responsável inocente, acha que terá uma revolução nas mãos?

Tag era bastante protetor daqueles que ele considerava como seus, e se ele havia resgatado esse guarda-florestal, isso era o suficiente para fazer Tag considerá-lo parte desse grupo. Se Bran decidisse eliminar o guarda de Heather, teria de passar por cima de Tag para fazê-lo. Charles deu graças por isso.

Bran deu um suspiro profundo.

– Eu ficaria mais feliz se isso não significasse ter de mandar você ainda não totalmente cicatrizado atrás de um lobo desgarrado. Estou certo de que, se eliminarmos a ameaça e mostrarmos ao Jack de Heather que seu atacante, além de ser um criminoso, é um monstro, Jack estaria disposto a manter a boca fechada quando fôssemos a público. Mas você tem que fazer isso logo. Preciso que esse lobo seja morto antes que Jack saia da cama e exija ir embora.

– Não há mais ninguém que você possa enviar? – perguntou Anna, em voz baixa.

Bran sacudiu a cabeça.

– Isso precisa ser feito rapidamente e sem barulho – e de forma permanente. Charles é o único em quem posso confiar para manter as autoridades humanas no escuro se as coisas ficarem feias. – Ele sorriu um pouco. – Também posso confiar nele para que não resolva seguir o assassino e se alimentar de humanos...

Charles olhou para o pai com os olhos semicerrados; ele podia ter dito isso usando termos menos... desesperadores. Por isso, apressou-se em explicar a Anna:

– O lobo certamente não é mais dominante do que eu, portanto não pode me enganar ou recrutar. E se as coisas ficarem “feias”, eu tenho um pouco de poder mágico para ocultar as evidências. Eu não sou tão bom quanto um bruxo de verdade, mas não é provável que tenhamos investigações forenses sofisticadas lá na floresta.

– Isso e o fato de que não há outro lobo em Aspen Creek que possa lidar com uma caçada até a morte como essa sem perdê-la. – Bran virou-se para Anna, que ainda estava olhando para o fogo. – Matar um ser senciente é um pouco mais viciante do que caçar coelhos sob a lua cheia. Entre outras coisas, Aspen Creek é um santuário para lobos com problemas, ou que os estão desenvolvendo. Os tipos de lobos que podem lidar com a caça de outro lobisomem são saudáveis o suficiente para andar soltos pelo mundo. Eu normalmente não os mantenho aqui comigo.

– Então todos os lobos em sua alcateia são psicóticos? – perguntou Anna.

Charles não sabia se ela estava brincando ou não. Mas talvez, considerando a situação, ela não estivesse muito longe da verdade.

Bran jogou a cabeça para trás e deu uma risada alta.

– Nem todos, minha cara. Mas eles não sabem lidar com esse tipo de coisa. Se eu achasse que estaria arriscando a vida de Charles, encontraria outra pessoa. Ele vai ficar um pouco desconfortável, e não será fácil, mas não existe um lobo neste país

que conheça as Cabinet tão bem quanto meu filho. E, ferido ou não, ele pode vencer qualquer lobo em que você pensar.

– Você vai mandá-lo sozinho?

Charles não conseguia interpretar o tom de voz de Anna, mas seu pai obviamente viu algo que o intrigou.

– Não necessariamente.

Charles notou que a expressão do rosto de Bran era a mesma que ele tinha quando havia acabado de encontrar uma solução satisfatória para um problema. Charles foi apenas um pouco lento demais para entender o que ele queria dizer a tempo de impedi-lo.

– Você poderia ir com ele.

– Não.

Charles falou com convicção, mas com a sensação de que já era tarde demais.

Bran não prestou nenhuma atenção no que ele disse.

– Não será divertido. As montanhas são selvagens e você é uma garota da cidade.

– Sou um lobisomem – disse Anna, erguendo o queixo. – Devo ser capaz de lidar com um pouco de terreno selvagem, você não acha?

– Ela não tem um casaco quente, luvas ou botas – rosnou Charles, um pouco desesperadamente. Ele podia ver que seu pai já tinha se decidido, embora não tivesse ideia do porquê de sua determinação. – Nesta época do ano teremos de usar sapatos de neve, e Anna não tem experiência alguma. Ela vai me atrasar.

Seu pai tinha um olhar bastante intenso quando queria, e disparou:

– Mais do que o buraco na sua perna? – disse ele. Bran cruzou os braços e balançou nos calcanhares. Ele deve ter lido a recusa obstinada na face de Charles, porque suspirou e começou a falar em galês. – Vocês precisam de um tempo para resolver as coisas entre vocês. Anna não confia em nenhum de nós. Aqui há muitas

pessoas que iriam perturbá-la. – Seu pai era um cavalheiro, e nunca diria uma palavra contra a sua companheira, mas ambos sabiam que ele estava falando de Leah. – Sua Anna precisa conhecer você, Charles, afinal, você não se revela facilmente para ninguém. Leve-a e passe alguns dias a sós com ela. Vai ser bom para Anna.

– Para me ver matar o intruso?

Charles falou asperamente na mesma língua que seu pai estava usando. Anna sabia o que ele era, mas Charles não queria esfregar isso em seu rosto. Ele estava acostumado a assustar todo mundo, mas não queria fazer isso com Anna.

– Tenho certeza de que isso irá tranquilizá-la bastante.

– Talvez.

Não havia como argumentar com seu pai. Se ele já havia decidido sobre o rumo correto, todos que tentavam ficar em seu caminho eram derrubados tão facilmente como pinos de boliche.

Charles não gostava de ser um pino de boliche. Silenciosamente, ele olhou para seu pai.

O velho bardo sorriu um pouco.

– Tudo bem – disse Charles, agora em inglês. – Ótimo.

Anna ergueu o queixo:

– Vou tentar não atrasá-lo.

Naquele momento, Charles sentiu como se ela o tivesse atingido no estômago; ele havia conseguido fazê-la sentir-se indesejada, o que não tinha sido sua intenção em absoluto. Ele não tinha trato com as palavras, mas mesmo assim tentou consertar as coisas.

– Não estou preocupado com o fato de você me atrasar – disse ele. – Meu pai está certo. Com esta perna, eu não vou quebrar nenhum recorde de velocidade. Isso não vai ser divertido, não naquelas montanhas no inverno.

A verdade é que Charles não queria que ela o visse matar novamente. Às vezes tudo corria bem, e lobos lutavam contra ele,

como Leo havia lutado. Mas às vezes eles choravam e imploravam. E mesmo assim Charles tinha de matá-los.

– Tudo bem – disse Anna.

A tensão em sua voz lhe disse que ele ainda não tinha desfeito o dano, mas Charles não podia mentir e dizer a Anna que queria que ela o acompanhasse. Charles definitivamente não queria. E, embora soubesse que a capacidade de detectar uma mentira ainda era muito precária em Anna, não iria mentir para sua companheira.

– Eu entendo – Anna continuou olhando para o chão –, não vai ser divertido.

– Vou telefonar e mandar abrir o armazém geral – disse Bran.

Era impossível ver o que ele estava pensando – exceto que ele tinha escolhido não ajudar Charles.

– Pegue todos os equipamentos que você achar que ela poderá precisar.

Charles desistiu e voltou sua atenção para algo que sabia fazer.

– Diga a eles que estaremos lá em uma hora – disse. – Preciso falar com Heather e Tag, primeiro. Sairemos pela manhã.

– Leve o meu Humvee – disse Bran, tirando as chaves do chaveiro. – Vocês chegarão mais longe com ele do que com a caminhonete.

Como você é prestativo, não?, pensou Charles, com amargura frustrada. Bran não conseguia ler mentes, mas seu sorrisinho disse a Charles que ele podia ler a expressão no rosto do filho perfeitamente.

Charles não ficou surpreso ao ver Heather esperando por eles. Ela estava em pé do lado de fora da porta do quarto de hóspedes, encostada à parede, olhando para os próprios pés. Heather não olhou para cima quando eles se aproximaram, mas disse:

– Eu matei Jack quando decidi trazê-lo aqui, não foi?

– Tag foi para casa? – perguntou Charles.

Heather olhou para ele, examinando seu rosto.

– Ele disse que viu muito sangue para um dia só e desceu para assistir a um filme.

– Seu Jack vai ficar bem – disse Anna, aparentemente impaciente com a neutralidade de Charles. – Charles e eu vamos dar um jeito no lobisomem que o atacou, e felizmente isso será o suficiente para que seu amigo não vá até a imprensa com a história.

Heather olhou para Anna por um momento.

– Graças a Deus alguém aqui não se comporta como se informação fosse algo mais precioso do que ouro. Você deve ser o Ômega de Charles que veio de Chicago.

Anna sorriu, mas Charles percebeu que ela ainda precisava praticar.

– Lobos sempre guardam segredos, não é? Se isso ajuda, eu acho que o fato de você ter trazido o outro lobo – Tag, não é? – desequilibrou as coisas.

Heather olhou para Charles pelo canto dos olhos, e percebeu que ele notou sua intenção quando trouxera o tio até ali. Ainda assim, ele pôde sentir a verdade em suas palavras quando ela disse:

– Ele foi o único para quem pensei em telefonar. Sabia que ele viria apenas por que eu pedira.

Tag era assim.

– É possível acordarmos o seu Jack? – perguntou Charles.

– Ele está recobrando a consciência às vezes, mas em seguida volta a dormir. Agora ele está apenas dormindo, e não inconsciente.

O humano era um pouco mais velho do que Heather. Seu rosto estava contraído e pálido. Assim que Heather o acordou, o cheiro de sua dor encheu a sala.

Interessante... pensou o irmão lobo de Charles, vendo uma presa ferida. *Uma refeição fácil*.

Charles nunca tinha descoberto se o irmão lobo estava falando sério ou sendo engraçado, já que ambos sabiam que Charles nunca permitiria que eles se alimentassem de um ser humano. Charles suspeitava, desconfortavelmente, que isso era um meio-termo entre as duas coisas. Ele empurrou o irmão lobo para trás e esperou até que o humano focalizasse a visão nele por cima do ombro de Heather.

– Eu sou Charles – disse ele. – Um lobisomem. E Heather, eu não vou devorá-lo.

Heather desistiu de ficar entre os dois, embora Charles percebesse que ela queria ficar lá e proteger o amigo.

– Por que você nos atacou? – sussurrou Jack, com dificuldade de falar as palavras.

– Não fui eu – disse Charles. – Pergunte a Heather. Ela lhe dirá. Nós acabamos de ouvir sobre o lobo desgarrado, há alguns dias. Estou ferido, e meu pai queria esperar até que eu estivesse curado antes de me enviar atrás dele. Achamos que, com a temporada de caça quase no fim, haveria pouco perigo em esperar algumas semanas.

– Ferido?

Ele cerrou os dentes para controlar o lobo – que com uma fúria selvagem se manifestava contra a ação de Charles –, enquanto tirava a camisa para fora da calça. Depois disso, virou-se. A queimadura em seus ombros era óbvia, mas ele também estava cheirando seu próprio sangue desde que Anna havia derrapado com o carro, então tinha certeza de que as ataduras estavam sujas de sangue no local onde cobriam o buraco em suas costas.

Nem Jack nem Heather eram uma ameaça, mas o irmão lobo não se importava; exibir suas fraquezas para os outros era errado. Mas era importante que Jack entendesse por que eles haviam esperado. Se eles queriam que Jack ficasse quieto, tinham de mostrar a ele

que os lobisomens eram capazes de policiar seu próprio povo sob circunstâncias normais.

– Queimadura de bala – disse Jack.

– E mais dois que me atingiram – concordou Charles, enfiando a camisa de volta para dentro das calças.

– Jack era policial – elucidou Heather. Ela mantinha a cabeça virada, sem olhar para ele, e Charles gostou disso.

– Tive alguns problemas em Chicago há alguns dias – disse Charles.

– Você vai precisar cicatrizar – sussurrou Jack.

Charles balançou a cabeça.

– Não se temos um lobisomem lá fora caçando as pessoas. Ele olhou para Heather. – Esse foi um ataque não provocado?

Ela encolheu os ombros.

– Eu não sei ao certo. Ele saiu correndo e nos atacou. Há uma série de razões pelas quais o lobo desgarrado poderia ter feito isso, talvez ele esteja delimitando seu território ou há algo ou alguém que ele está protegendo. Mas eu mal o avistei e ele correu.

– Então, ele poderia estar caçando – concluiu Charles. – Não podemos nos dar ao luxo de esperar que ele encontre alguém para matar.

⊗

Anna desceu as escadas seguindo Charles, que foi procurar Tag, o tio de Heather. As escadas terminavam em um corredor estreito forrado de portas de aço, reforçadas com grossas barras de ferro prontas para ser colocadas nas aberturas de cada lado.

Em uma das portas, a barra estava em uso. Quem quer que estivesse nela tinha feito algum barulho até ouvir a presença deles no corredor. Então, o desconhecido ficou em completo silêncio, e Anna podia sentir que ele os escutava, enquanto caminhavam por ali.

Ela poderia ter perguntado a Charles sobre isso, mas seu rosto não estava nada convidativo. Anna não sabia dizer se Charles estava bravo com ela ou apenas pensando. De qualquer maneira, não queria incomodá-lo. Ela já o havia irritado o suficiente. Anna deveria ter dito a ele que iria ficar.

Mas isso teria significado que ele iria sozinho, ferido, para enfrentar um lobo desgarrado desconhecido. Seu pai parecia achar que ele poderia cuidar de si mesmo, mas no dia anterior ele não estivera lá com Anna quando Charles estava ferido demais para se mover sem ajuda.

Se Charles decidisse que não a queria, o que ela faria?

Houve uma porta mais amigável no fim do corredor, sem cadeados ou barras. Mas, quando eles se aproximaram, ela ouviu o som de uma explosão.

– Nossa! – disse alguém, com apreciação feroz.

Charles abriu a porta sem bater.

Anna teve uma rápido vislumbre de uma enorme tela de TV conectada a uma variedade de elegantes caixas-pretas e alto-falantes por meio de arco-íris de cabos. Mas o que chamou sua atenção (e a prendeu) foi um homem grande estendido nas costas de um sofá como um gato doméstico gigante. E “gigante” era a palavra certa.

Charles era um homem alto, mas Anna estaria disposta a apostar que Colin Taggart era mais alto em vários centímetros e mais largo que Charles. Apesar do frio, ele calçava sandálias nos pés grandes, amarradas sobre um par de meias de lã grossas, gastas e puídas, mas limpas. Calças *baggy* cáqui eram encimadas por uma camiseta tingida em *tye-dye*[1] que ia até suas coxas. Seu cabelo era espetacularmente vermelho-alaranjado e grosso como a crina de um pônei, mas enrolado e emaranhado em um penteado que poderia ter sido uma tentativa deliberada de fazer *dreadlocks*, ou era apenas

desleixo mesmo. Ele tinha puxado toda aquela massa para longe do seu rosto com uma substancial faixa de borracha, manchada de tinta.

Anna notou que ele não fora ao funeral. Ela certamente teria se lembrado dele. Provavelmente ele estava fora respondendo ao chamado da sobrinha.

Sua pele tinha o tom pálido que denunciava ascendência irlandesa, ainda mais com as sardas espalhadas pelas bochechas. Com a sua cor e os traços do rosto definidos, ele poderia muito bem ter “irlandês” tatuado na testa. E cheirava a um estranho incenso com um cheiro agradável de terra, que ela não conseguia identificar, e parecia dez ou quinze anos mais jovem que sua sobrinha. A única coisa que eles tinham em comum era a cor cinza-claro dos olhos.

Depois de um rápido olhar para Charles quando eles entraram na sala, Tag voltou sua atenção para a TV e assistiu ao final da explosão. Depois, pausou o filme com o controle remoto.

– Então – disse ele, com uma voz de tom surpreendentemente alto –, você não cheira à morte.

Sua voz não era de um soprano, mas um homem tão grande deveria ter uma voz grossa como um bumbo. A dele soava mais como um clarinete. Era isso, um clarinete americano: seu tom de voz era o de um autêntico locutor de TV.

– Se o amigo de Heather puder manter a boca fechada, ele estará seguro o suficiente – disse Charles. – Nós vamos caçar bem cedo pela manhã. Eu ficaria muito agradecido se você pudesse fazer algumas coisas para mim.

Anna percebeu que a pose relaxada de Tag tinha sido um ardil, pois o outro lobisomem se ergueu e deslizou para baixo no assento do sofá, usando o impulso para ficar em pé; tudo com a velocidade controlada e a graça de um dançarino de balé.

Em pé, ele ocupava a maior parte da pequena sala. Anna deu um passo involuntário para trás, o qual nenhum dos homens pareceu

notar.

Tag sorriu, mas seus olhos estavam cautelosos e ele os manteve focalizados em Charles.

– Tudo bem então; contanto que você não mate o meu pequeno amigo, ficarei feliz em ajudar.

– Eu preciso de você e de Heather para descobrir exatamente onde eles estavam quando foram atacados, de preferência em um mapa. Veja se ele consegue identificar onde a outra vítima do lobisomem foi atacada, e também o estudante. – Charles olhou para Anna, examinando-a de forma impessoal antes de voltar sua atenção para o outro homem. – Então passe na Jenny e veja se ela tem alguma roupa suja, algo no qual ela tenha transpirado.

Os olhos do lobo se estreitaram.

– Você vai fazer aquele truque do cheiro? O Harrison da Jenny tem mais ou menos o seu tamanho. Você quer que eu pegue alguma coisa dele para você?

– Isso seria bom. Encontre-nos de volta na minha casa em algumas horas com o mapa e as roupas.

– Bran não vai executar o homem de Heather.

Isso era uma afirmação, mas havia um traço de incerteza na voz de Tag.

Charles deu de ombros.

– Não agora, pelo menos. A não ser que ele decida fazer alguma coisa idiota.

Isso não soava muito com uma garantia para Anna, mas Tag parecia ter entendido dessa maneira.

– Ótimo, então – disse ele, com um aceno. – Vejo vocês em algumas horas.

⊠

Charles estacionou o Humvee na frente da casa, provavelmente porque não caberia na garagem. Ele estava rígido e mancando

quando chegaram, mas, assim que Anna tentou pegar os pacotes que haviam trazido da loja, Charles apenas olhou para ela. Anna levantou as mãos, desistindo da tarefa, e deixou-o levar tudo para dentro da casa sozinho. Charles não havia dito nada sobre o complicado assunto da caçada desde que haviam deixado o escritório do pai dele.

– Talvez você deva levar alguma outra pessoa – disse ela finalmente, enquanto fechava a porta protegendo-os do frio intenso do inverno. – Outro lobo pode ser mais útil. – Charles virou-se e olhou-a no rosto. Ele lentamente tirou as luvas, sempre olhando para ela, com seus olhos negros refletindo a fraca luz da casa. Anna manteve o olhar dele por um segundo ou dois, antes de abaixar seus próprios olhos.

– Eu não gosto de trazer reforços para matar – disse ele, depois de um momento. – A presença de mais lobos tende a estragar as coisas. – Charles tirou o casaco e colocou-o deliberadamente atrás das costas do sofá. – Este é um lobisomem que está matando seres humanos. Ele pode estar fazendo isso de propósito, como alguém que age contrário aos planos de meu pai para cuidadosamente revelar nossa presença para os seres humanos. Mas eu pensei nessa possibilidade e não acho que é isso o que está acontecendo. Somente uma pessoa desesperada iria para as Cabinets nesta época do ano, quando Missoula ou Kalispell são muito mais convenientes – e atrairiam mais atenção. Na minha opinião, correr pela floresta no inverno é complicado demais para um ataque planejado ou um assassino endurecido. Acho que estamos lidando com um lobo desgarrado. Alguém que não tem sabe muito das coisas e está tentando se manter escondido. Alguém perigoso, como ele tão habilmente soube demonstrar, mas nada com que eu não possa lidar.

– Farei o que você me mandar – disse Anna, olhando para o chão, sentindo-se tola por insistir em ir e ao mesmo tempo

deprimida, porque Charles não a queria lá. – Tentarei não ficar no seu caminho.

– Eu não teria considerado levá-la, se não fosse a insistência de meu pai – disse ele lentamente. – E eu estaria errado. – Suas palavras pegaram-na totalmente de surpresa. Meio desconfiada de que não tivesse entendido direito, ela olhou para cima e viu seu sorriso envergonhado. – Eu acho – continuou – que mesmo um lobisomem merece uma chance, não é? Um desgarrado escondido nas montanhas deve estar muito desesperado, e há uma boa chance de que ele seja tão vítima quanto o caçador morto e o Jack de Heather. Mas, mesmo se eu tivesse certeza de que ele estava apenas sob o efeito da lua e fora de controle, agindo irracionalmente, provavelmente ainda teria de matá-lo se eu fosse sozinho. Mas veja o que você fez com Asil essa manhã. Se você vier comigo, pode ser que seja capaz de dar a esse lobo uma chance.

Anna considerou suas palavras, mas ele parecia sério.

– Você não está zangado? Não gostaria que eu tivesse ficado de boca fechada?

Charles percorreu a distância entre eles e a beijou. Quando ele se afastou, o coração dela estava batendo rápido, e não era de medo. Anna podia ver o pulsar da veia em seu pescoço, e ele cheirava à neve fresca que cobria os arredores.

– Não – murmurou ele. – Eu não quero que você fique quieta – disse Charles, correndo um dedo de leve até sua mandíbula. – Tag estará aqui em um minuto. Deixe-me preparar algo para comer antes que ele mesmo faça isso.

Embora Charles ainda estivesse visivelmente dolorido e afirmasse não ser um grande cozinheiro, preparou o ensopado que Anna estava organizando antes de Bran ligar. Charles lhe disse para buscar as batatas, que ele mantinha escondidas no andar de baixo

em um saco de juta de 25 kg, mas parecia perfeitamente satisfeito em fazer todo o trabalho sozinho.

Anna o observou enquanto ele cozinhava, e a euforia induzida pelo seu beijo se desvaneceu. Charles era um homem acostumado a viver sozinho, acostumado a depender de si mesmo. Ele não precisava dela, mas Anna era completamente dependente dele.

Enquanto esperavam o ensopado cozinhar, ele ligou a pequena TV na sala de jantar, a única TV que ela tinha visto na casa, e uma mulher alegre com batom brilhante lhes disse que faria mais frio no dia seguinte. Charles sentou-se, e ela pegou uma cadeira no lado oposto de sua mesa de jantar de carvalho.

– Notícias locais – disse Charles, enquanto observavam a previsão. – Missoula e Kalispell.

Anna não sabia por que não deixava somente a TV preencher aquele silêncio de uma vez por todas:

– Seu pai me disse que eu deveria perguntar a você como entrar em contato com a minha família – disse Anna, enquanto a mulher-âncora iniciava uma reportagem sobre compras locais de Natal durante o fim de semana: vendas no varejo em declínio em relação ao ano anterior, vendas pela internet aumentando.

– Há algum problema com eles?

– Eu não sei. Logo depois que passei pela Transformação, perdi o contato com eles.

– Você não fala com sua família há três anos?

Charles franziu o cenho para ela, preocupado, e um olhar de compreensão apareceu em seu rosto.

– Ele não permitia. – Anna olhou para ele por um momento. – Leo disse que qualquer ser humano que simplesmente suspeitasse de nossa existência seria morto. E que qualquer contato prolongado com algum membro da minha família já seria motivo para eliminá-lo. Por sugestão dele, eu fiquei ofendida com algo que minha cunhada disse e não falo com eles desde então.

– Idiota – rosnou Charles, e então sacudiu a cabeça para ela. – Não você; Leo. Por que ele... Acho que ele pensou que sua família não iria gostar da forma como a tratavam e criariam problemas – e espero que estivesse certo. Se você quiser ligar para eles agora mesmo, vá em frente. Ou, quando voltarmos, poderemos fazer uma visita à sua família. Algumas coisas são mais bem explicadas pessoalmente.

Anna sentiu a garganta apertada, e tentou sugar de volta as lágrimas repentinas, tolas.

– Sinto muito – ainda conseguiu dizer.

Charles se inclinou na direção dela, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, os dois ouviram o som inconfundível de um carro estacionando.

Sem bater, Tag entrou como uma nevasca morna; tinha um saco de papel em uma das mãos e um mapa na outra.

– Aqui está. – Ele parou e cheirou o ar apreciativamente. – Diga-me que há o suficiente para uma terceira pessoa. Estive fazendo o que você pediu e ainda não comi nada.

– Sirva-se – disse secamente Charles, pois Tag tinha se livrado dos pacotes e já estava na cozinha.

Anna ouviu-o fazendo barulho por um momento, e então ele veio caminhando até a sala de jantar com três tigelas de ensopado em suas mãos grandes. Ele colocou uma na frente de Anna, uma na frente de Charles e uma em frente a um lugar ao lado de Charles. Tag fez uma outra visita à cozinha e trouxe três copos de leite e colheres. Ele lidou com os pratos com tamanho profissionalismo que Anna achou que Tag passara algum tempo trabalhando como garçom em algum lugar.

Ele manteve um olho em Charles enquanto este se sentava, e Anna percebeu algo que vinha notando subconscientemente há um longo tempo. Apesar de seu comportamento casual, Tag tinha medo de Charles, assim como Sage, apesar do seu “Charlie”.

Havia uma razão para que a companheira de Bran, Leah, fosse até ali enquanto Charles estava ocupado em outro lugar, e também havia um motivo para ela não estar familiarizada com a casa. Anna tinha reconhecido o medo de Heather, mas Heather era humana. Os outros eram todos lobisomens, e a reação deles fora de movimentos corporais sutis, como a vigilância de Tag.

Tag comeu algumas colheradas fazendo barulho com a boca, o que teria levado a mãe de Anna a lhe bater na mão. Em seguida, disse a Charles:

– Ela precisa comer. Leo nunca soube cuidar das dádivas que recebia.

– Ele não recebeu Anna como uma dádiva – disse Charles. – Ele a caçou.

O rosto de Tag ficou impassível.

– Ele transformou um Ômega à força?

Anna captou choque e descrença na voz de Tag.

– Não – disse Charles. – Ele a caçou e, quando a encontrou, mandou um cachorro louco atrás dela.

– É preciso ser um louco desgraçado para atacar um Ômega. Você o matou?

A descontração na voz de Tag era um pouco estudada demais para ser real.

– Sim.

– Leo também?

– Sim.

– Ótimo.

Tag contemplou Anna sem olhar nos olhos dela, e, em seguida, começou a jantar de novo.

– Eu não era um Ômega naquela época – disse Anna. – Era apenas um ser humano.

Charles deu um pequeno sorriso e começou a comer seu ensopado.

– Você nasceu um Ômega, assim como meu pai era dominante e perigoso desde o seu primeiro passo, humano ou não. Ser um lobisomem só traz essas características à tona, e a idade as aperfeiçoa.

– Ela não sabe disso? – perguntou Tag.

– Leo fez o que pôde para mantê-la ignorante de tudo e sob seu controle – disse-lhe Charles. – Tag levantou uma sobrancelha peluda e vermelha para ela. – Eu jamais gostei de Leo, dissimulado demais. É difícil para um lobo dominante machucar um lobo submisso se ele for mentalmente saudável: nossos instintos nos dizem para protegê-los. O Ômega está um degrau acima disso. Quando humana, você era ainda mais frágil do que é agora, os instintos apenas aumentaram. Um Ômega humano é algo que somente um cachorro louco, um lobo alucinado por matar, atacaria.

Ambos os homens tinham recomeçado a comer, antes que Anna decidisse desafiar aquela declaração.

– Nenhum dos lobos na alcateia de Leo parecia ter dificuldade em me machucar.

Os olhos de Tag encontraram os de Charles, e Anna se lembrou de que havia um lobo debaixo daquela alegria impetuosa.

– Eles deveriam ter tido dificuldade – disse Charles asperamente. – Se Leo não os tivesse encorajado, eles a teriam deixado em paz.

– Nenhum deles o contradisse? – perguntou Tag.

– Leo já havia eliminado todos os fortes – disse Charles. – Os outros estavam sob o seu domínio: eles pulavam quando ele os ordenava.

– Tem certeza de que você o matou? – perguntou Tag.

– Sim.

Os olhos de Tag contemplaram Anna mais uma vez.

– Ótimo.

Assim que todos terminaram de comer, Tag pegou o mapa que tinha trazido e abriu-o sobre a mesa.

Anna recolheu os pratos sujos e limpou tudo após o jantar, enquanto Charles e Tag resmungavam sobre o mapa. Ela voltou a olhar por sobre o ombro de Charles e ouviu Tag dizer:

– Todos os ataques foram a poucos quilômetros do Lago Baree. Há uma velha cabana no bosque; já ouvi falar dela, mas nunca a vi.

– Eu sei onde fica. Bem lembrado. – Charles bateu o dedo no mapa. – Fica por aqui, não muito longe de onde ocorreram os ataques. Eu não vou ao Lago Baree no inverno há dez ou quinze anos. Esse ainda é o melhor caminho?

– É o caminho que usei hoje. Você vai pegar essa estrada pequena aqui.

Tag apontou, mas Anna não viu uma estrada.

– Está certo – disse Charles. – Então vamos caminhar até Silver Butte Pass.

– Certo. O primeiro ataque foi aqui em cima – Tag apontou ligeiramente à esquerda do Lago Baree –, bem naquela trilha pela qual normalmente você seguiria no verão, a alguns quilômetros do lago. O caçador morto foi encontrado aqui, a cerca de um quilômetro do lago. Ele provavelmente veio de Silver Butte Pass, assim como você vai fazer. Tivemos muita neve no final de outubro; quando a temporada de caça começou, a antiga estrada do serviço florestal já estava comprometida. Heather e Jack foram atacados aqui, a seis quilômetros da caminhonete. Eu consegui dirigir mais quatrocentos metros mais para perto; você será capaz de fazer um pouco melhor no Humvee.

Charles fez um barulho concordando e, em seguida, disse:

– Poderia ser muito pior. Poderíamos estar tentando chegar a Vimy Ridge.

Tag deu uma risadinha.

– Que é exatamente onde você se esconderia. Eu não gostaria de ser o lobo que estivesse caçando você naquele lugar no alto verão, muito menos no meio do inverno. Felizmente, o Lago Baree é

o mais próximo de um passeio de domingo que você pode encontrar nas montanhas Cabinet – disse Tag, e depois olhou para Anna. – Mas não estou dizendo que é fácil, e sim que é possível. A única maneira de chegar a Vimy Ridge nesse tempo é por helicóptero. A neve pode chegar a mais de catorze pés[2] de profundidade em algumas das partes mais altas; você vai ver algo parecido lá no alto, nas montanhas acima de Baree. Você vai com esse velho lobo, e vai obedecer-lhe, ou, lobisomem ou não, nós provavelmente sairemos em busca de seu corpo morto.

– Não há necessidade de assustá-la – disse Charles.

Tag se recostou na cadeira e sorriu.

– Ela não está com medo. Está, meu bem?

E naquela última frase ela ouviu a sugestão de um sotaque irlandês, ou talvez *cockney*[3]. Ela podia ter um bom ouvido, mas precisava de mais do que três palavras.

Tag olhou para Charles.

– Heather teve de caminhar até o alto da montanha para me telefonar. É impossível conseguir um sinal de celular na maior parte das Cabinets.

– Eu estacionei aqui – disse Tag, batendo no mapa –, e andando um pouco por lá consegui um sinal de celular. Sugiro que vocês estacionem perto de lá e deixem os celulares no carro.

Charles deu-lhe um olhar penetrante.

– Caso não seja um lobo desgarrado solitário?

– Você e Bran não são os únicos que podem somar dois e dois – disse Tag. – Se este for um ataque de algum tipo, você não vai querer que esses caras sejam capazes de rastreá-los pelo lindo localizador de sinal que os celulares possuem hoje em dia.

– Eu não tinha essa intenção – concordou Charles. – Ele se inclinou sobre o mapa novamente. – Considerando apenas os ataques, parece que Baree é o centro de seu território, mas...

– Quando a neve cair, não haverá muitas pessoas a leste ou oeste do lago – disse Tag decisivamente. – O Lago Baree tanto pode ser a fronteira de seu território quanto o centro dele.

Charles franziu as sobrancelhas.

– Não creio que o encontraremos indo para o leste. Se ele estava naquele grande vale do outro lado da montanha acima de Baree, o próprio terreno iria definir o seu território através do vale e talvez até o Lago Buck ou mesmo Wanless, mas não sobre a montanha. A escalada saindo do vale até Baree é quase impossível nesta época do ano, mesmo a cavalo.

– Oeste então.

Charles correu um dedo partindo da localização do Lago Baree até alguns lagos menores.

– Acho que vamos até Baree e depois para o oeste, até os Lagos Bear através de Iron Meadows e de volta sobre essa montanha até o carro. Se nós não o encontrarmos lá, acho que será necessário chamar a alcateia inteira.

– Você precisa ter cuidado, há muitos locais de avalanche próximo dos Bear – disse Tag, mas Anna podia ouvir a aprovação em sua voz.

Eles passaram algum tempo planejando uma rota que levaria quatro dias de caminhada. Quando terminaram, Tag tocou na testa como se estivesse levantando um chapéu invisível.

– Prazer em conhecê-la, senhora – disse ele. Então, sem lhe dar tempo para dizer qualquer coisa, ele saiu tão precipitadamente como chegara.

SEIS

– Ele gosta de você – disse Charles, dobrando o mapa.

– Como você sabe disso? – perguntou Anna.

– Ele não conversa com pessoas de quem não gosta e...

Charles começou a dizer algo mais, mas ergueu a cabeça e olhou fixamente para a porta com as sobrancelhas franzidas.

– O que será que ele quer?

Depois que ele a fez prestar atenção, Anna também ouviu o carro estacionando.

– Quem é? – perguntou ela, mas Charles não respondeu, apenas saiu precipitadamente da sala, deixando-a para trás. Anna o seguiu, hesitante.

Charles abriu a porta rapidamente: era o lobo do funeral, Asil. Uma de suas mãos estava levantada, pronta para bater na porta. Na outra mão ele tinha uma buquê de flores, na sua maioria rosas amarelas, mas havia também algumas flores roxas parecidas com margaridas.

Asil reagiu serenamente à mudança de situação ao entrar pela porta, dando um sorriso para Anna, enquanto evitava o olhar de Charles. Esse talvez era o modo mais adequado e correto de responder ao olhar de um lobo obviamente irritado que ainda por cima era mais dominante – exceto pelo fato de que os olhos de Asil estavam ousadamente cravados em Anna.

– Trouxe minhas desculpas – disse ele. – Para a dama.

Anna notou Asil era quase trinta centímetros mais baixo do que Charles, e apenas alguns centímetros mais alto do que ela.

Com Asil ali, ao lado de Charles, Anna notou que o tom da pele e dos cabelos dos dois era similar: a pele escura e os olhos e cabelos

ainda mais escuros – negros, à luz artificial da sala. Mas o tom da pele era diferente, e os traços de Asil eram mais ásperos, característicos de uma pessoa do Oriente Médio, e não de um nativo americano.

– Para a *minha* dama – disse Charles, lentamente, com um rosnado em sua voz.

O sorriso de Asil era reluzente, e o lobo apareceu em seu rosto por um instante antes de desaparecer.

– Para a *sua* dama, claro... – Ele entregou as flores para Charles, e então disse suavemente: – Ela não carrega o seu cheiro, Charles. É por isso que cometi o erro.

Asil olhou para Charles maliciosamente, sorrindo de novo, e depois virou as costas e quase correu de volta para o carro, que ainda estava com o motor ligado.

Anna preparou-se para enfrentar a raiva que sentia em Charles, embora não entendesse por que as últimas palavras de Asil o haviam deixado com tanto ódio.

Charles fechou a porta e silenciosamente estendeu as flores em direção a Anna. Porém, havia uma brutalidade na tensão de seus ombros e na linguagem corporal que fez com que Anna colocasse as mãos atrás do corpo e desse um passo para trás. Ela não queria ter nada a ver com as flores de Asil, se elas deixavam Charles com tanta raiva.

Naquele momento, Charles olhou *para* ela, e não *através* dela, e os músculos de seu rosto ficaram ainda mais tensos.

– Eu não sou Leo ou Justin, Anna. As flores são suas. Elas são bonitas, e cheiram bem, melhor do que a maioria das flores. Asil tem uma estufa, e raramente corta os botões de suas plantas. Ele estava agradecido por sua ajuda esta manhã, ou não teria feito isso. O fato de poder me provocar quando lhe deu as flores deixou-o apenas um pouco mais feliz. Você deve apreciá-las.

Suas palavras não correspondiam à raiva cujo cheiro ela podia sentir, e, embora Charles achasse que ela não usava o nariz de forma muito eficaz, Anna tinha aprendido a acreditar mais nele do que em seus ouvidos.

Anna não conseguiu olhar nos olhos dele, mas pegou as flores e foi até a cozinha, onde parou; não tinha ideia de onde achar um vaso. Anna ouviu um barulho vindo de trás e viu que Charles colocara um dos vasos de cerâmica da sala de estar em cima do balcão da cozinha.

– Este aqui deve ter o tamanho adequado – disse ele. Anna simplesmente ficou parada ali, então ele mesmo decidiu encher o vaso com água, mas bem devagar para que Anna não se assustasse (como ela mesmo percebeu). Charles pegou o buquê, cortou as pontas dos caules e fez um arranjo, com mais cuidado do que arte.

Anna levou algum tempo para lidar com o choque súbito do medo, seguido pela vergonha por sua covardia. E não queria piorar as coisas dizendo a coisa errada. Ou fazendo.

– Sinto muito – disse ela. Seu estômago estava tão tenso que era difícil respirar. – Não sei por que fui tão tola.

Charles parou de lidar com a última flor, uma das roxas. Lentamente, de forma que ela tivesse tempo bastante para se afastar, ele colocou um dedo embaixo do queixo dela e o levantou.

– Você me conhece há menos de uma semana – disse-lhe Charles –, e não há como passar por cima disso. Não foi tempo suficiente para aprender a confiar. Está tudo bem, Anna, eu sou paciente. E não vou machucá-la, se puder evitar.

Ela olhou para cima, esperando ver olhos negros, mas, em vez disso, viu olhos dourados. Porém, a mão de Charles segurando o seu queixo era suave, mesmo com o lobo tão próximo.

– Sou eu que sinto muito – disse ele. Anna percebeu que Charles estava pedindo desculpas, tanto pelo lobo quanto por sua breve

manifestação de mau humor. – Tudo isso é novo para mim, também – disse, sorrindo rapidamente. A expressão estranhamente juvenil lhe dava um ar envergonhado, apesar de uma certa aspereza. – Não estou acostumado a ficar com ciúmes, ou ter tão pouco controle. Não são apenas os ferimentos à bala, embora eles não ajudem em nada – continuou Charles.

Os dois ficaram assim por mais alguns minutos, a mão dele sob o queixo dela. Anna estava com medo de se mover, receosa de provocar a fúria que mantinha os olhos de Charles na cor amarelo-lobo ou fazer algo que o magoasse, como ela havia feito ao sentir medo dele. Ela não sabia o que Charles estava esperando.

Ele falou primeiro.

– Meu pai me disse que havia algo a perturbando quando você saiu da igreja essa manhã. Foi o Asil? Ou foi outra coisa?

Anna deu um passo para o lado. Charles a deixou ir, mas a mão dele escorregou da sua face para o ombro, de modo que ela não pudesse dar outro passo e afastar-se do toque da mão dele. Charles iria julgá-la uma idiota neurótica se ela não se controlasse melhor.

– Não havia nada me perturbando. Estou bem.

Charles suspirou.

– Sete palavras e duas mentiras. Anna, terei de ensinar a você como farejar uma mentira, assim você não vai tentar mentir para mim. – Ele tirou a mão do seu ombro e ela sentiu vontade de chorar pela perda de seu toque, embora parte dela não quisesse ter nada a ver com ele. – Você pode simplesmente me dizer que não quer falar a respeito.

Cansada de si mesma, Anna esfregou o rosto, inflou as bochechas e então bufou como um cavalo sem fôlego. Finalmente, levantou o olhar e encontrou o dele novamente.

– Eu estou péssima – disse ela. – Especialmente, não sei o que estou sentindo ou por que, e ainda não quero falar sobre o resto.

Talvez nunca. Com ninguém. Ela era uma tola, uma covarde, e tinha se metido em uma situação em que estava indefesa. Quando eles voltassem das montanhas, ela iria encontrar um emprego. Com dinheiro no banco e algo construtivo para fazer, poderia encontrar um rumo.

Ele inclinou a cabeça.

– Eu entendo. Você foi arrancada de tudo o que conhecia, jogada no meio de estranhos, e todas as regras que você conhecia foram puxadas debaixo de seus pés. Vai levar algum tempo para você se acostumar. Se tiver dúvidas sobre algo, é só perguntar. Se não quiser falar comigo, você pode falar com o meu pai ou... Sage? Você gostou de Sage?

– Eu gostei de Sage.

Será que ela tinha alguma dúvida? Sua irritação consigo mesma havia sido facilmente transferida para Charles, muito embora ela pudesse ver que ele não queria tratá-la como criança. Charles não estava tentando ser condescendente; estava apenas tentando ajudar. Não era culpa dele se o tom conciliador de sua voz a deixara irritada, especialmente quando Anna percebia que ele ainda estava bravo com alguma coisa. Anna gostava de Sage? Como se ele precisasse sair e encontrar amigos para ela...

Anna estava cansada de ter medo e de incertezas. Charles queria que ela fizesse perguntas. Ela fora ensinada a não perguntar nada – lobisomens mantinham segredos como se fossem barras de ouro no cofre. Ótimo.

– O que foi que Asil lhe disse para que você passasse de irritado a furioso?

– Ele ameaçou tentar tirar você de mim – disse-lhe Charles.

Anna pensou na conversa entre os dois, mas não conseguiu ver a ameaça.

– Quando?

– É preciso mais do que essa atração entre nós para selar nossa união como companheiros. Quando ele me disse que você não carrega meu cheiro, estava dizendo que nós não havíamos completado nossa união e que ele a considerava disponível. – Anna franziu as sobrancelhas para ele. – Nós não fizemos amor – disse Charles. – E há uma cerimônia sob a lua cheia que consolida nossa união, um casamento. Sem isso, Asil ainda pode cortejar você sem medo de retaliação.

Aí estava mais uma coisa sobre a qual Anna nunca ouvira falar até aquele momento. Se ela tivesse dez anos a menos, teria batido o pé.

– Será que há um livro? – perguntou ela, irritada. – Algo onde eu possa aprender essas coisas?

– Você poderia escrever um – sugeriu Charles.

Se ela não estivesse observando sua boca, não teria percebido o toque de humor. Charles a achava engraçada.

– Talvez eu escreva – retornou Anna, mal-humorada, e virou as costas, mas não havia para onde ir. Iria para o quarto dele?

Anna se fechou no banheiro e abriu o chuveiro para encobrir quaisquer sons que fizesse como se fosse uma segunda barreira, porque a porta que havia trancado atrás dela não era o suficiente.

Ela, então, olhou-se no espelho, que estava começando a ficar embaçado. O reflexo turvo apenas aumentava a ilusão de que ela estava olhando para uma estranha, alguém que Anna desprezava pela covardia e pelas incertezas, que não prestava para nada, exceto servir mesas em restaurantes. Mas isso não era novidade; ela havia detestado a si mesma desde que fora transformada nisso... nesse monstro.

Um monstro patético, aliás.

Seus olhos estavam arroxeados; o rosto, pálido. Anna se lembrou de sua atitude de pânico depois do breve show de mau humor de Charles, e de como ela havia se desculpado miseravelmente por

impor sua presença a ele nessa expedição. E então Anna desprezou-se ainda mais. Ela não costumava ser assim.

Não era culpa de Charles.

Então, por que ela estava tão *zangada* com ele?

Violentamente, Anna tirou as roupas e entrou no chuveiro quente, sentindo algum alívio quando a dor provocada pela água quente demais atravessou o patético emaranhado de emoções no qual ela estava chafurdando.

E, nesse momento de lucidez, ela entendeu por que estava tão chateada no final do funeral, e por que estava tão chateada com Charles, em particular.

Anna não havia percebido o quanto desejava ser humana novamente. Ela sabia que era impossível, sabia que nada poderia desfazer a magia que lhe fora imposta. Mas isso não significava que ela não quisesse.

Por três anos ela vivera com monstros, e tinha sido um deles. E, de repente, Charles apareceu. Ele era bem diferente deles, pois havia lhe dado esperança.

Mas isso não era justo. Não era culpa de Charles o fato de que parte dela tinha decidido que não se tratava apenas de abandonar sua alcateia, mas também de deixar os monstros para trás.

Charles nunca mentira para Anna. Ele lhe dissera que era o assassino de aluguel de seu pai, e ela não havia duvidado dele. Anna o tinha visto lutar e matar. Mesmo assim, de alguma forma, ela conseguira convencer a si mesma que Montana seria diferente. Que ela poderia ser normal, poderia ser *humana* todos os dias, exceto na lua cheia, e mesmo isso seria diferente aqui, onde havia espaço para correr sem ferir ninguém.

Anna deveria ter sabido, ou melhor, ela sabia.

Charles também não tinha culpa de ser um monstro.

Tinha sido fácil colocar a culpa da destruição da cela de contenção da alcateia de Chicago no envenenamento por prata.

Mas naquele dia à noite, ao confrontar Asil, ele havia mostrado que não era diferente dos outros lobisomens machos: era feroz, possessivo e perigoso.

Anna havia se dado ao luxo de pensar que as coisas eram assim somente na alcateia de Chicago, e que o horror criado por Leo e sua companheira era a razão para aquela coisa terrível que a alcateia havia se tornado.

Anna queria um cavaleiro que pudesse resgatá-la, alguém que colocasse um pouco de ordem no meio daquela loucura, e Charles havia sido exatamente isso. Anna sabia o que estava procurando? Charles havia agido de forma deliberada?

Enquanto a água embaraçava seus cabelos e escorria pelos seus olhos e por sua face como lágrimas, sua última pergunta fora esclarecida e seu maior receio recebera uma resposta: é claro que Charles não havia deliberadamente fingido ser o seu cavaleiro – ele era exatamente isso.

Charles era um lobisomem dominante o suficiente para vencer o Alfa de uma alcateia sem precisar dos recursos que um Alfa tinha. Ele era o assassino de aluguel de seu pai, um assassino temido até mesmo por outros membros de sua própria alcateia. Ele poderia ter sido como Justin: voraz e cruel.

Em vez disso, ele conhecia a loucura da qual eram feitos os lobisomens e conseguia não apenas controlá-la, mas utilizá-la para fazer algo melhor. Anna viu a imagem repentina de suas lindas mãos delicadamente colocando as flores no vaso, enquanto seu lobo desejava violência da pior maneira possível.

Charles era um monstro. O assassino de aluguel de seu pai. Anna não se deixaria levar por uma mentira de novo. Se Bran tivesse ordenado, ele teria matado Jack. Teria feito isso, sabendo que o homem era apenas uma vítima, que provavelmente era um bom homem. Mas isso não teria sido algo simples de se fazer. Anna

tinha visto o alívio que Charles sentira quando Bran encontrou uma alternativa para a morte do humano.

Seu companheiro era um assassino, mas não gostava disso. Pensando claramente, Anna estava um pouco impressionada em ver como Charles conseguia ser tão civilizado e ainda atender às demandas de quem e do que ele era obrigado a ser.

A água estava esfriando.

Anna lavou o cabelo com xampu, e viu que ali enxaguar o sabão era mais demorado; a água de Chicago era muito mais leve. Depois disso, Anna condicionou o cabelo com algo que cheirava a ervas e hortelã, reconhecendo o cheiro do cabelo de Charles. A essa altura, a água já estava começando a ficar desconfortavelmente fria.

Anna levou muito tempo penteando os fios emaranhados sem olhar para o espelho e se concentrou para nada sentir. Ela era boa nisso, e aperfeiçoou esse atributo ao longo dos últimos três anos. Quando fosse encarar Charles novamente, não queria parecer uma medrosa chorona mais uma vez, e para isso precisava controlar seu medo.

Anna sabia um jeito de fazer isso. Era uma fraude, mas ela iria se permitir usá-la mesmo que apenas por essa noite, pois tinha feito papel de boba ao se esconder no banheiro.

Anna olhou no espelho e viu seus olhos castanhos ficarem mais claros até chegar ao azul-prateado e voltar à cor original. Era o suficiente. A força e a coragem do lobo a envolveram e lhe deram uma postura resignada. Ela iria sobreviver ao que quer que acontecesse, como antes.

Se Charles era um monstro, era por necessidade, e não por escolha.

Anna se vestiu com a camisa amarela e a calça jeans, e em seguida abriu a porta do banheiro devagar.

Charles estava encostado, ainda de olhos dourados, na parede oposta à porta. Com exceção dos olhos, ele era a personificação do

relaxamento, mas Anna sabia que devia acreditar no que aqueles olhos lhe diziam.

Ela havia verificado seus próprios olhos um certo olhar no espelho antes de abrir a porta.

– Resolvi que você precisa saber mais sobre o Asil – disse-lhe Charles, como se a conversa não tivesse sido interrompida.

– Tudo bem.

Anna ficou parada na porta, com o vapor quente do banheiro às suas costas.

Charles falou devagar e distintamente, como se estivesse puxando as palavras por entre os dentes.

– Asil não é o nome verdadeiro dele, embora a maioria das pessoas o chame assim. Também o chamam de Mouro. – Anna estacou. Mesmo tendo pouca informação sobre sua espécie, já ouvira falar do Mouro. Não era um lobo com quem você iria querer se meter. Charles viu sua reação, e seus olhos estreitaram-se. – Se há um lobo neste mundo mais velho do que meu pai, deve ser Asil.

Ele parecia estar esperando que Anna comentasse, e então ela finalmente perguntou:

– Você não sabe a idade de Asil?

– Eu sei a idade dele. Asil nasceu exatamente antes de Charles Martel, o avô de Charlemagne[1], derrotar os mouros na batalha de Tours. – O rosto dela deve ter se mostrado inexpressivo. – Século VIII d.C.

– Isso significa que ele...

– Tem cerca de 1.300 anos.

Anna também se encostou à parede. Ela havia visto o peso da idade nele, mas nunca teria adivinhado que Asil era tão velho.

– Então, aquele sobre quem você não tem certeza é o seu pai?

Treze séculos era muito tempo.

Charles deu de ombros; a resposta claramente não tinha importância para ele.

– Meu pai é velho. – Charles desviou os olhos cor-de-âmbar do rosto dela. – Asil chegou aqui há algum tempo, foi há quatorze ou quinze anos, para pedir a meu pai para matá-lo. Meu pai prometeu cumprir o desejo de Asil assim que determinasse que ele estivesse realmente louco. – Charles sorriu brevemente. – Asil não tem nenhum problema com o fato de meu pai ser o seu Alfa. Mas ele tem um problema com o fato de eu ser mais dominante... E é por isso que acho que meu pai é mais velho que Asil. Minha relativa juventude é um espinho em sua pata.

Anna considerou todos aqueles fatos.

– Asil nunca falou sobre o seu Alfa na Europa? Eu não me lembro de ter ouvido falar que ele era um Alfa nas histórias contadas sobre ele.

Havia muitas histórias sobre o Mouro. Ele era quase um herói folclórico, ou vilão, entre os lobos.

– Ser um Alfa não é fácil – disse Charles. – É muita responsabilidade, muito trabalho. Alguns dos lobos mais velhos são muito bons em esconder o que eles são dos outros, e essa é uma das razões por que Alfas não gostam de velhos lobos juntando-se às suas alcateias. Asil é um bocado dominante – disse Charles, sorrindo novamente, mas dessa vez mostrando os dentes. – Asil estava aqui há apenas alguns meses quando eu me meti entre ele e um de nossos residentes humanos. Ele não gostou de descobrir que eu era realmente mais dominante do que ele.

– Ele se submeteu ao seu pai porque Bran é mais velho, e aos outros Alfas nuca se submeteu de verdade. Mas ter de obedecer a você, quando você é muito mais jovem e nem mesmo é um Alfa...

Charles assentiu.

– Então ele me provoca, e eu o ignoro. E então ele me provoca ainda mais.

– Foi isso que aconteceu hoje? – Anna finalmente entendeu a questão. – Asil estava me usando para provocar você.

Charles inclinou a cabeça em um gesto que era mais característico do lobo do que humano.

– Não inteiramente. O Mouro tinha uma companheira, mas ela morreu alguns séculos atrás. Isso foi antes de meu nascimento, então eu nunca a conheci, mas sabe-se que ela era um Ômega, como você – disse Charles, e depois deu de ombros. – Ele nunca me disse isso em pessoa, nem o meu pai. Há muitas histórias sobre o Mouro, e até que eu visse a reação dele quando você o tocou no funeral de Doc, eu havia considerado essa história a respeito de sua companheira como somente mais uma entre as outras lendas ligadas ao nome dele.

O calor do banho de chuveiro havia se dissipado, e a frieza da água que ficara era enregelante – ou talvez fosse a lembrança de como o velho lobo havia olhado em seus olhos na igreja.

– Por que a reação dele o fez repensar essa história?

Anna percebeu, ao ver Charles assentir com a cabeça, que havia feito a pergunta certa.

– Por que quando ele notou o que você é, ele parou de perturbá-la para me aborrecer, e ficou interessado em você – disse Charles, respirando profundamente. – É por isso que ele lhe trouxe flores. É por isso que eu tive tanto trabalho para me controlar quando Asil ameaçou tentar tirar você de mim, porque ele estava falando sério.

Anna decidiu pensar sobre isso depois e manter a atenção na conversa, a fim de não pressioná-lo inadvertidamente.

– Por que você está me contando sobre Asil? Isso é um aviso?

Charles desviou o olhar, e seu rosto era uma máscara inexpressiva.

– Não. – Charles hesitou, e então disse em uma voz mais suave: – Acho que não. Você sentiu como se fosse um aviso?

– Não – disse Anna finalmente, bastante frustrada pela informação dada de forma cuidadosa, que parecia evitar algo que ela quase podia sentir, algo que estava mantendo o lobo dele tão próximo.

Antes que ela pudesse perguntar o que o estava perturbando, Charles, com o rosto voltado para o lado, falou tão rapidamente quanto pôde pronunciar as palavras:

– Ele queria que *você* soubesse que, até a próxima lua cheia, se você decidir que não me quer, pode escolher a ele. – Mesmo com o rosto de Charles um pouco escondido, Anna pôde notar nele a sombra de um sorriso amargo. – E ele sabia que podia me forçar a lhe contar isso.

– Por que você me contou?

A voz de Anna era suave.

Charles voltou o rosto para ela.

– É seu direito saber que, embora nós sejamos compatíveis, você ainda assim pode me recusar.

– Você pode me recusar?

– Eu não sei. Nunca ouvi falar de uma união acontecendo ao contrário, como a nossa. Meu irmão lobo escolheu você, escolheu seu lobo, e só me deixou a opção de segui-lo. Mas não importa; não quero recusar você.

Sua parte lobo a fazia ver as coisas mais claramente, mas seu lobo havia escolhido esse homem e havia deixado muito claro o que pensava sobre escolher outro. Anna foi forçada a colocar o lobo de lado por um momento, a fim de pensar com mais clareza sobre o que ele estava tentando lhe dizer.

– E *por que* eu faria isso?

Será que Charles queria que ela o recusasse?

A garganta de Anna estava seca como pó. Sua parte humana e sua parte lobo o queriam ardentemente, exatamente como ela desejava todas as coisas que Charles parecia prometer: segurança,

amor, esperança – e um lugar do qual ela se sentisse parte. Anna esfregou as mãos nervosas nas coxas como se isso fosse aliviar sua tensão.

Charles sussurrou:

– Espero que você não faça isso. Mas você precisa saber das suas opções.

As mãos dele estavam crispadas.

Anna farejou algo acre no cheiro de Charles que não havia sentido antes. Maldito Leo, que a deixara incapacitada pela ignorância. Ela daria sua mão direita para saber o que Charles estava sentindo, para saber quando ele estava dizendo a verdade, e quando ele estava apenas tentando não magoá-la.

Ele estava esperando por uma resposta, mas ela não sabia o que dizer.

– Opções.

Anna tentou manter a neutralidade. O que ele queria dela?

Evidentemente, não era neutralidade. Charles abriu as mãos crispadas e as fechou novamente, duas vezes. Com as narinas infladas, ele olhou para ela com seus olhos amarelos, chamejantes.

– Opções – rosnou ele, e sua voz diminuía de tom, de modo que ela pôde ouvir o ronco dela em seu peito. – Asil irá espalhar a novidade e você terá inúmeros lobos ao seu redor que dariam a vida pela chance de ser seu companheiro.

O corpo dele tremia, e Charles se recostou com mais força contra a parede, como se estivesse com medo de tentar detê-la.

Anna não estava conseguindo ajudá-lo. Ele estava perdendo o controle, e ela não estava ajudando; não sabia como ajudar.

Anna deu outro suspiro profundo e tentou se libertar de todas as suas inseguranças. Esse não era um homem que queria desistir de sua companheira. Esse era um homem tentando fazer a coisa certa e dar a ela a chance de escolher, não importava o que isso fosse lhe

custar. Isso era o correto, e saber a verdade a acalmou. Anna deixou seu lobo voltar e dar a ela a confiança de que precisava.

Charles estava tremendo como um alcoólatra precisando de sua dose de gim, e tudo isso por Anna, porque sentia que ela precisava conhecer suas opções, e não importava como seu lobo se sentisse com a ideia de perder sua companheira...

Charles era seu cavaleiro, sem dúvida.

O lobo dela não estava gostando de vê-lo infeliz, e queria avidamente unir *ambas* as partes de Anna com Charles, até que ele não pensasse mais em deixá-las.

– Bem, então... – disse Anna, tão rapidamente quanto possível sob o peso daquela revelação; era um peso que a fazia sentir-se aquecida e segura, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. Na verdade sua voz soava rouca. – Ainda bem que há algo que podemos fazer para corrigir esse pequeno problema imediatamente.

Charles olhou para ela, como se estivesse demorando a processar o que Anna tinha dito. Suas pupilas contraíram-se, e as narinas inflaram.

De repente, Charles lançou-se para longe da parede e já estava sobre ela; seu corpo grande empurrava-a com intensidade assustadora contra a moldura da porta. Sua boca mordia freneticamente o pescoço de Anna, e ele acertou um nervo que enviou um choque pela sua coluna, fazendo seus joelhos fraquejarem.

À medida que um rico perfume almiscarado emanava de sua pele, Charles levantou-a nos braços em um movimento súbito e descoordenado, que fez com que ela dolorosamente batesse um dos seus ombros contra a porta. Anna ficou imóvel enquanto ele a levava pelo corredor; ela já tinha visto um lobo excitado antes e sabia que não devia fazer nada, a não ser submeter-se humildemente.

Mesmo assim, Anna tocava a face de Charles, para ver se o tom avermelhado ao redor das maçãs do rosto era mais quente que o resto dele. Em seguida, seus dedos tocaram o canto de sua boca, onde um pequeno sorriso mostrava o humor que ele mantinha escondido na maior parte das vezes.

Charles virou a cabeça um pouco e fechou os dentes ao redor de seu polegar, com força suficiente para que Anna sentisse isso, mas não com tanta força que a machucasse. Enquanto ele abria a boca e soltava seu polegar para depois morder o lóbulo de sua orelha, o que enviou uma onda de calor a partir de seu lóbulo que esquentou lugares inesperados, Anna achou que talvez estivesse no cio também. Ela certamente nunca se sentira assim antes.

Mesmo que não houvesse mais ninguém na casa, Charles fechou a porta com um pé, colocando-os dentro do quarto escuro e aconchegante.

O quarto deles.

Charles não a colocou na cama; antes caiu na cama junto com ela, fazendo sons urgentes que eram mais do lobo do que de sua parte humana, enquanto se deitava com Anna. Ou talvez fosse ela fazendo os ruídos.

Charles rasgou o jeans de Anna, arrancando-o, e ela devolveu-lhe o favor. Sentir o pano grosso rasgar-se em suas mãos era satisfatório. Mais satisfatório era sentir a seda quente da pele dele sob seus dedos. As mãos dele eram calejadas, e, embora ele obviamente estivesse tentando ao máximo ser gentil, elas às vezes a agarravam, enquanto Charles lutava para movê-la para onde ele queria, sem sair de cima dela.

Com seu próprio lobo em ascensão, Anna não se assustava com Charles de modo algum: seu lobo sabia que ele nunca iria machucá-la.

Anna entendia a sua paixão, porque ela se sentia da mesma maneira: como se nada fosse mais importante do que o toque da

sua pele contra a dele, como se ela fosse morrer se ele a deixasse. O medo e sua aversão habitual ao sexo – nem mesmo seu lobo era bestial o suficiente para fazer mais do que suportar o que os outros haviam feito com ela – estavam tão longe que nem sequer eram uma lembrança.

– Sim – disse-lhe Charles. – Logo.

– Agora – ordenou Anna bruscamente, embora não tivesse certeza exatamente do que ela queria que Charles fizesse.

Ele riu, e o riso era rouco em seu peito.

– Paciência.

Charles rasgou a camisa de Anna e seu sutiã foi o próximo, e então sua pele nua ficou contra a camisa de flanela dele. Freneticamente, Anna a puxou e arrancou-a, fazendo os botões pularem da camisa e quase sufocando Charles antes de conseguir tirá-la dele. Sua urgência pareceu inflamá-lo, e as mãos dele colocaram seus quadris na posição.

Anna sibilou quando Charles entrou em seu corpo, com cuidado e muito lentamente, e mordeu o ombro dele para puni-lo pelo cuidado que ele estava tendo. Charles resmungou alguma coisa em uma voz enrolada, o que talvez fossem palavras, ou talvez não. Mas só quando se convenceu de que ela estava pronta deixou de lado o controle, que já estava por um fio desde que Asil tinha partido.

A primeira vez foi rápida e intensa, mas não rápida demais para ela. Eles mal tinham acabado quando ele começou outra vez. Dessa vez, Charles manteve o ritmo e forçou-a a ir devagar, quando ela o teria obrigado a acelerar.

Anna nunca havia sentido nada assim, ou a paz satisfeita que se seguiu no sono. Ela sentiu que não seria difícil se acostumar a esse sentimento.

Anna acordou no meio da noite com o som desconhecido do aquecimento central da casa. Em algum momento de seu sono, ela rolara para longe dele. Charles estava do outro lado da cama, com o rosto relaxado. Ele roncava levemente, quase um ronronar, e isso a fez sorrir.

Anna começou a estender a mão para ele, mas depois parou. E se ela o acordasse e Charles ficasse zangado com ela por perturbar seu sono?

Mas Anna sabia que ele não se importaria. Seu lobo, que a tinha ajudado durante tudo o que tinham feito com ela, que a deixara desfrutar seu toque, estava dormindo também. Anna enrolou-se no seu lado da cama, finalmente rolando até que suas costas estivessem na direção dele. Sua inquietação deve tê-lo perturbado, porque de repente Charles a abraçou, aconchegando-se por trás dela. O susto repentino que ela sentiu devido ao movimento inesperado acordou seu lobo.

Charles colocou um braço sobre sua cintura e disse:

– Vá dormir.

Com o lobo para protegê-la, Anna podia se entregar à maneira como o calor do corpo de Charles a fazia relaxar os músculos e os ossos, na confiança de sua presença. Anna agarrou o pulso dele com uma mão e segurou-o sobre sua barriga, antes de deixar o sono levá-la por fim. Ele era só dela.

Quando Charles a acordou, ainda estava escuro lá fora.

– Bom dia – disse ele, sua voz como um rugido perto da orelha de Ana. Era tão bom que ela fingiu estar dormindo ainda.

De repente, Charles a envolveu em seus braços e rolou duas vezes rapidamente. Anna ainda conseguiu dar um gritinho quando eles rolaram direto para fora da cama. Ela caiu em cima dele, e seu quadril sobre a barriga de Charles vibrou com sua risada silenciosa.

– Você gosta disso, não é? – murmurou Anna, e, antes que se lembrasse dos ferimentos dele, tocou com os dedos no músculo

logo abaixo das costelas.

– Pare com isso – disse Charles, fingindo um rosnado, e segurou a mão de Anna para que ela não pudesse mais fazer cócegas nele. Ele parecia estar se divertindo, e assim Anna concluiu que não o machucava.

– Temos um trabalho a fazer, mulher, e você está nos atrasando.

– Ah – disse ela, e mexeu o quadril um pouco, fazendo com que ambos soubessem que ele provavelmente concordaria com um pequeno atraso. Anna mais uma vez mexeu o quadril, com um pouco mais de determinação dessa vez, e saiu de cima dele. – Bom dia – disse-lhe Anna. – Está na hora de ir.

E então saiu nua gingando do quarto pelo corredor em direção ao banheiro.

⊠

Charles a observou com prazer, consciente do brilho de verdadeira felicidade que iluminava sua alma. Anna não parecia nem um pouco derrotada naquela manhã, e a ginga de seus quadris lhe dizia que ela estava se sentindo muito bem.

Charles foi quem a fez se sentir assim, e ele se perguntou há quanto tempo não era a causa da felicidade de alguém.

Charles deitou no chão para apreciar o pensamento até que sua consciência o trouxe de volta. Eles tinham um trabalho a fazer. Quanto mais cedo saíssem para a floresta, mais cedo estariam de volta, livres para brincar.

Com esse propósito, Charles testou seus ferimentos experimentalmente; como ainda doíam, viu que iriam atrasá-lo um pouco, mas, como Samuel prometera, ele estava se sentindo muito melhor. E não apenas por causa de Anna.

Charles já estava vestido e recolhia seu equipamento de inverno do armário quando Anna voltou; depois seria necessário encontrar outro lugar para guardar tudo aquilo, a fim de que Anna pudesse

ficar com metade do armário. Anna estava enrolada em uma toalha de banho gigante e, evidentemente, perdera um pouco de sua ousadia enquanto estava no banheiro.

Charles decidiu lhe dar um pouco de espaço.

– Vou fazer nosso café da manhã, enquanto você se veste.

Os olhos de Anna estavam pregados no chão à medida que ela passava por ele. Se seus ouvidos não fossem tão afiados, ele não teria notado o nervosismo em suas palavras:

– Está bem.

Mas nada teria impedido seu nariz de sentir o cheiro rançoso do medo. Charles ficou paralisado e observou-a mantendo os ombros curvados em submissão, enquanto ela se ajoelhava no chão ao lado de sua caixa de roupas.

Charles tentou estabelecer a conexão entre eles, mas ela não estava mais forte do que havia sido no dia anterior ou quando se conheceram.

Ele nunca tivera uma companheira antes, mas sabia como devia funcionar. O amor e o sexo ligariam o humano ao humano, então o lobo escolheria, ou não. Já que seus lobos já tinham claramente escolhido, já que ele próprio havia escolhido, Charles tinha certeza de que o ato de fazer amor iria selar o vínculo.

Ele olhou para Anna, e as saliências de sua coluna vertebral e as bordas bem definidas de sua escápula mostravam claramente que ela precisava ganhar algum peso; era um sinal visível do sofrimento que ela suportara na alcateia de Leo. As piores cicatrizes não eram visíveis: lobisomens raramente tinham cicatrizes externas.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas parou. Charles precisava pensar em algumas coisas antes de saber o que perguntar. Ou a quem perguntar.

Charles serviu o café da manhã para Anna, apenas um pouco mais próximo das respostas que buscava. Mas, mesmo distraído, ele gostou de se sentir satisfeito ao vê-la comer, muito embora ela não olhasse para ele.

– Nós vamos sair um pouco mais tarde do que eu esperava – disse Charles abruptamente, enquanto enxaguava as panelas e as colocava no lava-louça. – Há algumas coisas que eu gostaria que Heather fizesse, e há outra pessoa com quem preciso falar.

Anna ainda estava na sala de jantar, mas seu silêncio falava por ela. Ainda estava muito intimidada por ele ou pela noite anterior para perguntar. E Charles estava grato por isso, pois não tinha intenção de mentir para ela, mas tampouco queria contar a Anna com quem iria conversar.

– Então eu posso terminar de lavar a louça – disse ela.

– Tudo bem.

Charles secou as mãos e parou para beijar o topo da cabeça de Anna, um beijo rápido e sem paixão, que não deveria deixá-la mais tensa. Ainda assim, isso foi o suficiente para que o irmão lobo de Anna se sentisse satisfeito com o fato de ela saber a quem ele pertencia. Charles era dela, mesmo se ela não quisesse.

Heather ainda estava na casa de Bran, dormindo no quarto ao lado do de seu companheiro. Com os olhos cheios de sono e cansada, ela fizera alguns telefonemas e sugestões, e havia resolvido as coisas a fim de deixar Jack satisfeito.

Isso significava que havia somente mais uma pessoa com quem falar. Felizmente, Charles descobrira que a maioria das pessoas era fácil de localizar às cinco e meia da manhã.

SETE

Asil sonhou com uma casa familiar: pequena e benfeita, uma casa construída para um clima quente, com laranjeiras bem cuidadas perto da porta. Ele parou ao lado do banco posicionado exatamente para ficar na sombra da maior laranjeira quando o sol estava alto no céu. Passando um dedo sobre a junção desajeitada entre duas das peças que formavam o encosto, Asil desejou em vão ter tido tempo para consertá-lo.

Mesmo sabendo o que ia acontecer, ele não poderia ficar ali, perto do banco, não quando Sarai estava na casa. Asil não tinha fotos dela, e nenhum dos quadros que tentara pintar tinha sido bom o suficiente. Seu talento artístico era plebeu, na melhor das hipóteses. Ele só a via em seus sonhos.

Asil deu apenas um passo e viu-se no cômodo principal. Metade loja, metade cozinha, o cômodo deveria ter sido utilitário, mas Sarai havia pendurado cestas de plantas e pintado flores nos azulejos que compunham o piso, tornando-o acolhedor. Na mesa de trabalho colocada perto do fundo da sala, sua companheira moía uma rama de canela, transformando-a em pó fino com mãos rápidas e competentes.

Ele aspirou o ar para saborear o cheiro dela, aromatizado pela especiaria com a qual ela estava trabalhando, como frequentemente era o caso. Seu cheiro favorito era Sarai com baunilha, mas Sarai com canela era quase igualmente bom.

Sarai era muito bonita na opinião de Asil, embora ele soubesse que os outros poderiam não concordar. Suas mãos eram calejadas e fortes, com unhas cortadas rentes. As mangas do vestido curto mostravam os músculos delineados pelo seu trabalho e suas

corridas como lobo no meio das florestas das montanhas próximas. O nariz de Sarai, do qual ela não gostava, era longo e forte, com uma pequena e encantadora saliência na extremidade.

Asil estendeu a mão, mas não podia tocá-la.

– Sarai?

Quando viu que Sarai não se voltou para ele, Asil soube que esse era o sonho ruim. Ele lutou para se livrar dele, tão arduamente como um de seus primos lobos selvagens com um pé preso em uma armadilha de ferro teria feito, mas sem conseguir mastigar a própria perna ou forçar a armadilha que o segurava ali. Então, ele teve de assistir, impotente, enquanto tudo acontecia novamente.

Cascos soaram na calçada de pedras que Asil colocara na frente da porta para manter a lama longe da casa. Sarai fez um pequeno muxoxo de desagrado – ela sempre detestara ser interrompida quando estava misturando seus medicamentos.

Ainda assim, ela colocou seu almofariz e o pilão de lado e tirou o avental. Irritada ou não, Asil sabia que Sarai nunca iria torcer o nariz para os negócios. Dinheiro não devia ser desprezado, não naqueles dias. E, para Sarai, um visitante não deveria ter representado perigo algum.

Um soldado humano não ameaçava uma mulher que também era um lobisomem, e a ascensão de Napoleão ao poder havia interrompido a outra guerra, mais perigosa. As poucas famílias de sangue bruxo na Europa tinham parado de matar umas às outras, finalmente, e, em vez disso, se viram obrigadas a se proteger contra a devastação das lutas mais mundanas. Sarai não tinha razão para se preocupar, e não podia ouvir as tentativas frenéticas de Asil para avisá-la.

A porta se abriu e, por um momento, Asil viu o que Sarai tinha visto.

A mulher na porta era de ossatura pequena e aparência frágil. O cabelo escuro, geralmente indisciplinado e encaracolado, havia sido

domado e enrolado em um coque, mas o estilo severo apenas a fazia parecer mais jovem. Ela tinha dezesseis anos de idade. Como Sarai, os cabelos e os olhos eram escuros, mas, ao contrário de sua mãe adotiva, suas feições eram refinadas e aristocráticas.

– Mariposa, minha criança – exclamou Sarai. – O que você está fazendo andando sozinha por aí? Há soldados por toda parte! Se você queria me visitar, deveria ter me avisado. Eu iria enviar Hussan para buscá-la e trazê-la em segurança.

Havia duzentos anos que ninguém chamava Asil por esse nome, e o som dele lhe doía o coração.

A boca de Mariposa se contraiu um pouco.

– Eu não queria incomodar você. Estou segura o suficiente.

Mesmo em seus sonhos, Asil sabia que a voz dela soava estranha, diferente: fria. Sua Mariposa, sua pequena borboleta, era emocional acima de tudo, indo da raiva ao mau humor até a alegria luminosa com apenas um sopro entre esses estados de espírito.

Sarai franziu o cenho para ela.

– Ninguém está seguro o suficiente. Não nesta época. – Mas, mesmo enquanto a repreendia, Sarai envolveu em seus braços a menina que tinha criado como se fosse sua filha. – Você cresceu, criança, deixe-me olhar para você. – Sarai deu dois passos para trás e balançou a cabeça. – Você não parece bem. Está bem? Linnea prometeu cuidar de você... mas esses são tempos sombrios.

– Estou bem, Sarai – disse-lhe Mariposa, mas a voz da menina estava errada, monótona e confiante, e ela estava mentindo.

Sarai franziu a testa para ela e colocou as mãos nos quadris.

– Você deveria saber que não pode mentir para mim. Alguém a machucou?

– Não – respondeu Mariposa em voz baixa.

Asil podia sentir o poder acumulando-se ao redor dela, diferente do que tinha sido quando eles a haviam enviado pela primeira vez para ser treinada por sua própria espécie. Sua magia era selvagem

e violenta, mas esse poder era tão escuro e frio como a voz dela fora outrora.

Sarai sorriu, e por um minuto Asil viu a criança que ela havia sido, em vez da bruxa que havia se tornado.

– Aprendi muito com Linnea. Ela me ensinou a ter certeza de que ninguém possa me machucar novamente. Mas eu preciso de sua ajuda.

A campainha acordou Asil antes que ele pudesse ver Sarai morrer novamente. Ele ficou estendido em sua cama vazia, sentindo o cheiro do suor, do terror e do desespero. O seu próprio.

Charles se acomodou no balanço do velho lobo que ficava na varanda e tentou se concentrar em sua tribo e no tempo dela. Era um truque que ele nunca dominara completamente – seu avô sempre reclamara que o espírito de seu pai era muito forte nele.

Ele sabia que Asil tinha ouvido a campainha. Charles podia ouvir o barulho do chuveiro, e não esperava que Asil lhe fizesse a cortesia de uma aparição rápida, especialmente por causa da sua visita naquele horário da manhã. Anna e ele iriam iniciar a jornada mais tarde do que o esperado, mas sua presa não era um peixe para que fosse mais fácil de capturar à luz do alvorecer. E isso era mais importante para Charles do que capturar um lobo desgarrado, mesmo que ele estivesse matando pessoas.

Charles quase procurara seu pai em vez de Asil, depois de ter conversado com Heather na casa de Bran. Fora apenas o cheiro de sua madrasta que o impedira de bater à porta do quarto de Bran. Naquela manhã, Charles não estava disposto a dançar a dança que Leah insistia em fazê-lo executar. Depois que ela o obrigasse a ser rude (e ela o faria), seu pai interviria; ninguém, nem mesmo um de seus filhos, estava autorizado a ser desrespeitoso com a

companheira do Marrok. E então não haveria discussão alguma de qualquer maneira.

Por isso, ele foi até a única pessoa que podia entender o que havia acontecido, porque o vínculo entre ele e Anna não se completara: Asil, cuja companheira tinha sido um Ômega. Asil, que não gostava dele quase tanto quanto Leah, embora por motivos diferentes.

O irmão lobo achou que a conversa daquela manhã poderia trazer alguma diversão. Diversão ou luta, e o lobo gostava de ambos.

Charles suspirou e observou a névoa de seu hálito desaparecer no ar frio. Pode ser que esse fosse um esforço desperdiçado. Parte dele queria dar mais tempo ao tempo. Só porque a parte lenta do processo de acasalamento, quando o lobo aceita o lobo, tinha sido completada assim que ele a vira, não queria dizer que a outra metade iria funcionar tão rápido.

Mas alguma coisa lhe dizia que havia algo mais de errado, e que apenas o tempo não poderia resolver. E um homem que tinha um pai que era um lobisomem e uma mãe que fora uma feiticeira sabia quando deveria ouvir a sua intuição.

Atrás dele, a porta se abriu abruptamente.

Charles continuou a balançar-se no balanço da varanda suavemente, para trás e para frente. Os encontros com Asil geralmente começavam com um jogo de poder de algum tipo.

Depois de alguns minutos, Asil passou pelo balanço na varanda até a grade que cercava o alpendre. Ele pulou sobre ela, deixando um pé descalço apoiado no trilho, a perna dobrada. O outro ficou caído descuidadamente para o lado. Asil usava calça jeans e nada mais, e seus cabelos molhados começaram a congelar no frio, igualando-se às marcas prateadas que decoravam suas costas; Asil era um dos poucos lobisomens com cicatrizes que Charles tinha visto. As marcas riscavam a parte de trás de suas costelas, onde

outro lobisomem o havia ferido. Charles percebeu que as cicatrizes eram quase exatamente onde suas próprias feridas ficavam. Mas as cicatrizes de Asil tinham sido feitas por garras, não por buracos de bala.

Asil tinha uma pose um tanto afetada. Charles nunca tinha certeza se isso era proposital ou apenas um velho hábito.

Em vez de olhar para Charles, Asil ficou olhando para a floresta além de sua casa, ainda envolta nas sombras. Apesar do banho recente, ele podia sentir o cheiro de medo e de angústia. E Charles se lembrou do que ele havia dito no funeral: Asil tinha começado a sonhar novamente.

– Meu pai pode proteger o seu sono, às vezes – murmurou Charles.

Asil soltou uma risada áspera, inclinando a cabeça, e comprimiu seu nariz.

– Não esses. Não mais. Agora, por que você está aqui, esperando por mim nesta linda manhã?

Ele fez um gesto grandioso, que incluiu o inverno, o frio e as horas em um movimento exagerado de seu braço.

– Eu quero que você me conte sobre lobos Ômega – disse Charles.

Os olhos de Asil se arregalaram com surpresa comicamente exagerada.

– Problemas tão cedo, filhote?

Charles apenas balançou a cabeça.

– Anna mal sabe algo sobre ser um lobisomem. Seria útil se pelo menos um de nós soubesse algo sobre a questão do Ômega.

Asil fitou-o por um momento, e a diversão superficial desvaneceu-se.

– Esta pode ser uma longa conversa – disse ele finalmente. – Por que você não entra e toma uma xícara de chá?

Charles sentou-se a uma pequena mesa e viu como Asil ocupou-se em preparar o chá como se fosse uma gueixa japonesa. Cada movimento era importante e exato. Fosse qual fosse o seu sonho, ele realmente tinha tirado Asil de seu jogo habitual de bancar o lobisomem louco. Foi somente ao vê-lo assim que Charles entendeu exatamente a farsa das ações de Asil. Na verdade, isto que ele estava presenciando era o que acontecia quando Asil estava verdadeiramente perturbado: movimentos muito precisos, meticulosidade extrema com bobagens e coisas que não importavam.

A situação não tornava Asil menos louco ou menos perigoso, mas Charles viu a razão pela qual seu pai ainda não havia matado Asil.

– O chá nunca tem gosto bom aqui – disse o Mouro, colocando uma delicada xícara de porcelana filetada a ouro na frente de Charles. – A altitude não deixa a água esquentar o suficiente. O melhor chá é preparado ao nível do mar. – Charles levantou a xícara e tomou um gole, esperando Asil aquietar-se. – Então... – disse ele, sentando-se em uma cadeira oposta à de Charles. – Exatamente o que você precisa saber sobre Ômegas?

– Eu não tenho certeza. – Charles passou um dedo ao redor da borda da xícara. Agora que estava lá, relutava em expor seu problema com Anna para um homem que queria ser seu inimigo. Mas finalmente tomou uma decisão. – Você poderia começar dizendo exatamente como eles diferem dos lobos submissos.

Asil ergueu as sobrancelhas.

– Bem, se você ainda acha que sua companheira é submissa, terá uma grande surpresa.

Charles não pôde deixar de sorrir para isso.

– Sim. Eu logo deduzi isso.

– Nós, que somos dominantes, tendemos a pensar em classificações: quem é obedecido, quem obedece. Dominantes e submissos. Mas isso também significa quem protege e quem deve

ser protegido. Um lobo submisso não é incapaz de proteger a si mesmo: ele pode lutar, pode matar tão facilmente como qualquer outro. Mas um submisso não sente a necessidade de lutar, não da forma que um dominante sente. Eles são um tesouro em uma alcateia. Uma fonte de... propósito e de equilíbrio. Por que um dominante existe? Obviamente, para proteger aqueles que estão abaixo dele, mas proteger um submisso é ainda muito mais vantajoso, porque um submisso nunca vai esperar até que você esteja ferido ou de costas para ver se você é realmente mais dominante do que ele. Podemos confiar em lobos submissos. E eles unem a alcateia com o objetivo de manter todos seguros e cuidados. – Asil tomou um gole de chá e bufou. – Discutir isso em inglês faz parecer que estou falando sobre uma relação sexual; é ridículo.

– Se espanhol for melhor para você, sinta-se à vontade – disse Charles francamente.

Asil encolheu os ombros.

– Não importa. Você sabe sobre tudo isso. Temos os nossos lobos submissos aqui. Você sabe o propósito deles.

– Quando eu conheci Anna, pela primeira vez na minha vida, o lobo adormeceu.

Sem mais nenhum sinal de descontração, Asil levantou os olhos de seu chá e olhou para Charles.

– Sim – sussurrou ele. – É isso mesmo. Eles deixam o seu lobo descansar; deixam-no tranquilo.

– Não é sempre que eu me sinto assim quando estou perto dela.

Asil riu, cuspindo chá na sua xícara, à qual ele deu um olhar pesaroso e, em seguida, deixou de lado.

– Espero que não, não se você for o companheiro dela. Por que você iria querer ficar perto de alguém que anula sua masculinidade dessa forma o tempo todo? Que o transforma de dominante em submisso apenas pela sua presença? Não. Ela não precisa acalmar você o tempo todo. – Asil limpou a boca com um guardanapo de

pano, que arrumou e colocou ao lado da xícara. – Há quanto tempo ela é um lobisomem?

– Três anos.

– Bem, então eu espero que seja apenas instinto agora. Se você não está sentindo os efeitos o tempo todo, isso significa que ou ela se sente muito segura com você ou você a deixa tão perturbada que ela não tem nenhuma paz para compartilhar com você. – Asil sorriu um sorriso de lobo. – Qual dessas opções você acha que é? Quantas pessoas *não têm* medo de você em algum nível?

– É isso que incomoda você? – perguntou Charles, verdadeiramente curioso. – Você não tem medo de mim.

Asil ficou imóvel.

– É claro que tenho.

– Você não tem o bom-senso de ter medo de mim.

Charles balançou a cabeça e voltou às perguntas.

– Ômegas têm o mesmo propósito dos submissos em uma alcateia, mas há algo mais, não há?

Asil riu, e foi uma risada genuína dessa vez.

– Então, agora eu devo me defender dizendo “é claro que tenho bom-senso o bastante para ter medo”?

Charles, cansado de jogos de palavras, apenas suspirou.

– Há uma diferença entre Ômegas e submissos. Posso senti-la, mas não sei o que significa. Em vez de seguir as ordens de qualquer um, ela não segue ordens de ninguém. Eu percebi isso.

– Um Ômega tem todos os instintos protetores de um Alfa, sem nenhuma de suas tendências violentas – disse Asil, claramente mal-humorado por ter sido trazido direto ao ponto novamente. – Sua Anna vai lhe dar um bocado de trabalho, assegurando-se de que todos na alcateia estejam felizes e protegidos contra qualquer coisa que possa machucá-los.

Era isso. Charles quase pôde entender tudo. O lobo de Anna não era violento... apenas forte e protetor. Até que ponto a adaptação de

Anna à condição de lobisomem – e a um abuso sistemático – havia afetado o lobo?

Pensando em voz alta, Charles disse:

– A dor faz um dominante ainda mais violento, enquanto faz exatamente o oposto com um lobo submisso. O que acontece com um Ômega que é torturado?

Se Charles estivesse pensando em Asil, e não em Anna, nunca teria colocado a pergunta nesses termos.

O rosto do Mouro empalideceu e seu cheiro flutuou descontroladamente. Ele levantou-se de um salto, derrubando a cadeira e fazendo a mesa girar até atingir a parede na outra extremidade da sala. O móvel caiu de lado.

Charles ergueu-se lentamente e pôs sua xícara sobre o balcão mais próximo dele.

– Minhas desculpas, Asil. Eu não quis fazer você se lembrar de coisas que é melhor esquecer.

Asil ficou parado por mais um momento, à beira de um ataque, e então todos os seus músculos tensos se afrouxaram, e ele pareceu cansado até as profundezas de sua alma. Sem uma palavra, saiu da sala.

Charles lavou sua xícara e a virou de cabeça para baixo na pia. Geralmente ele não era tão descuidado. A companheira de Asil havia morrido, torturada até a morte por uma bruxa que usara sua dor e morte para ganhar poder. Apesar de achar Asil irritante, especialmente considerando que provocá-lo por meio de Anna era seu método mais recente e eficaz de tormento, Charles nunca usaria deliberadamente a morte da companheira de Asil para atormentá-lo. Entretanto, mais desculpas não iriam adiantar.

Charles murmurou uma bênção suave sobre a casa, como o irmão de sua mãe lhe havia ensinado, e partiu.

Anna ficou feliz por Charles dirigir daquela vez. As estradas cheias de gelo aparentemente não o preocupavam, embora o carro deslizasse o suficiente para que Anna enterrasse as unhas no apoio (convenientemente...) localizado acima da janela em sua porta.

Charles não havia falado muito com Anna aquela manhã após ter retornado da conversa com o guarda-florestal. Os olhos dele estavam distantes, como se o homem divertido e gentil junto de quem ela havia acordado tivesse desaparecido.

E a culpa era dela.

Anna não achou que seus sentimentos seriam tão intensos mesmo depois que mandara seu lobo dormir enquanto tomava banho. Ambos precisavam de um tempo depois de manter aquele fino equilíbrio, e ela esperava que o lobo levasse embora aquela *necessidade* que fazia seu estômago dar voltas. Anna nunca havia se sentido assim com homem algum, e isso era embaraçoso e assustador.

Ela ficou por um bom tempo no chuveiro, mas a sensação não desapareceu. Anna ficaria bem se não fosse pela atitude descontraída de Charles durante a manhã... Mas ainda assim ela duvidava disso. Sentir-se daquela forma deixava Anna muito vulnerável, e ela tinha medo de que não pudesse impedir Charles de ver isso em seu rosto.

Quando teve de sair do chuveiro, Anna estava tão preocupada em não deixar Charles perceber como ela se sentia que não havia notado como a sua estranha timidez (e medo) o tinha afetado. Charles tirou suas próprias conclusões, e certamente todas estavam erradas, como Anna temia.

Anna olhou para o rosto sem expressão de Charles. Ela não tinha ideia de como consertar isso. O movimento trouxe seu rosto mais para perto das roupas emprestadas. Anna ergueu o braço, cheirando a manga da camisa que usava, e franziu o nariz.

Ela não viu Charles tirar os olhos da estrada, mas ele disse:

– Você não está cheirando mal.

– É estranho cheirar a ser humano – disse ela. – A gente não pensa muito sobre como é o nosso próprio cheiro até que ele mude.

Antes de partir, Charles pegou as roupas que Tag tinha trazido de casa e pediu para Anna vestir uma camiseta suja e um suéter igualmente usado. Depois, ele passou as mãos sobre ela de uma maneira um pouco estranha, cantando numa língua que Anna nunca tinha ouvido antes, simultaneamente nasal e musical. Quando terminou, ela cheirava como a mulher humana cuja camisa ela emprestara, e ele cheirava como um homem humano.

Charles disse a Anna que era capaz de usar um pouco de magia, dons herdados de sua mãe. Ela pensou no que mais ele poderia fazer, mas sentiu que era falta de educação perguntar. Anna nunca tinha visto alguém que realmente tivesse esse dom, e isso a deixava ainda mais impressionada por Charles do que ela já estava. Na alcateia de Chicago, comentava-se sobre pessoas que usavam magia, mas Anna nunca prestara muita atenção nas histórias; só o fato de ser um lobisomem já lhe dava muito trabalho.

Anna passou os dedos sobre a coxa, esticando-os. Charles, notando o gesto, disse:

– Pare de se preocupar.

Sua voz era gentil, mas sem a inflexão que significaria que ele estava falando diretamente com ela, e não com alguém que acabara de pegar na rua. Naquela manhã, Anna percebeu que Charles falou com ela de forma diferente, porque na verdade já havia parado.

As montanhas cobertas de neve, mais altas do que a Sears Tower[1], erguiam-se em ambos os lados da estrada, tão frias e sólidas como o homem ao seu lado. Anna perguntou-se se aquela era a expressão de Charles quando tratava de negócios. Talvez ele bloqueasse tudo o mais ao se preparar para matar alguém que não conhecia a fim de proteger a alcateia; talvez não fosse culpa dela.

Anna estava desconfortável e assustada, e tentando esconder esses sentimentos. Asil havia dito a Charles que todos tinham medo dele. Charles gostaria de saber o que poderia dizer para consertar isso de alguma forma.

Depois de sair da casa de Asil, Charles analisou o problema. Na verdade, eram dois problemas, embora Charles estivesse começando a acreditar que eram dois aspectos do mesmo problema. O primeiro era o medo que Anna sentira naquela manhã. Medo dele, ou talvez medo daquilo que eles tinham feito com tanto prazer na noite anterior. Charles tinha experiência suficiente para garantir que ela gostara de verdade. Isso não pareceu um incômodo até Anna ir para o chuveiro. Como não havia monstros à espreita em sua casa (além dele mesmo), Charles tinha certeza de que era algo em Anna que havia mudado. Um dos sinais de perigo que podiam se observados em um novo lobisomem era uma mudança brusca na personalidade ou no humor, que parecia não ter nenhuma causa óbvia, uma indicação de que a fera estava ganhando o controle do ser humano. Se Anna já não fosse um lobisomem há três anos (e, além disso, um Ômega), Charles acharia que a fera estava tomando o controle.

Talvez o oposto fosse verdade. Asil disse que Ômegas têm todos os instintos de proteção de um Alfa. Teria o lobo de Anna dominado durante a noite passada?

Seu pai ensinava aos novos lobos que o animal era parte deles, apenas uma série de impulsos que precisavam ser controlados. Isso parecia ajudar a maioria na fase de transição. Assustá-los, dizendo-lhes que havia monstros que viviam em suas cabeças, certamente não iria ajudá-los a ganhar o controle necessário para que eles saíssem pelo mundo.

Essa era uma invenção necessária, a qual Charles às vezes enxergava como verdade. Seu pai, por exemplo, parecia passar de

lobo para homem e vice-versa sem problemas. Mas a maioria dos lobisomens que vivem já há um bom tempo se referem a seus lobos como entidades separadas.

Charles não conseguia se lembrar de uma época em que já não soubesse que havia duas almas que faziam o seu único coração bater. O irmão lobo e ele viviam harmoniosamente na maior parte do tempo, utilizando as habilidades especializadas de ambos para o bem de seus objetivos. Era o irmão lobo que caçava, por exemplo, mas, se a presa era humana ou lobisomem, sempre era Charles que matava.

Ao longo dos anos, Charles percebera que os lobisomens cujas partes humana e lobo eram quase totalmente separadas – como *Doc* Wallace, por exemplo – normalmente não sobreviviam por muito tempo: sempre atacavam alguém mais velho e mais forte do que eles, ou Charles mesmo se via forçado a matá-los, porque esses lobisomens não tinham controle sobre o lobo.

Um lobisomem que sobrevivia aprendia a integrar o humano e o lobo, e, na maior parte do tempo, deixava a parte humana assumir controle, exceto quando a Lua chamava, quando estavam com muita raiva ou feridos. Torture um dominante, e o lobo tomará conta. Torture um submisso, e o ser humano assumirá.

Talvez o lobo de Anna acabara por descobrir uma maneira de protegê-la: afinal, Anna é um Ômega e possui todos os instintos de proteção de um Alfa, e nada da agressividade deles, somando-se ainda os três anos de abuso. Isso explicaria por que Leo nunca conseguira dominá-la totalmente.

Talvez a agressividade de Charles na noite passada tivesse amedrontado Anna, mas fez seu lobo sair para brincar. Talvez fosse por isso que suas almas humanas não haviam se ligado da forma como os lobos tinham.

Mas isso não podia estar certo, pois Charles teria notado o lobo surgindo. Mesmo se, de alguma forma, não tivesse percebido os

olhos de Anna mudarem de castanhos para azul-claros, Charles nunca teria deixado de sentir a mudança no cheiro dela.

Charles tinha certeza de que a raiz de seus problemas atuais era algo que Leo tinha feito ou mandado alguém fazer a Anna.

Ficar com raiva não iria ajudar Anna, isso era certo. Então, Charles parou de pensar nas várias maneiras de torturar Leo (que, afinal, já estava morto) e tentou pensar em uma solução.

Charles era melhor assustando as pessoas do que acalmando seus medos. Ele não sabia como discutir o que acontecera naquela manhã e na outra noite, e a forma como a união deles não tinha sido concluída; não sem piorar as coisas.

Se não melhorasse, Charles iria até seu pai para pedir-lhe um conselho... Ou, em último caso, a Asil, mais uma vez. Se ele explicasse tudo em palavras simples, Asil poderia rir dele, mas, ao mesmo tempo, era muito cavalheiro para deixar Anna em apuros.

Isso deixava Charles com mais uma tarefa: Anna precisava saber que, sem a consumação da união de ambos, os outros homens ainda se sentiriam livres para se oferecerem a ela. E isso porque, se algum deles realmente se aproximasse, seria perigoso para ela e para qualquer um ao redor dele.

Anna também tinha o direito de saber que poderia aceitar um desses outros machos – pelo menos, essa parecia ser a opinião de Asil. Charles achava que, uma vez que seus lobos haviam se unido, a união era permanente, mas ele não conhecia ninguém que tivesse experimentado a união dos lobos *antes* de a mesma coisa ter acontecido com a parte humana. Talvez Anna pudesse encontrar alguém que não a assustasse tanto quanto ele parecia assustar.

⊗

Anna concluiu que o Humvee era como um oásis artificial. Os assentos de couro aquecidos e o ar-condicionado da cabine

pareciam deslocados naquele ambiente interminável da floresta imóvel, congelada.

Os grupos de árvores perenes verde-escuras, quase negras, destacavam-se em contraste com a neve. Ocasionalmente, algumas estradas se ramificavam a partir da própria autoestrada em que viajavam, distinguíveis mais pela forma como atravessavam os grupos de árvores do que por qualquer pista para veículos. Quando a estrada se estreitou até virar uma cicatriz branca entre colinas íngremes amontoando-se em ambos os lados, Anna se perguntou se “autoestrada” era a palavra certa para defini-la.

– Nossa união não se tornou permanente na noite passada – disse Charles, de repente.

Anna olhou para ele, sentindo aquela vibração familiar de pânico. O que isso significava? Ela tinha feito algo errado?

– Você disse que tudo o que precisávamos fazer era...

Anna descobriu que não conseguia verbalizar aquilo que precisava dizer. Na fria luz do dia, tudo soava muito grosseiro.

– Aparentemente eu estava errado – disse ele. – Concluí que, como já tínhamos resolvido a parte mais difícil de ter um companheiro, tudo o que precisávamos era da consumação.

Anna não sabia o que dizer a respeito disso.

– Provavelmente seja melhor assim – disse abruptamente Charles.

– Por quê?

Antes de Anna ter perguntado isso, não sabia se seria capaz de dizer alguma coisa, mas dessa vez soou simplesmente curiosa, sem nenhum dos sentimentos de pânico aparentes em sua frase anterior.

Mas ela não chegava nem perto da neutralidade desinteressada da voz de Charles.

– Antes eu não concordei em trazê-la para cá principalmente porque não queria que você me visse matar de novo, tão cedo. Mas eu sou o assassino de meu pai há cento e cinquenta anos; acho que

isso não vai mudar. Então, é justo que você me veja claramente enquanto estou em uma caçada, antes de escolher. – O volante rangeu sob a força de suas mãos, mas a voz dele era calma, quase desinteressada. – Na alcateia de meu pai há vários lobos que adorariam o chão que você pisa. Lobos que não são assassinos. – Charles respirou um pouco e tentou dar um sorriso tranquilizador, mas não foi esse o efeito, já que ele apenas conseguiu mostrar os dentes brancos e fortes. – Nem *todos* eles são psicóticos.

Charles estava tentando se livrar dela de novo.

Anna olhou para aquelas mãos de juntas esbranquiçadas, e de repente conseguiu respirar de novo. Dizer para Anna que ela podia escolher estava deixando Charles inquieto, quebrando a estranha calma que ele havia mantido desde o café da manhã. Anna pensou na fúria possessiva de Charles na noite anterior e sentiu a confiança acalmar o seu coração: ele a desejava de verdade, mesmo que Anna tenha agido tão tolamente pela manhã. Ela podia lidar com aquilo. Afinal, Anna não podia ficar embaraçada com o fato de desejá-lo para sempre... Uma semana ou duas e ela teria superado isso. E um ano ou mais depois, a força do que Anna sentia por ele também não a assustaria mais tanto assim.

Sentindo-se melhor, Anna recostou-se no assento espaçoso do Humvee para dar uma boa olhada em Charles. Sobre o que ele estava falando antes de se oferecer para desistir dela?

Sobre ser um assassino.

– Eu sei tudo sobre assassinos – disse Anna. – A alcateia de Leo tinha Justin. Você se lembra dele, não é? Ele era um assassino. – Anna tentou encontrar uma forma de tornar a distinção bastante clara. – Você é todo justiça.

Não era esse o caminho, isso soava banal.

– *Uma rosa por qualquer outro nome*[2]... – disse ele, virando o rosto para longe dela.

Anna respirou profundamente para farejar alguma coisa que a ajudasse a interpretar o que ele estava sentindo, mas tudo o que conseguiu foi identificar os cheiros dos dois estranhos que haviam doado as roupas que eles estavam usando. Talvez ela simplesmente não soubesse como usar o nariz, ou talvez Charles fosse melhor do que a maioria das pessoas no que diz respeito ao autocontrole.

Charles era um homem cuidadoso. Cuidadoso com o que dizia e cuidadoso com as pessoas ao seu redor. Uma noite em sua cama e Anna já sabia disso. Ele realmente se importava. Charles se preocupava com ela, com o pai dele e até mesmo com o Jack de Heather. Seu estômago se acalmou quando ela reuniu as sugestões e as ações em uma imagem coerente. Anna considerou como devia ser difícil para um homem que se importava tão profundamente com os outros ter de aprender a matar, não importando a gravidade da situação.

– Não – disse Anna, com firmeza.

À frente deles, olhando para a direita, vários picos espetaculares se erguiam desafiadoramente para os céus. Seus picos nevados, livres de árvores ou vegetação, cintilavam ao sol de forma tão brilhante que, mesmo através dos vidros escuros das janelas, ofuscaram seus olhos e chamaram a atenção de seus lobos. Era um lugar onde um lobisomem podia correr.

– Um assassino é apenas um assassino – falou Anna. – *Você* segue regras, faz justiça, então, tente não odiar a si mesmo por ser bom em seu trabalho.

⊗

A avaliação de Anna, após o fracasso da noite anterior, pegou Charles totalmente de surpresa. Ele olhou para o rosto dela, mas Anna havia fechado os olhos e se aconchegado para dar um cochilo... Sua Anna que se sentira aterrorizada por causa dele cinco

minutos atrás. Dormir não era a reação normal das pessoas quando Charles mencionava que era um assassino.

A estrada pela qual eles estavam seguindo tinha mais marcas de veículos do que o usual para aquela época do ano, provavelmente por causa do pessoal da Busca e Salvamento. Charles esperava não encontrar nenhum deles.

A pedido de Charles, Heather deu alguns telefonemas durante a manhã, que resultaram na ausência de voluntários não treinados e amadores nas florestas, pelo menos. Ele queria minimizar o perigo que o lobo desgarrado poderia significar, tanto quanto possível.

Charles também pediu para que Heather dissesse aos voluntários que o homem procurado estava perdido há muito tempo, e que provavelmente estavam buscando um corpo. Assim, não havia sentido em arriscar mais vidas. Ela contou a eles sobre Jack, mas colocou a culpa do ataque em um puma, e mostrou que uma tempestade se aproximava.

Os poucos voluntários remanescentes estavam concentrando seus esforços cerca de vinte quilômetros a oeste do encontro de Jack com o lobo desgarrado, perto de onde o homem desaparecido havia deixado sua caminhonete, bem longe de qualquer um dos lugares onde o lobisomem desgarrado tinha feito suas aparições. Charles e Anna não encontrariam os voluntários da busca ali.

Eles estavam subindo a montanha agora. Os pneus do Humvee faziam um som contínuo, gemente, como se estivessem esmigalhando algo, à medida que atravessavam a neve profunda. À esquerda, Charles ocasionalmente tinha um vislumbre de um riacho congelado, embora a maioria estivesse escondida pelo denso matagal que sufocava o fundo do vale. À direita, fios de alta tensão corriam entre as torres de metal e iam para baixo até uma faixa estéril claramente visível através da floresta. Os fios, e a necessidade ocasional de fazer sua manutenção, eram a única

razão para a existência da solitária estrada de serviço pela qual estavam seguindo.

O calor emanava do desembaçador do Humvee. O calor no interior do veículo fazia com que aquelas paisagens de inverno parecessem quase surreais, algo separado deles. E, embora Charles geralmente detestasse esse efeito em particular, ele já passara muito tempo na neve e no frio, a cavalo ou a pé, para desprezar as vantagens de ir dirigindo o máximo possível do caminho.

A subida ficou mais íngreme, e Charles diminuiu a velocidade do Humvee até que o carro estivesse quase se arrastando, enquanto saltava e rolava sobre as pedras e buracos escondidos pela neve. As rodas começaram a deslizar, e então Charles diminuiu a velocidade e apertou o botão para travar os eixos. O barulho resultante assustou Anna, acordando-a.

Às vezes a largura extra do Humvee não era tão útil quanto deveria. Dessa forma, Charles foi forçado a colocar os pneus esquerdos no acostamento para manter os pneus direitos na estrada. A inclinação resultante fez Anna dar uma olhada pela janela e fechar os olhos, encolhendo-se em seu assento.

– Se nós rolarmos, você provavelmente não vai morrer – admitiu Charles.

– Certo – disse Anna, em um tom arrogante que o deixou radiante, pois nele não havia medo, pelo menos medo dele. Charles gostaria de distinguir qual parte da reação de Anna pertencia ao lobo e qual parte pertencia a ela mesma. – Eu não deveria me preocupar com alguns ossos partidos ou esmagados, porque eu provavelmente não vou morrer.

– Talvez eu devesse ter trazido o velho Land Rover do Tag – disse Charles. – É quase tão bom quanto o Humwee nesse terreno duro, e é muito mais estreito. Mas tem também uma direção mais

dura e um aquecedor não confiável, e sua velocidade não chega à velocidade de autoestrada.

– Eu pensei que nós estávamos indo para uma área selvagem – disse ela, com os olhos ainda fortemente fechados. – Veículos motorizados não são restritos?

– São, mas estamos em uma estrada, então está tudo bem.

– Isto é uma estrada?

Charles riu de seu tom irônico, e ela fez um gesto rude para ele.

Eles chegaram ao topo, e Charles conseguiu fazer o carro passar por entre as árvores por mais alguns quilômetros, antes que ficasse difícil demais para continuar. Alguém tinha andado por aqui com veículos para neve, provavelmente o pessoal da Busca e Salvamento, mas a maioria das marcas no chão tinham desaparecido pouco mais de um quilômetro atrás. O último conjunto de marcas terminava a três metros de onde eles estavam. Charles concluiu que aquelas eram as marcas deixadas por Tag.

⊗

– Por quanto tempo vamos ficar aqui? – perguntou Anna, enquanto ajustava a mochila e os dois saíam do carro.

– Isso depende da nossa caça – disse-lhe Charles. – Temos suprimentos para quatro dias, e começaremos a andar em um círculo que nos trará de volta aqui. Se ele não nos encontrar até lá, desistiremos da forma humana e iremos caçá-lo. – Charles ergueu os ombros. – Essa cadeia de montanhas cobre mais de 3.200 quilômetros quadrados, então vai levar algum tempo para encontrá-lo se ele estiver se escondendo de nós. Se ele estiver guardando seu território e pensar que somos humanos intrusos, aí irá nos caçar e poupar bastante tempo e esforço.

⊗

Anna tinha feito algumas viagens para acampar com sua família em Wisconsin quando era jovem, mas nada parecido com um lugar

tão isolado como aquele. O ar congelava e grudava suas narinas quando ela tentava respirar fundo demais, e as pontas de suas orelhas ficaram geladas, mas isso antes que Charles puxasse seu gorro mais para baixo sobre sua cabeça.

Anna adorou o gesto.

– Precisamos andar devagar para que nossa velocidade pareça humana, assim como nosso cheiro – disse-lhe Charles. Porém, o ritmo dele parecia bastante rápido para Anna.

Andar com sapatos de neve não era tão ruim quanto ela achou que fosse. Quando Charles apertou as amarras até ficar satisfeito, disse que os antigos sapatos de neve feitos de madeira e couro não curtido de animais eram mais um problema do que uma ajuda. Os modernos sapatos de neve eram uma das invenções da vida moderna que ele parecia aprovar 100%.

Anna tropeçou um pouco para conseguir acompanhá-lo. Se isso era ir devagar, ela imaginou se ele normalmente corria quando estava na floresta, mesmo na forma humana. Os ferimentos de Charles pareciam não incomodá-lo muito, e não havia sangue fresco nas ataduras naquela manhã.

Anna tentou não pensar no motivo de ter dado uma boa olhada nas ataduras de Charles. Ainda assim, ela olhou para ele e sorriu, mesmo que fosse um pequeno sorriso, somente para ela. Do lado de fora, sob a neve, e coberta por muitas camadas de tecido e casacos, Anna se sentia protegida contra os terrores daquela intimidade repentina e podia apreciar melhor as partes boas de Charles.

E Charles tinha muitas partes boas. Sob o casaco ela sabia exatamente como os ombros dele eram largos e como a pele era levemente mais escura atrás das orelhas. Anna sabia que o cheiro dele fazia o seu coração bater mais rápido, e se lembrava de como o peso de Charles por cima de seu corpo a mantinha segura em vez de presa.

Andando atrás dele, a salvo de seu olhar penetrante, que sempre via mais do que Anna se sentia confortável em partilhar, ela podia olhar até cansar.

Seu andar era gracioso, mesmo com sapatos de neve. Charles parava de vez em quando e olhava para as árvores; conforme ele mesmo dissera, procurava por qualquer movimento que estivesse fora de lugar. Na floresta, o lobo de Charles estava mais próximo da superfície. Anna podia ver isso na forma como ele usava o nariz, algumas vezes parando para respirar e segurando a respiração.

– Veremos mais caça aqui do que mais adiante, quando subirmos mais – disse ele, depois de apontar um cervo que os estava observando com cautela atrás de alguns arbustos. – A maioria dos animais maiores fica aqui, onde não é tão frio e há mais comida e menos neve.

E isso foi tudo o que Charles disse por um longo tempo, mesmo quando parava e lhe dava um pouco disso ou daquilo, esperando que Anna comesse, estendendo-lhe carne-seca ou um pequeno pacote de maçãs desidratadas sem falar nada. Quando Anna recusou um segundo punhado de maçãs, Charles as enfiou no bolso dela.

Embora Anna geralmente ficasse mais confortável com uma conversa do que com o silêncio, ela não sentia nenhuma vontade de perturbar os sons da floresta com as palavras. Havia algo lá que exigia reverência, e teria sido difícil falar e ofegar simultaneamente, de qualquer maneira.

Depois de algum tempo, Anna começou a achar a atmosfera um pouco assustadora, o que parecia bastante engraçado, considerando que ela era um lobisomem. Anna não esperava que as árvores fossem tão escuras, e a sombra da montanha fazia parecer que era muito mais tarde do que realmente era.

Às vezes, ela sentia uma sensação de *déjà vu*. Anna demorou algum tempo para identificar a sensação, mas então percebeu que

se sentia andando no Loop[3] de Chicago. Ainda que as montanhas fossem mais altas do que os arranha-céus, havia a mesma sensação estranha de claustrofobia com elas projetando-se para cima.

A grande e brilhante mochila amarela de Charles, escolhida de propósito para chamar a atenção (assim como a mochila rosa fluorescente de Anna), era de alguma forma reconfortante. E não apenas por causa de sua sugestão de civilização, mas porque o homem que a carregava estava tão confortável lá fora como Anna se sentia quando estava em seu apartamento. O rifle preto fosco, porém, não era tão amigável. Anna sabia usar uma pistola – seu pai costumava levá-la para treinar no estande de tiro –, mas aquele rifle se parecia tanto com o trinta e oito de seu pai quanto um lobo se parecia com um *poodle*.

Na primeira vez em que subiram uma parte mais íngreme, Anna levou algum tempo para descobrir a melhor maneira de usar os sapatos de neve. A subida era mais lenta, e o esforço começou a fazer os músculos de suas coxas queimarem. Charles ficou ao lado de Anna por todo o percurso. Eles subiram assim por mais de uma hora, mas o esforço valeu a pena.

Quando chegaram ao cume e ficaram um pouco acima das árvores, Anna parou, olhando para o terreno abaixo. O vale que eles haviam escalado, coberto de branco e verde-escuro, fluía para longe deles. Era espetacular... e solitário.

– É assim que todos os lugares costumavam ser? – perguntou-se Anna, em voz baixa.

Charles, que estava à frente dela porque só havia parado depois que Anna parara, olhou para aquele cenário selvagem e disse:

– Nem todos os lugares. O cerrado sempre foi igual. Nessa primavera vou levar você até as Missions[4], e nós vamos fazer um pouco de escalada. Se você está gostando disso, você vai adorar lá.

– Anna concluiu que Charles também a observara, pois de algum modo havia percebido como ela estava se divertindo. – As Missions são ainda mais espetaculares do que estas montanhas, embora possam ser um verdadeiro inferno se você estiver realmente tentando atravessá-las. Direto para cima, direto para baixo, e não muita coisa no meio. Não que isso vá ser fácil também. Quando eles começaram a delimitar as áreas selvagens, a única área realmente selvagem que sobrou era bastante irregular. – Charles colocou a mão no bolso e tirou uma barra de granola. – Coma isso.

Ele esperou até Anna tirar uma luva para rasgar o pacote e começar a roer a barra coberta de cereais, antes de começar a comer uma também.

– Você é meio coruja – disse Anna, sem saber se estava irritada ou não.

Charles resmungou.

– Se você fosse humana, estaria sentindo este frio. Está apenas um pouco abaixo de zero agora, mas não subestime este clima. Você está queimando muito combustível para se manter aquecida, e não está no seu peso adequado, para início de conversa. Então é melhor saber que eu vou ter de forçá-la a comer durante toda a viagem, e é melhor se acostumar com isso.

OITO

– Nós começamos mais tarde do que pensei – disse Charles. – Mas estamos indo bem mesmo assim. O Lago Baree está a pouco mais de um quilômetro, então vamos acampar aqui antes que escureça. O vento soprou a maior parte da última nevasca das árvores e os galhos nos abrigarão se cair neve hoje à noite.

Anna olhou ao redor com ar de dúvida.

A expressão dela o fez rir.

– Confie em mim. Você ficará confortável hoje à noite. Só é preciso coragem para levantar-se de manhã.

Anna pareceu aceitar a garantia dele, o que lhe agradou.

– Quando nós iremos ao lugar onde Heather e Jack foram atacados?

– Não iremos – disse Charles. – Eu não quero nosso cheiro em lugar algum perto dali. Nós precisamos parecer presas, e não qualquer tipo de investigadores oficiais.

– Você acha que esse lobisomem se preocupa de uma maneira ou de outra?

Charles tirou a mochila e colocou-a sobre uma pedra que se projetava para fora da neve, como uma baleia emergindo do oceano.

– Se ele for realmente um lobo desgarrado defendendo o seu território, não. Se ele estiver aqui para causar problemas para meu pai, não vai atacar pessoas que possam espalhar notícias de seu trabalho para o mundo.

Anna o seguiu e colocou sua mochila em um lugar longe da neve. Charles puxou um pacote de uvas-passas do bolso em seu braço, e, como era o último que tinha à mão, precisaria repor o estoque para

o dia seguinte. Anna pegou o pacote com um suspiro, mas mesmo assim o abriu e começou a mastigar o conteúdo.

Enquanto Anna estava ocupada comendo, Charles começou a examinar o local escolhido para o acampamento. Havia um lugar melhor perto do lago; ele tivera a intenção de alcançá-lo em algum momento no início da tarde e dar a Anna a chance de descansar. Não seria o primeiro dia da caminhada que a deixaria exausta – ele tinha alguma experiência em levar novatos para as montanhas. Anna ficaria cansada no terceiro ou no quarto dia.

Mas a primeira regra na mata era ser flexível. Eles poderiam ter chegado ao seu local favorito antes de escurecer, mas Charles decidira que dar a Anna algum tempo para descansar após a primeira caminhada era mais importante.

Charles dormira lá antes, e a rocha não tinha mudado desde que ele era um menino. Ele tentou se lembrar de quando foi a última vez que estivera lá, refletindo por um momento, mas não conseguiu lembrar com exatidão. Os arbustos do lado da rocha ainda não existiam, e ele podia ver o tronco do velho pinheiro que o havia abrigado do lado leste na última vez que estivera naquele local. Charles colocou o pé contra o tronco podre de madeira e o viu desfazer-se. Talvez tenha sido há cinquenta anos, ou setenta.

Charles colocou um pano no chão, mas não se preocupou em armar a tenda que estava na mochila. Enquanto o tempo se mantivesse firme, ele não queria em hipótese alguma torná-los vulneráveis a ataques. Charles raramente usava tendas quando não precisava, e nunca as usava se estivesse caçando algo que também pudesse caçá-lo. A tenda bloqueava sua visão, abafava os sons e atrapalhava. Ele trouxera uma para Anna, caso fosse necessário.

O velho pinheiro estava muito molhado para servir de combustível, mas havia outras árvores caídas. Uma meia hora de busca resultou em uma generosa braçada de madeira seca, que

pertencia aos cadáveres de um casal de velhos monarcas da floresta.

Anna estava empoleirada em cima da grande pedra ao lado de sua mochila quando ele voltou, e seus sapatos de neve encostavam na base da rocha. Charles tirou os seus próprios sapatos e começou a construir uma pequena fogueira, consciente dos olhos dela sobre ele.

– Eu pensei que índios faziam fogueiras esfregando dois gravetos – disse Anna, quando ele pegou uma lata de álcool em gel e um isqueiro.

– Eu consigo fazer isso – disse ele. – Mas eu gostaria de comer alguma coisa ainda hoje. Álcool em gel e um isqueiro são muito mais rápidos.

Charles concluiu que eles estavam bem novamente. Tudo começou quando ela adormeceu no carro, mas, durante toda a caminhada até lá, Anna havia relaxado mais estando próxima a ele. Até que, durante os últimos quilômetros, ela agarrara seu casaco várias vezes para apontar isso e aquilo: os rastros de um carcaju[1], um corvo que os observava de seu seguro poleiro no topo de um pinheiro, e um coelho em seu casaco branco de inverno.

– O que você gostaria de comer? – perguntou Charles, depois que fez a fogueira e colocou um pote de neve para ferver.

– Não quero mais carne-seca – disse Anna. – Meu queixo está cansado de mascar.

– Que tal frango agridoce? – perguntou ele.

Charles colocou o conteúdo do pacote de azeite na embalagem maior de papel-alumínio, mexeu a mistura e entregou-a a Anna. Ela olhou o interior da embalagem com ar de dúvida.

– Isto não se parece com frango agridoce.

– Você precisa prestar mais atenção ao seu nariz – advertiu Charles, dando uma mordida em seu próprio ensopado. Não estava tão bom quanto o jantar na noite passada, mas não estava tão ruim para algo em que você misturava água quente e comia. – E pelo menos o frango agridoce não se parece com comida de cachorro.

Anna se inclinou e olhou o pacote dele.

– Eca. Por que fazem assim?

– Só é possível desidratar pedaços pequenos – disse ele, puxando o pacote de volta antes que ela sujasse o cabelo nele. – Coma.

– Então – perguntou ela, de volta ao seu poleiro anterior –, quanto tempo vai durar nosso disfarce de cheiro?

Charles ficara satisfeito ao perceber que, depois de dar a primeira mordida, Anna tinha avançado na comida como um lenhador.

– Não vai adiantar nada – disse ele, ao fazer incursões rápidas em sua própria comida – se nós continuarmos a falar sobre o que estamos fazendo aqui, para que qualquer lobo lá fora possa nos ouvir.

Anna parou de comer e abriu a boca para se desculpar, depois parou no meio da frase para franzir a testa para ele. Charles se perguntou se deveria ter sorrido, para que assim Anna soubesse que ele estava brincando; mas ela entendeu, porque acenou sua *spork*[2] para ele.

– Se houvesse um lobisomem aqui que pudesse nos ouvir, você saberia disso. Responda à pergunta.

Charles não falava de sua magia com ninguém, sequer com seu pai – o irmão lobo lhe dissera que, quanto menos pessoas soubessem sobre sua magia, melhor, pois isso aumentava o poder dessa arma. Mas o irmão lobo não tinha objeções quando o assunto era contar a Anna qualquer coisa que ela quisesse saber.

Assim, Charles comeu um pedaço de carne e admitiu:

– Eu não sei. Durará enquanto nós precisarmos dela, a menos que os espíritos fiquem irritados e decidam ajudar os nossos inimigos.

Anna parou de comer uma segunda vez, para olhar Charles fixamente.

– Você não está brincando comigo desta vez?

Charles encolheu os ombros.

– Não. Não sou uma bruxa para impor minha vontade sobre o mundo. Tudo o que eu posso fazer é pedir, e, se o que eu pedir for adequado para os espíritos, eles o permitem.

Anna havia colocado uma grande quantidade de comida na boca e teve de engolir às pressas para perguntar:

– Você é cristão? Ou...

Ele balançou a cabeça.

– Como a jumenta de Balaão[3], eu sou. Além disso, sendo um lobisomem, você sabe que há outras coisas no mundo, como demônios, vampiros, fantasmas e assim por diante. Uma vez que você sabe que eles estão lá fora, precisa admitir que Deus está presente. Essa é a única explicação possível para o mal ainda não ter tomado todo o mundo e escravizado a raça humana. Deus garante que o mal permaneça oculto e dissimulado.

Ele acabou de comer a comida e colocou sua *spork* de lado.

– A jumenta de Balaão? – murmurou Anna consigo mesma para, em seguida, ofegar. – A jumenta de Balaão viu um anjo. Quer dizer que você já viu um anjo?

Charles sorriu.

– Só uma vez, e ele não estava interessado em mim... Mas, ainda assim, a lembrança permanece. – Na verdade, essa lembrança lhe dava esperança nas noites mais escuras. – Somente porque Deus existe, não significa que não haja espíritos nestas florestas.

– Você adora espíritos?

– Por que eu faria isso? – Ele não era louco ou estúpido, e um homem tinha de ser um ou outro para sair à procura de espíritos.

– Tudo o que isso me traria é mais trabalho, e meu pai me dá mais trabalho do que o suficiente do jeito que as coisas são. – Anna franziu a testa para ele, e então ele decidiu explicar. – Às vezes eles me ajudam nisso ou naquilo se eu pedir, mas cada vez mais frequentemente eles precisam de alguém para fazer alguma coisa. E não há tantas pessoas que possam ouvi-los como costumava haver, o que significa mais trabalho para aqueles de nós que conseguem. Meu pai me mantém ocupado o suficiente para três pessoas. Se eu fosse procurar espíritos para conversar diariamente, eu não teria tempo para amarrar meus sapatos. Samuel gasta muito tempo tentando descobrir onde os espíritos se encaixam no cristianismo; eu não me preocupo tanto com isso.

Charles achou que teria de lembrar Anna de terminar a comida, mas ela olhou para o pacote e deu outra garfada.

– O que você faz, se eles lhe pedirem para fazer alguma coisa errada?

Charles balançou a cabeça.

– A maioria dos espíritos são ou mais amigáveis ou mais hostis, e não simplesmente bons ou maus. – E depois, porque o estranho desejo de provocá-la ainda era forte, ele acrescentou: – Exceto pelos espíritos sugadores de cérebro que vivem por aqui esperando por caminhantes bobos que acampam sob as suas árvores. Não se preocupe, eu vou mantê-los longe de você.

– Besta... – disse Anna, olhando para o frango agridoce, mas não como se estivesse realmente incomodada.

Em algum lugar na escuridão um lobo uivou. Estava bem longe; Charles concluiu que era um lobo cinzento. Há vinte anos não havia nenhum lobo uivando por aqui, mas eles tinham feito progresso constante no seu caminho de volta para Montana, saindo do Canadá, há uma década ou mais. O som o fez sorrir. Seu pai se

preocupava por não haver mais espaço neste planeta domado para os predadores, mas concluiu que, se os humanos haviam decidido permitir que os lobos voltassem para o seu local de origem, com tempo poderiam também se ajustar aos lobisomens.

⊗

Walter encontrou o homem morto, vestido com a roupa laranja de caçador, encostado a uma árvore. Com base na aparência do corpo, ele tinha caído das rochas que ficavam mais acima, onde uma trilha de caça serpenteava ao longo da borda de um baixo penhasco. Uma perna estava quebrada, mas, mesmo assim, ele conseguira se arrastar por alguns metros. Provavelmente morrerra de frio há poucos dias.

Walter concluiu que o cadáver devia ser a razão pela qual todas essas pessoas estavam caminhando pela floresta. Ele talvez se perdera, porque nenhum homem com bom senso teria ido caçar tão longe da estrada sem um animal de carga de algum tipo. O corpo estava tão longe de onde as pessoas o estavam procurando que as chances de alguém encontrá-lo ficavam entre mínima e nenhuma. Até a primavera, haveria pouca coisa para ser encontrada.

Walter pensou em enterrar o corpo, mas teria de cavar através de dois a três metros de neve e mais dois de solo congelado. Além disso, ele não tinha uma pá ali. Os pés do homem morto tinham o mesmo tamanho dos pés de Walter, por isso ele tirou as botas, as luvas e o casaco do cadáver, deixando para trás somente o colete laranja. Abandonar a arma do caçador foi uma decisão mais difícil, mas munição era difícil de obter por lá, e Walter não tinha nenhum desejo de anunciar a sua presença com tiros.

Ele abaixou a cabeça e começou uma oração. Não era muito boa, porque a única oração da qual conseguia se lembrar era a que ele costumava fazer antes de dormir quando criança. Mas Walter se concentrou nela, porque isso o ajudava a ignorar a fera dentro dele,

que via o caçador como carne. Ela estava com fome, e não se importava de onde a carne vinha.

Justamente quando Walter estava terminando a oração o demônio uivou. Ele sentiu um rugido de resposta crescendo em sua barriga, um desafio para seu inimigo. Mas segurou o som dentro de si mesmo. Ele sabia tudo sobre perseguir o mal... Por um momento, Walter estava de volta à guerra junto com Jimmy, ambos deslizando de sombra em sombra enquanto se aproximavam da barraca de seu comandante. Os soluços da garota da vila haviam abafado sua aproximação.

Por um segundo, Walter viu o rosto de Jimmy tão claramente como se ele estivesse ao seu lado de novo. Porém, em seguida já estava de volta ao presente, parado diante de um homem morto – um cadáver congelado, cujo pescoço ele havia cortado com a faca, assim como havia cortado o pescoço do seu OC[4] tantos anos atrás.

Aquela menina nunca tinha contado a ninguém o que havia acontecido, embora Jimmy e ele tivessem ficado na expectativa durante várias semanas. Ela poderia ter sido morta por eles também, mas isso os tornaria tão ruins quanto o OC. Oficialmente, ele havia sido morto por um atirador. Jimmy e Walter riram um pouco sobre isso na ocasião. A maioria dos atiradores não usava facas...

Walter se abaixou e pegou o corpo. Ele não podia deixar que encontrassem o cadáver com um ferimento de faca. Assim, iria levá-lo para algum lugar um pouco mais distante das trilhas de caça habituais.

Ele levou o cadáver por pouco mais de um quilômetro e colocou-o suavemente debaixo de um grupo de arbustos de berbéris. Walter lambeu os lábios e sentiu o gosto de sangue. Assustado, olhou para o corpo e percebeu que o ferimento no pescoço havia sido limpo, e que a pele brilhante em torno dele estava com um pouco de saliva.

Walter pegou um punhado de neve e limpou a boca, dividido entre a fome e o nojo, embora soubesse que não poderia ter engolido muito sangue, porque o cadáver estava totalmente congelado.

Walter andou para longe tão rápido quanto possível, mas sem correr.

– Anna? – disse Charles, depois que terminou de fechar o zíper dos sacos de dormir.

Ela não respondeu. Anna havia tirado o casaco e as botas, e subido novamente na pedra. Estava descalça, com as meias de lã em uma das mãos.

Se eles estivessem em qualquer outro lugar, Charles acharia que ela estava aproveitando a vista, mas eles estavam enfiados no meio das árvores, onde só podiam ver mais árvores. Mas Anna não estava realmente apreciando a paisagem; na verdade, evitava olhar para Charles e para os sacos de dormir. Logo que acabaram de comer, ela começou a se distanciar novamente.

A temperatura caiu dez graus quando o sol se pôs, e estava frio demais para que ela ficasse descalça e sem casaco. Anna podia ser um lobisomem, mas geladuras[5] ainda doíam como o diabo.

Mas Charles não ia levá-la para os sacos de dormir se não usasse a força ou a persuasão. Ele tirou suas próprias botas e colocou as meias dentro da mochila, e depois pegou dois pares de meias limpas e colocou-as no fundo do saco de dormir, para que estivessem aquecidas na manhã seguinte.

Charles havia trazido um cobertor extra, que sacudiu e colocou em torno de seus ombros. Depois, aproximou-se e pulou em cima da rocha ao lado dela. Não havia muito espaço, mas ele conseguiu ficar de pé, ombro a ombro com Anna.

– Meus primos cortejavam suas mulheres com cobertores – disse Charles, sem olhar diretamente para ela. Anna não disse nada, apenas puxou os dedos dos pés para cima e enrolou-os juntos para se aquecer. – Isso se chama pesca com cobertor. Um deles ia até a garota que estava cortejando e lentamente esticava um braço para fora... – disse Charles, segurando o canto do cobertor e colocando o braço em volta dos ombros de Anna. – Depois, enrolava o cobertor sobre a garota. Se ela não fugisse para longe, ele a puxava para perto.

Charles fez exatamente como tinha dito, e Anna deu um passo para o lado até ficar debaixo de seu braço com o cobertor confortavelmente enrolado em torno de ambos.

– Pesca com cobertor?

Havia um tom divertido em sua voz, mas o corpo de Anna ainda estava rígido.

Charles concluiu que era o lobo quem estava no controle, mas não completamente. Se ele não estivesse procurando pelo lobo, não teria sentido seu cheiro característico misturado com o perfume próprio do cheiro de Anna.

– Meu irmão, Samuel, é ainda melhor com ele do que eu – disse-lhe Charles, movendo-se um pouco mais até que ela ficasse na sua frente, com os pés frios em cima dos pés dele.

Anna respirou profundamente e deixou o ar sair em uma longa e gelada respiração, aconchegando seu corpo contra o dele.

– Conte-me sobre a união – disse ela.

Charles apertou os braços em volta dela.

– Eu também sou novato nisso.

– Você nunca teve uma companheira antes?

– Não. – Charles sentiu o cheiro dela e deixou-o inundar seu corpo e aquecer seu peito. – Eu já contei a você um pouco sobre isso. É quase igual ao ato de cortejar dos seres humanos. Depois os

dois se casam e, finalmente, meu lobo aceita sua loba como companheira.

– E se isso nunca acontece?

– Então não acontece. – Charles não estava tão animado quanto parecia. – Eu tinha desistido de encontrar uma companheira quando conheci você – disse Charles, deixando escapar um sorriso enquanto pensava na alegria confusa daquele primeiro encontro. – O irmão lobo lhe escolheu como minha companheira a partir do momento em que coloquei os olhos em você, e só posso aplaudir o bom-senso dele.

– O que aconteceria se você tivesse me odiado?

Charles suspirou contra seu cabelo.

– Então nós não estaríamos aqui. Eu não quero acabar como meu pai e Leah.

– Ele a odeia?

Charles deu de ombros.

– Não. Não de verdade. Eu não sei. – Charles se surpreendeu ao ver que ambos chegaram àquele assunto. – Bom, de qualquer forma, meu pai nunca iria dizer nada, mas sei que as coisas não estão bem entre eles. Ele me disse uma vez, há muito tempo, que seu lobo decidiu que precisava de uma companheira para substituir a minha mãe.

– Então, o que deu errado? – perguntou Anna, enquanto seu corpo se moldava ao dele.

Charles balançou a cabeça.

– Eu não tenho vontade de fazer essa pergunta ao Marrok e sugiro que você também não faça.

Depois de ouvir isso, Anna pensou em outra coisa e disse:

– Você falou algo sobre uma cerimônia sob a lua cheia.

– Sim – disse Charles. – Há uma cerimônia realizada sob a lua para abençoar a nossa união; é como se fosse uma cerimônia de

casamento, embora seja particular. Depois dela, você também será considerada um membro da alcateia de meu pai.

Charles sentiu o corpo de Anna enrijecer; a cerimônia da alcateia, que incluía a partilha da carne e do sangue do Alfa – literalmente – podia ser bastante assustadora se o futuro membro não estivesse pronto para ela. Anna se perguntou por que Leo realizara a cerimônia corretamente, quando já havia feito tanta coisa errada. Charles decidiu que poderiam discutir o assunto quando ele não estivesse tentando fazê-la relaxar e entrar no saco de dormir com ele.

– Se você escolher, podemos fazer um casamento separado na igreja, se você quiser. Convidar sua família.

Anna se virou para que pudesse ver o rosto de Charles e perguntou:

– Como você sabe que ainda não estamos unidos?

– É quase como a magia da alcateia – disse ele. – Alguns lobos mal conseguem sentir alguma coisa. A magia da alcateia é o que permite a um Alfa obter a força de seus lobos para ter vantagem na velocidade ou na cicatrização mais rápida. Ela lhe permite controlar os lobos sob seu poder ou encontrá-los caso seja necessário.

Anna ficou parada.

– Ou alimentar-se de sua raiva? Eu acho que Isabella fazia isso; ela gostava quando os membros da alcateia lutavam entre si.

– Sim – concordou Charles. – Embora eu nunca tenha visto meu pai fazer isso. Mas você sabe o que quero dizer?

– Sim. A união é assim?

– Em uma escala menor. Varia entre casais. Às vezes, pode-se percebê-la apenas pela capacidade de saber onde o seu companheiro está. Meu pai diz que isso é tudo que Leah e ele têm. Às vezes, é mais do que isso. Um dos lobos em Oklahoma é companheiro de uma mulher cega; ela consegue enxergar enquanto estiver na mesma sala que ele. O mais comum é a capacidade de

compartilhar a força, ou qualquer das outras coisas que um Alfa pode obter de sua alcateia. – Charles ficou em silêncio e esperou por outra pergunta. – Meus pés estão frios – sugeriu ele, depois de algum tempo.

– Desculpe – disse Anna.

Charles esfregou o rosto dela com o polegar; toque era algo que normalmente evitava. O contato permitia que outros chegassem muito perto dele, uma proximidade que não podia ser permitida se ele quisesse sobreviver ao seu trabalho como assassino de estimação de seu pai.

Isso deixava o irmão lobo ainda mais faminto por contato. Com Anna, ele se esquecia de suas regras habituais. Havia razões para isso, ela era sua companheira, e, até mesmo por seu pai, Charles não iria machucá-la. Anna era Ômega, e parecia improvável que se tornasse um lobo desgarrado. Mas Charles acabou admitindo para si mesmo o motivo real dessa aproximação: ele não podia resistir à sensação da pele dela contra a dele.

– Bom, como diz o ditado, Roma não foi construída em um só dia... Vamos dormir.

Mas, quando viu que Anna se enrijecia contra ele, Charles disse:

– Está muito frio para fazer alguma coisa mais interessante.

Depois dessas palavras, Anna se acalmou.

– Isso foi uma mentira, não foi?

Charles enterrou o nariz frio contra o pescoço dela, fazendo-a dar uma risadinha.

– Você está ficando melhor. E se eu disser que você está muito cansada, então?

Charles saiu do cobertor e enrolou-o em volta dos ombros de Anna. Depois, ele a agarrou e pulou da pedra, dobrando os joelhos para fazer um pouso mais suave. Porém, havia se esquecido de seus ferimentos; enquanto a carregava para os sacos de dormir, sua panturrilha ferida doía violentamente. Ele ignorou a dor escaldante.

Seu peito também não estava muito feliz com todo esse movimento, mas, quando Anna se ajeitou nos sacos de dormir com ele, teria sido preciso muito mais do que um par de buracos de bala para fazê-lo infeliz.

Ela adormeceu muito antes do que ele.

Eles pararam no Lago Baree, mas o único sinal de que alguém estivera ali era um par de rastros de veículos para neve sobre a água congelada. Aquela era uma área deserta, mas também fazia parte de Montana. Veículos para neve não incomodavam tanto Charles quanto os motociclistas de *motocross*, porque os veículos para neve não danificam a terra. Charles se lembrou de que encontrara um par de motociclistas ali já há alguns anos. Ele os seguira até o Lago Wanless, cerca de vinte quilômetros distante da estrada mais próxima, onde eles por fim estacionaram suas motos para que pudessem nadar. Charles se perguntou quanto tempo levaria para que ambos os motociclistas fizessem as máquinas funcionar novamente sem as velas da ignição...

Não havia um jeito fácil de ir do Lago Baree até o Lago Bear no inverno. Charles, juntamente com Tag, tinha traçado algo que parecia ser uma rota passável, mas, se o terreno ficasse muito difícil, ele teria de encontrar outra rota. Tudo o que Charles queria era que o lobo desgarrado avistasse os dois e viesse caçá-los.

Charles também parou para pensar sobre os rastros ali encontrados: a maior parte do terreno das montanhas Cabinet era demasiado áspera para aqueles veículos. Mas, se alguém quisesse apenas ir ao Lago Baree e voltar para, digamos, encontrar algumas vítimas e obter alguma cobertura de notícias para um assassinato cometido por um lobisomem, o local seria bom.

Uma alcateia organizada de renegados, determinados a forçar Bran a não revelar a existência dos lobisomens para o mundo real,

exigiria um tratamento diferente daquele dispensado a um único lobo desgarrado. Charles iria considerar a descoberta sobre os veículos de neve, e estaria pronto para enfrentar vários adversários se necessário.

Anna era uma companheira tranquila. Ela estava claramente se divertindo, embora seus músculos estivessem um pouco rígidos naquela manhã. Ela não reclamou quando as trilhas ficaram mais duras, exigindo muito mais dos seus músculos. Anna era quieta, o que o deixava ouvir outros monstros na floresta. Como Charles também costumava ficar quieto às vezes, sentia-se feliz pelo fato de Anna não tagarelar. Ela havia acordado alegre e descontraída, e assim permanecera até que eles entraram em um pequeno vale suspenso.

Charles podia medir o nervosismo crescente de Anna pela lenta diminuição da distância entre eles.

Quando ela finalmente falou, estava perto o suficiente para acidentalmente pisar o sapato de neve de Charles:

– Desculpe.

O tropeço que Charles deu machucou a perna ferida, mas ele nunca teria dito isso a ela.

– Não tem problema. Você está bem?

Charles percebeu que Anna considerou isso uma mentira educada.

– É meio assustador aqui – disse ela finalmente.

Charles concordou com ela: havia alguns lugares nas Cabinets que eram assim. Charles não tinha certeza, mas aquele parecia pior do que o habitual, e certamente era pior do que a parte das montanhas que eles haviam cruzado no dia anterior.

A observação de Anna fez com que Charles desse uma olhada mais cuidadosa ao seu redor, pois ela poderia ter notado algo que ele mesmo não tivesse observado. Mas nada havia para ser visto – nada mais ameaçador do que a face do penhasco que se elevava

acima deles e lançava sua sombra sobre o vale e o grupo de árvores verde-escuras cercando-os por todos os lados. Mas Charles não descartava a presença de outras forças.

Os espíritos daquelas montanhas nunca tinham sido acolhedores, não como os de Bitterroots ou Pintlers[6]. Eles não gostavam de intrusos.

Também havia a possibilidade de que os espíritos fossem apenas mais ativos naquele vale, ou algo poderia ter acontecido ali. Charles considerou bastante essa possibilidade, o que só aumentava sua certeza de que havia mais coisas ali do que simplesmente espíritos fazendo travessuras. Podia ter sido na semana passada ou cem anos atrás, Charles não saberia dizer, mas estava certo de que algo sombrio jazia sob a neve.

– Você é um lobisomem – respondeu Charles. – Coisas assustadoras não deveriam incomodá-la.

Anna bufou.

– Eu nunca tive medo de monstros até me tornar um. Agora tenho medo da minha própria sombra.

Charles ouviu o deboche autodirigido e bufou de volta para ela.

– Bobagem. Eu...

De repente, ele sentiu um cheiro selvagem e parou, virando-se na direção do vento para senti-lo novamente.

Anna ficou imóvel, olhando para ele. Charles esperou até que o cheiro ficasse um pouco mais forte; seu perseguidor não estava preocupado em ser notado por eles.

– O que você consegue farejar? – perguntou ele suavemente.

Anna respirou fundo e fechou os olhos.

– As árvores, e a pessoa de quem você roubou essas roupas e também... – Anna enrijeceu ao identificar o cheiro. – Um felino. Algum tipo de felino. É uma pantera?

– Quase – disse Charles. – É um lince, eu acho, e um lince mal-humorado, mas não representa perigo para nós.

– Que bom – disse Anna. – Mas o que... – dessa vez foi ela que fez uma pausa. – O que é isso?

– Coelho morto – disse ele, satisfeito. – Você está começando a prestar atenção ao seu nariz – continuou Charles, respirando profundamente outra vez e reconsiderando. – Pode ser um camundongo, mas provavelmente é um coelho. É por isso que o lince ainda está por aqui; nós interrompemos seu jantar.

Contudo, Charles estava um pouco surpreso por eles terem encontrado um lince lá; felinos normalmente ficavam longe de lugares com aquele tipo de atmosfera. Será que ele fora até lá fugindo de predadores maiores?

Anna parecia um pouco esverdeada.

– Eu realmente odeio essa parte de mim que fica com fome ao sentir cheiro de carne crua.

Anna não ficara incomodada ao sentir o cheiro do sangue de Jack. Mas Charles não a alimentava há uma hora, e ela sentia fome. Seu corpo estava queimando calorias para manter-se aquecido. Mas, com fome ou não, aquela não era a hora de alimentá-la com uma refeição de verdade. Eles precisavam sair daquele lugar. Assim, Charles entregou a Anna um pacote de biscoitos de manteiga de amendoim e os dois continuaram a caminhar. A manteiga de amendoim com certeza faria Anna começar a beber a água do cantil; Charles não tinha certeza se ela estava bebendo água o suficiente.

Eles continuaram a caminhar até que conseguissem sair do vale, deixando para trás também aquele sentimento sombrio, confirmando o palpite de Charles de que tal sensação não era culpa dos espíritos.

– Hora do almoço – disse ele, entregando a Anna uma barra de granola e um *stick* de carne-seca.

Anna pegou a comida, limpou a maior parte da neve que caíra sobre uma árvore e, em seguida, sentou-se nela.

– Eu estava bem até chegarmos ao vale. Agora estou exausta e congelada, e é apenas uma hora da tarde. Como os seres humanos fazem isso?

Charles se sentou ao lado dela para comer sua própria porção de carne-seca – era muito melhor do que *pemmican*[7], embora a carne-seca não fosse tão energética sem toda aquela gordura.

– A maioria deles não faz isso nessa época do ano. Eu forcei um pouco para que conseguíssemos sair daquele vale, é isso o que você está sentindo – disse Charles, franzindo a testa. – Você não está suada, não é? Suas meias estão secas? Eu trouxe pares extras. Meias molhadas significam geladura; você pode perder um dedo do pé.

Anna mexeu os sapatos de neve, que pendiam a mais ou menos trinta centímetros do chão.

– Eu pensei que ser um lobisomem significava ser indestrutível, exceto diante da presença da morte.

Algo no rosto de Anna disse a Charles que ela estava pensando nos espancamentos aos quais fora submetida, quando tentavam forçá-la a ser o que não era.

– O dedo pode crescer de novo – disse Charles, acalmando o irmão lobo, que não gostava de ver Anna infeliz. – Mas isso não seria divertido.

– Legal. – Então, reconsiderando, Anna disse a Charles: – Minhas meias estão secas.

– Avise-me se ficarem molhadas.

⁂

Anna estava arrastando os sapatos de neve. Ela deu a Charles um falso olhar ressentido, o que era seguro, porque ela estava olhando para suas costas. Mesmo com os buracos de bala, era

óbvio que Charles não estava tendo problema algum. Ele mal estava mancando enquanto os dois escalavam o lado de outra montanha. Charles diminuiu o passo, mas isso não ajudou tanto quanto ela esperava. Se ele não lhe tivesse prometido parar mais cedo para acampar no topo da montanha que estavam escalando, Anna provavelmente teria desmoronado ali mesmo onde estava.

– Não falta muito – disse ele, sem olhar ao redor. Sem dúvida, a respiração ofegante de Anna dissera a Charles tudo o que ele precisava saber sobre como ela estava cansada. – Parte do problema é a altitude – disse Charles. – Você está acostumada com mais oxigênio no ar e tem de respirar mais rápido para compensar a diferença.

Charles estava achando um meio de justificar sua fadiga, e isso fez Anna empertigar-se. Ela iria continuar a subida mesmo que isso a matasse, e enterrou a borda de seu sapato na neve preparando-se para a próxima etapa; foi aí que um uivo selvagem ecoou por entre as árvores, levantando o cabelo da nuca de Anna enquanto ecoava pelas montanhas.

– O que é isso? – perguntou.

Charles deu-lhe um sorriso sombrio por cima do ombro.

– Lobisomem.

– Você consegue dizer de onde veio?

– A leste de onde nós estamos – disse ele. – Do jeito como o som viaja aqui, ele está a poucos quilômetros de distância.

Anna estremeceu um pouco, embora não devesse ter medo. Afinal de contas, ela era um lobisomem, não era? E, além disso, havia visto Charles limpar o chão com o seu antigo Alfa, apesar de ter levado vários tiros.

– Ele não vai machucar você – disse Charles. Anna não disse nada, mas ele estava observando seu rosto, e os olhos dele se suavizaram. – Se você realmente não gosta que eu use o meu nariz

para dizer o que você está sentindo, você pode tentar usar perfume. É um bom truque.

Anna fungou e farejou apenas as pessoas que haviam emprestado as roupas para Charles.

– Você não usa perfume.

Charles sorriu, exibindo seu dentes brancos no rosto escuro.

– Efeminado demais para mim. Em vez disso, aprendi a controlar minhas emoções. – Depois que disse isso, Charles fez Anna perder a força nos joelhos já cansados quando acrescentou, um pouco pesarosamente: – Até conhecer você.

Charles começou a subir a montanha novamente, deixando-a tropeçar atrás dele. Quem ela era para conseguir emocionar aquele homem? E por que ela? Era só o fato de ser um Ômega? De alguma forma, ela não achava isso. Não depois daquela confissão um tanto penosa.

Charles era realmente dela.

Só para ter certeza, Anna contou nos dedos enluvados: naquela mesma hora, na semana anterior, estava servindo mesas no Scorci's, nunca tinha ouvido falar de Charles ou andara um quilômetro sequer em sapatos de neve. Nunca teria sonhado em apreciar o beijo de um homem novamente. Agora Anna estava vagando pela neve, a uma temperatura abaixo de zero, com um sorriso bobo no rosto, caçando um lobisomem. Ou, pelo menos, seguindo Charles, que estava caçando um lobisomem.

Estranho. E um bocado agradável. E havia benefícios adicionais em seguir Charles por aí – a paisagem, por exemplo.

– Você está rindo? – disse Charles usando sua voz de Sr. Spock[8].

Charles olhou para ela e depois executou uma daquelas voltas complicadas, necessária para reverter as direções quando se anda com sapatos de neve. Ele tirou a luva e tocou-lhe o nariz, bem onde

Anna sabia que suas sardas se reuniam. Os dedos dele desceram pela sua face até tocar a covinha em sua bochecha esquerda.

– Gosto de ver você feliz – disse Charles, com convicção.

O escrutínio dele interrompeu a risada de Anna, mas não a sensação quente e aconchegante em seu estômago.

– Ah, é? – disse ela maliciosamente. – Então me diga que essa é a última subida e que este grande terreno plano que estamos pisando neste momento é onde vamos acampar, e que eu não preciso mais andar hoje.

⁂

Anna ficou parada, com um ar satisfeito, e Charles não tinha a menor ideia do porquê disso. Ele não estava acostumado com tais situações, afinal, sempre fora bom em ler as pessoas! Charles tinha muita prática, e o irmão lobo era quase empático às vezes; ainda assim, ele não conseguia saber por que Anna estava ali olhando-o, com o riso secreto ainda dançando em seus olhos.

Charles se inclinou até pressionar a testa contra o gorro de lã de Anna e fechou os olhos, sentindo o cheiro dela e deixando que o calor emanado pelo seu corpo se espalhasse sobre seu próprio coração. O cheiro de Anna se libertou dos limites estabelecidos por ele e o inundou como a fumaça de um narguilé.

Os dois já não tinham mais o cheiro humano das roupas; porém, mergulhado em Anna, Charles não parecia se importar.

Ainda assim, ele deveria tê-lo ouvido. Farejado. Qualquer coisa.

Em um momento Charles estava em pé ao lado de Anna, e no outro estava de bruços na neve com algo – um lobisomem, como seu nariz tardiamente lhe informou – sobre as suas costas e Anna debaixo dele.

Dentes cravaram-se no tecido resistente do casaco e rasgaram sua mochila. Charles ignorou o lobisomem por causa de Anna e levantou-se (junto com o lobisomem) a fim de dar a ela espaço para

sair debaixo dele, sabendo que provavelmente isso seria uma decisão fatal.

Anna se contorceu para sair tão rápido quanto um assistente de ilusionista faria. Mas não deu ouvidos a Charles, que lhe ordenou que corresse.

O lobo que o estava atacando parecia não tê-la notado. Ele estava tão ocupado rasgando a mochila de Charles que não prestava atenção em mais nada. Charles concluiu que certamente era um lobo desgarrado, tão fora de controle a ponto de não libertar seu primeiro alvo para executar um movimento mais imediatamente fatal. Não que Charles estivesse reclamando.

A forma humana de Charles era um pouco mais frágil do que a de lobo, mas era quase tão forte como ele. Sem Anna embaixo de seu corpo, Charles levou um instante para arrebentar as correias dos sapatos de neve e libertar seus pés.

Pacotes de papel-alumínio caíram ao redor dele como confete jogado em um casamento: eram os alimentos desidratados. Sem dúvida, Samuel teria dito algo engraçado sobre isso, do tipo “vamos ver quem vai ser um jantar congelado”.

Grunhindo com o esforço, Charles esticou as pernas com tanta velocidade e força quanto possível, e o movimento, combinado com o peso do lobisomem, rasgou o tecido do casaco de Charles e sua mochila. Segurando-se pelo tecido e mais nada, o lobo foi jogado para trás; depois de levar um chute, ele caiu a três metros de distância. Não era longe o suficiente, mas o bastante para ficar entre Charles e Anna, e mais perto dela do que de Charles.

Mesmo enquanto Charles freneticamente se libertava dos restos da mochila, impiedosamente rasgando tudo que ainda o amarrava, percebeu o absurdo daquele ataque. Mesmo um lobo desgarrado fora de controle não teria sido totalmente impedido pela mochila. Ele teria cravado um dente ou uma garra em algum lugar, mas Charles estava completamente ileso.

O lobo ficou em pé de um salto, porém não fez movimento algum para atacar novamente. Na verdade, aquele lobo estava com medo. O cheiro de seu medo inundava o ar, quando ele olhou nos olhos de Charles desafiadoramente.

Mesmo assim o lobo ficou onde estava, entre Charles e Anna. Como se a estivesse protegendo.

Charles apertou os olhos e tentou identificá-lo, pois conhecia muitos. Cinza com cinza não era uma coloração incomum, embora aquele fosse ainda mais magro do que a forma do lobo de Anna, e magro a ponto de ser cadavérico. O cheiro daquele lobo não era familiar, e ele também não cheirava a alcateia. Ele cheirava a pinheiro do Oregon, cedro e granito, como se nunca tivesse sido tocado por xampu ou sabão ou qualquer outro artigo da vida moderna.

– Quem é você? – perguntou Charles.

– Quem é você? – repetiu Anna, e o lobo olhou para ela. Charles também olhou, praguejando; quando usava seu poder, Anna podia chamar a atenção de qualquer um que ela quisesse, de forma quase tão efetiva quanto Bran, embora ele o fizesse simplesmente pela força de sua personalidade. Anna fazia qualquer um desejar somente se deitar a seus pés e aproveitar a paz que emanava dela.

Charles pôde sentir quando o lobo percebeu que não havia presa humana a ser protegida. Ele sentiu o cheiro da raiva e do ódio que emanava do outro lobo, que se desvanecia quando ele se aproximava de Anna. Isso o deixava bem confuso...

Finalmente, o lobo fugiu.

– Você está bem? – perguntou Charles, tirando as roupas o mais rápido possível. Ele poderia ter usado magia para se despir, como geralmente fazia, mas não queria arriscar-se a usá-la naquele momento, quando poderia precisar dela para algo mais importante depois. As malditas ataduras que envolviam suas costelas eram resistentes e o machucaram quando ele as rasgou com as unhas, à

medida que estas cresciam. Um pedaço da tira do sapato de neve tinha ficado preso no cadarço da bota, e por isso ele arrebentou o cadarço.

– Estou bem.

– Fique aqui – ordenou ele, ao deixar o irmão lobo fluir sobre o seu corpo e roubar-lhe a capacidade de falar. Charles tremeu à medida que a forma do lobo o fazia sentir o chamado da caça, e cada minuto da transformação deixava o outro lobo se distanciar cada vez mais.

– Ficarei aqui – disse-lhe Anna, e Charles percebeu que, enquanto sua forma de lobo se definia e materializava, mais palavras fluíram sobre ele. – Não o machuque.

Ele acenou antes de desaparecer na floresta. Charles não iria precisar matar ninguém. Com a ajuda de Anna, traria o lobo desgarrado em segurança.

Assim que Charles partiu, Anna começou a tremer como se alguém tivesse tirado seu casaco e a deixado nua, no gelo e na neve. Ela olhou em volta nervosamente, tentando descobrir por que as sombras das árvores subitamente pareciam mais densas. Os abetos[9], que alguns momentos atrás eram apenas árvores, agora pareciam pairar sobre ela como uma ameaça silenciosa.

– Mas eu sou um monstro, droga! – disse, em voz alta, revoltando-se contra o próprio medo.

Como que em resposta, o vento morreu e o silêncio desceu; um silêncio pesado cobrindo tudo que de, alguma maneira, parecia estar vivo, embora nada se movesse ou fizesse barulho. Até os pequenos pássaros – como os canários-da-terra e as trepadeiras-azuis – estavam silenciosos.

Anna olhou atentamente para as árvores, e isso ajudou um pouco. Mas a sensação de que algo estava olhando para ela

continuou aumentando. Seu nariz lhe dizia que nada havia ali, mas antes ele não fora capaz de alertá-la sobre o lobo que a derrubara junto com Charles, e só agora que o lobo tinha fugido seu sistema de alarme estava em pleno funcionamento. Seu nariz era muito útil mesmo...

Mas, ao pensar no lobo, Anna se lembrou da estranha sensação que experimentara apenas alguns momentos atrás, como se pudesse ver através da pele do lobisomem desconhecido e dentro de sua alma, sentindo o seu tormento, sua carência. Anna estendera a mão e perguntara quem ele era, e uma parte dela estava certa de que o lobo viria até ela e lhe responderia.

Quando ele fugiu em vez de fazer isso, Anna já havia perdido a estranha sensação. Ela não conseguia identificar a maior parte das impressões que recebera do lobo; Anna se sentira como um homem cego vendo cores pela primeira vez. Mas poderia jurar que ele tinha atacado para protegê-la, e que havia feito o possível para não ferir Charles.

Algo a estava observando. Ela farejou, aspirando o aroma do ar, mas tudo o que aspirou foram os cheiros habituais da floresta.

Anna andou ao redor da clareira, mas não detectou coisa alguma com os olhos, os ouvidos ou o nariz. Andou por ali de novo, agora aleatoriamente, mas obteve os mesmos resultados. Olhar pela terceira vez não iria ajudar em nada. Anna precisava se acalmar, ou iria sair correndo atrás de Charles em total pânico. Até parece que isso iria surpreendê-lo; afinal, não seria a primeira vez que Anna faria algo do tipo...

Ela cruzou os braços sobre o estômago, que tinha começado a doer com alguma emoção que Anna não conseguia (e não poderia) identificar. Poderia ser raiva.

Por três anos ela havia suportado tudo porque ainda precisava da alcateia, mesmo que isso fosse uma coisa ruim. A alcateia era uma exigência visceral da qual seu lobo não poderia prescindir. Foi assim

que Anna deixou que roubassem seu orgulho, permitindo que Leo tomasse o controle de seu corpo e o passasse de mão em mão, como se ela fosse uma prostituta cujo dono era ele.

Por um momento, Anna pôde sentir o cheiro da respiração de Justin em seu rosto, sentir seu corpo segurando o dela, a dor em seus pulsos e a pressão em seu nariz, no lugar onde ele o havia quebrado, com um golpe cuidadosamente controlado de mão aberta.

O sangue escorreu pelo seu lábio e pelo casaco novo, respingando na neve. Assustada, Anna pôs a mão no nariz, mas não havia nada de errado com ele, embora há apenas um momento ela sentira que ele estava inchado, como na noite em que Justin lhe batera.

Mas o sangue ainda estava lá, e por isso Anna se abaixou, pegou um punhado de neve e pressionou contra o nariz até que ele começasse a queimar desconfortavelmente. Ela pôs a mão no nariz e viu que ela saiu limpa, portanto, não estava mais sangrando. A questão era saber por que ela havia começado a sangrar, e por que de repente começara a pensar em Justin...

Ela concluiu que talvez o sangramento tivesse algo a ver com a altitude; se Charles estivesse lá, saberia lhe dizer. Anna pegou um pouco de neve limpa e limpou o rosto, e em seguida o fez com um pedaço de mochila que estava perto dela; depois disso, Anna tocou o nariz e viu que os dedos saíram limpos. Fosse qual fosse a causa, o sangramento tinha parado. Ela esfregou as manchas de sangue em seu casaco e só conseguiu espalhá-lo ainda mais.

Com um suspiro, Anna procurou algum lugar para colocar o pedaço de tecido sujo de sangue. Ela já havia tirado sua mochila quando fizera o reconhecimento do terreno anteriormente. A mochila estava lá, intacta, em meio a alimentos acondicionados em papel-alumínio espalhados pelo chão, parecendo arte abstrata, junto com pedaços da mochila de Charles.

Com um toque de exasperação, Anna pensou em como aquilo era típico dos homens: deixar a bagunça para a mulher limpar...

Anna juntou as roupas de Charles e sacudiu-as para tirar a neve, enfiando as peças logo após em sua mochila, e em seguida começou a colocar os alimentos dentro do papel-alumínio, por cima das roupas. Com um pouco de organização, conseguiu colocar a maioria dos alimentos não danificados em sua mochila, mas era impossível colocar qualquer outra coisa dentro dela. Anna deu um olhar frustrado aos restos mortais da mochila de Charles, de seu saco de dormir e dos seus sapatos de neve.

Isso não a incomodaria tanto, exceto pelo fato de essa ser uma área selvagem; eles não deveriam deixar nada para trás. Anna olhou atentamente para a mochila de Charles, mas ela tinha sido rasgada em pedaços. A arma também fora danificada. Anna não sabia muito sobre rifles, mas achava que eles precisavam de um cano reto para funcionar...

No entanto, Anna tirou a sorte grande quando percebeu que um dos pedaços de mochila mostrou ser o pano de chão no qual eles tinham dormido na noite passada.

De repente, Anna farejou algo ao se ajoelhar para esticar o tecido resistente. Ela tentou não reagir ao cheiro, coletando todos os objetos restantes e colocando-os no centro do pano. Todos, exceto a arma. Apesar de estar com o cano dobrado, o rifle ainda era uma coisa tranquilizadoramente sólida.

Quem quer que estivesse ali, ficou muito quieto, olhando para ela; era um ser humano, e não um lobisomem.

Amarrado, o pano virou uma trouxa bem-arrumada que poderia ser carregada pelos dois. Quando Anna colocou a trouxa improvisada perto da sua mochila, ouviu seu observador sair das árvores atrás dela.

– Parece que você se meteu em uma confusão e tanto – disse uma voz amigável. – Você topou com um urso?

Ela parecia bastante amigável. Anna virou para que pudesse olhar para a mulher que tinha saído das árvores depois de observá-la por todo aquele tempo, o que, na opinião de Anna, era tempo demais para que a mulher fosse totalmente confiável.

Como Anna, ela estava usando sapatos de neve, mas carregava bastões de esqui em ambas as mãos. Olhos castanhos profundos espiavam por baixo do gorro, mas o resto do rosto estava coberto por um cachecol de lã. Sob o gorro cinza, cachos castanho-escuros caíam até os ombros.

Anna respirou profundamente, mas seu nariz lhe disse que a mulher era mesmo humana. Será que audição de um ser humano era ruim o suficiente para confundir o barulho da luta entre dois lobisomens com o barulho de um urso? Anna desgraçadamente não sabia.

– Um urso. Sim. – Anna deu-lhe um sorriso, na esperança de compensar o tempo que levara para responder. – Desculpe, eu ainda estou um pouco assustada. Eu sou uma garota da cidade, e não estou acostumada com a Mãe Natureza em toda sua glória. Sim, um urso. Nós o assustamos, e então descobrimos que ele havia levado uma de nossas... – Nesse ponto, Anna parou; o que seria tão indispensável a ponto de fazer um humano sair correndo atrás de um urso? – ...mochilas pequenas. Onde estava o isqueiro.

A outra mulher jogou a cabeça para trás e riu.

– Não é assim que as coisas sempre acontecem? Eu sou Mary Alvarado. O que você está fazendo aqui no meio do inverno, se não está acostumada com lugares selvagens?

– Eu sou Anna... Cornick. – De alguma forma, parecia certo usar o nome de Charles. Anna deu outro sorriso irônico à Maria Alvarado. – Não estamos casados há muito tempo. Ainda não me acostumei ao novo sobrenome. Você deve estar procurando o caçador também. Fomos informados de que ninguém mais viria tão longe

assim. Eu posso ser verde como a relva, mas meu marido conhece bem esta região.

– Eu sou da Busca e Salvamento – disse Mary.

– Vocês não são obrigados a andar em duplas? – perguntou Anna. Ela não tinha certeza sobre isso, mas parecia o mais sensato. Afinal, Heather e Jack estavam caçando juntos.

Mary encolheu os ombros.

– Minha parceira está por aí, em algum lugar. Tivemos uma discussão, e ela se afastou, em um acesso de raiva. Mas ela vai superar isso logo e esperar que eu a alcance – disse Mary, sorrindo conspirativamente. – Ela é muito temperamental.

A mulher deu um passo para mais perto de Anna, mas depois parou abruptamente e olhou em volta. Anna sentiu algo também, como um grande vento maligno emanando das árvores.

Algo rosnou.

NOVE

Asil estava aparando botões mortos das rosas em sua estufa. Elas não eram tão gloriosas como as que ele tinha cultivado na Espanha, mas eram muito melhores do que as flores comercialmente cultivadas com as quais ele começara. Suas rosas espanholas tinham sido o resultado de séculos de cultivo cuidadoso. Naquela época ele não se incomodara em deixá-las para trás, mas agora lamentava profundamente sua perda. Mas não tão profundamente quanto a perda de Sarai.

Ele esperava que alguém tivesse tomado conta das rosas, mas, considerando o estado em que deixara suas terras, era quase certeza de que as flores tivessem morrido antes que alguém descobrisse o que fazer com a propriedade. Ainda assim, Asil estivera trocando mudas e enxertos com outros aficionados por rosas por várias décadas antes de ser forçado a sair, por isso seu trabalho não fora totalmente em vão. Em algum lugar no mundo, provavelmente havia descendentes de suas rosas. Se Bran o deixasse vivo por mais alguns anos, ele poderia até procurá-las.

Alguém bateu energicamente na porta interna, e em seguida a abriu sem esperar uma resposta. Asil nem se preocupou em olhar para cima. Sage costumava invadir sua estufa desde o tempo em que ele a construíra.

Qualquer outra pessoa já teria sido reduzida a pedaços há muito tempo por interromper a solidão de Asil daquele modo. Mas bater em Sage iria ser tão gratificante como bater em um filhote de cachorro: não serviria para nada, exceto para fazer Asil sentir-se um abusador.

– Olá, olá? – gritou ela, mas seu nariz com certeza já lhe dissera exatamente onde Asil estava.

Aquela era a saudação usual de Sage – Asil sempre achara que era uma forma de se certificar de que ele não estava se sentindo um homicida recluso naquele dia. Asil tivera alguns dias assim, logo depois de chegar a Aspen Creek. Quando Sage começou a visitá-lo, Asil se perguntou se não era o Marrok que a mandava até lá para ter certeza de que ele ainda estava são o suficiente para continuar vivo. Se fosse essa a intenção, o Marrok tinha sido bastante prudente, mas, de qualquer forma, ele havia parado de se importar há muito tempo.

– Estou aqui – disse-lhe Asil, sem se preocupar em levantar a voz. Sage poderia ouvi-lo mesmo se ele sussurrasse, e ele não fingia mais ser humano.

Asil não levantou os olhos de seu trabalho quando ela chegou por trás dele. Seus padrões de beleza haviam se expandido ao longo dos anos, mas, mesmo se não tivessem, Sage teria chamado sua atenção.

Sarai muitas vezes lhe dava um forte soco na cabeça por olhar para outras mulheres, embora ela soubesse que Asil nunca a trairia. Agora ela estava morta, e ele raramente olhava para as mulheres, se é que olhava. Flertar não o fazia sentir-se como se estivesse traindo sua companheira morta, mas Asil havia descoberto que sentia muita falta daqueles socos. Mas era óbvio que, frente à oportunidade de irritar o sempre-tão-circunspecto Charles, essas lembranças não constituíam um obstáculo mais sério...

– Oi ‘Sil. Você está sorrindo. Alguém morreu?

Obviamente, Sage não esperava que ele respondesse daquele modo, mas continuou:

– Tem algo que eu possa fazer aqui?

– Estou podando as plantas – disse ele, embora soubesse que ela podia ver por si mesma.

Algumas vezes Asil ficava tão impaciente com tudo aquilo, incluindo as conversas sem sentido que imitavam outras conversas que ele tivera milhares, milhares de vezes. Assim como também estava cansado de pessoas que precisavam resolver os mesmos problemas vez após vez.

Asil ficou pensando em Bran, que mantinha um ar de divertido interesse frente aos pequenos problemas de sua gente. *Ainda assim*, pensou Asil, com um pequeno traço de divertimento amargo e dirigido a si próprio, *não devo estar tão cansado da vida; se fosse assim, não teria aceitado a ajuda de Bran quando ele a ofereceu...*

Sage ignorou sua falta de amabilidade com ânimo incansável. Essa era uma das coisas que Asil gostava nela: com Sage, ele não precisava se desculpar constantemente por conta de suas voláteis mudanças de humor.

Ela tirou o casaco e se sentou exatamente à sua direita para começar a trabalhar na fileira seguinte de arbustos. Asil então percebeu que ela queria começar uma conversa. Caso contrário, teria começado no outro lado dos arbustos, onde não o atrapalharia.

– Então o que você acha da companheira de Charlie? – perguntou ela.

Asil grunhiu. Ele havia se portado mal ao provocar o garoto de Bran, mas tinha sido incapaz de resistir; era muito raro ver Charles perder o comedimento. E Anna o fazia lembrar-se de sua Sarai, e não pela aparência – Sarai tinha sido quase tão morena quanto ele –, mas pela mesma serenidade interior.

– Bem, eu gosto dela – disse Sage. – Ela tem mais coragem do que você imagina, considerando a forma como seu antigo Alfa abusou dela.

Isso o chocou.

– Abusou de um Ômega?

Sage assentiu com a cabeça.

– Durante anos. Acho que Leo era um grande patife – matou metade de sua alcateia, ou deixou sua companheira louca fazê-lo. Ele mesmo mandou um de seus lobos para forçar a Transformação em Anna. O que não entendo é por que Charles não matou a alcateia toda; nenhum deles fez nada para protegê-la. Qual é a dificuldade em pegar o telefone e ligar para Bran?

– Se Leo lhes ordenou que não o fizessem, eles não seriam capazes de ligar – disse Asil distraidamente. Ele havia conhecido Leo, o Alfa de Chicago, e gostava dele também. – A não ser que fossem quase tão dominantes quanto Leo, o que é improvável.

Leo era um Alfa forte, e Asil juraria que ele também era um homem honrado. Talvez Sage estivesse enganada. Asil cortou algumas rosas com as bordas escurecidas, e então perguntou:

– Você sabe por que Leo fez essas coisas?

Sage levantou os olhos do trabalho que estava fazendo.

– Acho que a companheira dele estava ficando louca devido à idade. Ela matou todas as fêmeas da alcateia por ciúme, e então transformou um monte de homens bonitos, só por diversão. Aparentemente, Leo esperava que a presença de um Ômega como Anna na alcateia iria manter sua companheira estável. Funcionou, mais ou menos. Mas ele brutalizou Anna, para que pudesse mantê-la sob seu domínio.

Asil ficou paralisado; um calafrio correu por suas costas. Quando se fala de uma mulher sem companheiro em uma alcateia, “brutalizar” era uma palavra terrível, muito pior do que “abusar”. A definição moderna de “abusar” era diferente daquela com a qual ele havia crescido, porém “brutalizar” não havia mudado nem um pouco.

– Brutalizada como? – perguntou, com voz rouca, lembrando-se de repente da rara fúria que ele incitara em Charles ao levar flores para Anna. Asil reviu a breve imagem da visão que tivera de Anna sobre o ombro de Charles. Provavelmente, ela estava com medo...

Asil e sua maldita capacidade de causar problemas. O que ele havia feito?

Sage enterrou os dedos na terra, sem dúvida revivendo a brutal agressão que ela mesma sofrera e que resultara em seu pedido de santuário em Aspen Creek alguns anos antes de Asil ter chegado lá; ele também devia pedir desculpas por trazer o assunto à tona. Você é *desajeitado, Asil, muito desajeitado,* pensou ele.

– O que você acha que eles fizeram com Anna? – disse ela finalmente, com a voz sombria.

– *Alá...* – disse suavemente. Asil nunca tinha deixado Charles tão furioso assim antes. E também deixara aquela pobre criança lidar com os resultados, pensando que qualquer Ômega poderia acalmar seu companheiro. Asil não havia percebido que ela já havia sido ferida antes. Na verdade, ele deveria ter forçado Bran a matá-lo há muito tempo.

– Qual o problema?

– Eu preciso falar com Charles – disse ele, colocando a faca de podar de lado e ficando em pé. Asil estava ficando velho e complacente, muito propenso a acreditar que era onisciente. Ele havia pensado que o garoto estava esperando até que seus ferimentos cicatrizassem antes de consumar sua união com Anna; em vez disso, agora Asil tinha quase certeza de que Charles estava apenas tentando dar um tempo à garota.

O fato de Charles ter vindo aquela manhã perguntar sobre Ômegas podia significar que algo havia dado errado... E, seguindo essa linha de pensamento, Asil percebeu que Charles não estava falando de Sarai quando perguntou sobre o que acontecia com um Ômega depois que passasse por sessões de tortura. Ele estava perguntando sobre Anna.

– Falar com Charles vai ser difícil – disse Sage secamente. – Ele pegou Anna e foi atrás de um lobo desgarrado nas Cabinets. Não há sinal de celular lá.

– Nas Cabinets? – disse Asil, franzindo a testa. Ele se lembrou de que, no dia anterior, Charles tinha tentado disfarçar um coxear na igreja. Ele estava fazendo um trabalho melhor aquela manhã, mas Asil podia ver que ele ainda estava com o andar rígido.

– Ele foi ferido.

– Hum-hum – assentiu Sage. – Ouvi dizer que ele foi baleado em Chicago, balas de prata. Mas há um lobisomem desgarrado correndo por aí e atacando pessoas. Matou uma e feriu outra em menos de uma semana; o parceiro de Heather Morrell foi um dos feridos. Se vamos manter isso fora da mídia, o lobo desgarrado tem de ser morto o mais rapidamente possível, para que não machuque mais ninguém. E quem mais Bran tem para enviar atrás dele? Samuel não é adequado para a tarefa, mesmo se não tivesse acabado de voltar a Washington esta manhã. O que estão dizendo é que Bran está preocupado que isso possa ser uma manobra por parte dos lobos europeus, tentando causar problemas o suficiente para que Bran não vá a público. Para isso, o Marrok precisa de um lobo dominante.

A maneira como Sage sempre sabia tanto sobre tudo o que acontecia na alcateia do Marrok tinha deixado de surpreender Asil há muito tempo.

– Ele poderia ter me enviado – disse Asil, não prestando muita atenção às suas próprias palavras. Era uma boa notícia o fato de Anna ter ido com Charles... Certamente isso significava que Asil não tinha causado dano permanente a ela com sua provocação.

Sage olhou para ele.

– Enviar você? Será que ele poderia, realmente? Eu vi você na igreja ontem pela manhã.

– Ele poderia ter me enviado – repetiu Asil; ele sabia que Sage estava começando a suspeitar que sua loucura era simulada. Bran provavelmente pensava assim também, já que não o havia matado ainda, embora Asil tivesse pedido a ele repetidamente durante anos

– quinze anos de “ainda não”. Era uma pena que tanto Sage como Bran estivessem errados. Sua loucura era uma coisa mais sutil, e podia deixar todos mortos no final.

Asil era um perigo para todos ao seu redor, e, se não fosse tão covarde, teria feito Bran cuidar do problema logo que chegara lá, ou em qualquer dia depois.

Ele poderia pelo menos ter eliminado o lobo solitário desgarrado; Asil devia isso a Bran.

– Não acho que Charles esteja muito ferido – disse Sage, em um tom conciliatório.

Isso só significava que Charles tinha sido bem-sucedido ao esconder seus ferimentos de Sage, mas Asil sabia mais do ela. Seria preciso algo grave para fazer aquele lobo velho ter tanta dificuldade em se mover no funeral, onde tantos poderiam vê-lo.

Asil respirou fundo. Charles era durão, e conhecia as Cabinets melhor do que ninguém. Mesmo ferido, um único lobo desgarrado não seria páreo para ele. Estava tudo bem. Ele precisava apenas pedir desculpas aos dois na próxima vez que os visse, e esperar não ter causado danos irreparáveis com a sua espicaçada. Asil se lembrou de que, na hora, havia sentido muito ciúme... A paz que Anna trazia o havia feito lembrar-se de...

Ah, Sarai, você ficaria tão desapontada comigo, pensou.

– Você está bem?

Asil ajoelhou-se novamente e pegou suas tesouras.

– Estou bem.

Mas por que os europeus mandariam só um lobo? Talvez não fosse bem isso... Talvez Charles precisasse de ajuda.

Asil suspirou. Ele devia ao garoto um pedido de desculpas que não poderia esperar. Se soubesse de onde eles tinham partido, Asil poderia seguir a pista de Charles e ter certeza de que não tinha causado dano real algum ao vínculo entre ele e sua companheira.

– Eu preciso falar com Bran – disse ele. Asil jogou a tesoura de lado novamente e saiu, fechando a porta da estufa atrás de si.

Quando saiu da câmara de ar, o frio caiu sobre ele como o manto da rainha do gelo. O contraste entre o frio e o ar artificialmente quente e úmido de sua estufa era tão grande que Asil engasgou uma vez antes que seus pulmões se ajustassem. Sage o seguiu, colocando o casaco, mas ele não esperou por ela.

⁂

– Eu não *sei* se são os europeus – disse Bran calmamente, após Asil expressar sua opinião sobre como foi sábio enviar Charles ainda ferido atrás de um inimigo desconhecido, em palavras menos do que diplomáticas. – O mais provável é que seja simplesmente um lobo desgarrado. As Cabinets são remotas e podem parecer atraentes para alguém tentando fugir daquilo que se tornou. Mesmo que sejam os europeus, há apenas um lobo. Se houvesse dois lobos, Heather não teria sido capaz de expulsar quem os atacou.

Bran fez uma pausa, mas Asil apenas cruzou os braços sobre o peito, e sua linguagem corporal mostrou a Bran que ele ainda achava que a decisão do Marrok foi tola.

Bran sorriu e colocou os pés em cima de sua mesa.

– Eu não enviei Charles sozinho. Mesmo se houver dois ou três lobisomens, Charles e Anna devem conseguir dar um jeito. Se fossem mais de dois ou três, eu teria percebido a presença deles assim que chegassem muito perto de Aspen Creek.

Isso fazia sentido para Asil. Então, por que havia um medo crescente em sua alma? Por que todos os seus instintos lhe diziam que enviar Charles atrás desse lobo desgarrado era algo tão estúpido? E quando ele tinha parado de se preocupar com Charles e começado a se preocupar com o que eles estavam perseguindo, com o lobisomem que estavam perseguindo.

– Como é esse lobo?

Asil balançou o corpo lentamente de um pé para o outro, mas não se preocupou em controlar-se. Ele estava muito ocupado pensando.

– Como um pastor-alemão – disse Bran. – Marrom com extremidades e as costas escuras, com um pouco de branco em volta das patas dianteiras. O estudante de pós-graduação e Heather o descreveram da mesma forma.

A porta do escritório de Bran se abriu, e Sage entrou apressadamente.

– Ele... Vejo que ele já chegou aqui. Qual o problema?

– Nada – disse Bran suavemente. – Asil, vá para casa. Quero que você descanse em casa hoje. Entrarei em contato assim que eu souber de alguma coisa.

Asil passou tropeçando por Sage, e não estava mais preocupado com Charles. Essa coloração podia ser comum em pastores alemães, mas não era muito comum em lobisomens.

Sarai tinha essa coloração: marrom-escuro e marrom-claro com uma mancha escura em forma de sela nas costas. Sua pata esquerda dianteira era branca.

Perturbado demais para ter cuidado com sua força, Asil quebrou a maçaneta da porta de seu carro e teve de deslizar para dentro pelo lado do passageiro. Ele não se lembrou do caminho que seguira ao ir para casa; sentia apenas uma necessidade de se esconder, que era ainda mais poderosa do que a necessidade de obedecer a seu Alfa.

Asil não se preocupou em colocar seu carro na garagem; naquela noite, o carro teria de enfrentar os elementos, assim como ele mesmo. Asil foi para seu quarto e abriu o armário. Ele tirou a camisa favorita de Sarai do cabide, desgastada pela idade e pelo manuseio. Mesmo seu nariz já não conseguia sentir o cheiro de Sarai, mas o tecido havia tocado seu corpo e isso era tudo o que ele tinha. Ele a colocou sobre a cama e deitou-se sobre ela, esfregando a bochecha contra a camisa.

Afinal, está acontecendo, pensou Asil; ele concluiu que estava *mesmo* louco.

Não podia ser sua Sarai. Primeiro, ela nunca mataria ninguém sem motivo. Em segundo lugar, ela estava morta. Asil a encontrara, dias depois de sua morte. Ele havia tomado e lavado seu pobre corpo, tendo o cuidado de queimá-lo com sal e água benta. Como sabia quem a assassinara, Asil não queria que houvesse uma forma de chamá-la de volta dos mortos, embora nem a família de Mariposa, nem a bruxa que a criara fossem da família de bruxas que lidavam com os mortos.

Não. Não era Sarai.

Seu estômago doía; sua garganta doía, e seus olhos queimavam com lágrimas, e com o antigo ódio que enregelava seu sangue. Asil devia ter matado a bruxa, mas, em vez disso, havia fugido. Fugira, enquanto a assassina de sua mulher ficava viva, porque sentira medo daquilo em que Mariposa havia se transformado. Medo da bruxa que o caçava, como caçara Sarai.

Somente quando não aguentava mais fugir, quando ficou evidente que o tempo não iria matá-la como deveria, Asil veio até Aspen Creek, para morrer e finalmente se juntar à sua amada. Mas, por causa do Marrok (e, mais tarde, das suas rosas), Asil se viu obrigado a esperar.

E ela não o havia encontrado ali. Talvez tivesse finalmente parado de procurar; talvez tivesse ficado mais poderosa a cada ano, e já não precisasse mais dele. Talvez o poder do Marrok o protegesse, como protegia o resto da alcateia.

Enquanto Asil jazia ofegante em sua cama, a convicção de que havia chegado o momento de sua morte aumentava mais e mais. Com amor, ele dobrou a camisa onde ela estava e caminhou até a porta da frente. Dessa vez, iria persuadir Bran.

Mas ele não podia abrir a porta; não podia forçar sua mão a tocar na maçaneta. Asil rugiu em sua raiva, mas isso não mudou nada.

Ele não podia desobedecer a Bran. Asil estava tão aflito que não havia notado que Bran tinha lhe dado uma ordem de verdade: até o dia seguinte, Asil teria de ficar ali, naquela casa onde tinha vivido sozinho durante todos aqueles anos, escondendo-se da assassina de sua companheira.

Seria amanhã, então. Asil acalmou-se com o pensamento. Mas primeiro ele precisava reparar o que havia danificado. Amanhã, ajudaria Charles com o lobo desgarrado e lhe daria qualquer conselho que julgasse útil no que dizia respeito à relação com uma companheira Ômega, e então seria o fim. O alívio correu por seu corpo, e ele chegou a sorrir. Se Bran não o matasse depois do dia anterior, Asil estava certo de que Charles ficaria feliz em ajudá-lo.

Asil estava calmo quando voltou para a cama; o peso dos anos tornava-se leve pela proximidade de seu fim. Ele tocou a camisa com a mão e fingiu que ela estava ali, ao seu lado.

Aos poucos, a dor diminuiu, amortecida por saber que em breve iria embora para sempre e seria substituída pela paz e pela escuridão. Mas, por enquanto, havia apenas o vazio. Asil poderia ter dormido aquela hora, mas a curiosidade, o seu pecado mais constante, o fez considerar o lobo que estava matando pessoas tão perto do próprio território do Marrok.

Asil ofegou e se sentou.

Esse lobo estava tão perto do território do Marrok... Ele matava, e se parecia muito com o seu querido amor. Estaria tão perto do território do Marrok, ou tão perto de Asil?

E depois havia os seus sonhos... Seus sonhos sempre ficavam mais fortes quando a bruxa estava muito perto.

Sarai caçando humanos? Asil esfregou os olhos. Sarai mal caçava nas noites de lua cheia. Além disso, Sarai estava morta.

Apesar do horror de imaginar a bruxa tão perto, ele descobriu que havia esperança em seu coração. Mas Asil sabia que Sarai estava

morta, assim como sabia que Mariposa tinha roubado o vínculo entre ele e sua companheira.

Isso não deveria ter sido possível para ela, nem para qualquer bruxa. Os lobos mantinham suas magias em segredo. Certamente, se alguma das famílias tivesse descoberto como roubar o vínculo entre lobisomens, teria feito mais de uma vez, e ele já teria ouvido falar disso. Aquilo provavelmente tinha sido um acidente, um efeito colateral de alguma outra coisa, mas, em todos os anos que esteve fugindo, Asil nunca descobriu o que era isso – havia somente a aparente imortalidade que Mariposa parecera ter obtido após a morte de Sarai.

Embora Asil o mantivesse tão firmemente fechado quanto possível, às vezes ainda sentia a força do vínculo. Como se Mariposa estivesse tentando usá-lo como havia tentado naquele primeiro dia, antes que ele percebesse o que estava errado.

Naquele dia, Asil tinha pensado que era Sarai quem estava ali; ele sabia que algo estava errado, mas a distância entre eles o impedira de entender exatamente o quê. Então, acordou no meio da noite, com lágrimas caindo de seus olhos, embora não lembrasse com o que estivera sonhando, e esticou a mão para tocar sua Sarai... Mas tocou em uma estranha loucura.

Asil correu todo o resto do caminho até chegar em casa, por dois dias inteiros; o seu vínculo foi totalmente fechado para que ele não tocasse aquela... maldade novamente. E quando encontrou Sarai morta e a casa cheirando à magia e a Mariposa, soube na mesma hora o que havia acontecido.

Dois meses depois, a bruxa começou a caçá-lo; Asil nunca descobrira exatamente o que ela queria. Ele, que jamais havia fugido de nada, fugira de uma criança que ainda não atingira sua segunda década de vida. Porque, se ela havia dominado Sarai, ele não podia garantir que ela não pudesse dominá-lo. Asil era velho

demais, poderoso demais para ser uma ferramenta nas mãos de uma bruxa, vivo ou morto.

E sua Sarai estava morta. Asil eliminara qualquer tênue esperança que persistia em seu coração. Ela estava morta, mas talvez Mariposa tivesse descoberto alguma maneira de usar a forma do seu lobo, uma ilusão talvez.

Isso parecia certo. Três ataques, e duas vezes a vítima havia escapado. Os seres humanos não costumavam escapar dos ataques de lobos.

Asil tinha alguma familiaridade com magia negra. Sua companheira havia sido uma herbolária[1] – fora ela quem primeiro lhe ensinara como fazer plantas crescerem dentro de casa. Sarai vendera suas ervas às bruxas até que as vendetas entre as famílias de bruxas tornara isso muito perigoso. A criação de ilusões estava entre os princípios básicos da feitiçaria. Havia a possibilidade de criar uma ilusão que poderia ferir ou matar alguém... Asil nunca tinha ouvido falar nisso, mas a suspeita de que Mariposa estava por trás dos ataques transformou-se em convicção; mais uma razão para encontrar Charles e contar-lhe o que ele poderia estar enfrentando.

Além disso, Asil não iria permitir que outra pessoa lutasse suas batalhas, e, se isso fosse obra de Mariposa, então ela estava atrás dele.

Ele fechou os olhos, mas os abriu quase que imediatamente.

Asil estava fazendo tempestade em um copo d'água. Bran havia se referido ao lobisomem como "ele ". Era apenas um lobo desgarrado. Asil estava deixando seu próprio medo colorir os fatos.

Mas não foi um lobisomem que avistou o lobo desgarrado, argumentou uma pequena voz. *Será que um par de seres humanos notaria se o lobo fosse do sexo feminino*? Lobisomens do sexo

feminino não eram tão comuns; Bran poderia ter concluído que se tratava de um macho.

Asil não via a bruxa há quase meio século, e não havia farejado seu cheiro desde que chegara a esse continente, e ainda tomara o cuidado de cobrir seus rastros e pedir a Bran para manter silêncio sobre sua presença ali.

E se ela estivesse lá atrás dele, por que simplesmente não tinha vindo pegá-lo?

Asil concluiu que não era ela, e Asil esperou que o alívio o inundasse. *Provavelmente* não era ela.

Sarai estava perdida para ele. Ela estava morta há dois séculos, ele mesmo a havia enterrado. Asil nunca tinha ouvido falar de uma ilusão que pudesse ferir pessoas.

Talvez a ilusão tivesse sido o corpo que ele tinha queimado...

Descanse, dissera-lhe Bran anteriormente, e agora Asil realmente pôde sentir seu corpo ficar sonolento, apesar do tumulto frenético de sua mente. Ele pôs o alarme raramente usado para tocar à meia-noite e um minuto. Bran havia ordenado que ele ficasse lá até de manhã, mas Asil podia interpretar “manhã”, como quisesse. E, de manhã, ele iria sair e encontrar suas respostas.

⁂

Anna se moveu antes que tivesse tempo para pensar. Mary grudou em Anna e acabou arrancando um punhado de seus cabelos quando ela se soltou, somente para ficar entre a humana e aquilo que estava nas árvores. Soava como um lobisomem, mas o vento não estava cooperando e levando seu cheiro até ela.

Será que o lobo que Charles estava perseguindo voltara?

Mas o monstro que surgiu das sombras da vegetação rasteira era maior do que aquele que Charles estava seguindo.

Parecia quase com um pastor-alemão, só que pesava cinquenta quilos a mais, tinha dentes mais longos e se movimentava mais

como um gato do que como um cão.

Havia dois lobisomens.

E se houvesse mais deles? E se Charles acabou cercado quando saiu para caçar aquele lobo ?

O lobisomem ignorou a outra mulher, concentrando-se completamente em Anna. Quando ele saltou para a frente, Anna também correu. Os sapatos de neve não ajudavam, mas ela não precisava ir muito longe, e também era um lobisomem.

Em três passos, Anna pegou do chão o rifle quebrado de Charles, segurando-o pelo cano. Apoiando-se em ambos os pés, ela girou o rifle e atingiu o monstro que a atacava com a experiência de quatro verões de *softbol*[2] e a força de um lobisomem.

Estava claro que o outro lobo não esperava que Anna o atingisse com força, e não se preocupou em evitar seu golpe. Ninguém iria disparar aquele rifle novamente, mas Anna atingiu o lobo em cheio no ombro, ouvindo um barulho de ossos quebrados. O lobo rolou com o impacto, soltando um uivo de dor quando ficou em pé novamente nas quatro patas.

Algo passou raspando por Anna, e o lobo uivou de novo, enquanto o sangue começava a escorrer pelo seu quadril. Uma pequena pedra caiu no chão. O lobo olhou por sobre o ombro de Anna e, com um último rosnado, disparou por entre as árvores. Anna não tentou segui-lo, mas manteve os olhos no bosque onde o lobo cor de pastor-alemão tinha desaparecido.

– Você está bem, querida?

O som cauteloso da voz de Charles fez sua cabeça girar de puro alívio. Ela esperava que tivesse sido ele quem tinha jogado a pedra, mas poderia ter sido a parceiro de Mary também. Ela largou os restos do rifle no chão e correu para ele.

– Ei – disse ele, envolvendo-a nos braços. – Era apenas um cão, um cão danado de grande. Mas você está bem agora.

Apesar de estar claramente fingindo para a mulher humana, Anna viu que os braços de Charles estavam ferozmente protetores quando ele a puxou contra o seu casaco, que era de um vermelho profundo e ficava muito melhor nele do que o casaco de cor brilhante que o lobo havia rasgado em pedaços.

Anna achava muito bom o fato de Charles poder criar roupas usando magia quando se transformava. Se não fosse assim, eles teriam um problema para explicar por que ele estava correndo atrás de um urso naquela situação: vestido exatamente como viera ao mundo.

– Você é bom nesse negócio de jogar pedras – murmurou Anna, abafando uma risadinha inapropriada.

Anna havia conseguido; defendera-se contra um monstro e vencera. Agora, segura nos braços de Charles, o júbilo rapidamente ofuscava tudo o mais que sentia. Ela não apenas impediu que o lobo a machucasse, mas defendeu outra pessoa também.

– É uma velha técnica – disse Charles. – Meus tios me ensinaram quando eu estava crescendo. Eu consigo fazer ainda melhor se tiver uma funda. Qualquer arma a distância é melhor do que tentar espantar uma fera furiosa com um rifle quebrado... Quem é sua amiga?

Anna respirou mais uma vez, fungando, e afastou-se do calor de Charles. A mulher estava agachada, com os olhos esbugalhados, pressionando as costas contra uma árvore.

– Mary, este é meu marido, Charles. Charles, essa é Mary...?

– Alvarado... – disse a mulher, com uma voz trêmula. – *Madre de Dios*, o que era aquilo?

⁂

Anna obviamente acreditava que a mulher não era nada mais do que outra montanhista. O casaco de Anna estava manchado com sangue, mas parecia que tinha sido apenas um sangramento do seu

nariz, provavelmente causado pela altitude. Charles tocou o rosto de Anna com a mão e deixou o que Samuel chamava de sua “cara de índio velho” assumir sua expressão.

Samuel sempre dizia que era assustador ver a expressão jovial de seu irmão e saber o que se escondia por trás dela, mas a maioria das pessoas não era tão perspicaz quanto ele.

– Prazer em conhecê-la.

Charles deixou o sorriso alcançar seus olhos até que eles se iluminaram quando ele olhou para a mulher.

Mary estava agasalhada contra o frio, e por isso Charles não conseguiu dar uma boa olhada nela, o que não importava. A memória dele para cheiros era melhor do que sua memória fisionômica, e seu nariz lhe disse que Charles nunca a vira antes.

Charles não se esqueceu de que havia dois lobisomens em algum lugar por ali, mas primeiro teria de lidar com o monstro mais próximo.

Ele deixou sua companheira e deu dois passos largos para a frente, dois passos que, não tão incidentalmente, colocaram Charles entre Anna e a mulher.

– Perdoe-me, eu estava fora perseguindo o...

Charles quase praguejou contra a distração; ele não queria admitir que estivera correndo atrás de um lobisomem. A mulher provavelmente sabia o que ele e Anna estavam perseguindo, mas Charles não iria querer que ela descobrisse (se ainda não soubesse) que ele e Anna também eram lobisomens. Se ela já soubesse, bem, aí Charles não deixaria que ela soubesse o que ele já tinha percebido: a mulher era algo sobrenatural, alguém que utilizava magia. Charles lhe daria tão poucas informações quanto possível, por isso parou no meio da frase; mas, antes que a pausa ficasse muito longa, Anna terminou a frase para ele.

– Aquele urso estúpido.

Anna deu-lhe um olhar de repreensão como se achasse mesmo que Charles havia parado no meio da frase porque quase dissera um palavrão. Ele não esperava que Anna fosse tão rápida.

– Você encontrou a mochila com nosso isqueiro? – Era isso o que Charles deveria estar fazendo? Ele balançou a cabeça. – Você sabe o que as pessoas dizem sobre não ser possível correr mais do um urso? Elas estão certas. Especialmente porque ele rasgou meus sapatos de neve, e eu tive que andar a pé.

Aquele lobo tinha sido a presa mais inteligente que ele já havia perseguido. Charles não tinha escutado ou visto nada antes que ele os atacasse, e logo após o lobo havia desaparecido completamente, como se nunca tivesse existido. Charles poderia até pensar na hipótese de que Anna o distraíra tanto que ele não conseguiu ouvir sua aproximação, embora isso nunca tivesse acontecido com ele antes. Mas havia algo definitivamente estranho sobre a forma como o lobo desaparecera.

Assim que percebeu que havia perdido a pista, Charles não perdeu tempo tentando achá-la novamente. Ele voltou, não querendo dar ao lobo a chance de retornar e atacar Anna.

Então, naquele momento desistiu e voltou – e bem na hora, pelo visto.

Mary Alvarado endireitou-se e então cambaleou para a frente, como se tivesse perdido o equilíbrio. O movimento deixou-a exatamente na frente de Charles, e ela descansou a mão em seu peito. Ele sentiu a onda de magia vinda dela, ao deslizar pelas suas proteções.

O cheiro da fúria de Anna quase incendiou a floresta; ela estava com ciúmes mesmo? Essa situação era muito perigosa para que ela se deixasse distrair... Mas Anna não sabia que ele não estava interessado em ninguém, exceto nela?

– Não deveria haver ursos aqui nesta época do ano – disse a mulher, parecendo abalada. Charles não conseguiu decidir se ela

sabia o que ele era ou não.

– Ursos não dormem durante todo o inverno, senhora – disse Charles, olhando para a mulher como se não se importasse com a mão em seu peito, embora se importasse. Ele teria se importado de qualquer jeito, mesmo que ela não fizesse sua pele se arrepiar. Não era *Fae*[3], ele decidiu. Não um espírito ou demônio; ele já encontrara ambos lá uma vez ou duas. Algo humano. Não era uma feiticeira tampouco, embora seu lobo reagisse a ela dessa maneira; só podia ser algo maléfico. – Eles não estão realmente hibernando. Eles acordam de vez em quando. Não é comum, mas às vezes nós os vemos mesmo no auge do inverno. Foi má sorte ter dado de cara com um. Mas aquele cão que atacou vocês duas era muito estranho.

Magia negra, era isso o que Charles farejara nela. Era uma bruxa, então. Uma bruxa negra. Maldição... Ele preferia enfrentar uma dúzia de demônios a uma bruxa negra.

– Não há cães selvagens? – perguntou Anna firmemente. – Eu pensei que às vezes eles formassem alcateias, como os lobos.

– Essa área é muito remota para isso – disse-lhe Charles, sem desviar o olhar da bruxa. – Às vezes, você pode até ver um cão solto aqui, mas, sem ajuda, a maioria dos animais domésticos não pode sobreviver a um inverno em Montana.

Algo se agitou por trás da mulher, e Charles deixou seus olhos se desfocarem para poder ver o espírito mais claramente. A sombra de um lobo mostrou-lhe os dentes, e em seguida correu para longe, como se ele precisasse de mais aviso do que o seu nariz para ver que havia algo perigoso naquela mulher.

Talvez fosse hora de trazer algumas coisas à tona antes que Anna ficasse realmente magoada, e não apenas com ciúmes.

Charles deixou a sua máscara cair e sorriu gentilmente para Mary. Ela não era observadora o suficiente para ver o irmão lobo

espreitando; era isso ou então ela gostava de um pouco de perigo, porque se apoiou em sua mão enquanto olhava para ele.

– Mas saber que um animal doméstico não teria sobrevivido a este inverno não importa, não é, Mary Alvarado? Porque você sabe muito bem que aquilo era um lobisomem.

O rosto da outra mulher mostrou um olhar inexpressivo. Se Charles não soubesse o que ela era, ele poderia ter confundido aquela expressão com perplexidade.

– Um o quê? Lobisomens não existem.

Sua atuação se desfez quando ela tentou olhar nos olhos dele – Mary Alvarado havia evitado isso. Mas uma mulher que estava acostumada a flertar com homens às vezes se esquecia de não fazer isso com um lobisomem. Ela não deu um passo para trás, mas queria, pois Charles viu isso em seu rosto.

– Não? Então, bruxas também não existem.

A voz de Charles era ainda mais suave.

Ela tirou a mão do peito dele.

– Quem é você?

– Não – disse Charles, balançando a cabeça. – Acho que você deve responder às perguntas primeiro. Quem é você?

– Estou procurando o caçador perdido – disse ela.

Era verdade, até onde ele podia ver. Charles franziu a testa por um momento, tentando encontrar alguma maneira de tornar aquilo uma meia verdade.

– Para levá-lo para a segurança? – murmurou ele. – Ou para usá-lo em sua magia?

Mary lhe deu um sorriso triste.

– Duvido que haja necessidade disso agora. Ele está perdido na mata com um lobisomem desgarrado à solta. Qual a probabilidade de que ele ainda esteja vivo?

– Então você sabia sobre o lobisomem?

Ela ergueu o queixo.

– O lobisomem é o motivo pelo qual estou aqui. – Era verdade. – Quem é você? E o que sabe sobre bruxas e lobisomens?

Era possível que ela fosse exatamente como estava falando. Charles sabia que havia bruxas que trabalhavam regularmente para várias autoridades policiais, e também sabia que o fato de ela ser um bruxa negra não significava necessariamente que não estivesse à procura do homem perdido. Bruxas muitas vezes se autocontratavam, e às vezes, mesmo que apenas por acaso, uma bruxa negra podia encontrar-se ao lado dos anjos.

Entretanto, ela havia sido cuidadosa em suas respostas, e Charles não descartara o que os espíritos lhe haviam dito. Ela não era sua aliada. O espírito do lobo geralmente era seu guia, embora ele sempre achasse que teria sido mais irônico se fosse um veado ou um coelho... O fato de o espírito ter mostrado as presas podia não significar que ela era uma inimiga, mas indicava que ela não era amiga.

– Você pode deixar o lobisomem para nós, agora – disse-lhe Charles. – Não é problema seu.

– É sim – disse a bruxa, calmamente.

E era verdade. A pura verdade. Como era interessante o fato de uma bruxa acreditar que um lobisomem fosse problema seu.

– Você não vai querer ficar no meu caminho – disse ela, baixinho; sua respiração acariciava o rosto de Charles numa onda doce.

– Não – disse Charles, dando um passo para trás e balançando a cabeça, mas ele não conseguia se lembrar do que estava negando.

– Agora é minha vez de fazer perguntas.

Se Charles fosse capaz disso, teria amaldiçoado sua própria arrogância naquele exato momento, pois foi ela que o impediu de pegar Anna e sair correndo assim que percebeu o que a mulher era. Tudo o que podia fazer agora era esperar pelas perguntas da bruxa.

Bruxa, foi como Charles a chamara, e ela não tinha negado. Sem dúvida isso significava algo, mas Anna não tinha ideia do quê. A bruxa estava seguindo os dois ou os outros lobisomens?

Mas fosse ela o que fosse, se não tirasse as mãos de Charles nos próximos malditos segundos, Anna faria isso para ela, usando um método que envolveria dor e talvez sangue.

A raiva violenta a pegou de surpresa, e Anna hesitou apenas o tempo suficiente para Charles cambalear para longe da bruxa. Algo tinha acontecido; algum equilíbrio havia mudado. O ar cheirava vagamente a ozônio, como se, apesar da época do ano, um raio estivesse pronto para cair.

Os cabelos na parte de trás do pescoço de Anna eriçaram-se prestativamente, como se ela precisasse de mais provas de que algo estava errado. Pena que o cabelo na parte de trás do pescoço não lhe dissesse o que era e o que ela podia fazer a respeito.

– Estou à procura de um homem – disse Mary; sua voz contraditoriamente ainda soava como a de uma líder de torcida. – Seu nome é Hussan, embora ele também seja chamado de Asil ou o Mouro.

– Eu o conheço – respondeu Charles. Sua voz soava grossa e relutante.

– Ah... – ela sorriu. – Você é um lobisomem. Você é um dos lobisomens do Marrok? Asil está em Aspen Creek também? Ele é um dos lobos do Marrok?

Anna franziu a testa para Charles, mas ele não parecia se opor às perguntas da bruxa, ou à quantidade de conhecimento que ela tinha.

Charles só balançou a cabeça com firmeza e, como se a palavra tivesse sido arrancada dele, disse:

– Sim.

Algo estava muito errado. Anna deu um passo para o lado, e os restos do rifle bateram contra a borda de alumínio de seu sapato de

neve.

A bruxa murmurou uma palavra e atirou-a contra Anna com um toque de seus dedos, deixando-a incapaz de se mover.

Charles rosnou.

– Silêncio, eu não a machuquei – disse-lhe a bruxa. – Eu ainda não pretendo enfrentar o Marrok ferindo um de seus lobos. Ela é um lobisomem também, presumo. Isso explicaria por que ela foi capaz de ferir meu guardião tão gravemente. Diga-me. Qual a melhor maneira de fazer Asil vir até aqui?

– Asil não sai de Aspen Creek – disse-lhe Charles; sua voz estava áspera de raiva.

Anna pegou a ira de Charles para si; era melhor do que o pânico como alternativa. Sua parte lobo agitou-se como raramente fazia, a menos que fosse chamada; ser mantida imóvel contra a sua vontade era algo de que tanto ela quanto Anna não gostavam.

Anna não sabia nada sobre magia, nem mesmo a magia que ela sabia que era parte da existência de cada alcateia. Leo havia dito que ela não precisava saber, e Anna não tinha sido corajosa o suficiente para perguntar novamente. Ela não sabia o que Charles podia fazer, ou não podia, mas estava bastante certa de que eles não estariam lá com Charles respondendo às perguntas da bruxa se ele pudesse ter feito algo a respeito. Anna estava com medo de que sua ignorância e estupidez fossem custar caro aos dois.

Quando seu lobo pediu para assumir, Anna permitiu. Se ela não podia fazer nada a respeito disso com sua metade humana no comando, talvez o lobo pudesse fazer melhor.

Embora Anna não começasse a se transformar, a sua percepção do mundo mudou, e as sombras recuaram. Ela podia ver mais longe e mais claramente, mas a beleza e intensidade das cores ficaram desbotadas. O lugar não estava tão silencioso quanto ela pensava. Havia pássaros nas árvores, e ela podia ouvir um som suave

enquanto eles pousavam os pés sobre a casca dos galhos de árvores.

Mas o mais interessante foi poder ver uma teia de luz que envolvia Charles em repulsivos cordões amarelos e verdes. Incapaz de mover a cabeça, Anna não podia ver a teia que a segurava. Mas a sensibilidade de sua pele lhe permitia sentir os fios finos como uma rede de fio dental.

Se tivesse sido apenas ela mesma em perigo, Anna tinha certeza de que teria ficado parada naquele local até o degelo da primavera. Sua metade lobo havia se submetido humildemente a todos os espancamentos e ao sexo forçado, dando-lhe apenas força para perseverar e um lugar onde se esconder quando a vida se tornava insuportável. Mas seu companheiro estava em perigo. Um grunhido de raiva escondeu-se sob o seu diafragma, dificultando sua respiração, mas a prudência lhe disse que ela precisava esperar a oportunidade certa.

– Se você morresse, quem o Marrok enviaria? – perguntou a bruxa.

A ameaça implícita trouxe um rugido aos ouvidos de Anna, abafando a resposta de Charles; a raiva queimava dolorosamente por meio da magia que a mantinha imóvel.

– Ele mesmo viria.

A bruxa franziu a boca como se estivesse tentando decidir se isso era algo que ela queria ou não.

Anna não podia mover os pés, mas, com o lobo dominando, ela conseguiu mover sua mão em meio à agonia causada pelo feitiço da bruxa. Ela agarrou o final da rede parecida com um cabo, que a segurava como se ela fosse um vilão em uma história em quadrinhos do Homem-Aranha. Anna enrolou o cabo em torno da palma de sua mão, mais de uma vez, e em seguida o levou até a outra mão.

Anna não conseguia olhar por muito tempo para os múltiplos fios que mantinha unidos, pois eles ofuscavam os seus olhos e lhe davam dor de cabeça, mas ela não precisava; os cabos mágicos da bruxa enterravam-se em suas mãos, e por isso ela sabia onde eles estavam.

Ela colocou a mão livre no cabo exatamente naquela parte onde ele ainda não se alargava para se transformar na rede que a mantinha presa, e puxou com as duas mãos. Anna esperava que ele se quebrasse ou resistisse, como se fosse realmente um cabo. Em vez disso, ele se esticou como bala puxa-puxa, ficando gradualmente mais fino à medida que ela mudava sua mão de lugar para puxá-lo novamente, o que fez mais de uma vez.

Se a bruxa estivesse olhando para ela, poderia ter visto o que Anna estava fazendo. Mas ela somente prestava atenção a Charles agora.

Anna concluiu, com gratidão, que isso acontecia porque Charles era um dominante, o que era mais do que apenas uma posição na alcateia. A presença de Charles era tal que, quando ele entrava em uma sala, todos olhavam para ele. Esse efeito somado à aparência frágil de Anna e a sua absoluta falta de dominação exigiria um esforço por parte da bruxa para se concentrar em Anna enquanto Charles estivesse lá. Um esforço que Mary Alvarado não estava fazendo.

Anna parou de acompanhar a sessão de perguntas-e-respostas-relutantes; todo seu ser estava concentrado naquela tarefa. Até mesmo um elástico estica até ficar fino demais e quebrar em algum ponto.

Anna ficou imóvel quando o cabo finalmente se dissolveu em nada, mas a bruxa não pareceu perceber que seu domínio sobre Anna tinha desaparecido.

E agora?

Ela se concentrou na rede que prendia Charles; teria de ser rápida. Mas lobisomens eram mesmo muito rápidos.

Anna correu entre eles, agarrando os cabos mágicos em ambas as mãos. O feitiço que a bruxa usara em Charles era muito mais forte, e doeu quando ela tocou os fios. A dor irradiou a partir de sua pele até seus ossos, chegando até sua mandíbula; uma dor forte e latejante. Ela podia sentir o cheiro de carne queimada, mas não havia tempo para avaliar os danos – um puxão violento e o feitiço estava quebrado.

E Anna continuou. Ela agarrou a espingarda quebrada que estava jogada na neve e arremessou-a com toda a força possível. A espingarda atingiu a bruxa no rosto com um estalo audível.

Ela empertigou-se para o ataque, mas Charles agarrou-a pelo braço e empurrou-a para a frente:

– Corra! – rosnou. – Saia da sua linha de visão.

DEZ

Anna não levou muito tempo para descobrir que correr com sapatos de neve era horrível. Eles se enroscavam ora nas pedras, ora na vegetação, e fizeram com que ela caísse de joelhos duas vezes; somente a mão de Charles em seu cotovelo a impedira de cair ao longo do caminho até a base da montanha. Saltar por cima de árvores caídas naquela situação era um desafio e tanto. No entanto, Charles, sem sapatos de neve, estava afundando até os joelhos, e afundava um pouco mais a cada passo. Por isso, Anna estava devidamente agradecida pelos seus sapatos.

Isso não queria dizer que eles eram lentos. Anna ficou espantada ao ver o que o terror podia fazer por sua velocidade. Após a primeira e aterrorizante deslizada montanha abaixo, descendo a encosta íngreme que eles haviam passado horas escalando, ela perdeu a noção do tempo e da direção. Anna manteve os olhos no casaco vermelho de Charles e ficou perto dele. Quando Charles abrandou o passo, eles já estavam sozinhos na floresta.

Ainda assim, não pararam. Charles manteve os dois em um ritmo de corrida rápida por uma hora ou mais, mas escolheu o caminho com mais cuidado, ficando onde a neve era mais rasa para que a falta de sapatos de neve não o prejudicasse.

Charles não disse uma palavra depois de sua ordem para correr; Anna concluiu que não era mais por causa da magia da bruxa, mas por não conseguir mesmo.

Seus olhos estavam amarelo-brilhantes, e os dentes, arreganhados. Charles devia ter uma boa razão para ficar na forma humana, mas isso estava lhe custando um grande esforço. O próprio lobo de Anna tinha voltado a dormir depois que o pânico

inicial de sua fuga acabara, mas o de Charles estava à beira da Transformação.

Anna tinha uma quantidade enorme de perguntas a fazer. Algumas eram preocupações imediatas, pois Anna queria saber se a bruxa podia correr com a mesma velocidade que eles (já que um humano não poderia) e se Mary poderia usar sua magia para encontrá-los. Outras eram apenas assuntos de relativo interesse. Como Charles descobrira que ela era uma bruxa? Por que ela só vira a magia depois de seu lobo ficar no controle? Havia uma maneira mais fácil de quebrar o feitiço de uma bruxa? Mesmo uma hora depois, suas mãos queimavam e doíam...

– Eu acho... – disse Charles finalmente, quando seus passos suaves e rápidos diminuíram de velocidade até se transformarem em um claudicar vacilante. Suas pernas cansadas estavam gratas pelo fato de que ele parecia sem fôlego. – Eu acho que Asil tem algumas perguntas a responder.

– Você acha que Asil sabe sobre ela? Por que a bruxa está atrás dele? – perguntou Anna. Ela passara um longo tempo achando que os lobisomens (além dela) estavam no topo da cadeia alimentar, mas a derrota de Charles nas mãos da bruxa havia chacoalhado sua visão do mundo. Anna estava disposta a acreditar que *qualquer um* sairia correndo para longe daquela bruxa.

– Eu não sei se Asil a conhece. Eu nunca a vi em Aspen Creek, e ela devia ter cerca de dez anos quando Asil resolveu se enterrar lá. Mas, se ela está procurando por ele, Asil provavelmente sabe por quê.

Tudo isso foi dito em rápidas explosões de três palavras enquanto Charles lutava para diminuir a respiração.

Anna caminhou ao lado dele e esperou que um pouco da tranquilidade que ela deveria ser capaz de conceder o ajudasse. A respiração dele desacelerou muito antes que a dela perdesse o

ritmo irregular causado pela fuga, mas Anna estava de volta ao normal antes que Charles dissesse qualquer outra coisa.

– Eu não sei como ela conseguiu fazer isso comigo. Ela fez com que eu ficasse a seus pés, como um cachorrinho.

Sua voz tornou-se um rosnado.

– Ela não conseguiria controlá-lo usando magia, é isso? – perguntou Anna. – Eu pensei que as bruxas podiam fazer esse tipo de coisa.

– Com um ser humano, talvez. A única pessoa que deveria ter esse tipo de controle sobre lobos é o Alfa da alcateia. – Charles rosnou, fechou os punhos e disse com uma voz áspera, muito diferente da dele: – E mesmo meu *pai* não conseguiria tal reação de mim. Ele pode me obrigar a parar, mas não pode me obrigar a fazer algo que eu não queira.

Ele respirou lentamente antes de continuar:

– Talvez não seja ela, talvez seja eu. Eu não ouvi o primeiro lobisomem de jeito nenhum. Fiquei pensando nisso, e não acho que ele estivesse a favor do vento. Eu deveria ter escutado ou farejado sua presença, e aquele lobo não deveria ter sido capaz de fugir tão facilmente.

A primeira reação de Anna foi tranquilizá-lo de alguma forma, mas ela pensou melhor. Charles sabia mais do que ela sobre magia e sobre seguir pistas. Em vez disso, Anna tentou procurar razões, e arriscou:

– Você foi baleado apenas alguns dias atrás.

Charles balançou a cabeça.

– Não é isso. Já fui ferido antes, mas isso nunca me impediu de fazer o que eu precisava fazer, e geralmente, se estou machucado, fico mais alerta, e não menos.

– Os lobisomens que estamos procurando estão ligados à bruxa, de alguma maneira? – perguntou Anna. – Bem, se ela controlou

você, talvez possa controlá-los também. Talvez a bruxa tenha feito alguma coisa para que você não os sentisse.

Charles deu de ombros, mas Anna notou que isso o incomodava bastante. E ele estava machucado. Ao vê-lo de perto, Anna concluiu que não era só a perna que o estava incomodando. Aquela corrida fez com que Charles também sentisse o ferimento no peito.

– Você precisa de novas ataduras? – perguntou ela.

– Talvez – disse ele. – Eu pediria para você verificar, mas nós não temos nada aqui conosco para remediar a situação. Há um bom *kit* de primeiros socorros no carro de meu pai, e é para lá que estamos indo.

Anna estava cerca de dois passos atrás de Charles, que assim não pôde ver sua expressão de surpresa, o que até foi bom para ambos. Lobos dominantes não costumavam bater em retirada.

– Você não vai atrás dela?

– Ela me pegou uma vez. E eu não sei como. Normalmente minha magia pessoal teria permitido que eu me livrasse de seu feitiço de aprisionamento. É um feitiço bastante básico, evidentemente, pois três bruxas diferentes já tinham experimentado algo assim em mim antes. Sem saber como ela fez isso, não vale a pena tentar lutar contra ela e arriscar ser derrotado sem avisar meu pai. Já os lobos (ambos) não são tão preocupantes quanto ela. Meu pai precisa saber o que está acontecendo, e talvez Asil possa lançar alguma luz sobre quem ela é e o que ela quer.

Havia alguma coisa incomodando Charles, mas Anna levou alguns metros de progresso em sua caminhada antes que pudesse identificar o que era.

– Mas por que aqui? Eu sei que ela estava procurando Asil, e parece que ela teve acesso a algum tipo de informação indicando que ele estava em Aspen Creek. Você sentiu sua excitação quando disse a ela que Asil estava aqui? Ela não tinha certeza disso antes. Então, o que ela está fazendo aqui e não em Aspen Creek?

– Armando uma armadilha – disse Charles severamente. – Meu pai estava certo sobre isso, mas não sobre quem ou por quê. Tudo o que ela precisou fazer foi matar algumas pessoas e fazer parecer que foi obra de um lobisomem, somente para que o Marrok mandasse alguém atrás dele. Assim, a bruxa poderia aprisionar e questionar quem quer que ele mandasse, o que seria muito mais seguro do que dirigir até Aspen Creek e enfrentar meu pai diretamente.

– Você acha que ambos os lobos são dela?

Anna lhe perguntara a mesma coisa antes... Mas isso a estava incomodando. Ela havia estabelecido algum tipo de ligação com o primeiro lobo, o que foi perseguido por Charles. Anna não queria que ele tivesse qualquer ligação com uma bruxa.

Como havia feito na primeira vez que ela havia perguntado, Charles deu de ombros, fez uma careta devido ao movimento brusco e então rosnou:

– Eu não sei mais do que você. – Charles deu alguns passos. – Parece provável. O lobo que a atacou provavelmente pertence a ela. Como você é um Ômega, um lobo normal teria ido atrás dela primeiro. – Charles parou de repente. Apenas ficou parado. – Nós corremos para fora da clareira assim como fez o lobo que atacou você.

Anna tinha de pensar sobre isso, mas ele estava certo.

– Lá havia um caminho no meio do mato.

– Você viu algum rastro? Sangue? Você cortou o ombro dela com o rifle, e ela estava sangrando bastante.

– Eu... – Anna parou de falar; será que teria notado? Ela pensou cuidadosamente na fuga, quando Charles a empurrou na frente. – Havia sangue na neve onde eu a atingi, e havia sangue no caminho que ela seguiu em direção às árvores. Mas nós passamos por neve limpa assim que saímos da clareira. Ela deve ter ido por um caminho diferente.

Charles virou-se e olhou para ela. Os cantos de sua boca estavam apertados com a dor, e, pelo tom acinzentado de sua pele, Anna tinha certeza de que Charles estava em muito pior forma do que ele queria que ela soubesse.

– Ela? – disse Charles suavemente.

– Ela. Eu dei uma boa olhada. Confie em mim.

– Ela... – repetiu ele. – Isso torna a vida mais interessante. A coloração dela era incomum.

– Não – disse Anna, franzindo a testa para ele. – Ela parecia um pastor- -alemão.

– Não é incomum para um pastor-alemão – concordou ele. – Mas eu nunca vi um lobisomem que se parecesse com um. Já ouvi falar de um, no entanto.

– Quem?

– A companheira de Asil.

– A companheira de Asil deveria estar morta, não é? – disse Anna. – Então você acha que ela está realmente viva e trabalhando para uma bruxa? É por isso que elas estão procurando Asil?

– Asil disse ao meu pai que ela estava morta, e que havia queimado o corpo e enterrado as cinzas com as próprias mãos – disse Charles. Quase como uma reflexão posterior, ele continuou. – Ninguém pode mentir para o meu pai. Nem mesmo Asil. Mas isso torna a ausência de rastros bastante interessante.

– O que você está dizendo? – disse Anna, perplexa. Aquele lobo não era um fantasma. A coronha do rifle bateu em alguma coisa. – Se a companheira de Asil está morta, então sua semelhança com ela deve ser mera coincidência.

Charles balançou a cabeça.

– Eu não sei o que ela era. Mas não acredito em coincidências.

Ele começou a caminhar de novo.

– Eu pensei que a maioria das bruxas era humana – disse Anna, depois de ruminar a coisa toda por um tempo.

– Sim.

– Então elas não são imortais. Você me disse que a companheira de Asil morreu alguns séculos atrás. E essa bruxa não é muito mais velha do que eu. Você acha que talvez o lobo seja o responsável?

– Eu não sei – disse ele, segurando um galho de árvore para que não balançasse para trás e a atingisse. – É uma boa pergunta.

Charles calou-se novamente enquanto levava Anna a subir outro morro. Montanhas pareciam algo tão simples de uma certa distância... Era apenas uma longa caminhada para cima e outra para baixo pelo outro lado, mas na realidade era uma série de subidas e descidas que pareciam cobrir um imenso terreno e ainda assim não levar a lugar algum.

Eles deviam estar correndo há mais tempo do que ela percebera, porque estava começando a ficar escuro. Anna estremeceu.

– Charles?

– Hum?

– Acho que minhas meias devem ter se molhado. Eu não consigo sentir meus dedos. Ele não disse nada, e Anna temeu que ele pudesse pensar que ela estava reclamando. – Está tudo bem. Eu ainda posso continuar por algum tempo. Quanto falta até chegarmos ao carro?

– Não será hoje à noite – disse ele. – Não com os seus dedos dos pés dormentes. Deixe-me encontrar algum lugar que nos dê um pouco de abrigo; há uma tempestade chegando esta noite.

Anna estremeceu um pouco mais com o pensamento. Ao final de um tremor particularmente longo, seus dentes começaram a bater.

Charles colocou a mão sob o braço dela.

– A tempestade vai ser boa para nós. Ouvi o barulho de ossos quebrando quando você atingiu aquele lobo. Se não é algum tipo de fantasma, ele vai demorar algum tempo para cicatrizar. Neve pesada e um bom vento vão impedi-lo de seguir nossos rastros.

Charles viu algo em cima do monte, e pareceu a Anna que eles estavam subindo há muito tempo até que eles chegaram a uma pequena clareira de terra cheia de árvores caídas.

– Um minitornado, talvez – disse-lhe Charles. – Isso acontece às vezes.

Anna estava cansada demais para fazer qualquer coisa, mas acenou com a cabeça enquanto ele atravessava as árvores até encontrar algo de que gostou: uma enorme árvore apoiada por outra, ambas encostadas a uma corcova de terra, criando uma caverna com um pouco convidativo piso coberto de neve.

– Sem comida – disse Charles severamente. – E você precisa de alimentos para combater o frio.

– Eu poderia ir caçar – ofereceu Anna. Charles não poderia. Ele já estava mancando há um longo tempo. Anna sentia-se tão cansada que poderia ter caído no sono em pé, e estava com frio. Mas ainda em melhor forma do que ele.

Charles balançou a cabeça.

– Diabos me levem se eu vou enviar você sozinha nesse terreno, com uma tempestade esperando para cair, sem mencionar uma bruxa e dois lobisomens à espreita. – Charles levantou a cabeça e farejou o ar. – Falando no diabo... – disse ele suavemente. Anna farejou o ar também, mas não sentiu cheiro de nada, apenas de árvores e de inverno e lobo. Ela tentou de novo. – Você pode sair daí – rosnou Charles, olhando para a escuridão abaixo da clareira. – Eu sei que você está aí.

Anna se voltou, mas não viu nada fora do lugar. Então, ouviu o som das botas na neve e olhou novamente. Um homem saiu do mato a cerca de nove metros montanha abaixo. Se ele não tivesse se movido, ela provavelmente não o teria visto.

A primeira coisa que ela notou foram seus cabelos. Ele não usava um chapéu, e seus cabelos eram de uma cor estranha entre o vermelho e o dourado, pendendo em fios emaranhados e

desgrenhados pelas costas que se misturavam com uma barba que faria inveja a Hill ou Gibbons do ZZ Top[1].

O homem vestia uma estranha combinação de peles de animais, trapos, botas e luvas novas. Em uma mão segurava a trouxa que tinha feito das coisas que estavam na mochila de Charles, e sua própria mochila rosa brilhante estava jogada sobre um ombro.

Ele jogou as duas para Charles, e os pacotes caíram a meio caminho entre eles.

– Suas coisas – disse ele. Sua voz era rouca e ao mesmo tempo balbuciante, com uma saudável dose de Tennessee ou Kentucky[2]. – Eu a vi atiçar a fera contra vocês, o que faz de vocês inimigos dela. E, considerando que “o inimigo do meu inimigo é meu amigo”, eu pensei em trazer suas coisas para você. Então talvez pudéssemos conversar.

Não foi o cheiro do homem que havia mostrado a Charles que eles estavam sendo seguidos, mas uma série de pequenas coisas: um pássaro levantando voo, a sugestão de um som e a sensação de que estavam sendo observados.

Quando o estranho saiu das árvores, Charles pôde sentir o cheiro dele normalmente, como deveria ter sido capaz de sentir por algum tempo, já que agora o vento estava a favor dos dois; o estranho era um lobisomem.

Embora ele trouxesse uma oferta de paz e dissesse que queria conversar, sua linguagem corporal sugeria a Charles que o outro lobo estava pronto para fugir.

Com cuidado para não olhar diretamente para ele ou se mover de qualquer forma que pudesse assustá-lo, Charles deixou Anna onde estava e desceu para pegar a trouxa de Anna e aquela trouxa cheia com tudo o que estava em sua mochila (pelo menos, assim pensou

Charles). Sem dizer nada, Charles virou as costas para o estranho e começou a subir de volta à montanha.

Isso não era tão tolo quanto parecia porque Charles mantinha os olhos em Anna e observava seu rosto para qualquer sinal de ataque. Em seguida, ele deliberadamente limpou a neve em cima de um tronco e sentou-se nele. Charles percebeu que o homem o havia seguido até chegar onde os pacotes tinham caído pela primeira vez, mas não se aproximou mais.

– Eu acho que seria uma boa ideia conversar – disse Charles. – Você gostaria de se juntar a nós para uma refeição?

Charles olhou nos olhos do homem, deixando-o sentir o peso do convite, que era pouco menos do que uma ordem.

O homem jogou o peso do corpo de um pé para o outro, como se estivesse pronto para correr.

– Você cheira como aquele lobo-demônio – respondeu ele asperamente. Em seguida, atirou um olhar tímido em direção a Anna. – Essa coisa está matando tudo por aqui. Cervos e alces, pessoas, até mesmo um urso-pardo.

Parecia que o urso era o que o perturbava mais.

– Eu sei – disse Charles. – Eu fui enviado até aqui para cuidar do lobo.

O homem baixou os olhos como se não pudesse suportar olhar Charles diretamente nos olhos.

– É que essa coisa... Bem, ele me pegou, também. Infectou-me com sua maldade.

O homem deu um passo para trás, cauteloso como um velho cervo.

– Há quanto tempo você é um lobisomem? – perguntou Anna. – São três anos para mim.

O homem inclinou a cabeça ao som da voz de Ana, como se estivesse ouvindo música, e por um momento sua agitação diminuiu.

– Dois meses – arriscou Charles, quando se tornou óbvio que o outro homem estava muito enlevado pelo feitiço de Ana para falar. Ele entendia aquela sensação. A paz repentina quando o irmão lobo se acalmava era tão surpreendente quanto viciante. Se ele nunca tivesse sentido aquilo antes, talvez não fosse capaz de falar também.

– Você se colocou entre o lobisomem e o estudante de pós-graduação no outono. Assim como você se colocou entre Anna e eu, quando você pensou que eu iria machucá-la.

Charles concluiu que tudo se encaixava, embora isso adicionasse complicações para estabelecer o que exatamente o outro lobisomem era. Somente outro lobisomem podia infectar um humano. Mas ele tinha certeza de que os rastros do animal teriam desaparecido, assim que estivesse fora de sua vista.

O som da voz de Charles foi o suficiente para fazer o homem tirar os olhos de Anna. Ele sabia quem era perigoso ali.

– Eu ia deixá-lo morrer... Ia deixar o estudante morrer – disse o outro homem, confirmando a teoria de Charles sobre quem ele era. – Uma tempestade estava chegando e ele provavelmente teria morrido se estivesse na floresta quando ela chegasse. As montanhas aqui exigem respeito, ou você vira o almoço – disse o homem; ele fez uma pausa antes de continuar. – Há uma tempestade chegando.

– Então por que você não deixou o lobisomem matá-lo? – perguntou Anna.

– Bem, senhora – disse o homem, olhando para seus pés, em vez de olhar para Anna. – Morrer por causa da tempestade, ou de um ataque de urso, essas coisas simplesmente acontecem...

Ele parou, evidentemente com problemas para colocar a diferença em palavras.

– Mas o lobisomem não pertence a este lugar – disse Charles, com uma súbita suspeita sobre o porquê de esse lobo ser tão difícil

de ser detectado; ele também não havia recebido nenhum aviso de seu ataque anterior. Considerando as roupas que o homem usava, parecia que ele vivia aqui há muito tempo.

– É o Mal. E me transformou em um monstro também, exatamente como ele – sussurrou o homem.

Se Charles tivesse sido uma fração de segundo mais rápido, poderia ter evitado que Anna descesse. Mas ele estava cansado e concentrado no outro lobo. Antes que percebesse, Anna foi escorregando e deslizando montanha abaixo. Ela estava com pressa e aproximadamente a quatro passos de seu novo conhecido; seus sapatos de neve fizeram um excelente trabalho ao funcionar como esquis.

Charles forçou-se a ficar imóvel enquanto o outro homem pegava sua companheira pelo cotovelo, evitando que Anna deslizasse até o sopé da montanha. Ele tinha quase certeza de que esse homem não era uma ameaça para Anna. Charles conseguiu convencer o irmão lobo a ficar de lado e dar a Anna a oportunidade de usar a sua magia e domar o lobo desgarrado; afinal, foi por isso que seu pai a enviara para cá.

– Ah, você não é maligno... – disse Anna.

O homem ficou paralisado, com uma das mãos ainda em sua manga. De repente, as palavras começaram a brotar de sua boca como se ele não pudesse contê-las.

– Eu conheço o Mal. Eu lutei com ele e contra ele até ver o sangue correr como a chuva. Eu ainda vejo seus rostos e ouço seus gritos como se estivesse acontecendo agora, e não há quase quarenta anos. – Enquanto ele falava, a tensão em sua voz diminuiu. O homem soltou o braço de Anna. – Quem é você? – perguntou ele, caindo de joelhos ao lado dela, como se suas pernas não pudessem mais segurá-lo. – Quem é você?

O homem havia se movido muito rápido, e o irmão lobo de Charles já tinha visto o suficiente. Tão rápido quanto o pensamento,

com total desrespeito aos seus ferimentos, Charles se colocou ao lado de Anna. Ele conseguiu manter suas mãos longe do lobo desgarrado porque, assim que chegou perto dela, o efeito Ômega de Anna se espalhou sobre ele também.

– Ela é uma domadora de lobos – disse Charles ao outro homem. Mesmo Anna não conseguia manter a voz dele totalmente livre da raiva possessiva. – Portadora da paz.

– Anna Cornick – disse Anna.

Charles gostou do jeito como ela falara o nome e como aquilo soara uma verdade divina. Anna sabia que era dele – e assim, facilmente, o irmão lobo aquietou-se, satisfeito. Ele não agarrou a mão de Anna quando ela tocou o estranho no ombro.

– Este é o meu companheiro, Charles. Quem é você?

– Walter. Walter Rice. – Ignorando Charles como se ele não fosse uma ameaça em absoluto, Walter fechou os olhos e balançou um pouco o corpo, de joelhos na neve. – Eu não me sentia assim desde... desde antes da guerra, eu acho. Eu poderia *dormir*. Eu acho que poderia dormir para sempre sem sonhar.

Charles estendeu a mão para ele.

– Por que você não vem comer conosco primeiro?

Walter hesitou e deu outra boa olhada em Anna antes de tomar a mão enluvada de Charles e ficar em pé.

⊠

O homem que se apresentou como Walter comeu como se estivesse morrendo de fome – e talvez estivesse. De vez em quando, porém, parava de comer a fim de olhar para Anna, com admiração.

Sentado entre eles, Charles reprimiu um sorriso, algo que estava fazendo com mais frequência do que conseguia se lembrar, e desde que havia encontrado sua Anna. Era muito engraçado vê-la se

contorcer sob o olhar de adoração de Walter. Charles esperava que ele não olhasse para ela daquele jeito, pelo menos não em público.

– Não é algo que eu faça por vontade própria – murmurou Anna, absorta em seu ensopado com cenouras. – Eu não pedi para ser um Ômega. É como ter cabelo castanho.

Anna estava errada, mas Charles achou que ela já se envergonhara o suficiente para que ele ainda ficasse discutindo com Anna sobre algo que ele não tinha certeza de que deveria ter ouvido. Ou pelo menos ela estava errada na maior parte. Como ser dominante, ser um Ômega estava principalmente associado à personalidade. E, conforme seu pai gostava de dizer, a identidade era parte hereditariedade, parte criação, mas era principalmente formada pelas escolhas que você fazia na vida.

Anna trazia paz e serenidade com ela aonde quer que fosse, pelo menos quando não estava com medo, magoada, ou irritada. Um pouco do seu poder dependia do fato de ela ser um lobisomem, o que ampliava o efeito de sua magia. Mas uma parte maior do seu poder, a espinha dorsal de aço com que ela lidava com o seu dom, a fazia buscar o melhor possível em qualquer situação em que se encontrasse: era a compaixão que havia demonstrado por Asil quando ele tentara assustá-la e a maneira como não foi capaz de deixar o pobre Walter lá fora no frio. Aquelas eram decisões conscientes.

Um homem tornava-se um Alfa; não era apenas um acidente de nascimento. O mesmo acontecia com Ômegas.

– Uma vez – disse Walter calmamente, parando de comer –, logo após uma semana muito ruim, eu passei uma tarde acampado em uma árvore na selva, observando uma aldeia. Agora não me lembro se nós devíamos espioná-los ou protegê-los. Uma garota saiu para estender suas roupas lavadas bem embaixo da minha árvore. Ela tinha dezoito ou dezenove anos, eu acho, e era muito magra.

Seus olhos se desviaram de Anna para Charles, e voltaram para sua comida.

Sim, pensou Charles, *eu sei que ela ainda está muito magra, mas até agora tive menos de uma semana para engordá-la.*

– Bom – continuou o velho veterano –, olhar para ela era como olhar para algo mágico. As roupas saíam do cesto, todas emboladas, e quando ela as chacoalhava apenas uma vez elas já ficavam esticadas e eram penduradas. Seus pulsos eram estreitos, mas muito fortes, e os dedos, ágeis. Aquelas camisas não ousariam desobedecer-lhe. Quando ela foi embora, eu quase bati na sua porta para lhe agradecer. Ela me fizera lembrar que havia um mundo de tarefas diárias, onde as roupas eram lavadas e tudo estava em ordem.

Walter olhou para Anna novamente.

– Ela provavelmente teria ficado aterrorizada ao ver um soldado americano sujo aparecer em sua porta – e, provavelmente, não teria imaginado por que eu lhe estava agradecendo, mesmo se pudesse entender o que eu dissesse. Ela estava apenas fazendo o que sempre fizera – Walter fez um pausa antes de continuar. – Mas eu deveria ter-lhe agradecido de qualquer maneira. Ela me ajudou a passar por um mau momento e por vários momentos ruins desde então.

Eles ficaram silenciosos depois disso. Charles não sabia se Anna compreendia a história de Walter, mas ele compreendia. Anna era como aquela mulher. Ela o fazia lembrar-se de invernos passados em frente ao fogo, enquanto seu pai tocava um violino. Momentos em que ele soubera que todos estavam satisfeitos e felizes, quando o mundo era seguro e ordenado. Não era assim frequentemente, mas era importante lembrar que poderia ser.

– Então – disse Charles, enquanto Walter comia o resto de sua terceira porção do jantar desidratado. – Você vive aqui nas montanhas há um longo tempo, não é?.

Walter segurou a *spork* por um momento, e então olhou para Charles com desconfiança. Depois, bufou e balançou a cabeça.

– Esse assunto não interessa mais, não é? Notícia velha...

Ele comeu outra colherada, engoliu e continuou:

– Quando retornei da guerra, tudo ficou bem por um tempo. Eu tinha pavio curto, claro, mas nada do outro mundo. Até que piorou... – Walter começou a dizer algo, mas se deteve para comer outra colherada. – Suponho que essa parte tenha ainda menos importância agora. Enfim, comecei a reviver a guerra, como se eu ainda estivesse nela. Podia ouvi-la, sentir o seu gosto, cheirá-la, e então descobria que era simplesmente o escapamento quebrado de um carro ou um vizinho cortando lenha. Coisas assim. Parti antes que magoasse minha família mais do que já havia magoado. Então, certo dia, um inimigo me atacou pelas costas... Foi o uniforme que me fez fazer isso... Eu o machuquei, talvez o tenha matado...

A última frase que o homem dissera, quase se engasgando, era mentira.

Walter olhou para os pés, bufou e girou a cabeça, olhando para Charles. E, quando falou novamente, sua voz era fria e controlada, a voz de um homem que tinha feito coisas horríveis – exatamente como Charles.

– Eu o matei. Quando ele já estava morto, vi que não era um soldado vietcongue; era um carteiro. Foi então que compreendi que ninguém estava seguro perto de mim. Pensei em me entregar, mas a delegacia de polícia... bem, os policiais também usam uniformes, não é? A estação de ônibus ficava bem ao lado da delegacia de polícia e acabei entrando em um ônibus que iria para Montana. Tinha estado aqui uma ou duas vezes, acampando com minha família, e por isso sabia que aqui estaria afastado das pessoas. Aqui em cima não havia ninguém que eu pudesse machucar.

– Você ficou nas montanhas todos esses anos?

Anna apoiara a cabeça em uma das mãos, e Charles percebeu que ela estava com duas unhas quebradas até a carne, e procurou a seu redor até encontrar suas luvas ao lado dela.

Walter assentiu.

– Graças a Deus eu podia caçar... Não tinha uma arma mas, com os diabos, na metade das vezes as armas não funcionam na floresta...

Walter puxou uma faca quase tão longa quanto seu antebraço e contemplou-a. Charles tentou imaginar de onde teria saído aquilo. Não havia tanta gente que pudesse mover-se com tanta rapidez, lobisomens ou não.

Walter olhou para Anna de soslaio e depois novamente para a faca, mas Charles sabia que ele tinha visto a compaixão no rosto de Anna, porque tentou subestimar sua sobrevivência.

– Não foi tão horrível assim, senhora. Os invernos podem ser muito duros, mas há uma velha cabana onde eu me abrigo às vezes, quando as condições ficam muito ruins.

Charles se lembrou de que Walter não era o primeiro homem a fugir para as montanhas. Em alguns lugares, vinte anos atrás, comunidades inteiras de homens transtornados haviam se refugiado nos bosques. A maior parte daqueles soldados havia se curado e partido há muitos anos – ou morrido.

Antes de começar aquela viagem, Walter não teria acreditado que havia alguém ali: as Cabinets tinham pouco a oferecer em termos de gentileza para os corações humanos. Charles nunca tinha passado por ali sem sentir que aqueles lugares antigos queriam livrar-se dele. Não era adequado para humanos – nem mesmo para um que tinha um irmão lobo. Mesmo no passado, os caçadores e aqueles que usavam armadilhas evitavam aquela região, preferindo outros lugares menos agressivos.

Um homem que tivesse vivido aqui por trinta anos, contudo, teria deixado de ser um intruso. Ele poderia ter sido aceito como parte da

montanha.

Charles contemplou o céu noturno e concluiu que Walter poderia ter se tornado um aliado dos espíritos. Espíritos que podiam se esconder mesmo dos sentidos agudos de Charles.

Walter limpou a *spork* na neve e a devolveu para Charles.

– Obrigado. Não comia assim desde... muito tempo.

Então, como ficou sem palavras, fechou os olhos e se apoiou na árvore mais próxima.

– O que você sabe do lobisomem que o atacou? – perguntou-lhe Charles.

Walter encolheu os ombros sem abrir os olhos.

– Elas chegaram no outono dirigindo um quadriciclo e se instalaram na minha cabana. Depois que ela me transformou, eu... cacei um pouco. Gostaria de ter visto aquele lobo antes de ele encontrar aquele garoto. Se eu tivesse sido um pouco mais rápido naquele dia, poderia tê-lo matado; se tivesse sido um pouco mais lento, ele teria me matado. Ainda bem que prata é ruim para lobisomens.

Walter deu um longo suspiro, abriu os olhos e voltou a puxar a comprida faca de sua bainha sob o braço. Dessa vez Charles o viu puxar a faca, embora, lembrando disso agora, não percebera quando ele a guardara.

– Agora essa velha faca queima a minha mão quando eu a limpo – disse Walter, olhando para suas as mãos, ou talvez para a faca. – Pensei que estava morto. Machuquei bastante aquele demônio com essa velha lâmina; ela tem entalhes em prata, está vendo? Mas ela abriu minha barriga antes de fugir.

– Se o ataque de um lobisomem quase mata uma pessoa, então ela se transforma em um – disse Anna, em voz baixa.

Ela ainda lamentava o que acontecera? Charles se sentiu invadido pelo desejo selvagem de matar todos eles novamente, Leo e sua companheira, e toda a alcateia de Chicago, mas ao mesmo

tempo se sentiu pateticamente agradecido porque sua companheira era um lobisomem que não envelheceria nem morreria como acontecera com todas as esposas de Samuel.

O irmão lobo se agitou e voltou a acalmar-se, assim como aconteceu com Walter anteriormente.

– Então o lobo que o atacou não retornou até você, depois da transformação? – perguntou Charles.

Normalmente, quando um lobisomem transformava alguém, sentia-se atraído pelo novo lobo durante um tempo. Samuel tinha lhe apresentado sua teoria uma vez, sobre um tipo de ordem genética segundo a qual era necessário assegurar que um lobisomem descontrolado e sem instrução não chamasse mais atenção do que o necessário.

Walter negou com a cabeça.

– Como eu disse, fui eu quem seguiu o rastro dela, depois da primeira lua cheia, o dela e o da outra mulher. O que é essa mulher? Com os diabos, sei que ela não é humana, sinto muito, senhora, não com as coisas que eu a vi fazer. Na primeira vez em que me transformei, ela tentou me atrair. Não sabia o que ela era, somente que cheirava muito mal... como a fera. No princípio acreditei que ela e a fera fossem a mesma criatura, mas então eu as vi juntas.

Uma hora antes tinha começado a nevar levemente ali, mas agora os flocos tinham aumentado de tamanho e começavam a se acumular nos cílios e no cabelo. Um pouco mais da tensão do grupo se desvaneceu; a neve os manteria escondidos.

– Alguma vez você viu aquele lobo em sua forma humana? – perguntou Charles; ele não sabia o aspecto da companheira de Asil em sua forma humana, mas uma descrição poderia ser útil.

Walter sacudiu a cabeça.

– Não. Talvez ela não tenha.

– Talvez não.

Charles não sabia por que estava tão certo de que o outro lobisomem não era o que aparentava ser. Eles estavam fugindo; era possível que tivessem perdido seu rastro. Mas Charles costumava acreditar em seus instintos, quando estes estavam sussurrando com tanta veemência.

Charles voltou sua atenção para Walter. Dois meses e ele já tinha o controle necessário para deter um ataque, assim que compreendera que Anna era um lobisomem e não uma vítima. Era muito mais controle do que a maioria dos lobisomens tinha.

– Seu controle é muito bom para alguém que acabou de ser transformado, sobretudo para alguém que não teve ajuda – observou Charles.

Walter lhe dirigiu um olhar sombrio e depois encolheu os ombros.

– Tenho controlado a minha fera interior desde que acabou a guerra. A única diferença é que agora tenho presas e garras. Tenho de ter cuidado, como quando ataquei você. Quando sou o lobo, gosto do sabor do sangue. Se tivesse mordido você e não sua mochila... aí você vê que meu controle não é tão bom assim.

Walter voltou a olhar para Anna, como se temesse o que ela podia pensar dele.

Anna olhou para Charles com inquietação. Estaria preocupada com Walter?

A ideia de que ela pudesse tentar proteger outro macho trouxe um grunhido ao peito de Charles, mas ele não permitiu que isso se refletisse em seu rosto. Ele esperou que o irmão lobo se acalmasse para dizer:

– Para alguém que é um lobisomem há apenas duas luas e que não teve nenhuma ajuda, seu controle é *extraordinariamente* bom. – Charles olhou diretamente para Walter, e o outro homem lobo baixou os olhos. Charles percebeu que ele era dominante, mas não o suficiente para pensar em desafiá-lo. A maioria dos lobos não era.

– Você pensou que Anna estava em perigo, não é? – disse ele suavemente.

O homem ossudo encolheu os ombros, fazendo sua capa de peles grosseiramente costurada farfalhar.

– Não sabia que ela era um lobisomem também. Não até ficar bem no meio de vocês.

– Mas você sabia que eu era.

O homem acenou com a cabeça.

– Sim. É o cheiro, ele me chama – disse Walter, encolhendo os ombros. – Eu vivi sozinho por todos esses anos, mas é mais difícil agora.

– Lobos precisam de alcateias – disse-lhe Charles.

Ele nunca se preocupara com o fato de precisar de outros lobos, mas alguns deles nunca se ajustavam a isso.

– Se você quiser – disse-lhe Charles novamente –, pode vir para casa com a gente.

O homem ficou imóvel, com os olhos voltados para os próprios pés, mas com todas as outras partes focadas em Charles.

– Eu não sou bom perto de pessoas, cercado de barulho – disse ele. – Eu ainda... aqui não é importante se algumas vezes eu esqueço que é a floresta e não a selva.

– Ah, você vai se encaixar bem – disse Anna secamente. – Walter virou o rosto, olhando para ela, e Anna sorriu calorosamente para ele. Charles viu as orelhas do homem ficarem vermelhas. – A alcateia do pai de Charles tem um monte de gente que não se encaixa muito bem.

– A alcateia de meu pai é segura – disse Charles. – Ele faz com que ela seja assim. Mas Anna está certa, há mais do que alguns poucos lobos que não seriam capazes de viver em outro lugar. Se você quiser mudar para outra alcateia depois de algum tempo, meu pai vai encontrar algum lugar onde você se sinta bem-vindo. Se você não puder lidar com isso, pode voltar aqui e viver como um

lobo solitário, depois que eu cuidar dessa bruxa e seu lobisomem de estimação.

Walter olhou para cima e para longe.

– Bruxa?

– Bem-vindo ao nosso mundo – suspirou Anna. – Bruxas, lobisomens e coisas que nos assustam à noite.

– Então o que você vai fazer com ela?

– A bruxa nos disse que estava procurando Asil, que é um lobo muito velho que pertence a meu pai. Então nós pensamos em sair dessas montanhas e ter uma longa conversa com Asil – disse-lhe Charles.

– E nesse meio tempo? – perguntou Walter, esfregando os dedos sobre seu antebraço, onde a faca mais uma vez estava na bainha sob sua roupa.

– Você precisa vir conosco e encontrar meu pai – disse Charles. – Se você não vier, ele vai me enviar para levá-lo, voluntariamente ou não.

– Você acha que pode me forçar a ir com você à alcateia do seu pai?

A voz do homem era baixa e mortal.

– Ah, isso foi ótimo – interrompeu Anna, obviamente irritada com Charles, embora ele não soubesse o que tinha feito de errado. Seu pai não toleraria um lobo desgarrado tão perto de sua alcateia, e não concordaria em considerar Walter um lobo solitário, a menos que o tivesse encontrado. – Anna já voltara sua atenção para Walter. – O que você quer fazer? Ficar aqui sozinho? Ou descer com a gente quando formos buscar ajuda, e voltar aqui novamente para lidar com o lobo desgarrado e sua bruxa?

Charles levantou uma sobrancelha para Anna, e ela devolveu o gesto.

– Esse lobo machucou Walter. Estamos aqui resolvendo problemas da alcateia; para ele isso é pessoal – disse-lhe Anna.

Depois, olhou para o outro homem e continuou. – Não é?

– O Mal deve ser destruído – disse ele. – Ou domina tudo o que toca.

Anna assentiu com a cabeça, como se fizesse todo o sentido.

– Exatamente.

⊗

Charles decidira que eles iriam dormir como lobos aquela noite. Anna não se opusera, apesar de seu estômago ter ficado apertado com o pensamento.

Anna estava se acostumando a dormir com Charles, mas a presença de outro lobo a deixava nervosa, não importava se ele a tratasse com respeito. Porém, tão logo o sol se pôs, a temperatura caiu mais dez graus. Com apenas um saco de dormir, ela sabia que Charles estava certo e que não havia escolha.

Anna se transformou a cem metros dos lobos machos, tremendo, de pés descalços na neve; ela foi para lá depois de experimentar o chão nu embaixo de um grande abeto – quem quer que tivesse chamado as folhas do abeto de agulhas sabia do que estava falando.

O frio fez a dor da transformação ser ainda pior, e Anna viu estrelas dançando à frente de seus olhos. Ela tentou ofegar em silêncio, à medida que lágrimas escorriam por seu rosto enquanto seus ossos e articulações se reorganizavam e esticavam a carne sobre eles e sua pele se fendia para tornar-se pelo.

Levou muito, muito tempo.

Depois disso, ela ficou ofegante e abatida na neve coberta de cristais de gelo, cansada demais para se mover. Mesmo o frio, como ela descobriu, tinha um cheiro.

Gradualmente, enquanto seu sofrimento diminuía, Anna percebeu que pela primeira vez, desde a noite passada quando Charles se enrolou ao redor dela e a cercou com seu calor, ela se sentia

aquecida. Quando a agonia inicial se transformou em dores e locais doloridos, ela se esticou, fazendo suas garras aparecerem e se esticarem como as de um felino. Suas costas estalaram por toda a extensão da espinha.

Anna não queria voltar e se deitar perto de Charles com um estranho do sexo masculino a poucos metros de distância. Seu lobo não tinha medo do lobo macho. Ela sabia que ele não iria se comportar como os outros. Mas Anna também não gostava muito da ideia de tocar em qualquer outra pessoa que não fosse Charles.

Perto dela, mas longe de sua vista, um lobo (era Charles mesmo) emitiu um som suave, e não era exatamente um latido ou um uivo. Cambaleante como um potro recém-nascido, ela ficou em pé. Fez uma pausa para sacudir a neve de seu pelo e acostumar-se a andar com as quatro patas antes de voltar, com as roupas em sua boca. Charles andou até ela, pegou as botas com suas luvas dentro delas e a acompanhou até a cama para passar a noite.

Walter esperava por eles exatamente fora do abrigo escolhido.

Assim que ela o viu, Anna soube que não era a única que não estava feliz em dormir grudada com um estranho. Walter parecia infeliz, curvado, com o rabo abaixado.

Com um toque de sua orelha, Charles ordenou a Walter que fosse se deitar no abrigo que encontrara para eles. Walter entrou, e depois foi a vez de Anna. Charles empurrou-a depois de Walter, colocando suas botas em um lugar em que elas não se encheriam de neve, e então se deitou na frente de ambos, onde poderia protegê-los. Não havia muito espaço, muito embora Walter tivesse se enfiado tanto quanto possível perto das árvores às suas costas.

Quando Anna se deitou perto dele, Walter tremeu com o estresse. *Pobrezinho*, pensou ela. *Ficou sozinho por muito tempo... E depois ainda querem que ele se ajuste instantaneamente ao comportamento da alcateia.* O sofrimento dele teve um efeito estranho sobre seu próprio desconforto. Preocupada com ele, Anna

se esticou e enterrou o nariz no pescoço de Charles. Ela se obrigou a relaxar, esperando que isso ajudasse Walter a fazer o mesmo.

Anna concluiu que *aquilo* sim era uma alcateia, enquanto o calor a envolvia, vindo de ambos os lobos. Ela confiava em Charles para protegê-los com seus sentidos bem treinados, e sabia que os dois lobos haviam se mostrado prontos a defendê-la, e era seguro dormir. Isso era melhor, muito melhor do que sua primeira alcateia.

Demorou um longo tempo até que Walter parasse de imitar uma estátua de pedra e relaxasse contra ela mais confortavelmente. Mas somente depois que ele colocou o focinho em seu quadril com um suspiro foi que ela se permitiu adormecer.

ONZE

A dor manteve Charles acordado enquanto sua companheira e o desgarrado dormiam. Sua perna e seu tórax deixavam bastante claro que ele estava se esforçando demais. Se ele não tivesse cuidado, não iria conseguir descer a montanha. Mas era o pensamento da bruxa que o mantinha alerta enquanto a tempestade de neve gemia ao seu redor.

Ele nunca havia sentido nada assim antes: a obediência envolveu Charles em camadas impossíveis até que ele não pudesse fazer nada, a não ser responder ao que ela perguntava. Charles era dominante demais, e nem mesmo seu pai seria capaz de fazer isso, mas já ouvira histórias a respeito. As descrições não tinham chegado nem perto da realidade. Se ele não estivesse convencido da justeza de seu pai ao examinar cuidadosamente os dominantes sob seu domínio antes de permitir que eles se tornassem Alfas, isso o teria convencido. Como era aterrorizante que alguém tivesse esse tipo de poder sobre outra pessoa, mesmo que você confiasse nesse alguém. Seu respeito pela bravura dos lobos submissos na alcateia de seu pai tinha aumentado um pouco mais.

Se Anna não tivesse distraído a bruxa e quebrado o feitiço... Charles arquejou, e Anna fez um pequeno barulho em sua garganta, confortando-o, mesmo enquanto dormia.

Agora que o pânico havia desaparecido (ou sua maior parte), Charles teve tempo para pensar no funcionamento do feitiço. Mas ele ainda não tinha ideia de como a bruxa fora capaz de usar os seus... os vínculos da alcateia de *seu* pai do jeito que ela usara.

Seu pai precisava saber que ela podia fazer isso, que uma *bruxa* podia invadir a magia da alcateia. Até onde Charles sabia, isso

nunca tinha acontecido antes. Somente a sua dor e a compreensão de que teria de prestar atenção aos limites de seu corpo o prendiam ali, impedindo que ele corresse para o carro. Charles tinha que avisar o pai.

Se Anna não estivesse lá... Mas como ela soube o que deveria fazer?

Fora da magia da alcateia, a maioria dos lobos tinha bem pouca magia própria, e ele teria jurado que Anna não era exceção. Charles conhecia o cheiro dela muito bem, e ela não cheirava à magia. Entretanto, se a união deles tivesse sido completada, Anna poderia ter usado o poder dele...

Charles levantou a cabeça e sorriu, mostrando os dentes. *Anna* ainda não completara a união, mas seu lobo sim. Charles sentiu Anna chamar o lobo quando a bruxa a enfeitiçou, mas pensou que não iria adiantar. Ele realmente não sabia nada a respeito. O lobo tinha usado sua magia para quebrar o feitiço da bruxa. E, como Anna não tinha sido aceita na alcateia do Marrok ainda, a infiltração da bruxa nos vínculos da alcateia não havia permitido que ela controlasse Anna da maneira que o controlara.

Um som suave em meio ao uivo do vento interrompeu sua linha de pensamento; algo estava andando por entre as árvores. Mesmo que estivesse a uma distância segura de onde eles dormiam, Charles escutou atentamente e ficou esperando que o vento inconstante mudasse de direção e levasse o cheiro até ele. Se fosse a bruxa, ele reuniria seus filhotes e correria, e a dor no peito e na perna que fossem para o inferno.

Mas foi outra pessoa que saiu das árvores e parou para que ele pudesse ter uma boa e clara visão dele. Asil. Lentamente, Charles arrastou-se para fora, saindo de seu abrigo debaixo da árvore. Anna suspirou e mudou de posição – era difícil acordar, exausta daquele jeito. Ele se manteve imóvel até ouvir sua respiração ficar regular novamente, e depois foi em direção ao intruso.

Desde que Asil havia se juntado ao Marrok, Charles nunca o vira fora de Aspen Creek; Charles não estava gostando do fato de a primeira vez ter sido naquele momento e lugar. Isso lhe dizia que, independente do que Asil soubesse, sua vida não se tornaria mais fácil. Ele também estava incomodado por não ser capaz de disfarçar seu coxear.

Charles raramente fazia qualquer esforço para se mostrar superior, mas o fez dessa vez. Ele chamou a magia para si e deixou-a atravessar seu corpo, transformando-se enquanto andava. Doeu, mas ele sabia que seu rosto não mostrava sinais da dor ou fazia seu coxear ficar pior. Se ele estivesse mais saudável e os espíritos dispostos, Charles poderia até ter sido capaz de conjurar um novo par de sapatos de neve, em vez de ter de andar imerso na neve. Pelo menos a neve ali na clareira, regularmente levada pelo vento, tinha aproximadamente apenas trinta centímetros de profundidade na maior parte do terreno – a metade tinha caído naquela noite.

Asil sorriu um pouco, como se reconhecesse o motivo do jogo de poder de Charles, mas abaixou os olhos. Embora Charles soubesse que era melhor não confiar na submissão implícita na linguagem corporal do outro, isso era o suficiente naquele momento.

Charles manteve a voz baixa.

– Como você nos encontrou?

Era uma questão importante. Eles não estavam nem perto do lugar onde teriam acampado se ele e Anna seguissem viagem de acordo com o que Charles havia planejado com Tag. Será que Asil fizera algo estúpido, deixando que a bruxa os encontrasse também? Os acontecimentos estranhos das últimas 24 horas tinham abalado a confiança de Charles, e isso, juntamente com seu corpo machucado, o tornava mais rabugento do que o habitual.

Asil manteve seus ombros relaxados sob o espesso casaco que usava.

– À medida que envelhecemos, todos ganhamos certas capacidades, não é mesmo? Seu pai pode falar com os lobos dentro de suas cabeças, e não importa se estão longe ou não. Com o meu poder, sempre posso encontrar meus companheiros de alcateia. Se vocês não tivessem corrido como coelhos assustados, eu os teria encontrado horas atrás.

– Por que você está aqui? – perguntou Charles, rosnando entre os dentes. Ele *não* estava irritado com o comentário sobre os "coelhos assustados"... Não estava.

Ficar bravo perto de Asil nunca era uma boa ideia. O egoísta e arrogante Mouro enviaria de volta a sua raiva com uma saudável dose de humilhação. Charles nunca caíra nessa armadilha, apesar de Asil ter tentado muitas vezes, mas ele vira muitos caírem. Ninguém sobreviveria tanto tempo quanto Asil sem ser um predador astuto.

– Eu vim pedir desculpas – disse Asil, levantando os olhos para que Charles pudesse ler a sinceridade neles. – Sage me contou um pouco do que Anna teve de suportar. Se eu soubesse com o que você estava lidando, eu não teria criado problemas entre você e sua companheira.

– Você não criou problemas entre nós – disse Charles. Porém, era impossível duvidar que Asil estivesse sendo sincero.

– Ótimo. Eu lhe ofereço toda a ajuda que eu puder oferecer a você e a sua companheira. – disse Asil, olhando para a caverna de árvores onde Anna e Walter estavam escondidos. – Na minha crise de remorsos, pensei que poderia ajudar em alguma coisa com o seu desgarrado. Mas parece que você tem tudo sob controle.

Charles sentiu suas sobrancelhas levantarem-se. *Sob controle* não era exatamente como ele descreveria aquele dia.

– As aparências enganam, então. Você sabe por que uma bruxa estaria procurando por você?

O rosto de Asil ficou sem expressão, e seu corpo totalmente imóvel.

– Bruxa?

– Ela estava perguntando sobre você especificamente. – Charles esfregou a testa porque não iria de maneira alguma esfregar seu peito dolorido enquanto Asil podia vê-lo. – Ou como você acha que ela conseguiu apossar-se dos vínculos da alcateia de meu pai e ter um controle sobre mim maior do que meu pai jamais conseguiu?

– Uma bruxa – disse Asil. – Aqui?

Charles concordou secamente.

– Se você não sabe nada sobre ela, que tal um lobisomem feminino, que parece estar ligada a ela de alguma forma? Um cuja coloração corresponde à de sua companheira...

Sua voz foi desaparecendo porque Asil, com o rosto ainda estranhamente sem expressão, caiu de joelhos; não era como se ele estivesse se ajoelhando diante de Charles; era mais como se as articulações dele não estivessem funcionando direito. Isso fez Charles lembrar-se da forma como Walter havia feito a mesma coisa antes, mas não era arrebatamento ou a graça inesperada da presença de Anna que causara isso.

O cheiro das emoções violentas de Asil caiu sobre Charles; era impossível detectar qualquer coisa específica na tempestade, exceto que a dor e o horror estavam ambos à sua frente.

– É ela, então – sussurrou Asil. – Eu pensei que ela morreria e desapareceria para sempre. Mesmo quando ouvi as características do lobo desgarrado, tive esperança de que fosse outra pessoa.

Era por isso que Charles não acreditava em coincidências.

– Você conhece a bruxa?

O Mouro olhou para suas mãos cobertas por luvas pretas, e então as enterrou na neve. Asil fechou os olhos e estremeceu. Quando ele os abriu, brilhavam com luzes douradas.

– É ela. Ela o roubou, e não pode se esconder de mim se eu for procurá-la, tanto quanto não posso esconder-me dela.

Charles respirou fundo e forçou-se a ter paciência.

– O que ela roubou e quem é ela?

– Você sabe – disse Asil. – Ela é a pessoa que matou minha Sarai. – Asil esfregou suas mãos cobertas de neve na testa. Em seguida, acrescentou a parte insuportável: – Ela roubou meu vínculo com minha companheira quando a matou.

Charles sabia – como qualquer um que tivesse ouvido histórias sobre o Mouro – que a ligação entre Asil e sua esposa tinha um dom incomum, uma empatia.

Charles não fez nada tolo, como perguntar a Asil se ele tinha certeza, embora nunca tivesse ouvido falar em tal coisa. E estar ligado a uma bruxa, uma bruxa negra, com empatia, era possivelmente a pior coisa que ele já tinha ouvido falar. Não era de se admirar que Asil tivesse pedido a seu pai para matá-lo.

– Essa bruxa parece mal ter saído da adolescência. Sarai morreu há dois séculos.

Asil abaixou a cabeça e murmurou:

– Eu juro, eu não esperava que ela me encontrasse. As proteções de seu pai se mantiveram durante todo esse tempo – se não tivessem, eu o teria forçado a me matar no primeiro dia em que vim para Aspen Creek. – Ele engoliu em seco antes de continuar. – Mas eu não deveria ter permitido que seu pai me tornasse parte da alcateia. Se ela utilizou os laços da alcateia, eu sou o único acesso que ela poderia ter usado, por meio do vínculo com minha companheira.

Alarmado, Charles olhou para o Mouro e pensou se ele era tão louco quanto sempre alegara. Porque, se ele não fosse, essa bruxa era um problema ainda maior do que Charles imaginara.

Os olhos cristalinos do lobo olharam para Charles, observando-o do rosto escuro de Asil, enquanto a neve cobria os dois.

– Conte-me sobre o lobo que se parecia com a minha Sarai.

A desesperança e o desespero coloriam a voz do velho lobo.

– Eu nunca conheci a sua companheira – a voz de Charles se suavizou. – Mas o lobo que acompanha a bruxa é grande, mesmo para um lobisomem. Ela tem a coloração de um pastor alemão; seu pelo é castanho com extremidades e costas pretas. Há um pouco de branco na pata esquerda da frente, eu acho.

– Os dois primeiros dedos do pé – cuspiu Asil, ficando em pé com uma raiva que era inegavelmente real, considerando tudo o que caíra sobre ele em um instante. – Como ela ousa usar a forma de Sarai em suas ilusões?

Charles cruzou os braços. Ele teria de se sentar em breve, pois estava ficando tonto com a dor.

– Não é uma ilusão, Asil. A menos que uma ilusão possa infectar alguém com licantropia. O lobo desgarrado que encontramos aqui foi sua primeira vítima. Ela o atacou, e ele a fez fugir, então ele se transformou na lua nova seguinte.

Asil ficou imóvel.

– O quê?

Charles assentiu.

– Há algo de estranho nesse lobo. Ela parece ser sólida apenas às vezes. Anna conseguiu machucá-la, e ela fugiu, mas, logo que saiu de nosso campo de visão, seus rastros e sangue desapareceram.

Asil ofegou.

– Você pensou em algo?

– Todas elas estavam mortas – sussurrou ele.

– Quem?

– Todas as bruxas que sabiam... Mas então nós subestimamos Mariposa.

– *Mariposa*? Como a borboleta?

Os olhos de Asil eram negros na noite.

– Eu não sou um bruxo.

Isso parecia ser uma resposta estranha à pergunta feita. Charles olhou para ele.

– Mas você está vivo há muito, muito tempo – sugeriu Charles. – E Sarai era uma herbolária, uma curandeira, não era? Você sabe alguma coisa sobre bruxaria. Você sabe o que esse lobo é.

– Mariposa é a bruxa. Nós a criamos, Sarai e eu – disse Asil gravemente. – Ela vinha de uma família de bruxas que nós conhecíamos – minha companheira era uma herbolária. Ela conhecia a maioria das bruxas naquela parte da Espanha, e fornecia os suprimentos de que elas precisavam. Um dia um viajante que consertava utensílios de metal chegou à nossa porta com Mari; ela tinha oito ou nove anos. Com base no que ficamos sabendo depois, a mãe de Mari conseguiu proteger apenas a filha mais nova do ataque de outro clã de bruxas; os pais, os avós, os irmãos e as irmãs de Mari, a família toda estava morta, e a mãe também. O viajante encontrara a garotinha andando sem rumo perto dos restos queimados da casa onde vivia e pensou que minha mulher ficaria com ela, já que Sarai havia negociado muitas vezes com aquela família.

Asil suspirou e virou-se, olhando para o vale estreito e escuro abaixo deles.

– Foi uma época ruim para todos nós na Europa. A Inquisição havia nos castigado terrivelmente apenas alguns séculos antes e, quando ela acabou, as bruxas começaram a lutar por poder. Somente o avanço de Napoleão impediu que elas se exterminassem totalmente, até não restar nenhuma.

– Eu conheço a história – disse Charles. A única linhagem de bruxas europeias ocidentais que sobreviveu à guerra pelo poder foi a família Torvalis, que se misturou com os ciganos. De vez em quando, bruxas ainda nasciam aqui e ali em famílias comuns, mas raramente tinham um décimo do poder daquelas nas velhas

famílias. As bruxas do Leste Europeu e do Oriente nunca tinham estabelecido o tipo de dinastias que as bruxas da Europa Ocidental estabeleceram.

– Elas mantinham segredo sobre seus feitiços – disse Asil. – Assim, cada família tendia a se especializar. A família de Mariposa era uma das grandes famílias de bruxas – Asil hesitou antes de continuar. – Mas ela era apenas uma *criança*, e esse era seu maior feitiço. Mal posso acreditar que eles tivessem colocado o segredo em suas mãos.

– O que era?

– Dizia-se que a família dela tinha guardiões em suas terras, grandes feras que patrulhavam e matavam para eles, mas nunca precisavam de comida ou de bebida. O boato era de que eles os criavam a partir de seres vivos: tinham uma coleção de animais vivos – disse Asil, suspirando. – Feitiços tão poderosos assim, como você bem sabe, nunca são executados sem sangue e morte.

– Você acha que sua borboleta usou esse feitiço na sua companheira?

Asil deu de ombros.

– Eu não sei nada. Tudo o que posso fazer é supor – disse ele, respirando fundo. – Antes de nós a enviarmos para outra bruxa, para que fosse treinada por ela, Mari me disse que o único lugar onde realmente se sentia segura era com Sarai e comigo. – Asil fez mais uma pausa, e então disse, sombriamente: – Eu estava na Romênia quando aconteceu. Sonhei que Sarai estava sendo torturada e consumida. Seu coração tinha parado de bater, seus pulmões não podiam mais encher-se de ar, mas ela vivia e queimava com dor e poder. Sonhei que Mariposa consumia meu amor até que ela não existisse mais. Sarai demorou muito tempo para morrer, mas não tanto tempo quanto minha jornada da Romênia de volta à Espanha. Quando entrei em nossa casa, Sarai já estava morta há algum tempo.

Asil olhou para a floresta, mas seus olhos estavam cegos, vendo algo que acontecera há muito tempo.

– Queimei seu cadáver e enterrei suas cinzas. Dormi em nossa cama, e, quando acordei, Mariposa estava esperando por mim – em minha cabeça, onde somente Sarai tinha o direito de estar.

Ele suspirou, pegou um punhado de neve e jogou para o lado.

– Eu não era Sarai, enganada pela criança que Mariposa havia sido. Além disso, eu podia sentir a sua loucura. Eu soube quando Mariposa decidiu o que queria de mim, então eu fugi. Fui para a África, e a distância ajudou a enfraquecer o vínculo. Naquela época eu já descobrira que, se eu estivesse muito perto, ela poderia me obrigar a fazer o que quisesse. – Asil abriu a boca e respirou várias vezes como se estivesse na forma de lobo, atormentado. – Durante anos eu esperei, certo de que ela iria morrer. Mas ela nunca morreu. – Asil abraçou a si mesmo, e então se virou e encarou Charles mais uma vez. – Eu acho que deve ser algum efeito colateral do que ela fez com Sarai: Mariposa roubou a imortalidade de Sarai como roubou nossa ligação. Eu nunca consegui entender por que ela faria isso, mas, se sua intenção era criar uma criatura como aquelas que sua família criara... tudo faz sentido. Ela viu toda a sua família ser assassinada; viu sua mãe morrer protegendo-a do feitiço destinado a matar todos em sua casa.

Charles ouviu a simpatia na voz do outro homem, e respondeu com a verdade.

– Então, Mariposa matou a sua esposa, que a havia criado, protegido e cuidado dela. Ela a torturou até a morte para obter algo que pudesse protegê-la. – Então era mesmo um bruxa negra, como os instintos de Charles haviam informado, e bruxas negras eram um bando desagradável, todas elas. – E agora ela quer você, provavelmente para a mesma coisa.

– Sim – sussurrou Asil. – Estou fugindo há muito tempo.

Charles esfregou a testa novamente, porque sentia uma dor de cabeça chegando.

– E agora você decidiu vir aqui e entregar-se a ela, embrulhado para presente.

Asil deu uma risada abafada.

– Suponho que é o que parece. Até você me dizer que ela estava aqui, eu ainda estava convencido de que minhas suspeitas eram infundadas. – Nesse momento, seu rosto perdeu o toque de diversão, e ele disse: – Estou feliz por estar aqui. Se ela está com alguma parte da minha Sarai, eu tenho de impedi-la.

– Eu estava pensando em chamar Bran aqui – disse-lhe Charles. – Mas estou começando a acreditar que pode não ser a melhor coisa a fazer. – Asil franziu a testa. – Quem é mais dominante? – perguntou Charles. – Você ou eu?

Os olhos de Asil tinham escurecido durante a conversa, mas a pergunta de Charles fez com que brilhassem ferozmente.

– Você. Você sabe disso.

– Então – disse Charles, encarando-o até que os outros olhos cor-de-âmbar se desviassem em derrota –, como é que a bruxa, usando o seu vínculo com sua companheira e seus laços com a alcateia, conseguiu me controlar?

Assim que Charles saíra para falar com Asil, Anna havia começado a se transformar. Anna precisava lidar com esse lobo usando palavras, em vez de presas e garras. Asil era muito bom em irritar seu companheiro, e Charles ainda estava instável devido ao seu encontro com a bruxa.

Anna não pensou em Walter ali do lado até que ficou nua e ofegante no ar frio da noite. Ela tivera três anos para se acostumar a estar nua na frente de pessoas que não conhecia bem, mas ele não.

Anna olhou para ele, contudo Walter estava com a cabeça voltada para longe dela, olhando fixamente para um tronco de árvore nas proximidades: um perfeito cavalheiro.

Ela parou de se preocupar com ele e colocou suas roupas e botas frias, pois podia sentir a raiva crescente de Charles em relação a Asil; afinal, ele tinha colocado o Marrok e sua alcateia em perigo. Porém, mais do que isso, Anna estava preocupada pois percebeu que nem Charles e nem Asil haviam percebido como Charles estava perto de perder o controle. Anna achou curioso o fato de que só ela percebera.

Após colocar as botas e o casaco, Anna rolou para fora de sua cama improvisada e ergueu-se. Ela não se preocupou em colocar os sapatos de neve – ainda era o começo da noite. Anna olhou para a lua crescente; somente mais alguns dias até a lua cheia. Pela primeira vez, isso não a deixava doente de ansiedade. Com Walter na forma de lobo em seu calcanhar, ela andou até o banco onde Charles e Asil esperavam.

Nem Charles, nem Asil ouviram sua aproximação, o que Anna interpretou como um mau sinal.

– Ela poderia estar tirando o seu poder do Marrok, como Leah faz? – perguntou Anna.

Os dois homens voltaram-se, olhando na direção de Walter e Anna. Charles estava claramente descontente com o fato de não ter notado sua aproximação. Asil, com as pernas da calça molhadas, parecia mais preocupado com Walter, que estava com as orelhas viradas para trás e mostrando os dentes.

Anna colocou a mão no pescoço de Walter enquanto fazia as apresentações.

– Asil, este é Walter. Walter, este é Asil, o lobo de que lhe falamos.

Asil franziu a testa para o lobo negro, que olhou de volta para ele e levantou os lábios para exibir suas presas.

– Pare com isso – disse Anna, esperando que Walter a ouvisse. O que eles não precisavam agora era de uma luta de dominância. Sempre demorava algum tempo até que um novo lobo

estabelecesse seu lugar na alcateia. Era interessante o fato de que Walter não tomou Asil como o mais dominante imediatamente. – Precisamos de todos em forma para lutar.

– Walter salvou alguém do lobo da bruxa e acabou transformado – disse Charles. – Ele concordou em nos ajudar.

Anna achou que Charles poderia ter dito aquilo de maneira diferente. Sua mão tocou o topo da cabeça de Walter protetoramente. Em vez de se livrar do novo lobo, Charles deixara claro que o lobo estava sob sua proteção e era um participante importante em sua tentativa de despistar a bruxa.

Apesar de estar satisfeita, Anna não queria que Charles e Asil lutassem, então disse novamente:

– É possível que Mary... que Mariposa esteja tirando seu poder do Marrok através do vínculo da alcateia?

Charles parou de franzir a testa para Asil, e disse:

– Certamente parecia o poder de meu pai. Mas mesmo meu pai não pode me dominar desse jeito.

Asil parecia sombrio.

– Uma bruxa forte o suficiente pode controlar qualquer lobisomem que não tem uma alcateia para protegê-lo. É proibido pelas leis das bruxas, mas é possível. Um dos problemas que Sarai e eu tínhamos com Mariposa era que ela estava obrigando as pessoas a fazerem coisas, como matar seus animais de estimação. E ela teve bastante tempo para crescer e se tornar ainda mais poderosa. Acho que, por ela ser de fato um membro da alcateia, através do vínculo que tem comigo, deve ter conseguido combinar os poderes de seu pai com os seus próprios.

Anna não estava certa sobre as implicações disso, mas Charles estava, obviamente, muito descontente.

– Ainda vamos descer para falar com o Marrok? – perguntou Anna. – Mesmo que ele não possa vir aqui, não devemos avisá-lo?

Charles ficou muito quieto.

– O que você acha que seu pai faria se você lhe contasse tudo? – perguntou Asil. – Charles não respondeu. – Sim – concordou Asil. – Isso é o que eu penso também. Ele viria para cá, depois de ter forçado todos nós a voltar para casa. Não importaria se isso fosse uma coisa incrivelmente estúpida de se fazer. Ele protege os seus e tem tanta confiança em sua reputação de invulnerabilidade como todos. Matar *Doc* Wallace o deixou magoado, e ele não vai se arriscar a perder mais alguém por um longo tempo, ainda mais o seu próprio filho.

– Nenhuma bruxa conseguiria controlar meu pai – disse Charles. Porém, Anna podia ouvir a dúvida em sua voz. Talvez ele também pudesse, porque virou a cabeça e continuou a falar, agora mais suavemente. – Nós mesmos vamos ter que ir atrás deles.

Asil de repente levantou o rosto para o vento e fechou os olhos. Depois, ficou imóvel.

Charles virou-se em direção ao acampamento; Anna se virou para olhar também, mas não viu nada. Não a princípio.

Ela pareceu se formar a partir do vento e da neve. Seu pelo brilhava em tons de prata, ouro e sombra. Todos ficaram imóveis, olhando para o lobo, enquanto ela olhava para Asil. Após alguns segundos, ela pulou do tronco e andou vagarosamente para frente, choramingando. Sua cauda balançou, apenas um pouco.

Asil começou a se mover em direção ao lobo, mas Charles agarrou-o, segurando-o de volta.

– Sarai? – disse Asil, com uma voz rouca, imóvel nas mãos de Charles.

O lobo abaixou a cabeça e também sua cauda em uma clássica pose submissa. Ela choramingou novamente. Ao lado de Anna, Walter rosnou e se colocou entre ela e o outro lobo. Mas o lobisomem da bruxa só tinha olhos para Asil.

O lobo fez um som de súplica, de lamento. Depois, virou-se e saiu correndo. Anna estava olhando para o lobo da bruxa, e por isso

não viu o que Asil fizera; só viu que de repente ele estava livre de Charles, correndo atrás do lobo que usava a aparência de sua companheira.

Charles não quis persegui-los, e apenas observou enquanto eles desapareciam na escuridão.

– Isso não é bom, é? – murmurou Anna.

– Não.

A voz de Charles era sombria.

– Então o que vamos fazer? Vamos segui-los?

– Não.

Charles olhou para Walter.

– Mas acho que nós não precisamos, não é? A bruxa ainda está instalada na velha cabana dos guardas-florestais.

Walter ganiu, concordando.

– Nós não vamos dizer ao Marrok? – perguntou Anna, sentindo o vento começar a soprar de novo. Ela estremeceu. – Você tem certeza de que isso é aconselhável? Será que o seu pai tem uma bruxa trabalhando para ele, que poderia ajudar? Minha velha alcateia dividia os serviços de uma com a outra alcateia de Chicago.

– A bruxa de Asil encontrou uma forma de controlar um lobisomem que tem a proteção de uma alcateia – disse Charles. – Nunca tinha ouvido falar de nada assim antes, então eu acho que ela não andou espalhando isso por aí. Felizmente, bruxas têm muita inveja umas das outras. Mas, se ela for a única bruxa que sabe como fazer isso, precisamos manter esse feitiço sob segredo. Não podemos trazer uma bruxa para dentro dessa situação.

Ele ainda estava olhando para o lugar onde o animal de estimação da bruxa tinha desaparecido na escuridão.

– E o seu pai?

– Asil está certo. Ele iria querer lutar contra a bruxa sozinho.

– E ele poderia?

Charles começou a encolher os ombros, mas parou a meio caminho, como se o movimento o machucasse.

– Ela não teve problema algum em lidar comigo, mas isso não quer dizer que meu pai não pudesse lutar com ela, mas se ele não conseguir... Meu pai controla todos os lobisomens na América do Norte, Anna. Todos eles. Se ela o dominasse, poderia dominar a todos.

– É isso o que ela quer?

Anna observou que Charles estava balançando um pouco.

– Eu não sei. Ela está procurando Asil há muito tempo, mas meu pai é um prêmio e tanto.

Anna deu um passo para mais perto de Charles e passou um braço em volta da sua cintura para apoiá-lo.

– Estamos seguros aqui pelo resto da noite? Ou será que ela vai vir atrás de nós?

Charles olhou para ela e suspirou:

– Seguros como em qualquer lugar, eu acho. Ela tem Asil para se ocupar. Coitado do velho Mouro... Se eu estivesse em melhor forma, teria ido atrás deles. Mas ele está por conta própria hoje à noite – disse Charles, com um sorriso sem graça que logo desapareceu de seu rosto. – Nós não temos outra escolha senão passar o resto da noite aqui; eu preciso de comida e descanso antes que possa andar mais um quilômetro que seja.

Anna o colocou sobre uma das árvores caídas, em um lugar um pouco mais abrigado do vento, e reconstruiu a fogueira. Walter bloqueou o vento enquanto ela usou uma bolota de álcool em gel e o isqueiro para fazer um fogueira com os pedaços de madeira mais secos que pôde encontrar. Enquanto a água aquecia, Anna trocou as ataduras nas costelas de Charles por tiras de uma camisa limpa. Dócil como uma criança, ele deixou que Anna cuidasse dele.

Ela lhe deu duas das refeições desidratadas, separou uma para Walter e comeu a outra. Quando eles terminaram, Anna chutou

pilhas de neve sobre o fogo até que ele estivesse completamente apagado, e depois levou Charles de volta ao abrigo original. Ela estava cansada demais para tentar se transformar novamente, e Charles estava ainda pior. Walter deitou-se na frente de ambos, bloqueando efetivamente o vento e a neve que tentavam alcançá-los.

Anna abriu os olhos na escuridão, certa de que alguma coisa a tinha despertado novamente. Ela levantou a cabeça da pele quente e cheirosa de Charles, e olhou em volta. Walter não estava ali, e em algum momento naquela noite, ela e Charles tinham invertido as posições. Portanto, ele estava deitado entre ela e o perigo.

O vento e a neve haviam cessado, deixando a floresta em silêncio e espera.

Me transmitte sursum, Caledoni[1], murmurou Anna. Que pena que o Sr. Scotty não estava por perto para teletransportá-los para a segurança. Havia algo assustador naquela atmosfera pesada.

Anna atentamente procurou escutar alguma coisa, mas nada ouviu. O silêncio pesado batia em seus ouvidos e fazia seu coração bater ainda mais alto no silêncio da noite de inverno. Seu batimento cardíaco e sua respiração eram as únicas coisas que ela podia ouvir.

– Charles? – sussurrou ela, tocando o ombro de seu companheiro. Como ele não respondia, Anna o sacudiu.

O corpo de Charles caiu rolou inerte. Ele estava deitado de lado, mas rolou frouxamente para fora do semiabrigo em direção à neve. O luar iluminava tudo quase tão bem quanto a luz do dia.

De repente, a respiração de Anna parou no peito, seguida de uma torrente de dor que encheu seus olhos de água; o sangue tinha encharcado as costas de Charles e ensopado seu casaco. Algo preto brilhava em seus dedos: sangue, era o sangue dele!

– Não – disse Anna, sentando-se subitamente e batendo a cabeça na árvore morta sob a qual eles estavam dormindo, mas ignorou a dor e estendeu a mão para ele. – Charles!

Bran sentou-se precipitadamente na cama; seu coração batia forte e ele estava ofegante. O ar frio do quarto tocou seu corpo suado. *Bruxa*...

– Qual o problema?

Leah virou e apoiou o queixo nas mãos. Seu corpo estava relaxado e saciado.

– Eu não sei.

Bran respirou fundo, mas não havia estranhos em seu quarto. Embora a cabeça tivesse se desanuviado rapidamente, a lembrança do sonho lhe escapava. Tudo, exceto aquela palavra: *bruxa*.

Seu celular tocou.

– Qual o problema, pai?

A voz de Samuel mostrava que ele estava bem acordado.

– Por que você me chamou?

Bran demorou um momento para entender que Samuel não estava falando de um telefonema. Ele esfregou o rosto e tentou se lembrar. *Bruxa*. Por alguma razão a palavra lhe deu calafrios na espinha.

Talvez ele estivesse sonhando com o passado. Isso não acontecia muito frequentemente agora. E, quando acontecia, nunca sonhava com a bruxa, e sim com todas as pessoas que haviam morrido sob suas presas depois que a bruxa morrera.

Não, não parecia um sonho de lembranças. Parecia um aviso. Assim que ele pensou nisso, sentiu novamente a urgência que o havia acordado. Algo estava errado.

– O que eu disse?

A voz de Bran finalmente lhe obedeceu, soando apenas calma e curiosa.

– Acorde – disse Samuel secamente.

– Isso não é muito útil. – Bran passou os dedos pelos cabelos. – Sinto muito por incomodá-lo, eu estava dormindo.

A voz de Samuel suavizou-se:

– Foi um pesadelo, pai?

Como que em resposta à sua pergunta, Bran viu uma imagem, que era parte de seu sonho:

– Charles está em apuros.

– Por causa de um lobo desgarrado? – disse Samuel, com incredulidade educada. – Nunca vi um desgarrado que pudesse causar qualquer tipo de problema para Charles.

Bruxa.

Mas não a bruxa de Bran, a bruxa que o havia transformado em um monstro há muito tempo. Ela estava morta, mas nunca esquecida. Era uma bruxa diferente.

– Pai?

– Espere, deixe-me pensar. – Após um momento, Bran falou: – Charles e Anna saíram atrás do lobo desgarrado há dois dias.

Às vezes, apenas o fato de falar em voz alta ajudava Bran a se lembrar das coisas com as quais sonhara. Ele detestava avisos em forma de sonhos; Bran acabava por se lembrar de qual era a questão, mas algumas vezes somente *depois* que tudo acontecia.

– Asil veio me ver naquela noite. Ele estava bravo comigo por eu ter enviado Charles cedo demais, ainda machucado – disse Bran.

– *Asil*, preocupado com Charles?

Samuel parecia cético a respeito.

– Exatamente o que pensei. Surpreendente. Embora ele não estivesse muito perturbado até...

– O quê?

Bran esfregou a testa.

– Estou velho demais. Eu esqueço. Que coisa estúpida... Bem, está explicado.

– Pai?

Ele riu.

– Desculpe. Asil saiu ontem de manhã, possivelmente atrás de Charles, mas acabei de descobrir por quê. A descrição do desgarrado bate com a do lobo de Sarai, a companheira de Asil.

– Ela está morta há muito tempo.

– Duzentos anos. Asil me disse que queimou seu corpo e enterrou as cinzas com as próprias mãos. E, mesmo sendo muito velho, ele não pode mentir para mim. Sarai está morta.

Leah rolou para fora da cama e pegou suas roupas. Sem olhar para Bran, ela saiu do quarto e foi para o seu próprio cômodo. Ele a ouviu fechando a porta, e sabia que a tinha magoado ao ter essa conversa com Samuel, em vez de falar com sua companheira.

Mas ele não tinha tempo de pedir desculpas; ele acabara de perceber algo estranho.

Bruxa.

– Samuel, por que você queimaria um corpo? – perguntou Bran, instigado.

– Para esconder a identidade da pessoa. Por que está frio demais para enterrar o corpo. Por que minha religião exige. Para evitar a disseminação de doenças. Por que há muitos corpos e ninguém tem uma escavadora à mão. Estou ficando quente?

Bran estava preocupado demais para achar divertido.

– Por que Asil queimaria o corpo de Sarai na Espanha durante as Guerras Napoleônicas?

– Bruxa.

Bruxa.

– Eu sonhei com uma bruxa – disse Bran, agora certo de que era verdade.

– A companheira do Mouro foi torturada até a morte por vários dias – disse Samuel pensativamente. – Sempre pensei que tinha sido um vampiro. Uma bruxa nunca seria capaz de manter um lobisomem preso por dias... Ela poderia até matá-la, mas não torturá-la.

– Conheço uma que podia.

– Vovó já está morta há muito tempo, pai – disse Samuel cautelosamente.

– Morta e devorada – falou Bran impacientemente. – Apenas quis dizer que conhecemos uma exceção. Onde há uma, pode haver outras.

– Sarai era a companheira do Mouro, pai, e eles eram parte de uma alcateia. Era diferente da nossa situação. E Sarai foi morta há duzentos anos. Bruxas têm um tempo de vida igual ao dos humanos.

– Asil me disse que tinha sonhado ultimamente, e com *ela*. Concluí que ele estava falando de Sarai. – O outro lado do telefone ficou silencioso. – Eu não sei de *nada* – disse Bran. – Talvez Sarai tenha sido morta por um vampiro, e o fato de esse lobo ter a mesma coloração que ela é apenas uma coincidência. Talvez Asil tenha queimado o corpo de Sarai porque não podia aguentar a ideia do corpo apodrecendo no túmulo. Talvez meu sonho apenas queira dizer que Charles está voltando nesse exato momento com o lobo desgarrado.

– Sabe – disse Samuel pensativamente –, você acabou de provar tudo o que disse ao argumentar contra os fatos, melhor do que ao defendê-los. Penso se isso mostra, de alguma forma, como a sua mente funciona.

– Ou a sua – disse Bran sorrindo, apesar da gravidade do assunto. – Vou atrás de Charles.

– Ótimo – disse Samuel. – Você quer que eu volte?

– Não. Você está com Adam ou com Mercy?

– Sou seu filho – disse ele, em um tom de voz presunçoso apesar da preocupação implícita em sua voz. – Estou na casa de Mercy, é claro.

Bran sorriu ao desligar o telefone. Depois, saiu da cama e se vestiu para a viagem.

Ele parou do lado de fora da porta do quarto de Leah, mas o que havia de errado entre eles não podia ser mudado. Bran nem mesmo queria que isso mudasse, apenas lamentava que ela ficasse magoada tão frequentemente. No final, ele a deixava em paz.

Bran não deixou um recado; Leah não se importaria em saber onde ele estava indo ou por quê.

A garganta de Anna doía de tanto chorar, enquanto ela se deitava sobre o corpo cada vez mais frio de Charles. Seu rosto estava molhado de lágrimas e sangue, que congelavam no frio extremo. As extremidades dos seus dedos queimavam por causa da neve.

Ele estava morto, e era culpa dela. Anna devia ter percebido que o sangramento era pior do que parecia. Ela só o tivera por alguns dias...

Anna saiu de cima do corpo de Charles e se sentou de pernas cruzadas no chão frio, estudando o rosto exótico e bonito. Ele vivera duzentos anos ou mais, e ela sabia muito pouco sobre aquele tempo. Anna queria saber todas as histórias. Como tinha sido crescer como um lobisomem? Em que travessuras ele havia se metido? Ela nem mesmo sabia sua cor favorita. Era verde, como o quarto dele?

– Vermelho. É vermelho.

A voz dele sussurrou em seu ouvido, surpreendendo-a.

Mas isso era impossível, não era?

Anna estendeu a mão para tocar no corpo de Charles, mas, em um piscar de olhos, já estava deitada de costas debaixo de um

Charles muito vivo, embora o lado esquerdo de seu rosto parecesse ter sido arranhado por algum animal.

Ela estava ofegante, e suas mãos doíam enquanto se transformavam novamente em mãos humanas. Será que foi ela que o machucou? Seu coração parecia ter parado no peito, e só agora começava a bater de novo.

– Charles? – foi o que ela conseguiu dizer.

O rosto dele não se mexia muito, mas Anna viu que ele estava aliviado mesmo assim, e sentiu que Charles relaxava enquanto a segurava com menos força.

Ele colocou o rosto rapidamente contra seu pescoço e respirou contra sua orelha. Quando Charles levantou o rosto, ele saiu de cima dela e disse:

– Tudo o que você precisava fazer era perguntar.

Ela se sentou, sentindo-se fraca e desorientada.

– Perguntar?

– Qual é a minha cor favorita.

Anna olhou para ele. Charles estava fazendo piada com isso?

– Você estava morto – disse Anna. – Eu acordei e havia muito sangue, e você não estava respirando. Você estava morto.

Um rosnado atrás dela a assustou; Anna havia esquecido Walter completamente.

– Sinto o cheiro, também, lobo – disse Charles, enquanto as marcas no lado de seu rosto rapidamente desapareciam. – Bruxaria. Será que a bruxa tirou alguma coisa de você, Anna? Pele, sangue, ou cabelo?

Quando o lobo aparecera, Mary tinha agarrado os cabelos de Anna.

– Cabelo.

Sua voz estava tão rouca que Anna quase não a reconheceu.

– Quando há bruxas soltas por aí, é melhor mantê-las a distância. Seu cabelo deixou-a entrar em seus sonhos. Se você tivesse

morrido nesse sonho, você teria morrido de verdade. – Ela sabia que isso seria importante em um minuto, mas não agora. Um pouco freneticamente, ela abriu o zíper do casaco dele. Charles pegou as mãos de Anna e disse: – O que é que você quer? Posso ajudar?

Suas mãos estavam muito quentes, mas ele estivera quente antes.

– Eu preciso ver as suas costas.

Charles a soltou, tirou o casaco e, ainda de joelhos, voltou-se para que ela pudesse ver que as tiras de camisa que ela havia enrolado em volta do seu tronco estavam livres de sangue. Anna colocou a cabeça no ombro dele e respirou seu cheiro. Por baixo dele, ela podia sentir o cheiro de sangue velho e o cheiro acre de uma ferida cicatrizando.

Anna agarrou a camisa de Charles com as duas mãos e tentou se acalmar.

– Foi apenas um pesadelo? – disse ela, com medo de acreditar. Com medo de que aquilo tivesse sido a verdade e esse fosse o sonho.

– Não – disse ele. – Foi a soma dos seus piores medos.

Charles se virou e a abraçou também, colocando os braços ao redor dela, envolvendo seu corpo frio com o calor dele. Então sussurrou no ouvido de Anna:

– Nós estamos tentando acordá-la há cerca de quinze minutos. – Charles fez uma pausa e continuou. – Você não foi a única que estava com medo. Seu coração parou. Por quase um minuto eu não consegui fazer você respirar... Eu... eu imagino que você vai ter hematomas. RCP[2] é um processo que eu acho muito difícil; há uma linha tênue entre forçar o ar para fora e quebrar costelas... – Charles a abraçou com mais força e sussurrou: – Um dos problemas de ter um irmão médico é saber o que acontece com algumas pessoas que precisam de RCP para sobreviver.

Anna deu-lhe batidinhas nas costas – na parte superior do ombro, bem longe de seus ferimentos.

– Sim, bem, eu aposto que a maioria dessas pessoas não são lobisomens.

Ele afrouxou o abraço depois de um momento, e disse rapidamente:

– Você está com frio. Eu acho que está na hora de comer alguma coisa. Ainda temos algumas horas antes do amanhecer.

– Como você está?

Charles sorriu.

– Melhor. Muita comida, um pouco de descanso, e estarei quase tão bem quanto antes.

Anna o observou de perto enquanto ele tirava alguns pacotes de alimentos da mochila, coisas que não precisavam de água quente. Mais frutas secas e carne-seca.

Ela rasgou um pedaço de carne-seca com os dentes e mastigou.

– Sabe, eu costumava gostar dessas coisas.

Comendo os pedacinhos que ela lhe dava, Walter esparramou-se sobre seus pés. Grande como era, ele logo deixou os dedos dos pés dela bem quentinhos, pois antes estavam congelados.

Depois disso, deitaram-se novamente; Anna, imprensada entre os machos, Charles às suas costas mais uma vez.

– Estou com medo de voltar a dormir – disse Anna. E não foi porque Charles dissera que ela poderia ter sido morta pela bruxa: na verdade, Anna não iria aguentar ver o corpo morto de Charles novamente.

Charles abraçou-a mais forte e começou a cantar baixinho. A música era nativo-americana; Anna reconhecia o tom nasal e a escala diferente.

Walter suspirou e moveu-se para uma posição mais confortável, enquanto todos esperavam pela manhã.

DOZE

A escuridão não incomodava Bran nem um pouco enquanto ele seguia as instruções de Tag até o lugar onde ele e Charles concluíram que seria o melhor ponto de partida. Bran passou pelo Subaru de Asil e hesitou; se Asil estava seguindo Charles, saberia qual o caminho mais rápido até lá.

Mas Charles estaria voltando para o carro, se algo tivesse dado errado. Então, Bran continuou dirigindo.

Outras coisas que ele poderia fazer cruzaram seu pensamento. Havia bruxas na folha de pagamento dos lobos. Não na sua alcateia; ele não lidava com bruxas negras e a maioria das bruxas brancas não era poderosa o suficiente para ser útil. Mas havia bruxas à sua disposição.

Se houvesse por ali uma bruxa de duzentos anos, capaz de prender e torturar um lobisomem por dois dias, Bran não tinha intenção de anunciar o fato e incentivar outras a fazerem o mesmo. Especialmente no caso dessa que, como a mãe de Bran, poderia ter obtido seu poder por meio de algum tipo de ligação com um lobisomem.

Não. Era melhor manter as bruxas fora disso. Bran poderia chamar Charles de volta.

Se bem que isso era mais difícil. Sua mãe o havia escravizado usando telepatia. Era por isso que ele não conseguia mais ler os pensamentos dos outros.

Depois que ele matara a bruxa, sua mãe, em contrarreação, havia tirado aquele talento dele, uma das muitas bênçãos resultantes da morte dela. Lentamente, ele havia recuperado a capacidade de falar mente-a-mente, mas nunca a de ouvir.

Ambos compartilhavam esse talento, e essa era a única razão pela qual sua mãe conseguira escravizá-lo por meio dessa empatia. Uma coisa rara, mesmo entre os nascidos bruxos. Bran ficaria surpreso se houvesse outra bruxa com esse talento na América do Norte. Mas ele ainda não tinha coragem para tentar, até que tivesse certeza de que seu filho estava livre da bruxa de Asil.

De todos os usuários de magia nesse velho mundo, Bran desprezava e temia bruxos acima de tudo. Provavelmente porque, se as coisas tivessem sido diferentes, ele teria sido um deles.

Bran saiu da rodovia e dirigiu até Silver Butte. Os rastros de um veículo mais largo do que o normal apareceram à sua frente. De qualquer forma, Charles havia seguido o plano até aquele local.

Levar o caminhão de Charles pelo caminho que o Humvee tinha tomado era um pouco complicado, mas eliminava as outras preocupações de sua cabeça. Bran estava começando a pensar que deveria ter estacionado ao lado do carro de Asil, quando fez uma curva cega e quase bateu no Humvee, que estava encostado em uma árvore.

Ele parou o caminhão de Charles a não mais de quinze centímetros do Humvee. Depois, desligou o motor e estacionou o veículo ali, pois as árvores eram muito grossas para alguém conseguir dirigir ao redor delas. Além disso, Bran não tinha certeza de que a neve branca e macia ocultasse uma vala.

Ele não viu lugar seguro algum para fazer o retorno em qualquer parte dos últimos trezentos metros; Bran se perguntou se teria de dirigir de ré o caminho todo de volta. Ele sorriu amargamente para si mesmo; isso pouco importaria se eles não conseguissem resolver a situação.

Asil tivera tempo para se encontrar com Charles. Ele tinha conhecimento sobre bruxas. Certamente seu filho e o Mouro poderiam dar conta do que quer que encontrassem. Se Charles

tivesse seguido a rota planejada, Bran esperava encontrá-los antes de escurecer e tirá-los daqui.

Ele deixou a chave na ignição. Era pouco provável que alguém viesse aqui e roubasse a caminhonete, e, se alguém o fizesse... bem, essa pessoa iria lidar com Charles.

Bran não se preocupara em trazer um casaco, já que pretendia mesmo ir em forma de lobo. Ele se despiu na cabine quente, retesando os músculos, e pulou da caminhonete antes de completar a transformação. Abrir as portas do carro na forma de lobo era possível, mas geralmente deixava para trás alguns danos. E, apesar de resmungar frequentemente sobre quanto odiava carros, Charles gostava de sua caminhonete.

Bran estabeleceu um galope constante, algo que poderia manter durante todo o dia. Fazia muito tempo que ele não corria por essas montanhas. Elas nunca tinham sido seu campo de caça favorito, embora ele não pudesse lembrar exatamente por quê. Charles afirmava que as Cabinets não gostavam de intrusos, e Bran supunha que essa era uma explicação tão boa quanto qualquer outra.

Seguir de trás para a frente a rota pretendida por Charles parecia ser a melhor maneira de começar. O circuito todo não tinha mais de trinta quilômetros, e ele poderia completá-lo e estar de volta aos carros logo após o anoitecer.

Com exceção do pequeno alpendre pintado com uma tinta verde velha, que já descascava, a cabana não havia mudado substancialmente desde a última vez que Charles a vira, talvez cinquenta anos antes. Não havia muita coisa para ver ali; era uma pequena cabana de troncos como uma centena de outros lugares nas florestas de Montana, a maioria delas construída durante a Depressão por equipes do CCC[1].

Os troncos tinham adquirido a cor cinza devido a anos de exposição ao sol, à chuva e à neve. Um quadriciclo surrado com pneus novos estava estacionado discretamente entre a parte traseira da cabana e a floresta que ficava por trás.

Charles fez Anna parar a cerca de trinta metros na direção do vento, onde as árvores ainda os escondiam adequadamente. Assim que ele a fez parar, Walter achatou-se no chão a seus pés, como se fosse seu dedicado cão de estimação, um cão que aproximadamente pesava o equivalente a um urso negro médio, e cuja capacidade de destruição era consideravelmente maior...

Era tão óbvio que a devoção de Walter era de caráter não sexual que Charles não conseguia se opor. Ele continuava se lembrando da frase enlevada de Walter: “Eu acho que poderia dormir”. Charles sabia o que era ser assombrado por lembranças de morte e assassinato. Se Anna conseguia dar a Walter um pouco de paz, ele podia servir-se dela.

Charles olhou ferozmente para a cabana e desejou não estar tão assustado. Fazia tempo que não se sentia amedrontado daquele jeito. Ele costumava se preocupar com Samuel, com seu pai e, mais recentemente, com Anna, mas não consigo mesmo. A lembrança de como a bruxa de Asil o tinha dominado como se ela fosse seu Alfa atravessava sua autoconfiança com uma grande dose de realidade.

Ele esfregou o ombro de Anna levemente. Charles sabia que ela não era tão frágil quanto parecia; nenhum lobisomem era frágil. E o velho soldado era um sobrevivente; Charles sentiu algum conforto nisso.

– Eu não serei capaz de ajudar diretamente – disse Charles. – Se eu entrar em sua linha de visão, ela vai me dominar de novo. Com o Alfa de uma alcateia, a distância faz diferença, da mesma forma que o contato olho a olho ou corpo a corpo.

Nem Walter, nem Anna eram membros da alcateia de seu pai, então não tinham nenhuma conexão com Asil. Com exceção do

vínculo do lobo de Anna com o lobo de Charles, isso os deixava tão vulneráveis quanto qualquer lobo solitário. Mas Charles sabia que bruxas geralmente levavam algum tempo para dominar um lobo solitário, tempo suficiente para que ele pudesse se oferecer no lugar deles.

O controle que ela exercera sobre Charles tinha sido instantâneo, e ele detestava bruxas. Outros usuários de habilidades mágicas não o incomodavam tanto. Druidas influenciavam o mundo natural: clima, plantas e alguns animais. Feiticeiros lidavam com coisas inanimadas. Mas bruxos usavam o corpo e a mente. O corpo e a mente de qualquer um. Eles usavam coisas que estavam ou haviam estado vivas. Bruxos brancos não eram tão ruins, embora talvez fosse apenas porque a maioria deles tinha menos magia do que ele. Bruxos negros obtinham seu poder matando ou torturando coisas: de moscas a humanos.

– Tudo bem – disse sua amada Anna, como se estivesse acostumada a enfrentar bruxas todos os dias de sua vida. – Se eles estiverem aqui, você vai atrás de seu lobo... e provavelmente de Asil. Isso deve manter até mesmo você bastante ocupado.

As poucas horas de descanso que Charles tivera, somadas a muita comida e ao ritmo lento e fácil da caminhada naquela manhã, haviam feito muito para restaurar sua velha forma. Isso lhe daria uma chance de derrotar os animais de estimação da bruxa.

Anna estremeceu um pouco debaixo da sua mão, o que Charles interpretou como uma combinação de ansiedade e nervos. Anna reagira àquele sonho como se o ataque fosse contra ele, e não contra ela, embora Anna tivesse sido a única que parara de respirar.

Walter levantou os olhos para Charles, que viu no olhar do outro lobo a determinação de protegê-la usando qualquer meio que fosse necessário. O irmão lobo ficava incomodado ao ver tal sentimento nos olhos de outro macho, mas, nas circunstâncias, Walter estava em melhor posição para salvá-la do que Charles.

– Farei um pequeno reconhecimento. Enquanto isso, gostaria que vocês esperassem aqui, tudo bem?

– Eu espero – disse Anna.

– Não fique impaciente; isso pode demorar um pouco.

A cabana tinha sido construída de costas para a floresta, e seis metros de mata haviam sido removidos na frente e em um dos lados. Aquele não era um lugar que Charles teria escolhido para se esconder de lobisomens, mas, por outro lado, ele não achava que a bruxa sentisse medo dele em absoluto. Charles certamente não tinha dado a ela qualquer motivo para temê-lo.

Para sua surpresa, Walter seguiu-o, desaparecendo nas sombras, até que o único indício de que um outro lobo estava lá fosse seu cheiro. Os espíritos da floresta haviam realmente aceitado Walter como um deles para lhe darem sua proteção. O avô de Charles também conseguia desaparecer assim.

A poucos metros da cabana, Charles convenceu-se de que ela estava vazia. Quando Walter apareceu poucos metros à sua frente, Charles percebeu que seu rabo abanava uma mensagem lenta, e então soube que estava certo. Mas só depois de dar uma volta completa na pequena estrutura e abrir a porta é que Charles enviou Walter de volta para Anna.

Dentro da cabana, havia pouco espaço para a estreita cama de armar e a pequena mesa, os únicos móveis ali, a menos que Charles quisesse contar a borda estreita de uma prateleira acima da lareira. A cama era novinha e ainda mostrava as etiquetas da loja. A mesa parecia ser mais velha do que a cabana.

A lareira mostrava sinais de uso recente. O animal morto no chão ali na frente anunciava quem estava vivendo ali: bruxas e coisas mortas estavam sempre juntas. Havia bruxas que não matavam, mas elas eram muito menos poderosas do que suas irmãs mais sombrias.

O assoalho de tábuas tinha pregos novos brilhantes e marcas de pé de cabra onde algumas tábuas tinham sido arrancadas e pregadas novamente; quando chegou perto da cama, Charles sabia exatamente o motivo; ele já sentira a presença de círculos de poder antes. Algumas bruxas os usavam para criar feitiços de proteção a fim de manter seguras as coisas que tinham valor para elas, e outras os usavam para armazenar energia que pudesse ser utilizada mais tarde. Já que a cabana não o havia impedido de entrar e Charles não sentia a necessidade de sair, ele só podia supor que o círculo era do segundo tipo, e isso significava que havia mais coisas mortas sob o assoalho. Charles respirou fundo, mas o animal morto que já tinha visto poderia explicar o cheiro da morte, e não havia nada apodrecendo ali. Ou o animal que ela tinha matado para criar seu círculo não fora morto há muito tempo – ele havia congelado no frio – ou a bruxa tinha criado um feitiço para disfarçá-lo e manter longe os comedores de carniça. Mudar o que os sentidos dos outros percebiam era um dos grandes poderes da bruxa.

Seu pai dissera que Charles poderia ter sido um bruxo se tivesse escolhido estudar para isso. Bran não o havia encorajado, nem desencorajado; um bruxo na alcateia teria dado a ele ainda mais poder. Mas o tipo de magia mais sutil do povo de sua mãe era adequado para Charles, e ele nunca lamentara menos o caminho que escolhera do que naquele momento, em pé no meio da pobre cabana infectada com o Mal.

O cheiro no saco de dormir na cama era fresco o suficiente para que Charles concluísse que a bruxa tinha dormido lá na noite anterior. A mesa ainda mostrava os restos de uma grande vela negra, cheirando mais a sangue do que a cera, e um almofariz com um pouco de cinza no fundo, que deviam ser os restos do cabelo de Anna, algo pessoal de sua companheira, e servira para permitir que a bruxa entrasse nos seus sonhos.

– O que é isso? – disse Anna, com uma voz fraca vinda da porta. Charles se sentiu imediatamente melhor com a sua presença, como se ela de alguma forma diminuísse o mal que havia impregnado a madeira e o tijolo.

Algum dia Charles iria contar-lhe isso, só para ver a descrença perplexa nos olhos dela; ele estava começando a conhecê-la bem o suficiente para prever suas reações, o que lhe deu alguma satisfação.

Charles seguiu o seu olhar para o corpo eviscerado e sem pele, colocado em frente da lareira.

– Guaxinim, eu acho. Pelo menos é a isso que ele cheira.

O animal morto também tinha cheiro de dor e deixara marcas de garras no chão, provavelmente depois de ter sido pregado ali. Charles não viu razão para dizer a Anna que provavelmente o animal não estava morto quando a bruxa o mutilara.

– O que ela estava tentando fazer?

Anna ficou na porta, e Walter ficou atrás dela. Nenhum deles fez qualquer tentativa para entrar.

Charles encolheu os ombros.

– Não tenho ideia. Talvez tenha sido para o feitiço de poder que ela usou em você na noite passada. A bruxa negra ganha poder a partir da dor e do sofrimento dos outros.

Anna parecia doente.

– Há monstros piores para ser do que um lobisomem, não é?

– Sim – concordou Charles. – Nem todos os bruxos usam coisas como esta, mas é difícil ser uma bruxa boa.

Lá também havia uma bacia no chão ao lado do corpo do guaxinim, usada para vidência e ainda cheia de água. A temperatura no interior da cabana não era muito mais quente do que lá fora; se a bruxa ficasse naquele local por muito tempo, teria virado gelo. Eles não tinham se encontrado com ela por muito pouco.

Charles não queria, mas tocou o animal morto para ver há quanto tempo a bruxa o havia torturado. Sua carne estava imóvel...

O animal moveu-se fracamente, e por isso Charles tirou sua faca e cortou o pescoço do guaxinim tão rapidamente quanto possível, nauseado por saber que ele ainda estava vivo. Nada deveria ter de sofrer a tortura que sofrera e continuar vivo. Ele deu um olhar mais cuidadoso para as tábuas do piso. Talvez não houvesse cheiro de podridão porque o que quer que fosse que a bruxa mantinha lá embaixo (ancorando aquele círculo de energia) também não estivesse morto.

Walter rosnou, e Charles ecoou o sentimento.

– Ela o deixou vivo – sussurrou Anna.

– Sim. E provavelmente ela vai saber que o matamos.

Charles limpou a faca no saco de dormir e, em seguida, colocou-a de volta na bainha.

– Então o que faremos agora?

– Queimamos a cabana – disse Charles. – A maior parte da bruxaria consiste em poções e feitiços. Queimar seu lugar de poder irá prejudicá-la um pouco.

E isso também libertaria a pobre coisa ou coisas presas debaixo da cabana. Charles não ia falar sobre isso com Anna a menos que tivesse de fazê-lo.

Anna encontrou uma lata de cinco galões[2] de gasolina amarrada ao quadriciclo, cheia pela metade. Charles encharcou a cama com o combustível e, em seguida, a fogueira que tinha construído no meio do chão com a lenha que a bruxa juntara. Ele mandou Anna e Walter para longe da cabana antes de acender o pavio com um fósforo. A gasolina queimou seu nariz quando o fogo incendiou a madeira, mas Charles esperou até ter certeza de que o fogo estava quente o suficiente para queimar a cabana antes de sair.

Ele andou em direção a Anna e Walter, que tinham parado a alguma distância. Quando chegou até eles, Charles pegou a mão de Anna e puxou mais, instigado pela coceira entre as escápulas. Essa foi a razão pela qual eles estavam a cinquenta metros de distância quando a cabana explodiu, derrubando todos no chão.

Anna tirou o rosto da neve e cuspiu terra da boca.

– O que aconteceu? Será que tinha dinamite lá ou algo assim?

Charles virou e sentou-se, lutando para não mostrar que se machucara ao cair por causa daquela ferida no peito.

– Eu não sei. Mas magia e fogo têm um efeito estranho e sinérgico às vezes.

Ele olhou para onde a cabana ficava e assobiou silenciosamente. Não havia mais quase nada dela, apenas algumas pilhas de pedra no chão onde a base da lareira ficava. Pedaços de quadriciclo e cabana tinham sido arremessados até perto de seus pés, e as árvores mais próximas da cabana haviam sido estraçalhadas como palitos.

– Uau – disse Anna. – Está tudo bem, Walter?

O lobo chegou aos seus pés e sacudiu-se, olhando para o rosto de Anna com olhos de adoração.

– A bruxa sabia que nós a caçaríamos – disse Charles. – Ela tentou esconder isso de nós. Eu não senti nenhum cheiro dela quando Walter e eu andamos ao redor da cabana. Você sentiu, Walter?

O lobo negou.

– Então o que devemos fazer?

– Apesar de todos os nossos medos, eu acho que é hora de chamar meu pai – disse Charles, sorrindo para Anna. – Nós não estamos muito longe do carro, e ele já sabe que alguma coisa está errada. Ele me acordou na noite passada: foi assim que soube que você estava em apuros. Meu pai não é tolo, e conhece algumas bruxas a quem pode recorrer.

Bran já estava correndo há várias horas quando os ouviu.

– Eu lhe disse que era mais provável que ele enviasse Tag se Charles precisasse de ajuda – disse Asil. – Eu lhe disse que ele não seria tão tolo a ponto de vir aqui ele mesmo.

Bran plantou as quatro patas no chão e deslizou até parar. Asil não tinha falado em voz alta, mas sabia que Bran poderia ouvi-lo. O que significava que já era tarde demais para escapar.

Bruxas podiam se esconder de alguém às claras, se tivessem algum tipo de domínio sobre a outra pessoa. E Asil claramente não estava falando com Charles, por isso Bran concluiu que ele agora pertencia à bruxa. Mas Asil também pertencia a ele. Isso era o suficiente para estabelecer uma conexão para que um feitiço a escondesse de Bran.

Bran se virou a fim de olhar para Asil e encontrou-o em pé sobre uma pedra do tamanho de um pequeno elefante. Junto a ele, uma pequena mulher agasalhada contra o frio mantinha Asil perto de si, como se achasse que o vento fosse derrubá-lo da pedra.

– Por que ele achou que Tag se sairia melhor do que eu, eu não sei – continuou Asil friamente. Seus olhos mostravam o inferno, mas o resto do seu rosto e sua linguagem corporal correspondiam à sua voz.

– Venha cá, *señor* – ronronou a mulher, facilitando o seu encontro com ela e pulando da pedra com graça incomum.

Ela falava sem sotaque algum, exceto quando falou puro espanhol castelhano, o espanhol da aristocracia. Parte dele se interessava pelo fato de que a bruxa estava lá há tempo suficiente para se expressar como um falante nativo da língua. Seu ouvido era bom demais para ser enganado sobre qual era a sua língua original, mesmo que Bran não soubesse que estava procurando uma bruxa que havia matado a companheira de Asil na Espanha. Porém, outra parte de Bran estava interessada na destreza de lobo que ela

apresentara ao pular da pedra depois de Asil. Nenhum ser humano poderia se mover tão bem, bruxa ou não. Mas Bran se lembrou de que, quando sua mãe o havia escravizado, ela também fora capaz de se mover assim.

Ele já teria ficado horrorizado com isso, mas viu que o pior acontecera: Asil obedecia à bruxa como o cão bem treinado que Bran fora uma vez, muito, muito tempo atrás.

– Tag – ronronou a bruxa, enquanto caminhava ao redor de Bran. – Colin Taggart. Um pouco pequeno... para um lobisomem.

Bran, aparentemente ao contrário da bruxa, estava consciente da tensão de Asil, enquanto esperava que ela descobrisse como ele a havia informado mal, sem nunca ter precisado mentir: “Eu disse que ele ia mandar Tag” não era “Olhe, aí está Tag”. Asil estava tentando ajudá-lo, e Bran deu-lhe crédito por isso, sabendo como era difícil equilibrar-se em cima na linha que ele estava pisando.

Como percebia o medo que irradiava de Bran, Asil sabia quais eram as consequências de uma bruxa tentar fazer dele um animal de estimação. Não havia muitas pessoas que se lembrariam do que tinha acontecido quando Bran havia se libertado de sua mãe no passado: Samuel, Asil... Ele não conseguiu pensar em uma terceira; tinha sido há muito tempo. Provavelmente as bruxas não sabiam por que era proibido tentar fazer de um lobisomem um animal de estimação ou familiar[3], mas a maioria delas não tinha o poder necessário para tal.

Bran aguentaria por um tempo. Primeiro, a bruxa poderia cometer um erro, especialmente se não soubesse quem estava dominando. Segundo, temia que daquela vez ninguém fosse capaz de matá-lo. Samuel foi quem o trouxera de volta antes, mas seu filho não era mais tão autoconfiante como costumava ser.

O controle que a bruxa exercia sobre ele tinha de ser conquistado pelo sangue e pela carne, e foi somente com a sua própria alcateia

que Bran estabelecera esse tipo de ligação. A bruxa devia ter usado Asil para infiltrar-se em sua alcateia, mas como?

Enquanto ela o olhava, Bran examinou sua ligação com Asil, buscando algo ligado a uma bruxa. Ele deu muito pouca atenção à bruxa enquanto ela falava com ele. Com a destreza de uma vida muito longa, Bran mentalmente deslizou através de Asil e encontrou uma mulher morta; só podia ser a companheira de Asil. Era uma impossibilidade.

Ninguém podia ligar-se a uma mulher morta; Bran sabia disso porque, quando Blue Jay Woman morreu (a mãe de Charles), ele mesmo tentara segurá-la.

Entretanto, as impossibilidades se tornam possíveis quando uma bruxa é adicionada à mistura.

Não havia mais o que explorar; a mulher estava morta, e sua ligação se dava por meio de Asil, mas a bruxa deveria estar estreitamente ligada à companheira morta de Asil para que o controle sobre Bran fizesse sentido. Assim, ela poderia usar sua própria magia por meio dessa ligação e assumir o controle de qualquer um dos lobos de Bran.

Bran deu a Asil um olhar frio. Asil sabia que o vínculo com sua companheira morta ainda existia, e deveria ter dito isso a ele. Bran teve a sensação de que havia mais coisas que deveria ter sabido.

De alguma forma, a bruxa mantivera viva a ligação entre Asil e sua companheira enquanto matava Sarai.

Bran detestava bruxas.

– Colin Taggart – ronronou ela. – Você é meu agora. Sua vontade é a minha.

Bran sentiu a magia que a bruxa derramava sobre ele. Um pouco da magia escorregou como mel sobre uma torrada quente: fixando-se um pouco aqui e ali. Mas de repente a magia o envolveu e se solidificou, enquanto ela andava ao redor de Bran sussurrando as palavras de seu feitiço. Isso não doía exatamente, mas fazia com

que Bran se sentisse claustrofóbico. Ele tentou se mover, mas não conseguiu.

O pânico o invadiu, e alguma coisa se agitou no fundo de sua alma, algo que ele havia enterrado há muito, muito tempo. Bran respirou profundamente, estremecendo, e tentou manter a bruxa fora de sua consciência.

Pânico era um sentimento muito, muito perigoso, muito mais perigoso do que a bruxa. Por isso, Bran voltou sua atenção para outras coisas.

Primeiro, ele tentou cortar Asil da alcateia. Se quebrasse o laço entre ele e Asil, Bran poderia ter uma chance de se libertar da bruxa. Ele deveria ter sido capaz de fazer isso naquele momento, mas as estranhezas do vínculo de Asil com sua companheira e a forma como a bruxa havia deturpado esse vínculo haviam conspurcado a magia da alcateia, até um ponto em que Bran não tivesse mais certeza de que poderia libertar Asil de qualquer pessoa ou da alcateia em si. Ele não via como libertá-lo de Sarai, da bruxa ou até dele mesmo, nem que para isso fosse feita uma cerimônia completa de banimento, com sangue e carne.

O ritmo do canto da bruxa mudou, e Bran sentiu seu controle apertar-se ao redor de seu corpo até que ele não pudesse respirar... Não!

Bran ignorou a bruxa por completo e começou a minimizar os danos da melhor maneira possível.

Ele reduziu as ligações que tinha com sua alcateia até que mal podia senti-los. Se tivesse uma alcateia normal, Bran poderia ter tentado soltar as rédeas totalmente, mas havia muitos que não podiam controlar a si mesmos sozinhos por muito tempo. A diminuição ajudaria a escondê-los da magia da bruxa – e seria mais difícil usá-los, se ela tentasse.

Através de Asil a bruxa o dominava; se Bran, entretanto, pudesse fazer alguma coisa a respeito, ela não teria acesso a mais ninguém

de sua alcateia. Se Asil conseguisse fazer com que ela continuasse pensando que ele era Tag, a bruxa nem saberia onde procurar.

Havia uns poucos lobos velhos cujo controle se tornara delicado; estes, Bran deu a Samuel, libertando-os inteiramente dele. Seria um choque para Samuel, mas os lobos sabiam que ele era seu filho e não iriam protestar. Samuel poderia cuidar deles por algum tempo.

Bran não sabia se uma bruxa que tão obviamente tinha alguns dos atributos de um lobisomem sabia o suficiente sobre lobos para desfazer o que ele estava fazendo, mas ele iria dificultar as coisas tanto quanto possível. No mínimo, ele iria atrasá-la.

Mas o real motivo de sua urgência era que quando, ou melhor, *se* ele ficasse insano, não levaria a alcateia inteira com ele imediatamente. Alguém – Charles era sua melhor esperança, embora Asil pudesse ser capaz de fazê-lo – teria a chance de matá-lo antes disso.

Bran terminou seu trabalho antes que a bruxa terminasse o dela: há séculos não ficava tão sozinho com sua mente como naquele momento. Em circunstâncias diferentes, ele quase poderia ter apreciado aquele instante.

Ele não lutou contra a bruxa quando ela estalou os dedos e disse-lhe para caminhar ao lado dela. Bran caminhou do seu lado esquerdo, enquanto Asil, em forma humana, a escoltava do lado direito.

De alguma forma, Bran concluiu que a bruxa não tinha percebido ainda a criatura de sombra que andava quase ao lado de Asil. Bran não a teria notado se não tivesse visto as marcas na neve, tão leves sob as patas do lobo que ele mesmo não podia ver, mas podia sentir o cheiro e a magia impregnados nelas.

Guardiões: era assim que essas coisas eram chamadas. Bran sempre achara esse nome um tanto carismático para tal abominação. Ele ficara feliz ao ouvir que a família que controlava aquele feitiço tinha sido finalmente eliminada. Obviamente a sua

informação não havia sido completamente precisa. Porém, Bran nunca ouviria falar que essa família, mesmo no auge do poder, pudesse fazer com que lobisomens se tornassem guardiões.

Bran olhou para Asil, mas ele não podia dizer se o Mouro sabia que parte de sua companheira os acompanhava, como se ela tivesse sido conjurada a vir à existência tantas vezes que quase criara uma vida fora do chamado de sua criadora. Bran lembrou-se de que guardiões eram destruídos a cada sete anos para evitar situações como aquela. O lobo de Sarai tinha algo em torno de duzentos anos, e ele se perguntou quanta autonomia ela tinha.

– Diga-me, Asil – ordenou a bruxa, com o braço enfiado no braço do Mouro como se ele fosse um cavalheiro antigo e ela, uma dama, passeando por um salão de baile em vez de estar andando enterrada em sessenta centímetros de neve. – Como você se sentiu quando Sarai escolheu me proteger, em vez de permanecer fiel a você?

Havia verdade em suas palavras; a bruxa acreditava que Sarai tinha feito uma escolha. Considerando a hesitação nas passadas constantes de Asil, ele também ouvira assim.

– Foi isso que ela fez? – perguntou ele.

– Ela me amava mais do que amava você – disse a bruxa. – Eu sou sua pequena borboleta, e ela cuida de mim.

Asil ficou em silêncio por um momento, então disse:

– Eu não acho que você seja a Mariposa de ninguém há um longo tempo.

A bruxa parou e mudou abruptamente para o espanhol.

– Mentiroso. Mentiroso. Você não sabe de nada. Ela me amava. A mim! Ela ficava comigo quando você saía em suas viagens. Ela só me mandou embora por sua causa.

– Ela *amou* você – concordou Asil. – Uma vez. Agora ela não existe mais. Ela não pode mais amar.

Olhando pelo canto dos olhos as pegadas leves que apareciam na neve tão perto do quadril de Asil, Bran não tinha tanta certeza.

– Você sempre foi estúpido – disse a bruxa. – Você a fez me mandar embora. Ela ia ficar comigo em casa, onde eu deveria ter ficado.

– Você era uma bruxa, e não tinha controle de seus poderes – disse Asil. – Você precisava ser treinada.

– Você não me enviou para ser treinada – gritou ela; as lágrimas brilhavam em seus olhos quando ela puxou o braço e recuou. – Você me mandou para a *prisão*. E você *sabia*. Eu lia as cartas que você escrevia para ela. Você sabia que tipo de treinamento aquela bruxa fornecia. Linnea não era uma professora; era um guarda de prisão.

Asil olhou para a bruxa, com a face inexpressiva.

– Era mandá-la para Linnea ou matá-la. De acordo com a reputação de Linnea, ela poderia ser capaz de reabilitá-la.

– Reabilitação? Eu não fiz nada errado!

Ela bateu o pé como se fosse ainda uma criança, em vez de uma bruxa mais de cem anos mais velha do que jamais deveria ter sido.

– Nada? – O tom de Asil era frio. – Você tentou envenenar Sarai, duas vezes. Os habitantes da vila inexplicavelmente perdiam animais de estimação. E você tentou fingir que era Sarai e veio para minha cama. Eu acho que Sarai teria perdoado tudo, exceto isso.

A bruxa gritou, um grito sem palavras, quase inumano de raiva e, a distância, houve uma explosão.

A bruxa ficou parada, e depois abaixou a cabeça, agarrando suas têmporas. Bran sentiu o controle afrouxar. Naquele momento, ele atacou, porém, não fisicamente. Ela ainda tinha o controle de seu corpo.

Bran usou os vínculos que ela tinha, enviando a sua raiva por meio do vínculo com Asil e Sarai e além. Se ele tivesse cinco

minutos, ou talvez até três, teria se libertado. Bran fez algo com o vínculo que ela mantinha com Sarai, mas não foi suficiente.

A bruxa recuperou-se logo, mas isso lhe custou. Ela o empurrou para fora do vínculo e usou um feitiço para impedi-lo de fazer aquilo novamente. Quando ela acabou, Bran ainda era seu lobo, mas havia sangue escorrendo do nariz da bruxa.

– Você me disse que esse era um lobo menos importante – cuspiu ela, e, se não estivesse tão machucada, Bran achou que a bruxa teria matado Asil naquele momento. – E eu acreditei em você, assim como eu acreditei que você estava me mandando embora para o meu próprio bem. Eu deveria saber. Ele é mais esperto do que isso. Quando você falhou, você e aquele outro lobo, Bran mandaria apenas o melhor. Você mente, e mente como se fosse a verdade.

– Você não quer acreditar em mim – disse Asil. – Mas você pode provar a verdade: o seu vínculo com Sarai é forte o suficiente. Você era um perigo para si mesma e para nós. Fizemos isso para o seu próprio bem. Era isso ou matá-la.

Ela estalou um dedo trêmulo para ele.

– Cale a boca.

O rosto de Asil perdeu a compostura fria, e ele fez uma careta. Quando continuou, sua voz estava sem fôlego devido à dor.

– O que você fez é uma abominação. Essa coisa na qual você transformou Sarai não a ama; ela a serve como um escravo, sem a capacidade de escolher, assim como eu. Bran é mais do que você pode aguentar. Ele vai matá-la, e é sua própria culpa.

– Eu não vou morrer – gritou a bruxa. – Eu não morri quando Linnea tentou me matar; ela não sabia como eu era poderosa ou o quanto minha mãe tinha me ensinado. Eu a matei, e matei também seus alunos de estimação, e estudei os livros que ela deixou para trás; durante meses eu escrevi a você e assinei as cartas por ela enquanto estudava. Mas eu sabia que morreria sem proteção. Até a

minha mãe morreu. Então, eu tomei Sarai como minha guardiã, e ela me deu sua longa vida, de modo que ela nunca vivesse sem mim. Você não pode fazer isso com alguém contra a sua natureza. Você não pode. Ela teria de me amar para que isso funcionasse.

Bran sabia que isso não era verdade para a magia do Guardião, mas talvez para a ligação que permitia à bruxa de Asil compartilhar a imortalidade de um lobisomem. Talvez tivesse sido por isso que sua mãe o havia usado, em vez do animal de estimação que usara para transformar Bran e Samuel.

– *Você* a amava? – perguntou Asil.

– Claro que eu a amava!

Ele fez uma careta, e sussurrou:

– Eu teria dado minha vida por ela, e você roubou a dela para você. Você não sabe o que é amor.

De repente, a bruxa ficou calma.

Elevando o queixo como uma rainha, ela disse:

– Eu vou viver mais tempo do que você. Venha, eu tenho negócios a resolver. – Ela então olhou para Bran e continuou. – Você, também, Colin Taggart. Temos coisas a fazer.

Bran enviou uma pergunta a Asil, sem saber se a magia da bruxa permitiria isso. *Até que ponto é importante que ela não saiba quem eu sou*? Sua mãe havia se assegurado de que o único com quem ele poderia falar mente a mente fosse ela. Mas essa bruxa não era da família de sua mãe, então a comunicação deveria funcionar.

A bruxa estendeu uma mão autoritária, e Asil deu-lhe o braço.

– Agora, diga-me em quanto tempo você acha que Bran chegará e quantos lobos irá trazer com ele.

Asil olhou para Bran, e, como a bruxa não podia ver seu rosto, ele jogou seus olhos para o céu respondendo à pergunta de Bran. Era muito importante que ela não soubesse quem ele era.

– Logo – disse Asil, respondendo à bruxa. – E acho que ele não traria lobo algum. Depois de dominá-lo, você terá o controle de toda

a alcateia.

A última frase tinha sido destinada a Bran: ouvindo isso, ele concluiu que, por enquanto, protegera sua alcateia da melhor forma possível.

– Ótimo – disse a bruxa. – Vamos lidar com o filho dele e aquela cadela que gosta de interferir, certo? Talvez eu prepare um presente com ele para dar a Bran um presente de boas-vindas. Do que você acha que ele gostaria mais? Uma pele de lobo ou uma pele humana? O pelo é macio e quente, mas a pele humana é muito mais terrível e mais útil depois. Leve-me até Charles.

Aquilo se agitou dentro dele, e o *berserker*[4] se fez sentir presente... Bran acalmou o irmão lobo e a si mesmo, sabendo que Charles era um lobo velho e ardiloso, um caçador experiente. Se a bruxa ainda não o dominara, se aquela explosão tivesse sido causada por ele, Charles já deveria saber o que estava enfrentando. Ela não pegaria Charles de surpresa, não o seu filho.

Cuidado, meu filho. A bruxa está atrás de você. Corra.

Charles tinha quase certeza de que a bruxa viria correndo atrás dele, mas não sentiu sinal dela por todo o caminho de volta até o Humvee. E, quando chegaram lá, as coisas começaram a ficar mais complicadas.

– Não é a sua caminhonete? – perguntou-lhe Anna.

– Sim – disse ele severamente. Charles abriu a porta e deixou seu nariz contar-lhe o que já sabia. Seu pai havia dirigido a caminhonete até lá. A cabine estava fria. Ele havia chegado horas atrás.

Como Tag dissera, foi necessário andar apenas um pouco para encontrar um lugar onde ele pudesse telefonar.

O telefonema para o celular de Bran mostrou que o telefone de seu pai estava ali, no bolso de suas calças, dobradas no banco da

caminhonete. Uma chamada para a companheira de seu pai apenas confirmou o que Charles já sabia: seu pai tinha saído no meio da noite, e isso não fez Leah gostar mais do filho mais jovem de Bran. Ligar para Samuel foi mais útil, embora Charles não tivesse gostado do que ele tinha a dizer.

Charles terminou a chamada depois de alguns minutos insatisfatórios.

– Você ouviu tudo isso?

– Seu pai sabe que podemos estar caçando a bruxa que matou a companheira de Asil. Ele sabe que Asil veio até aqui à nossa procura.

Anna tocou seu ombro.

Charles reuniu a magia que lhe pertencia como filho de sua mãe e tentou estabelecer contato com a alcateia, querendo aproveitar uma chance, mesmo que remota, de descobrir o que seu pai estava fazendo,.

– Charles? – Ele ficou surpreendido por ainda estar em pé: Charles sentiu como se alguém o tivesse golpeado na cabeça, e teve de piscar algumas vezes. Tudo o que podia pensar naquele momento era que o inimaginável acontecera: Bran estava morto. – Charles, qual o problema?

Charles ergueu a mão enquanto concentrava sua atenção sobre o vazio que sempre sentira em sua ligação com seu pai e, por meio dele, com o resto da alcateia. O que Charles descobriu fez com que respirasse de novo.

– Meu pai desligou os laços com a alcateia.

Ele deu um sorriso tão sombrio a Anna quanto seu sentimento interior.

– Ele não está morto; os laços não sumiram completamente.

– Por que ele faria isso? O que isso significa?

– Eu não sei – disse Charles, olhando para ela. – Eu quero que você pegue Walter e vá para Kennewick, Washington, onde meu

irmão está.

Anna cruzou os braços e deu-lhe um olhar teimoso.

– Não. E não tente isso de novo. Eu senti o empurrão. Você pode ser tão dominante quanto quiser, mas lembre-se de que isso não funciona comigo. Se a bruxa está usando os laços da alcateia, Walter e eu podemos ser seu ás na manga. Eu não vou deixar você aqui, então pode parar de tentar me obrigar.

Charles franziu a testa ferozmente, com um olhar que já havia intimidado pessoas mais velhas, mais poderosas, e ela bateu o dedo em seu peito.

– Não funciona. Se você me deixar aqui, eu vou segui-lo.

Charles não iria amarrá-la, e teve a sensação de que essa seria a única maneira de deixá-la para trás. Resignado à sua sorte, ele os organizou para outra caminhada pela floresta. Eles viajariam com pouca bagagem. Charles colocou na mochila de Anna um novo estoque de comida, combustível para acender fogueiras e uma panela para esquentar água. Ele encontrou o par de sapatos de neve que sempre ficava atrás do banco de sua caminhonete no inverno, e deixou o resto das coisas na caminhonete.

– Você acha que ele já a encontrou? – perguntou Anna, enquanto eles caminhavam de volta para as montanhas, seguindo os rastros de seu pai.

– Eu não sei – disse-lhe Charles, embora ele receasse que sim. A menos que Bran realmente pudesse ler mentes, Charles concluíra que a única maneira de Bran saber que a bruxa estava usando a magia da alcateia contra eles era ter visto com os próprios olhos.

Charles gostaria de saber se seguir seu pai era ser mais sensato do que entrar no carro e dirigir até o sul do México. Parte dele queria acreditar no mito do invulnerável Marrok, mas a parte mais inteligente, aquela parte que humildemente respondeu às perguntas da bruxa, estava muito consciente de que seu pai era uma pessoa real e, embora velha e poderosa, ele não era invulnerável.

Charles respirou fundo. Estava cansado até os ossos – seu peito e sua perna doíam, uma dor pior do que naquela manhã. Ele não era tão estúpido para não saber o que estava acontecendo: seu pai o estava alimentando com a força da alcateia.

Mesmo com os sapatos de neve extras, a caminhada era difícil. Se a bruxa dominara Bran, Charles não estava mais certo se havia uma chance real de se salvarem.

Porém, Charles nada disse a Anna. Não porque ele pensou que isso iria assustá-la, mas porque, ao expressar seus medos, ele poderiam se tornar reais. De qualquer forma, Anna já sabia; ele vira nos olhos dela.

Cuidado, meu filho. A bruxa está atrás de você. Corra.

– Isso foi muito útil, pai – disse em voz alta, após ouvir as palavras do pai. – Por que você não me diz onde está, ou onde está indo?

– Charles?

– Meu pai pode falar na cabeça das pessoas. Mas ele alega não receber. O que significa que, quando ele diz alguma coisa, não há como discutir ou pedir para ele o que você precisa.

– O que ele lhe disse?

– A bruxa o dominou, e está vindo atrás de nós. Ela tem Asil; ela pode nos encontrar. Ele não me deu qualquer informação útil, como onde eles estão ou qualquer coisa assim.

– Ele lhe disse para partir.

– Ele me disse para correr.

Charles olhou com irritação para ela. Com os laços da alcateia tão diminuídos, a ordem de seu pai tinha sido mais como uma sugestão.

– Diabos me levem se eu vou deixá-lo com ela.

– É claro que não – disse Anna. Mas estamos indo na direção errada.

– O que você quer dizer?

– Acho que eles foram em direção à cabana que explodimos.

Charles parou e olhou para ela.

– Por quê?

– Se ela pediu a Asil para nos encontrar, é para lá que ele irá, para nos dar a chance de escapar. – Anna deu-lhe um sorriso cansado. – Asil tem prática em esquivar-se de ordens; eu já ouvi histórias sobre isso.

Parecia algo que o velho lobo faria naquela situação. Se Charles não estivesse tão cansado, teria pensado nisso também. De qualquer forma, era melhor do que sair vagando atrás dos passos de seu pai.

Charles olhou para Walter.

– Você sabe o caminho mais rápido para a cabana a partir daqui?

Mesmo quando se virou e seguiu Walter, Charles sabia que estavam cometendo um erro. Seu pai estava certo, eles deviam correr. Todos os seus instintos lhe diziam isso. Mas, enquanto houvesse uma chance de salvar Bran, Charles não podia deixá-lo para trás. Ouvir os instintos, como seu pai gostava de dizer, não era a mesma coisa que obedecer-lhes cegamente.

⊗

Anna compreendia o impulso que havia levado Charles a tentar enviar Walter e ela para o irmão, deixando-os fora de perigo. Ela se sentia da mesma maneira.

Charles estava diminuindo a velocidade. Um dos motivos era a caminhada sobre cinco centímetros de espessura de neve, que chegava até o quadril em determinados lugares; mesmo usando sapatos próprios, era difícil andar. Mas o motivo mais importante, Anna tinha certeza, eram seus ferimentos.

Walter, ainda em forma de lobo, tinha começado a andar ao lado de Charles e o apoiava discretamente com um ombro bem colocado.

Quando Anna viu Charles tremendo, parou:

– Transforme-se.

Ela sabia que isso não iria ajudar muito, mas o lobo tinha quatro pernas para suportar o peso de Charles em vez de duas. O lobo geraria calor melhor do que o ser humano, e seu pelo iria retê-lo. Anna sabia, por extensa experiência própria, que um lobisomem, em sua forma de lobo, poderia funcionar melhor ferido do que em sua forma humana.

O fato de Charles não se preocupar em discutir, mas simplesmente se despir, mostrava como ele estava exausto. Ele guardou seus sapatos de neve, as ataduras, as botas e a roupa com cuidado em um arbusto.

Quando Charles ficou nu, Anna pôde ver todas as suas feridas com clareza. Elas estavam horríveis; eram profanações escancaradas da perfeição lisa de músculos e ossos.

Charles se agachou para não cair de uma grande altura se perdesse o equilíbrio enquanto se transformava. A nova visão do buraco em suas costas não estava tão ruim quanto da última vez que Anna olhara o ferimento. Apesar de tudo, ele estava cicatrizando.

Sua Transformação foi quase tão longa como a da maioria dos lobos. O buraco de bala parecia estranho nas costelas do lobo; os ferimentos de entrada e saída já não estavam alinhados, e o ferimento de saída, que era maior, ficava acima do buraco menor.

– Precisamos descansar e comer antes de chegarmos lá – disse-lhe Anna. – Não vamos ajudar seu pai em nada se estivermos exaustos.

Charles não respondeu; apenas abaixou a cabeça e seguiu Walter.

O atalho de Walter era o terreno mais áspero até agora, fazendo Anna amaldiçoar seus sapatos de neve e os arbustos que se enroscavam nas correias e em seus cabelos. Eles estavam subindo

um terreno íngreme quando ambos os lobos pararam e caíram no chão.

Anna seguiu o exemplo e tentou ver o que tinha alarmado os dois.

TREZE

A bruxa não tinha dito a ele como encontrar Charles, então Asil começou a levá-los de volta para sua cabana. Ele explicou cuidadosamente a Mariposa que sentira Charles dentro da cabana, e que ele poderia ter decidido esperar em algum lugar próximo ao caminho por onde achava que eles viriam.

Era possível que Charles tivesse feito exatamente isso, portanto Asil não estava exatamente mentindo. Bran de alguma forma desligara os laços da alcateia, e por isso Asil não pôde verificar, mas ele tinha certeza de que Charles não estava perto da cabana. O garoto era cauteloso, e tinha sua frágil nova companheira com ele. Charles teria se retirado para entrar em contato com Bran antes de a última lasca da explosão da cabana ter caído no chão. A bruxa e o lobo de Sarai eram uma coisa, mas o garoto sabia que não teria uma chance contra Asil também.

Charles deveria estar a caminho de seu carro agora. Asil não conhecia as montanhas ali muito bem, mas era bom em calcular distâncias. Ele teria de encontrá-lo depois que eles chegassem à cabana – ou ao que restava dela –, mas, se Charles fosse inteligente o suficiente para se afastar, a busca da bruxa seria infrutífera.

Claro que, se Charles soubesse que seu pai estava lá também, provavelmente iria ser estúpido a ponto de voltar direto à boca da fera; ele era esse tipo de idiota heroico.

Ainda assim, levaria algum tempo antes que eles chegassem à cabana, então Asil havia dado a Charles uma boa vantagem. Ele não sabia o que fazer para ajudar mais do que isso.

Além disso, Asil queria olhar o rosto de Mariposa quando ela visse os destroços. Destruir a cabana tinha sido algo inteligente, mais esperto do que ele pensava que Charles fosse capaz. Talvez Asil não tivesse dado ao assassino de estimação de Bran um tratamento justo.

Ele esperava que Charles tivesse matado o pobre coiote preso e tão perto da morte, mantido vivo somente pela vontade de Mariposa e pela sua magia. Asil nunca iria querer passar outra noite ouvindo alguma pobre criatura torturada respirar em arquejos irregulares no espaço abaixo do chão sobre o qual estava. Asil levou a maior parte daquela noite miseravelmente longa para descobrir o que era aquilo. Durante muito tempo, ele tivera a suspeita terrível de que fosse aquele caçador que todos estavam procurando.

Asil também nunca mais iria querer ver alguém cortar um animal vivo de novo. Nunca iria querer ver a encarnação de sua amada Sarai preenchida por um desconhecido que olhava para a bruxa como se ela fosse uma deusa e fazia tudo o que ela mandava. Sua Sarai nunca teria buscado um animal para Mariposa machucar. Nunca teria buscado Asil. Se bem que ela tinha feito isso sem receber ordens... Mariposa não esperava por ele.

Guardiões deveriam ser obedientes, incapazes de pensar por si mesmos. Asil achava que havia algo mais no lobo do que apenas o guardião irracional de Mariposa, e essa era a mesma esperança estúpida que o levara a essa confusão.

Asil concluiu que, se pelo menos a Anna de Charles não fosse um Ômega, sua raiva teria tornado inútil a atração da forma de Sarai. Ele sentia aquela raiva agora – uma tristeza impotente e dilacerante ao saber que o lobo de sua Sarai tivesse sido roubado e transformado em... uma coisa.

Se ele tivesse ficado com Charles e o ajudasse a descobrir o que fazer com relação a Mariposa, talvez poderiam ter uma chance. Mas a presença de Anna havia embotado sua dor e deixado apenas o

sentimento de que, apesar de tudo o que a bruxa fizera a Sarai, não havia quebrado o vínculo entre Asil e ela. Quando o lobo que se parecia com sua Sarai partira, ele se viu forçado a segui-la.

Mas não era bem assim que Asil devia interpretar: ele estava velho demais para culpar outras pessoas por seus erros. Isso nunca fora culpa de Anna; somente ele era o culpado. Asil estava velho demais para acreditar em finais felizes. A melhor coisa que podia fazer por Sarai era ter certeza de que seu lobo morresse dessa vez.

Quando Mariposa usara a bacia com água aquela manhã e descobrira que um novo lobo estava chegando, ele já sabia quem era; sabia também que seria um desastre se ela colocasse as mãos em Bran. Então, quando Mariposa lhe perguntara que outro lobo Bran enviaria depois de Charles, ele mentiu. E ele mentiu usando a verdade. O próximo lobo que Bran teria enviado seria Tag.

Asil não olhou para Bran, andando ao lado deles com toda a ferocidade de um *golden retriever*. Bran foi sempre fora um desgraçado enganador, gentil e cordial até rasgar sua garganta. Ele tinha muitas outras qualidades também.

Asil estivera certo de que, mesmo com as fraquezas que ele próprio havia deixado nas defesas de Bran, o velho lobo de alguma forma iria se livrar. Se ele ao menos tivesse lhe dado mais um alerta... Se tivesse dito tudo a Bran quando chegara a Aspen Creek, anos atrás...

Era tarde, tarde demais.

Asil não tinha problemas com modéstia. Ele conhecia suas próprias forças, que eram muitas, e mesmo assim foi vítima delas. Asil não sabia por que havia conseguido convencer a si mesmo que Bran seria capaz de resistir a ela, quando ele mesmo não conseguira.

Pelo menos ela não sabia quem Bran era. Ainda.

Asil queria que Samuel estivesse na floresta, e não Charles. Charles era um matador, um assassino. Ele não falava muito,

apenas se escondia em silêncio atrás de seu pai para inspirar o terror que Bran deveria ser capaz de provocar por si mesmo, se não estivesse tão preocupado em parecer um menino inofensivo.

Asil tinha visto Charles em ação uma vez ou duas, e ele era impressionante, isso ele tinha de admitir. Charles podia ser forte e rápido, mas eles precisavam lá de sutileza, não de força muscular. Samuel era velho e ardiloso. Educado. Charles era um assassino que havia sido distraído pela metade por sua nova companheira, uma companheira frágil e desamparada. Ela não era muito parecida com sua Sarai, que tinha sido uma guerreira nata.

De repente, algo tocou seu quadril.

Asil olhou para baixo, mas não viu nada, mesmo quando aquilo o tocou novamente. Discretamente, de modo a não atrair a atenção da bruxa, ele deixou cair a mão e pousou-a sobre um dorso peludo, que não estava lá para qualquer um de seus outros sentidos. Mesmo assim, Asil sabia o que havia tocado. Tolamente, a esperança cresceu em seu coração, enquanto seus dedos se fechavam em um pelo sedoso com o qual ele fora muito familiarizado.

A bruxa pode mudar de forma?

Era Bran novamente em sua cabeça, arrastando-o de volta à realidade. Infelizmente Mariposa percebeu sua hesitação.

– Há algo errado? – perguntou ela.

– Um monte de coisas – disse-lhe Asil. A bruxa tinha razão, mas Asil ficava feliz em poder enganá-la com a verdade tanto quanto podia. Ela ainda não tinha adquirido aquela capacidade de fazer perguntas específicas que todos os bons Alfas possuíam; era muito mais difícil enganar Bran, por exemplo. – Minha Sarai está morta, e eu não. – Asil discretamente farejou o ar e relaxou quando a floresta lhe forneceu uma resposta melhor para dar a ela. – E há algo nas árvores, um grande predador que não é um urso. Ouvi dizer que há carcajus neste lugar.

A bruxa deu de ombros ao ouvir falar do predador e parou de prestar atenção a ele. Asil se perguntou se ela sabia que estava cantarolando a música favorita de Sarai. Ela fazia isso para atormentá-lo com a lembrança do que fora perdido ou porque obtinha conforto nisso?

Bran esperou até que Mariposa ficasse ocupada com seus próprios pensamentos antes de falar com Asil novamente:

A bruxa possui a imortalidade, a força e a velocidade de um lobisomem. Ela pode mudar de forma, também? Ela é realmente um lobisomem? Ela pode disfarçar o seu cheiro de alguma forma, de maneira que cheire a humano e à bruxa ao mesmo tempo, mas não a lobisomem? Ou ela está apenas emprestando-os de sua criação?

Asil encolheu os ombros. Ele nunca vira Mariposa se transformar. Ele olhou para sua mão ainda enterrada no pelo invisível. Talvez houvesse uma chance de aprender mais sobre Mariposa.

Por quase dois séculos, Asil bloqueou o vínculo com Sarai da melhor maneira que pôde, tão logo percebera que o vínculo com sua companheira dava à Mariposa acesso à sua mente. Mas, já que o pior tinha acontecido, qual era o perigo agora?

Asil deixou cair suas defesas, e somente um controle de ferro lhe permitiu continuar caminhando como se nada tivesse acontecido quando o amor de Sarai o inundou como uma onda do mar. Por um tempo, tudo o que ele pôde fazer foi colocar um pé na frente de outro.

Alguns poucos pares de companheiros podiam falar uns com os outros mente a mente, mas com Sarai tinha sido sempre por meio da emoção. Ao longo dos anos, a prática transformou aquela capacidade em algo não muito diferente de telepatia.

Sarai estava bastante feliz por ele finalmente deixá-la entrar para que pudesse sorver suas energias e criar-se a partir dele, e não de Mariposa. Asil abriu-se para ela, e assim ela podia fazer o que desejava. Se a bruxa estivesse por trás disso, teria sido fatal, mas

Asil estava confiante de que era a sua Sarai. Ela tomou apenas um gole dele, enquanto ele aprendia com ela.

Sarai estava morta; ele nunca a teria de volta. Asil entendeu, porque era algo que essa sombra meio viva de sua companheira compreendia. Se ele conseguisse matar Mariposa, mesmo a sombra de sua companheira desapareceria para sempre; caso contrário, ela ficaria presa naquela meia vida, que era um inferno. Asil entendeu, mas parte dele não se incomodava com o futuro luto pela sua companheira, enquanto ele absorvia a alegria de que algo dela permanecia para ele.

O quê? – comunicou Bran, e Asil podia sentir sua frustração, imaginando o quanto ele sentira do que ele e Sarai estavam fazendo. Será que Bran precisava saber? Sarai achava que sim, então Asil tentou dizer-lhe:

– Agora eu sei que seu guardião não é Sarai, mas apenas se parece com ela. Às vezes penso sobre como seria falar com ela. Só mais uma vez... – disse Asil, e foi recompensado quando as unhas de Mariposa cravaram-se na manga de seu casaco branco.

– Ela está aqui. Ela é Sarai Mas é minha – disse Mariposa. – Você não precisa falar com ela. Ela não quer você.

Bran entendeu o que ele quis dizer; Asil pôde ver no olhar pensativo que seu Alfa voltou em sua direção. Asil poderia parar por aí. Mas Mariposa estava reclamando alguém que era dele.

– Ela ainda me ama – respondeu Asil, sabendo que isso iria deixá-la contrariada. – Parte dela me ama. Eu pude ver nos seus olhos quando ela veio me buscar. – E o que Asil tinha visto era real; agora ele o sabia. Ferozmente, ele manteve o pensamento em sua mente. – Ela veio até mim; você não a mandou.

– Ela pertence a mim – disse a bruxa, parecendo agitada. – Assim como você. – A bruxa ficou imóvel ao considerar o pensamento e encontrar nele algo que lhe agradasse. Ela se virou para Asil e deu-lhe um sorriso sedutor. – Você me ama também.

Asil a sentiu chegar até ele através do vínculo que dividia com o lobo de Sarai, e sentiu o pânico silencioso da companheira ao prever que a bruxa podia ver o que eles estavam fazendo. Sarai estava com muito medo, e ele não podia suportar isso.

Então, Asil decidiu distrair Mariposa. Não era muito difícil.

Ele se abaixou e tomou a boca da bruxa em um assalto carnal. Depois de um momento de surpresa, ela o acolheu. Asil soubera, todos esses anos, qual era a base real da obsessão dela por Sarai. Ele tentara dizer a Sarai assim que entendera, mas ela queria ver apenas o lado bom das pessoas. Ela achava Asil muito desconfiado – e vaidoso, o que era verdade. Sarai pensava que isso obscurecia o seu julgamento, o que não era verdade.

Ela não havia acreditado quando Asil lhe dissera que Mariposa estava obcecada por ele, até aquela noite, ao Mariposa tentar envenenar Sarai pela segunda vez; a menina tentou se passar por Sarai. É claro que fora inútil. Ela podia ser capaz de transformar sua aparência, mas não cheirava de modo algum como Sarai. Se Sarai fosse humana, teria morrido devido ao veneno; em vez disso, ficou doente por três dias. Mariposa queria que ela morresse.

Só depois Sarai concordou que havia algo errado com a menina, e que ela não poderia resolver. Só então ela concordou em enviar Mariposa para longe.

Asil beijou Mariposa até que ela ficasse sem fôlego e ofegante, até que o cheiro de sua excitação aumentasse em ondas quentes. Então ele a soltou, limpou a boca com as costas da sua mão e disse-lhe a verdade absoluta.

– Eu não amo você. Eu nunca amei.

Mariposa ouviu a verdade em sua voz, e a sentiu no corpo não excitado de Asil. Por um momento o rosto dela ficou inexpressivo com o choque, e ele quase sentiu pena dela... Quase, se não fosse por Sarai, pelo pobre coiote sob o assoalho da cabana e pelo guaxinim que Mariposa cortou em pedaços e ainda deixou vivo, e

não porque precisava dele assim para o seu feitiço, mas porque lhe agradava fazer isso.

No momento seguinte o choque acabou. A bruxa lhe deu um sorriso cínico, o sorriso de uma prostituta.

– Talvez não, mas você me desejava. Eu via em seus olhos. Eu vejo isso agora. Eu sou jovem e bonita, e ela era velha e grande como uma vaca. Você me desejava, e ela sabia disso. Ela ficou com ciúmes e me mandou embora.

Asil levantou uma sobrancelha para ela.

– Você está misturando as coisas. Eu pensei que era *eu* que tinha ciúmes do grande amor que Sarai tinha por você. Eu pensei que *eu* tivesse mandado você embora porque Sarai a amava. Não é isso o que você disse?

– *Cabrón*! – Ela bateu o pé. – *Hijo de puta*. – Era difícil acreditar que ela tivesse dois séculos de idade e não fosse a menina que aparentava ser, inclusive nas ações. Como Peter Pan, Mariposa nunca tinha crescido. – Sarai amava a *mim*. Ela me escolheu no final. É por isso que está comigo e não com você. Mas – disse ela, erguendo um dedo – *você* me desejava. É por isso que ela me fez ir embora. Você me desejava, e isso a deixou com raiva. Eu era jovem e indefesa, uma criança aos seus cuidados, e você me desejava.

– Por que eu iria desejar você? – perguntou Asil friamente. – Eu tinha Sarai, que era mais mulher do que você jamais poderia ser. Eu desejava Sarai. Por Sarai eu viveria e morreria. Você nunca foi mais para mim do que um animal de estimação perdido de quem Sarai queria cuidar.

Asil deixou a verdade reverberar nos ouvidos de Mariposa, e, quando as mãos dela se ergueram, cheias de magia, ele não fez nenhum movimento para se defender. Asil estava certo de que ela não iria matá-lo, não antes de convencê-lo de que estava certa. Ou até que ele a arrastasse a uma fúria real.

A honra exigia que ele lutasse para viver tanto quanto possível, para tentar impedir essa ameaça que havia trazido ao Marrok. Asil podia lidar com qualquer coisa, com exceção da morte. E, enquanto Mariposa estava se concentrando nele, não prestava atenção ao que ele e Sarai estavam fazendo e, mais importante, não prestava atenção em Bran.

Mas o lobo de Sarai não era tão otimista. Um instante antes de o poder da bruxa atingi-lo, ela mostrou a Asil imagens de coisas que tinha visto a bruxa fazer com as pessoas. Coisas que poderiam tê-lo feito questionar sua avaliação anterior de que, enquanto não estivesse morto, estaria bem.

Se ele precisava de uma prova de que estava lidando apenas com uma sombra de sua companheira, Asil soube naquele momento. Sarai saberia que assustá-lo com antecedência não era útil. Mas isso o fez lembrar que, se não a bloqueasse, ela sentiria sua dor também. E, mesmo que ela fosse apenas uma sombra, Asil não queria que Sarai sentisse dor. Ele invocou seus escudos para bloquear Sarai pouco antes de a bruxa atingi-lo com mais fúria do que finura.

Asil gritou, pois não estava preparado, e também porque o golpe doeu mais do que ele pensava ser possível. Além disso, seu lobo decidiu que não ia deixá-lo apenas se deitar e aceitar a dor.

Transformar-se naquele momento era tão imperativo quanto estúpido. A dor quadruplicou e se estendeu por terminações nervosas que ele desejou não ter. O tempo mudou para Asil, segundos se tornaram horas até que ele existia apenas em um limbo de agonia. Então tudo parou. Todo o seu corpo ficou dormente enquanto completava a mudança. Foi apenas um momento, um espaço de liberdade que Sarai comprou para ele enquanto tomava sua dor para si, deixando-o em forma de lobo, em pé a meio metro de Mariposa e em pleno controle de seu corpo.

Pela primeira vez; Mariposa parecia estar com medo, e Asil alimentou-se desse medo como se fosse carne fresca e gotejante. Asil fez uma pausa para saboreá-lo antes de se lançar sobre ela, mas isso deu a Mariposa um instante a mais, porque teve tempo de gritar o nome de sua companheira:

– Sarai!

Assim, suas mandíbulas abertas cerraram-se sobre pelo em vez de pele, e Asil sentiu o sangue de Sarai, e não o de Mariposa. Quando seus dentes afundaram, a dor da magia de Mariposa inundou-o novamente, e só parou quando foi a vez de Bran fazer seu movimento.

– Isso não é tão ruim – disse Anna. – Se eu tivesse, digamos, cinco anos e ainda gostasse de coisas doces cremosas e pegajosas, eu poderia realmente gostar disso.

Anna mal sussurrava enquanto mastigava sorvete desidratado. Charles aparentemente a convencera de que consumir calorias era importante. Era uma pena que ela tivesse alimentado Walter e ele também, embora Walter parecesse apreciar.

Charles grunhiu enquanto olhava para o vale, para as pequenas figuras que atravessavam a campina. O vento soprava algumas palavras ocasionais em seu caminho, mas estava soprando na direção errada para que ele pudesse alertar aos outros que eles estavam sendo observados.

– Eu gostaria de saber por que ele está fazendo isso – disse Anna, enquanto Asil se transformava em lobo.

Aquilo não pareceu algo deliberado para Charles – talvez fosse algum tipo de punição bizarra. Mas, se tivesse sido, o tiro saíra pela culatra. Asil cambaleou ao ficar em pé e, no meio de tudo aquilo, seus movimentos eram graciosos e direcionados enquanto ele se lançava à bruxa.

Os três – Charles, Anna e Walter – ficaram em pé. Eles estavam longe demais para afetar o desfecho, mas...

A coisa que se parecia com o lobo da companheira de Asil apareceu do nada para interceptá-lo. E foi aí que o pai de Charles entrou em ação. A bruxa, distraída pela luta entre os dois lobos, quase não percebeu.

Quase.

E Charles estava longe demais para mudar o que aconteceu.

⊗

Asil sentia sua frustração, mas Sarai não podia ignorar a primeira diretriz de sua criação, ou seja, proteger Mariposa. Ainda não. Asil não lhe tinha dado o suficiente. Assim, eles lutaram porque ela não poderia parar até que Asil estivesse morto ou a bruxa a mandasse parar.

Normalmente, Asil não teria tido problema algum em vencê-la. Sarai podia ter sido uma guerreira, mas fora Asil quem lhe ensinara tudo o que ela sabia, e em sua forma de lobo ele a superava em mais de 25 kg de músculos. Ele era mais rápido e mais forte, mas Sarai estava lutando para matá-lo, enquanto Asil estava lutando para ficar vivo sem machucá-la.

Se Sarai o matasse, na condição de sombra ela sofreria para sempre, e isso Asil não podia suportar. Ele sentiu o jugo da bruxa desaparecer, e viu Sarai hesitar quando também se libertou dele.

E então aquele momento de liberdade acabou.

– Asil, sente-se – disse Mariposa. Sua voz era rouca, mas o ricochetear de seu poder envolveu-o e o forçou a fazer o que ela disse. Estava controlado e dominado tão firmemente como nunca. – Sarai, pare.

A bruxa não tinha percebido que Sarai não fizera nenhum movimento para continuar seu ataque, pois não estava olhando para Sarai; ainda estava olhando para Bran.

Asil seguiu seu olhar.

Primeiro, ele pensou que Bran estivesse morto. Mas Mariposa cambaleou até a figura imóvel e a chutou.

– Para cima. Levante-se.

Rigidamente, ele levantou-se. O corpo ainda era o de Bran, um lobo cinzento com um pouco de branco na extremidade da cauda.

Mas, quando o lobo olhou para a bruxa, Asil viu que Bran não estava mais ali.

Asil já vira zumbis com mais personalidade. E, se não fosse um lobo, teria usado o sinal que sua mãe lhe havia ensinado para afastar o mal, o que seria inútil. Não funcionaria se não fosse feito por um bruxo de sangue, e, caso Mariposa não conhecesse esse sinal, Asil não queria ser aquele que a ensinaria.

Mesmo o guardião, como a sombra de sua companheira, tinha mais dentro de si do que o que animava o Marrok.

Satisfeita ao ver que Bran lhe estava obedecendo novamente, Mariposa olhou para Asil.

– Hussan, transforme-se novamente em humano.

Por Alá, aquilo doeu; eram muitas transformações para Asil em poucas horas, mas as ordens da bruxa eram impiedosas. Ele cambaleou aos seus pés e sentiu o beijo agudo dos cristais de gelo na neve. O frio não costumava incomodá-lo, menos ainda do que incomodava a maioria dos lobisomens. Mas Asil o sentia agora.

– Ponha suas roupas – ordenou Mariposa.

As roupas estavam rasgadas e ensanguentadas, mas era melhor do que ficar nu à mercê dos ventos do inverno. Suas mãos tremiam, o que lhe dificultou desamarrar as botas. Asil só conseguiu encontrar uma meia, e ela estava tão molhada que não a colocou; bolhas eram as últimas de suas preocupações.

Asil estava com medo, apavorado. Nenhuma bruxa que ele já vira, e ele havia conhecido muitas ao longo dos anos, tinha sido capaz de fazer algo assim a um lobo somente com a magia que

tinha em mãos. Com um ser humano, sim, com um ser humano morto. Asil percebeu que tinha cometido um erro. Ele tinha pensado nela como se Mariposa ainda fosse a criança, embora uma criança poderosa, que havia sido, mas ela tivera duzentos anos para adquirir conhecimento e poder.

Cautelosamente, ele tentou sentir os laços da alcateia em direção ao seu Alfa, mas não sentiu nada. Ela realmente havia feito com Bran aquilo que fizera com Sarai?

Dois séculos tinham sido um longo tempo para estudar e aprender. Talvez Mariposa tivesse encontrado uma maneira de criar outro guardião para sua proteção, uma forma que levava minutos em vez de quatro dias de tortura.

De repente, Asil percebeu que Bran o estava mantendo de fora, que os laços com a alcateia ainda existiam. Isso lhe deu esperança; Asil olhou para o Marrok novamente, mas ainda só viu uma fraca inteligência que não tinha qualquer semelhança com o homem que Bran tinha sido...

Só para ter certeza, Asil examinou os laços com a alcateia de novo, mas alguém estava ativamente mantendo-os fechados. E Asil sabia que a única pessoa que poderia fazer isso era Bran.

Entretanto eles não estavam totalmente fechados.

Algo saiu de Bran e o tocou com dedos negros e frios, escorrendo lentamente para dentro de sua alma. Sarai gemeu baixinho quando percebeu antes de Asil o que aquilo significava, mas ela sempre fora melhor para esse tipo de coisa do que ele. Asil sempre pensava em raiva como algo quente e rápido. Isso era pior.

Berserker[1].

Asil estava no Norte da África na época, e não tinha nem mesmo um século de idade. Mas mesmo lá ele havia ouvido as histórias. O *portador da morte*. Aldeias inteiras assassinadas, desde mulheres

idosas até crianças de um dia de idade. Havia canções e histórias, a maioria delas perdidas agora através dos tempos.

Uma bruxa havia forçado a Transformação em seu filho e seu neto, para que pudesse brincar com eles. Durante anos ela os manteve como animais de estimação, para fazerem o que ela mandasse. Isso a tornara a bruxa mais perigosa das Ilhas Britânicas. Até que seu filho conseguiu se libertar.

Ele matou a mãe e a devorou. Em seguida, matou todos os seres vivos dentro de um raio de quilômetros. Ele fizera o seu lar no coração escuro das grandes florestas galesas, e durante anos nada podia sobreviver se estivesse a um dia de caminhada de seu covil.

Grandes caçadores de toda uma geração, humanos, lobisomens ou outros, haviam tentado ganhar a sua honra ou provar a sua coragem, e morreram. Alguns vinham para tentar vingar a perda dos seres amados. Eles morreram. Mesmo os tolos que não entendiam, que tinham a má sorte de chegar perto demais do monstro, morriam também.

Então um dia, ou assim Asil ouvira falar, Bran saíra da floresta, com o filho ao seu lado. Não havia mais a fera demoníaca, apenas o harpista, o bardo e o lobo solitário.

Com tempo suficiente, até mesmo a mais terrível história dissolve-se em lenda, depois em nada. Asil tinha certeza que ele era o único, com exceção de Samuel, é claro, que sabia o suficiente para entender exatamente o que a bruxa tinha feito.

Até então, a bruxa achou que tinha o Marrok sob seu controle, mas Mariposa sempre reescreveu a realidade para se adequar a ela.

– "...*him of eagum stod ligge gelicost leoht unfaeger*" – citou Asil suavemente.

– O que você disse?

Mariposa estava pálida e visivelmente exausta, mas o seu domínio era forte e inquebrável.

– Beowulf[2] – disse ele. – Uma tradução grosseira é, eu acredito... “de seus olhos emanava uma luz flamejante, nefasta”. – Eu não sou um poeta para fazer a tradução em verso.

Ela olhou desconfiada para Bran, mas viu apenas olhos tão embotados que eram mais marrons do que cor de âmbar. Asil sabia o que era aquilo, porque ele mesmo estava olhando.

De seus olhos emanava uma luz flamejante, nefasta. Grendel[3] devia algo de sua história ao tempo que Bran passara como *berserker*, assim como a outras histórias contadas ao longo dos séculos. Mas a falta de inteligência nos olhos do seu Alfa e a raiva fria e negra fluindo lentamente de Bran para cada lobisomem ligado a ele eram muito mais assustadoras do que Grendel ou a mãe de Grendel – os monstros ferozes do poema épico – jamais poderiam ter sido. Asil esperava que essa raiva só fosse infectar a alcateia mais próxima de Bran, mas ele estava com muito medo que isso pudesse se espalhar para todos eles.

A morte correria pelo mundo como não acontecia desde a Peste Negra, quando um terço da Europa tinha morrido. E não haveria paz para um lobisomem sequer nesse mundo, nunca mais.

– Você está com medo – disse-lhe a bruxa. – E deveria estar. Por enquanto eu permitirei que você seja você mesmo, mas, se você continuar a me dar trabalho, eu o transformarei em meu animal de estimação, como fiz com ele. Animais de estimação são menos úteis do que Sarai, incapazes de responder a qualquer coisa exceto ordens diretas; eu tinha planejado transformar você em um guardião, como Sarai. É melhor que você tenha cuidado, para que eu não mude de ideia.

Mariposa pensou que Asil estava com medo dela. E ele estava mesmo, até que o monstro que ela havia criado a superara. Ela não tinha ideia do que acontecera.

Ela deu dois passos em direção a Asil, e em seguida lhe bateu com força. Ele não fez qualquer movimento para se defender. O seu pequeno tamanho dificultava um pouco, mas Mariposa o atingiu com força total – a força de Sarai. Reflexivamente, ele lambeu o sangue de seu lábio.

– Isso é por mentir para mim sobre quem era esse lobisomem. É o Marrok, e não um lobo estúpido menos importante. Você sabia, você *sabia* e me deixou acreditar que ele fosse outra pessoa. Ele poderia ter me machucado. E você deve manter-me segura, você esqueceu? Eu fui entregue a você para que você me mantivesse segura.

Com o tempo, lobos velhos perdiam o contato com a realidade. A primeira crise ocorria quando todas as pessoas que eles haviam conhecido já tinham morrido, e não havia mais ninguém que os conhecera quando eram humanos. A segunda vinha em momentos diferentes para lobos diferentes, quando as mudanças no mundo não deixavam mais nenhum lugar onde pudessem se sentir em casa.

E Mariposa nunca tinha sido estável, mesmo antes de matar Sarai. Entretanto, se ela achava que ele queria mantê-la *segura*... ela realmente era louca.

– Mas a sua traição realmente não importa – disse ela, fazendo um movimento infantil com a cabeça. – Eu posso me manter segura também. Esse aqui é meu – continuou Mariposa, olhando para Bran. – Transforme-se. Eu quero ver o seu rosto. Nunca consegui encontrar uma foto sua, Bran Cornick.

Asil viu-se prendendo a respiração enquanto seu Alfa obedecia. Será que a dor da Transformação seria a última gota que permitiria ao monstro se libertar de suas correntes?

Asil, sua companheira-sombra e a bruxa esperaram ali, no frio, enquanto a Transformação ocorria. A respiração do grupo subia como vapor, fazendo-o lembrar, por alguma razão idiota, de uma

vez, anos atrás, em que Bran levara sua alcateia, ou seja, todos os lobos que pertenciam ao Marrok, em um ônibus alugado para que se hospedassem em um enorme hotel no Parque Yellowstone no meio do inverno. Bran havia alugado todos os quartos para que os lobos pudessem correr e uivar a noite inteira na bacia de gêiseres coberta de neve, sem ninguém para observá-los, exceto alguns búfalos e alces.

– Você não pode se esconder em sua estufa o tempo todo – dissera-lhe Bran quando Asil educadamente pedira para não ir. – Você precisa construir novas lembranças algumas vezes.

Asil fechou os olhos e rezou pela primeira vez desde que Sarai tinha sido tirada dele, embora no passado tivesse sido um homem verdadeiramente devoto. Ele orou para que Alá não permitisse que Bran se tornasse um monstro e destruísse sua cuidadosa criação de um lar, um verdadeiro refúgio para seus lobos.

Quando Asil abriu os olhos finalmente, Bran estava em pé, nu debaixo da neve. Ele não tremia, embora estivessem a apenas alguns graus acima de zero, bem abaixo do ponto de congelamento. Sua pele era pálida e fina, mostrando as veias azuis que levavam o sangue de volta ao seu coração. Havia algumas cicatrizes, e uma delas ia de suas costelas até exatamente abaixo de seu braço direito.

– Corpo bonito o suficiente – disse Mariposa. – Mas todos vocês, lobos, têm... É um pouco mais delicado do que eu gosto em meus homens. – Ela franziu os lábios e sacudiu a cabeça. – Eu estava esperando alguma coisa... um pouco mais impressionante. Um Marrok deve ser... – Nesse momento, Mariposa olhou para Asil. – Mais como Hussan. Um homem que outras pessoas viram a cabeça para ver. Um homem que faz com que os outros homens tenham cuidado. Não um que precisa de seu filho para impressionar os visitantes e fazer seu trabalho sujo. Como você está vendo, eu pesquisei sobre você. Quando eu ouvi isso, eu sabia que você era

fraco demais para manter o controle de todas aquelas alcateias sozinho.

Asil viu, incrédulo, que Mariposa estava tentando espicaçar Bran. Testando-o, para se certificar de que não havia mais independência em seu escravo. Asil disse a si mesmo, um pouco desesperado, que um ataque de ansiedade não ia ajudar em nada... Será que Mariposa não via o monstro através do exterior calmo?

A única coisa que o impedia de entrar em pânico era o fato de saber que a avaliação dela provavelmente divertiria Bran em vez de enfurecê-lo. Mas era óbvio que Bran não era mais exatamente ele mesmo.

– Você pode transformar-se novamente? – perguntou Mariposa, quando viu que Bran não deu resposta ao seu julgamento. – Eu não tenho sapatos para você, e prefiro não ter de cortar os seus pés por causa de geladura.

– Sim – tartamudeou Bran, arrastando o último som, quase como se estivesse bêbado.

Mariposa esperou que ele começasse, mas por fim fez um som impaciente e disse:

– Faça-o.

Antes de Bran haver completado a transformação, Mariposa fez um sinal para Sarai e subiu nas costas de seu guardião como se fosse um animal de montaria. Asil reprimiu sua raiva, que era grande demais para o pequeno ataque à dignidade de Sarai-que-não-era-Sarai. Ele olhou com nervosismo para Bran e arduamente tentou ficar calmo.

– Quando ele terminar a transformação, vocês dois podem nos alcançar.

Sarai tocou-o levemente, deixando para trás uma onda de afeição e preocupação. Assim que Sarai estava fora de sua vista, Asil sentiu aquela raiva insidiosa aumentar, como se a presença de Sarai

tivesse ajudado a manter Bran calmo, como se ela ainda fosse o Ômega que tinha sido uma vez... E por que não?

Asil caiu de joelhos e abaixou a cabeça, na esperança de que, quando o outro lobisomem surgisse, estivesse ainda dominado pela bruxa ou por sua própria vontade.

Embora não se atrevesse a fazê-lo com os movimentos adequados, e embora fizesse muito tempo desde que fora um bom muçulmano, Asil não conseguiu impedir o impulso de orar:

– *Allaahu Akbar...*

A bruxa agitou as mãos, e mesmo estando distante, Charles pôde sentir a mancha de sua magia – magia corrupta e apodrecida, mas poderosa. Muito poderosa.

Charles viu seu pai cair, e então seu pai sumiu.

Charles ficou imóvel, sem fôlego com a rapidez daquilo. A presença calma que estivera lá por tanto tempo quanto ele podia se lembrar deixara um silêncio enorme, vazio. Seus pulmões não queriam se mover, mas de repente ele conseguiu colocar o ar para dentro, e tudo o que o irmão lobo queria fazer era uivar para os céus.

Charles lutou e lutou para manter o irmão lobo tranquilo, mas havia uma corrente subterrânea de fúria selvagem que ele nunca tinha sentido antes, mais profunda e mais escura do que os impulsos violentos usuais, e então ele entendeu – ou esperou ter entendido.

Bran não tinha desparecido. Ele estava transformado.

Seu pai falava mais do presente, atual ou próximo. Dez, vinte anos atrás, mas não uma centena ou mais. Era algo que Charles havia aprendido a apreciar à medida que ele mesmo ficava mais velho.

Mas Samuel às vezes era persuadido a contar histórias para seu irmão mais novo, e aquela sobre o *berserker* Bran era uma de suas favoritas, até que Charles cresceu o suficiente para entender que não era apenas uma história. Se não fosse por isso, Charles poderia ter sido tentado a ignorar a escuridão infiltrando-se nele, e pensaria que Bran tinha sido realmente dominado.

Charles usou essa esperança para acalmar o irmão lobo, e juntos buscaram a magia da alcateia que os embalava com os cuidados do Alfa. Buscando cada vez mais, eles a encontraram, alterada, quase que totalmente desligada, até que apenas um pouco da raiva venenosa se infiltrasse. Bran ainda vivia.

Mas como o quê?

QUATORZE

Embora Charles quisesse descer rapidamente o morro assim que a bruxa fosse embora, ele liderou o caminho em um movimento lento e controlado, para que Anna pudesse facilmente acompanhá-los em seus sapatos de neve.

Quando chegaram mais perto, as árvores e os arbustos ocultavam o lugar onde Asil e seu pai esperavam. Cautelosamente, Charles diminui o passo e parou.

Charles olhou para Anna e depois para Walter. Ela assentiu silenciosamente e agachou-se onde estava. Walter tomou sua posição, como o velho soldado que era. Se não fosse por ele, Charles teria ficado exatamente onde estava. Ele não arriscaria a vida de Anna por um palpite, mas Walter cuidaria dela se algo acontecesse, então Charles ficou livre para assumir o risco.

Quando Charles saiu de seu esconderijo, Asil havia terminado sua oração, mas continuara simplesmente ajoelhado onde estava, com a cabeça inclinada – como se estivesse tentando arduamente não ofender o Marrok.

– Devagar... – murmurou Asil, sem olhar. Os ouvidos de Asil sempre tinham sido aguçados, ou talvez ele tivesse sentido o cheiro de Charles. – Nós estamos sujeitos à bruxa, seu pai e eu. Devo fazer o que a bruxa ordenou, como se ela fosse meu Alfa.

Asil virou a cabeça e, finalmente, encontrou os olhos de Charles com desespero.

– Seu pai, ela o dominou com mais força. Ela descobriu quem ele era e tomou a sua vontade, como um mestre de marionetes prendendo cordas em seu fantoche. Eu espero que – explicou Asil, ainda com aquela voz suave e macia –, quando terminar essa

transformação, Bran não esteja insano. – Cansado, Asil esfregou o queixo. – Eu tenho de esperar e ver, mas você não. Você precisa pegar sua companheira e sair daqui, pegar a alcateia em Aspen Creek e correr até os confins da terra. Se ela o mantiver sob seu domínio, cada lobo que lhe deve obediência será dela.

– Mariposa está louca, não que fosse exatamente estável antes, mas também está ligada ao lobo morto de Sarai. Os vivos e os mortos não são bons companheiros de cama.

Charles esperou.

Asil deu um leve sorriso.

– Eu acho que ela superestima sua força. Se a bruxa não puder segurá-lo...

Ele olhou para Bran.

– Bem, então, *perdito*, eu acho que então é melhor estar longe, muito longe.

Bran cambaleou e ficou em pé como um potro recém-nascido, com as pernas abertas para não cair. Não havia nada em seus olhos. Nada mesmo.

Se não fosse pelo nó de fúria gelada que estava se juntando em seu estômago (um presente de seu pai), Charles teria acreditado que Bran estava totalmente dominado.

Charles viu que teria de passar por mais uma Transformação, e talvez pudesse fazer mais uma depois, mas iria ter uma maldita ressaca se assim o fizesse. Não pela primeira vez, ele desejou ter herdado do pai a capacidade de falar dentro da cabeça de outras pessoas. Isso pouparia muita energia.

Assim, ele se transformou, com esperança de que Asil pudesse esperar até que ele fosse capaz de falar. Demorou um pouco mais do que ele estava acostumado, e Charles teve medo de que pudesse ficar preso à forma humana por mais tempo do que havia calculado.

Mas, finalmente, Charles conseguiu terminar, e estava totalmente nu. Ele não tinha energia para agradar ao seu pudor.

– É tarde demais, ela já está chegando – disse Charles. – Quando uma bruxa tem tal poder, ela pode ver através dos olhos de quem está controlando – repetiu Charles, como seu irmão havia dito a ele outrora. – Eles são como golens[1] vivos para ela.

Asil fechou os olhos.

– É o nosso fim.

– Você entra em desespero muito facilmente – disse Charles. Ele não podia dizer muito sobre Anna ou Walter sem correr o risco de que isso fosse imediatamente comunicado à bruxa. – Nossa alcateia tem um Ômega a quem recorrer. Talvez seja o suficiente.

– Você sabe o que ele era? – perguntou Asil.

– Sim.

Asil olhou para o Marrok.

– Mate-o agora, se você puder. Se você o ama, se você se preocupa com a alcateia.

Charles olhou para o pai, que parecia tão frágil quanto um lobisomem poderia parecer, e não era como um lobo que inspirasse medo nos corações daqueles que o vissem – para melhor enganá-los.

Ele riu asperamente.

– Se você acha que eu poderia matá-lo, você é um tolo. Ele é o Marrok e não está tão fraco quanto parece. Nunca acredite no que você vê com meu pai.

Isso era verdade, e Charles estava ferido. Mesmo respirar doía.

Charles já pensava em partir, quando os olhos vazios de seu pai o avaliaram; ele já havia provado que a bruxa podia dominá-lo quando quisesse. Tudo o que Charles podia ser era um fardo.

Fique. Eu preciso de você.

– Para quê? – perguntou Charles. Ele olhou, mas, mesmo com a voz de seu pai em sua cabeça, só conseguia ver um animal estúpido nos olhos do Marrok.

Porque você é o único que eu sei que não vou matar.

Anna ouviu a conversa e abraçou firmemente seu estômago. Ela sabia que Charles estava contando com ela, e também com Walter; os dois seriam o seu ás na manga.

O problema era que Anna não era bem um ás. Um dois, talvez, ou um coringa, mas não um ás. Walter fora um soldado; ele era uma aposta melhor. Anna sussurrou para Walter:

– Você conhece este lugar? Podemos ir para algum lugar onde possamos vê-los e ainda assim ficarmos escondidos?

Walter correu fazendo um ângulo reto para onde Charles estava falando com Asil. Anna o seguiu o mais silenciosamente que pôde. Ele se movia pela floresta como Charles, como se fosse parte dela.

Walter a levou mais perto do que ela pensou ser possível, indo parar em uma velha árvore cujos galhos eram densos e tocavam o chão a apenas dez metros de onde o Marrok se apoiava em quatro pés, olhando para o filho.

O lobisomem rastejou sob os galhos, e Anna o seguiu de quatro até chegar a uma caverna escura e seca coberta com uma grossa almofada de velhas folhas de árvores que espetavam qualquer pedaço de pele nua que chegasse perto delas, mas que, mesmo assim, amorteciam seus joelhos. Anna se arrastou sobre elas e ficou de barriga para baixo para que pudesse olhar por baixo dos ramos e para além da árvore.

Eles estavam um pouco acima de onde Charles estava, e Anna sentia medo, ali contra o vento. Ela deveria se transformar; como um lobo, era mais forte, e tinha garras e presas em vez de unhas, que eram a sua única arma naquele momento. Quando ela tentou,

porém, percebeu que era cedo demais e não conseguiria. Mesmo o esforço a deixou cansada e tremendo.

Walter deitou-se a seu lado e o calor de seu grande corpo mostrou-lhe como ela estava com frio. Ela tirou uma de suas luvas e enterrou a mão no pelo de Walter para se aquecer.

– Ele está falando com você?

Charles ergueu a mão para manter Asil quieto. Ele precisava pensar. Seu pai tinha um plano, e isso estava bem claro. Mas não parecia inclinado a compartilhá-lo... mesmo se pudesse.

– O que a bruxa quer comigo? – perguntou Charles.

– Eu não sei... – O rosto de Asil mostrou uma expressão estranha. – Sarai acha que ela quer matar você, para controlar seu pai e obter novamente o poder que perdeu quando você destruiu a cabana. Acho que ela já dominou uma alcateia antes. Sarai parece estar dizendo que isso é um padrão – Asil parou por um momento e continuou. – Mas, se eu entendi bem, os outros que ela dominou acabaram morrendo. Acho que não morreram exatamente; desvaneceram-se, até que não sobrou nada deles.

Asil colocou as mãos nas têmporas, como se estivesse com dor de cabeça.

Enquanto sua adrenalina subia, Charles pensava em como eram fortes os laços de amor; a bruxa poderia acabar perdendo Sarai para Asil.

Charles deixou isso para considerações posteriores e pensou no que Asil tinha dito.

– Ela pode ter uma surpresa se tentar assumir a alcateia de meu pai – disse Charles. – Anna acha que somos um bando de psicóticos.

Asil sorriu um pouco.

– Acho que ela está certa...

Charles estendeu a mão e puxou Asil, ajudando-o a ficar em pé. Ele cambaleou um pouco como se estivesse bêbado.

– Você parece ter passado por maus pedaços. Você se machucou?

Asil espanou a neve derretida na perna da calça rasgada, embora ela já estivesse encharcada.

– Não. Apenas uns poucos arranhões. Principalmente pano rasgado. – Asil deu a Charles um olhar perscrutador. – Pelo menos eu tenho roupas.

Charles estava cansado demais para jogar aquele estúpido jogo de dominância.

– Então, a bruxa vai me matar – disse ele, olhando para seu pai e tentando descobrir o que o velho lobo estava fazendo.

– Talvez – disse Asil, espanando a neve da outra perna da calça. – Ou ela vai obrigar-nos a fazer isso; Bran ou Sarai ou eu mesmo. Sua dor e sua morte têm importância. Quem vai matar você não tem, enquanto ela estiver lá para ganhar alguma coisa com isso. Mas aposto que ela vai mandar seu pai fazer isso. Mariposa sempre gostou de ferir as pessoas.

Se Charles não estivesse pensando na maneira como a presença de Asil permitia a Sarai escapar do controle da bruxa, não teria entendido o significado daquilo.

Aquele velho lobo astuto... Charles deu um olhar de admiração ao seu pai.

– Então é isso. O que sua mãe ordenou que você fizesse há tanto tempo atrás? Matar Samuel?

Asil franziu a testa, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, um lobo apareceu por entre as árvores, trazendo a bruxa. Charles sentiu aquele frio familiar caindo sobre ele, enquanto o irmão lobo se preparava para uma luta. Seu pai podia ser um perito manipulador, mas não estava em sua melhor forma, e havia muitos fatores fora do controle de qualquer um.

Sarai parou bem fora do alcance imediato e ficou entre Charles e a bruxa, enquanto esta escorregava para o chão. A atitude protetora de Sarai parecia ser instintiva, como uma mãe cuidando de seus filhotes.

A bruxa (ela tinha dito que seu nome era Mary, e Asil a chamava de Mariposa e Borboleta) era menor do que Charles se lembrava, ou talvez apenas parecesse pequena ao lado da companheira de Asil. Não havia um cachecol para esconder seus traços. Ela parecia jovem, como se a feiura do mundo nunca a tivesse tocado.

– Charles – disse a bruxa. – Onde está sua mulher?

Ele esperou, mas o impulso de responder não o envolveu. Charles lembrou-se dos laços cortados da alcateia e uma esperança súbita e fervorosa surgiu – seu pai poderia ter resolvido um dos seus problemas.

– Ela está por aí – disse ele.

Ela sorriu, mas seus olhos eram frios.

– Onde, exatamente?

Charles inclinou a cabeça.

– Não onde a deixei.

O irmão lobo tinha certeza disso, embora Charles não soubesse como o lobo sabia de tal fato.

A bruxa ficou imóvel, estreitando os olhos para ele.

– Quantos lobos há na alcateia de seu pai?

– Incluindo você e sua criatura?

Seus olhos se abriram um pouco:

– Ora, ora, Asil certamente não perdeu tempo em lhe contar sobre os meus negócios. Sim. Com certeza, pode nos incluir.

– Trinta e dois... Talvez trinta e três.

Não havia problema em lhe dar informações que não lhe fariam nenhum bem naquele momento. Charles só não tinha certeza se devia contar a Samuel ou não.

– Diga-me por que eu deveria deixá-lo viver – disse a bruxa. – O que você pode fazer por mim que o seu pai não pode?

A atenção de Sarai estava em Asil. Ela, pelo menos, estava convencida de que a bruxa tinha Charles sob controle. Ele não teria outra e melhor oportunidade.

Um dos benefícios da experiência de Charles era não se deixar dominar por picos de adrenalina ou emoção.

– Você deveria me deixar viver porque isso pode ser a única coisa que a manterá viva.

– O que você quer dizer?

Uma das suas sobrancelhas levantou-se, e a bruxa inclinou a cabeça de uma maneira quase lupina.

Charles podia mesmo confiar nos cálculos de seu pai? Ele estava contando com o fato de que poderia quebrar o feitiço da bruxa se ela ordenasse a Bran que matasse Charles.

Havia outras coisas que Charles poderia tentar. Talvez houvesse um momento em que pudesse atacá-la sem arriscar muito. Precisava apenas de meio segundo quando estivesse a uma distância em que pudesse alcançá-la com as mãos... E os outros não.

Mas ele podia lutar agora; um dia após os ternos cuidados da bruxa, isso poderia não ser possível.

Charles olhou para baixo como se estivesse cedendo a autoridade para ela, e sussurrou as próximas palavras com lentidão; inconscientemente, ela deu um passo adiante, escutando.

– Meu pa... – e no meio da segunda palavra, ele se lançou contra ela com toda a velocidade que pode.

– Sarai! – gritou a bruxa, em terror absoluto. Se Charles estivesse em sua melhor forma, o aviso teria sido em vão. Mas ele fora retardado pela exaustão e por seus ferimentos. O lobo que havia sido Sarai o acertou como um trem de carga e o atirou para longe da bruxa antes que Charles pudesse tocá-la.

Charles esperava que a surpresa permitisse que ele matasse a bruxa de imediato, mas ele era realista. Assim, Charles havia planejado o golpe, deixando que a força do contato o fizesse rolar para longe de Sarai e não quebrasse suas costelas.

Agora que a luta havia começado, seus velhos ferimentos incomodavam de forma distante e, em sua maior parte, provocavam apenas um coxear; uma de suas pernas estava mais lenta, e seus socos não seriam tão eficazes.

Vendo Charles ferido e na forma humana, a maioria das pessoas podia até pensar que o outro lobo teria a vantagem. Eles estariam errados.

Se Sarai ainda fosse a companheira de Asil, Charles estaria em apuros. Mas ela não era. Charles sabia disso, mesmo que o pobre Asil tivesse sido apanhado pelo vínculo com sua companheira, confuso pela habilidade dessa pobre imitação em aparentar uma criatura viva. Os espíritos das montanhas sabiam que ela estava morta, e disseram isso a ele enquanto lhe devolviam um pouco de sua força.

Ela o atacou lateralmente usando as garras, mas ela era somente um simulacro de um lobo Ômega, enquanto Charles passara a maior parte de sua vida caçando outros lobisomens e matando-os. Mesmo ferido, ele era mais rápido do que ela, e ficou fora de seu alcance como a água que se movia ao redor de uma rocha. Trinta anos de várias artes marciais davam-lhe uma vantagem que a idade dela por si só não poderia superar.

Perseverantemente, Charles lutou por mais um tempo, mas estava cansado, e o pior da luta ainda estava por vir.

⊗

Anna mexeu nas tiras dos sapatos de neve para tirá-los. A cobertura de neve no chão entre eles e Charles não se estendia por todo o terreno e não tinha mais de quinze centímetros de

profundidade em qualquer lugar que ela pudesse ver. Anna seria mais rápida sem eles, se ao menos pudesse descobrir qual a sua utilidade.

Se ela tivesse tirado os malditos e desajeitados sapatos antes, teria corrido livremente quando a loba atacou Charles. Mas, enquanto Anna rasgava e arrancava as tiras encrustadas de neve, logo ficou evidente que Charles tinha a luta sob controle. Ele estava relaxado e à vontade, enquanto a loba maltratada andava em volta dele, procurando uma abertura. Um pouco mais calma, Anna arrancou o segundo sapato de neve. Ela não iria usá-los novamente, ninguém iria, mas ela podia se mover agora se tivesse que fazê-lo.

Infelizmente, ela não foi a única que percebeu quem estava no comando da luta.

– Asil – disse Mary. – Ajude-a.

O Mouro olhou para a bruxa por um momento, e depois tirou sua camisa e jogou-a no chão. Asil andou para a batalha com a facilidade de um guerreiro que compreendia a morte e lhe dava as boas-vindas. Se Anna não estivesse tão preocupada com Charles, se o que estivesse acontecendo ali fosse um filme, ela teria se recostado na poltrona com um balde de pipoca, apreciando a cena. Mas o sangue era real.

Anna se inclinou para a frente e percebeu que estava apertando mortalmente a parte de trás do pescoço de Walter. Ela soltou a mão e esfregou seu pelo como se pedisse desculpas.

Em um minuto, Asil estava indo em direção à luta, e, no próximo, já estava a toda velocidade. Ele passou por Charles em um ângulo oblíquo e atingiu Sarai com uma cotovelada, no lado do pescoço. Ela amoleceu com o golpe, e então Asil a agarrou, jogando-a por sobre os ombros, e saiu correndo.

– Asil! – gritou Mary,

Mas, como não havia dado comando algum, Asil pulou de uma elevação e atingiu o lado íngreme da montanha aos seus pés. Na velocidade em que estava indo, parecia usar esquis.

Anna percebeu que “ajude-a” era uma ordem que poderia ter um monte de significados. Do abrigo das árvores, Anna não podia ver Asil, mas ouvia o som de algo se movendo muito rápido na encosta da montanha, longe de quaisquer novas ordens que pudessem ser dadas.

Tudo isso levou talvez vinte segundos. Anna até poderia ter ficado distraída por uns momentos, mas Charles não. Ele correu até a bruxa, porém ela jogou algo em sua direção que o derrubou na neve amassada. A força de seu ataque manteve o corpo de Charles movendo-se em direção à bruxa de uma forma esquisita.

– Não! – gritou a bruxa histérica, enquanto rapidamente se afastava dele. Anna teve de lembrar a si mesma que essa bruxa era velha; tão velha quanto Charles, apesar de aparentar quinze ou dezesseis anos. – Eu tenho de ficar a salvo. Sarai! Sarai!

Anna preparou-se para intervir, mas Charles colocou as mãos no chão, alavancando o próprio peso. A bruxa certamente conseguiu feri-lo com aquele feitiço, mas Anna não viu nenhuma indicação em sua face, apenas notou os seus movimentos mais lentos. Se Charles precisasse dela, talvez encontrasse uma forma de fazer um sinal.

Anna olhou para o lobisomem ao seu lado, mas, mesmo estando alerta e focado, Walter não parecia preocupado. Também, era óbvio: ele não sabia muito mais sobre bruxas do que Anna, e só conhecia Charles há um dia.

Anna não foi a única a notar a lentidão com que Charles se movia. De repente, a bruxa levou as duas mãos ao rosto:

– Eu esqueci – suspirou ela, com um meio sorriso; depois disso, a bruxa apontou o dedo para Charles e disse algo que não soava

como espanhol para Anna. Charles hesitou, e em seguida, apertou o peito.

– Eu esqueci. Eu posso me defender.

Mas Anna não estava ouvindo, e sim observando o rosto de Charles. Ele não estava respirando. Aquilo que a bruxa fizera contra ele seria fatal se durasse mais tempo. Anna não sabia muito sobre bruxaria, e, sem dúvida, a maior parte do que sabia estava errada. Mas a bruxa tinha libertado Charles uma vez, com distração suficiente. Talvez funcionasse mais uma vez.

Anna não iria mais esperar por sinal algum. Ela saiu correndo de seu abrigo e atingiu velocidade completa em dois passos; seu antigo treinador de atletismo teria ficado orgulhoso dela. Ela ignorou a dor lancinante de suas coxas forçadas ao extremo e a mordida do frio em seu peito, concentrando-se apenas na bruxa, vagamente consciente do lobo que corria ao seu lado. Anna viu a bruxa abaixar as mãos e se concentrar nela. Viu o seu sorriso e ouviu-a dizer:

– Bran, Marrok, Alfa dos Marroks, mate o seu filho Charles para mim...

Em seguida, ela levantou um dedo e estalou-o na direção de Anna. Ela não teve tempo para se preparar, pois algo bateu do seu lado e arremessou-a no chão, deixando-a fora do caminho daquele feitiço.

⊠

Finalmente, a ordem... Charles pensou. A ordem da bruxa soou em seus ouvidos, que estavam tinindo insuportavelmente com o que quer que ela tivesse feito com ele. A ordem veio no pior momento possível, porque Charles estava um tanto cego e cambaleante, e não tinha ideia de quanto tempo seu pai levaria para romper o domínio da bruxa sobre ele, se é que ele conseguiria.

Porém, Charles não podia sobrecarregar seu pai com a sua morte, e por isso usou seu bom-senso e descobriu de onde o lobo

estava atacando usando o nariz e aquele sentido que lhe dizia quando algo hostil estava observando, porque nada mais funcionava corretamente.

Charles estendeu a mão, agarrou-o tão firmemente quanto pôde e deixou que a força praticamente silenciosa do ataque de seu pai o jogasse sobre suas costas; em seguida, usou os pés para se assegurar de que Bran fosse atirado para longe dele.

Obviamente, nem tudo havia sido tão calculado assim. Seu pai era mais rápido do que Sarai. Mais rápido e mais forte, e era ainda melhor com suas garras. Mesmo assim, a sua mais formidável arma – a mente – estava obscurecida pelo domínio da bruxa, e Charles foi capaz de jogá-lo sem causar muito dano. O impulso restante foi o suficiente para que ele rolasse e ficasse em pé, aguardando o próximo ataque de seu pai.

⊗

Walter era um peso morto sobre Anna, e ela o rolou de lado tão delicadamente quanto possível. Se ela o machucou, o lobo não demonstrou. Seu corpo estava mole e não oferecia resistência, e Anna esperava não estar machucando-o ainda mais. Ele a havia empurrado para fora do caminho do feitiço da bruxa, e fora atingido em cheio.

Anna se levantou e caminhou até a bruxa. Ela não podia se dar ao luxo de parar e certificar-se de que Walter estivesse bem até fazer algo – qualquer coisa – para evitar que a bruxa causasse mais estragos.

– Você não quer me machucar – disse a bruxa, abrindo exageradamente seus olhos cor-de-chocolate. – Você quer parar. – A corrida de Anna diminuiu de velocidade até que ela ficou imóvel; estava tão perto da bruxa que podia sentir o cheiro de hortelã de seu hálito. Por um momento, Anna não teve ideia do que estava fazendo ou por quê. – Fique aqui.

A bruxa desceu o zíper do casaco e colocou a mão dentro dele, tirando um revólver.

Ser um Ômega, como Anna se lembrou, significava não precisar seguir ordens de ninguém – e assim, tão facilmente, ela pôde se mover novamente. Com a precisão que desenvolveu ao treinar com um irmão que lutara boxe na escola, somada à velocidade e à força características de um lobisomem, Anna acertou um soco no queixo na bruxa. Ela ouviu um barulho quando o osso da mandíbula quebrou e Mary caiu de cara no chão, inconsciente.

Anna respirou fundo e olhou para a batalha entre Charles e seu pai. Por um momento eles estavam se movendo muito rapidamente para que seus olhos pudessem acompanhar, e em seguida Charles ficou imóvel, exceto pelos movimentos rápidos de sua respiração. Ele estava fora do alcance de seu pai, e seu corpo, pronto para a luta e relaxado ao mesmo tempo. O sangue escorria de cortes em seu ombro e na coxa. Um corte único, que ia da parte inferior de seu braço esquerdo, cruzando seu abdome até seu quadril direito, parecia ser mais grave. O Marrok levantou-se de um lado balançando a cabeça muito lentamente, deslocando seu peso de lado a lado.

Anna precisava matar a bruxa e libertar o Marrok.

Ela se virou e olhou para o corpo inconsciente. A menina parecia tão inocente, tão jovem para já ter causado tanto mal. Anna já tinha matado alguém antes, mas havia sido quase um acidente. Matar a sangue frio era diferente.

Walter sabia como matar. Instintivamente, Anna olhou para ele, mas ele não se moveu... exceto os olhos. Ela tinha certeza de que eles estavam fechados quando ela o deixara, mas agora estavam abertos, e uma película esbranquiçada os cobria.

Quando Anna percebeu, já estava ajoelhada ao lado dele sem realmente saber como tinha chegado lá: não havia batimentos cardíacos, nem respiração. Esse homem, que tinha sobrevivido a

uma guerra e a mais de trinta anos de isolamento autoimposto, morrera por Anna. Ela apertou seu pelo com as mãos – uma delas estava com a luva, e a outra, sem.

Depois, Anna foi até a bruxa inconsciente, agarrou seu queixo e o topo de sua cabeça e a girou com mais do que simples força humana. Foi fácil, igualzinho ao cinema: um estalo e a bruxa estava tão morta quanto Walter.

Anna soltou a bruxa, levantou-se e deu um passo para trás, respirando bem depressa. A floresta estava bem silenciosa, como se o mundo todo tivesse respirado fundo e prendido a respiração. Era como se ela fosse a única criatura viva no mundo inteiro.

Entorpecida, Anna se virou em seus pés congelados para ver o Marrok debruçado sobre o corpo de Charles.

Ela tinha chegado tarde demais.

⊠

Enquanto o sol se punha lentamente, deixando o céu em chamas atrás das montanhas escuras, Asil tomou Sarai, ainda inconsciente, em seus braços. Ele enterrou o nariz em seu pescoço, sentindo o cheiro tão familiar que nunca pensou em sentir novamente. Sarai era tão linda.

Eles não estavam tão distantes a ponto de Asil não conseguir ouvir a luta, mas seria mais difícil para Mariposa controlá-los fora do seu campo de visão.

Asil esperou. Ele havia feito tudo o que podia para tirar ambos da batalha, já que eles estariam apenas do lado errado, caso lutassem. Era o melhor que Asil podia fazer.

Então ele manteve Sarai em seu colo e tentou esquecer que essa era a última vez.

Se Mariposa fosse bem-sucedida, ela o mataria. Asil havia tirado Sarai dela mais uma vez, e a bruxa não toleraria isso. Se Charles ou

Bran conseguisse matar Mariposa, sua Sarai desapareceria para sempre. A criação de uma bruxa não sobreviveria ao seu criador.

Assim, Asil a abraçou e sentiu seu cheiro, fingindo que aquele momento nunca terminaria, fingindo que era Sarai quem estava ali, nos seus braços. Ele quase podia sentir um traço do perfume de canela.

Quando o cheiro dela desapareceu e se transformou em cheiro de abeto e pinheiro, neve e inverno sombrio, Asil se perguntou se, caso fosse capaz de ver o futuro naquele já longínquo dia, quando uma criança assustada e machucada foi trazida para sua casa, teria tido a coragem de matá-la. Ele colocou a cabeça sobre os joelhos em sombrio desespero, segurando com força um pequeno tufo de pelos brilhantes.

Asil simplesmente não conseguia ficar feliz com o fato de Mariposa estar morta e Sarai livre, finalmente.

Isso, aliás, teria sido uma celebração prematura de qualquer forma, porque a loucura perpassou seu corpo como um incêndio em uma floresta no verão. Ele estava cansado demais, mas a fúria não se importava, agarrando-o em seu aperto implacável, e exigindo que ele se transformasse. Um uivo selvagem ecoou pela montanha e Asil uivou em resposta.

A Fera havia despertado. Asil abriu sua mão e deixou o vento tirar dele a última parte de Sarai antes de responder ao chamado de seu mestre.

Anna nem percebeu que já estava correndo e a meio caminho de Charles.

Ele não podia estar morto. Anna podia ter matado aquela maldita bruxa dois ou três minutos antes. Não podia ser culpa de Anna o fato de Charles estar morto – o fato de ele ter sido morto por seu pai.

Anna passou pelo Marrok e seu poder rugiu sobre ela, enquanto ela passava velozmente por ele e caía, deslizando na neve. Anna se arrastou pelos últimos sessenta centímetros até chegar a Charles. Seus olhos estavam fechados, e ele estava coberto de sangue. Anna estendeu a mão, mas sentia medo de tocá-lo.

Ela tinha tanta certeza de que Charles estava morto que, quando os olhos dele se abriram, Anna demorou alguns segundos para registrar o fato.

– Não se mova – sussurrou ele; seus olhos estavam focalizados em algo atrás dela. – Não respire, se você puder evitar.

Charles observou o lobo que não era mais o seu pai andar para a frente; nele havia loucura e astúcia em uma combinação diabólica.

Charles havia calculado mal. Talvez, se a bruxa não tivesse morrido e perdido o controle tão inesperadamente; talvez, se tivesse mostrado a garganta para seu pai no começo da luta, acreditando que ele não pudesse matá-lo, mesmo sob a compulsão; talvez, se Samuel estivesse aqui, em seu lugar.

Ou talvez fosse algo que teria acontecido de qualquer forma, e não importasse o que qualquer pessoa tivesse feito, já que a bruxa subjugara seu pai completamente, da mesma forma como a mãe de Bran o havia subjugado tantos séculos atrás.

O “porquê” não importava mais, porque seu astuto pai desaparecera. Em seu lugar estava a criatura mais perigosa que já caminhara por aquelas montanhas.

Charles pensou que era o fim. Seu peito queimava e ele estava com dificuldades para respirar. Uma daquelas garras afiadas havia perfurado um pulmão – isso já lhe havia acontecido vezes suficientes para que ele soubesse como era. Charles estava a ponto de desistir quando Anna repentinamente apareceu, prestando a

mesma atenção a seu pai que lhe dispensaria se ele fosse um *poodle*.

Com Anna em perigo, Charles viu-se muito mais alerta, mesmo que sua atenção naquele momento estivesse dividida com a frenética necessidade de saber se ela estava bem.

Anna estava horrível. Os cabelos, umedecidos de suor e amassados pelo gorro que não estava mais em sua cabeça. Queimaduras de vento haviam deixado sua face avermelhada, e Charles não teria notado que seu rosto também estava sujo exceto pelas marcas de lágrimas que desciam de seus olhos em linhas tortas até mandíbula. Charles sussurrou um aviso para ela, mas ela sorriu (como se não tivesse ouvido nenhuma palavra que ele dissera ou o perigo do qual ele estava falando), e ele, aterrorizado como estava, ficou momentaneamente mudo.

– Charles – disse ela. – Pensei que você estivesse morto também. Não. Não se mexa – continuou Anna, colocando a mão sobre o ombro de Charles para ter certeza de que ele não se moveria. – Eu...

Asil rosnou com ferocidade, e Anna virou-se para olhar. Ele não era um lobo pequeno; podia não ser tão grande quanto Samuel ou Charles, mas era grande o suficiente. Seu pelo era marrom, e tão escuro que seria tomado por negro quando estava na sombra. As orelhas estavam eretas, e havia saliva pingando de suas mandíbulas.

Mas Anna não era estúpida; a atenção dela, como a maior parte da atenção de Charles, estava centralizada no Marrok. Bran os observava como um gato que espera um rato fazer algo interessante como fugir.

A respiração de Anna ficou presa, e o cheiro de seu medo obrigou Charles a sentar-se, o que era algo estúpido de se fazer, mas seu pai estava observando Anna e ignorando Charles.

Presa ao olhar insano de Bran, Anna estendeu instintivamente a mão e agarrou a de Charles.

E aconteceu.

Inesperado, não anunciado, o vínculo entre os dois caiu sobre ele como uma camisa bem usada, e por um momento ele não se sentiu machucado, não estava cansado, dolorido, derrotado, frio, nu e aterrorizado. Por um momento, a fúria de seu pai, devorando-o das sombras, não era nada em comparação à felicidade daquele instante.

Anna respirou fundo e deu-lhe um olhar surpreso que claramente dizia: “Você me disse que sexo era necessário para que isso acontecesse. Você deveria ser o especialista aqui”.

E então eles voltaram à realidade.

Charles deu-lhe um empurrão que a fez deslizar até que ele ficasse entre ela e os dois lobos loucos que estavam observando-a com atenção absoluta.

Anna libertou sua mão suavemente, e Charles ficou feliz com isso, pois já sabia que precisava de ambas as mãos para defendê-los. Se ao menos conseguisse ficar em pé.

Charles sentiu que Anna andou até ficar mais atrás dele, o que ele apreciou, embora esperasse que ela fosse lutar com ele. De repente, duas mãos frias pousaram em seus ombros ensanguentados e Anna se inclinou sobre suas costas, e um de seus seios pressionava seu velho ferimento.

Anna respirou e começou a cantar. E a música que escolheu foi a canção Shaker que seu pai havia escolhido para cantar no funeral de Doc Wallace, *Simple Gifts*.

A paz passou sobre Charles parecendo um vento tropical, como não acontecia desde as primeiras horas depois que ele a conhecera. Asil tinha dito que Anna deveria estar tranquila, ou algo do tipo. Ela não podia dar a calma que não tinha. Assim, ela cantou e trouxe a paz da música para si, e a deu aos lobos.

Na terceira estrofe, Charles juntou-se a Anna com uma melodia que complementou seu rico contralto. Eles cantaram a canção inteira duas vezes e, quando terminaram, Asil soltou um suspiro e se deitou na neve, como se estivesse exausto demais para se mover.

Charles deixou Anna escolher as músicas. A próxima foi a canção irlandesa *The Black Velvet Band*. Apesar de cansado, ele achou engraçado o fato de ouvir um pouco de sotaque irlandês enquanto ela cantava. Charles teve quase certeza de que ela havia aprendido a música ouvindo os Irish Rovers[2]. No meio de *The Wreck of Edmund Fitzgerald,* do canadense Gordon Lightfoot, seu pai andou fatigado até Anna e colocou a cabeça em seu colo com um suspiro.

Na próxima vez que visse Samuel, Charles teria de dizer a seu irmão que sua Anna derrotara o Marrok na sua forma mais terrível com um par de canções rápidas em vez de todos aqueles anos de que Samuel precisara.

Anna continuou cantando enquanto Charles se levantava. Ficar em pé não era uma experiência agradável, mas as garras e as presas de seu pai não eram de prata, e até mesmo o pior dos novos ferimentos estava cicatrizando. Estava escuro, mas a lua brilhava; ainda não estava cheia, mas fortemente crescente.

Charles passou por cima de Asil, que estava dormindo tão profundamente que sequer se mexia, e caminhou até os corpos. O pescoço da bruxa estava quebrado, mas ele se sentiria melhor quando eles queimassem seu corpo até transformá-lo em cinzas e as espalhassem. Walter estava morto também.

Anna terminou sua canção, e disse:

– Era para mim... – Charles olhou para ela. – A bruxa jogou um feitiço em mim, e Walter ficou entre nós.

Anna estava pálida, e havia um hematoma formando-se ao longo de sua bochecha. Apesar de se alimentar durante aqueles últimos

dias, Charles achou que ela havia perdido algum peso. Suas unhas estavam quebradas, e sua mão direita, que gentilmente acariciava o focinho do pai dele, tinha cortes nas juntas, onde ela havia atingido alguém com um soco – presumivelmente Mariposa.

Anna tremia um pouco, e Charles não conseguia identificar se era de frio ou choque, ou as duas coisas. Mas, enquanto pensava nisso, Bran enrolou-se ao redor dela, compartilhando seu calor.

Walter estava certo: Charles não estava cuidando bem dela.

– Então Walter morreu como viveu – disse Charles à sua companheira. – Um herói, um soldado e um sobrevivente que escolheu proteger o que era mais precioso para ele. Não creio, se você pudesse perguntar a ele, que Walter se arrependa do que fez.

QUINZE

No final, foi o frio que levou Anna a se mexer. Ela não podia ficar mais tempo olhando para os corpos: o homem que havia morrido por ela e a mulher que Anna havia matado. Mas foi o frio, roubando o calor de seu corpo, que lhe deu o ímpeto de se mover.

Cansada, ela ficou em pé, perturbando os lobos que estavam empilhados ao seu redor no esforço inútil de mantê-la aquecida. Anna olhou para Charles, já pedindo desculpas.

– Eu sei que os carros estão apenas a algumas horas de distância, você pode me mostrar como chegar lá? – disse ela, olhando para os corpos e depois para Charles novamente. – Eu não posso mais ficar aqui. – Com um gemido, Charles se levantou. Bran apoiou-o um pouco quando ele cambaleou. Asil levantou-se com os outros. Somente Bran parecia apto a viajar. – Sinto muito, mas eu não consigo comer o suficiente para me aquecer. E eu não consigo me transformar no lobo – disse Anna.

Assim que a noite tinha caído, a temperatura começara a descer, e estava ficando cada vez mais frio.

Charles empurrou-a com a cabeça e começou a andar, mancando. Bran ficou ao lado dela, exatamente como Walter ficara. Anna, em sua necessidade de conforto tátil, apertou os dedos ao redor do pelo do pescoço, esquecendo-se de que ele era o Marrok.

No escuro, a floresta deveria ter parecido estranha, mas ou ela havia se acostumado com eles ou os espíritos da floresta de Charles estavam finalmente sendo úteis. O cansaço diminuía seus passos, e seus dentes batiam impiedosamente. De repente, Anna deu um passo imprudente e seu pé quebrou a crosta fina sobre a

neve, o que fez com que ela ficasse imersa na neve até a cintura, muito cansada para arrastar-se para fora.

A alcateia às suas costas grunhiu, e em seguida Asil empurrou uma barra de chocolate para ela. Sem entusiasmo, Anna rasgou o pacote com os dentes e começou a mastigar. Tinha gosto de papelão, e ela queria colocar o rosto na neve e dormir. Mas Asil rosnou para Anna – parando sem arrependimento quando Bran rosnou de volta. Charles não fez qualquer ruído; apenas olhou para Asil com olhos amarelos. Foi a ameaça de violência mais do que qualquer outra coisa que a fez engolir tudo rapidamente até o material pegajoso ter ido embora.

Anna lutou para sair da neve e tentou ficar longe de lugares onde o manto branco se estendia em camadas lisas. Mesmo assim, ela tornou a cair nos buracos. Os lobos também tiveram problemas, mas não tanto quanto ela.

Quando Anna viu os veículos pela primeira vez, pensou que estava tendo alucinações.

A caminhonete estava parada atrás do Humvee, então Anna foi até lá. Ela se atrapalhou com a porta até que conseguiu abri-la; não havia realmente espaço para três lobisomens além dela, mas, de alguma forma, eles conseguiram se ajeitar. Anna fechou a porta, virou a chave e esperou com paciência dormente até que o calor começou a encher a cabine.

Foi só então que Anna percebeu que o lobo sentado ao lado dela era Bran. Charles estava do lado do passageiro, e Asil deitara-se no assoalho e fechara os olhos. Bran enrolou-se nela e colocou o focinho sobre sua coxa. Ele tremia de vez em quando, e Anna não achava que Bran estivesse se incomodando com o frio.

Quando o caminhão finalmente estava soprando ar quente, Anna tirou as luvas e segurou os dedos contra a saída do aquecedor até que pode senti-los de novo, e então desamarrou as botas, tirando-as junto com as meias molhadas. Havia poças de água debaixo dos

seus pés, mas a neve derretida já havia esquentado, por isso ela não se importou muito com aquilo. Anna colocou todos os seus pertences atrás do assento.

Fazer a caminhonete dar ré na estrada estreita foi difícil. A estrada subia e descia, e na metade do tempo Anna não conseguia enxergar pela janela traseira, dependendo dos espelhos laterais para isso. Quando finalmente estava dirigindo para a frente na estrada, suas mãos tremiam com o estresse e o suor escorria por suas costas, mas a caminhonete ainda estava intacta.

A cabine cheirava a pelo quente e úmido; o relógio no painel dizia que eram três da manhã, e os dedos dos pés de Anna doíam e latejavam enquanto finalmente se aqueciam.

Anna havia rodado cerca de meia hora, quando um Suburban cinza, subindo pelo caminho inverso, piscou as luzes para ela e parou. Mesmo estando em uma estrada, Anna parou ao lado do carro e abriu a janela. Ela não havia visto outro carro durante toda a noite, então decidiu não se preocupar com o tráfego.

As janelas do outro veículo eram escuras, e a única pessoa que ela conseguiu indentificar foi Tag, que estava no assento do motorista. Ele franziu a testa e disse:

– Bran me disse para reunir alguns membros da alcateia para fazer uma limpeza. Estão todos bem?

Anna levou um momento para perceber como Bran havia se comunicado com Tag. Ela olhou ao redor, observando seus companheiros, e nenhum deles parecia estar bem para ela.

– O que Bran lhe disse? – perguntou Anna com voz cansada e arrastada.

Tag franziu ainda mais a testa, mas respondeu:

– Que há dois corpos lá em cima, uma bruxa e um lobo. Que devemos reunir tudo e fazer uma limpeza geral.

Anna assentiu com a cabeça.

– O Humvee está no alto da estrada. Deixamos as chaves nele. Suponho que Asil tenha um veículo em algum lugar, mas eu não sei onde ele está.

O rosto de Tag ficou imóvel por um momento, como se ele estivesse ouvindo algo que Anna não podia ouvir. Ele lhe deu um pequeno sorriso e bateu na têmpora algumas vezes.

– Bran sabe. Nós vamos trazê-los de volta. Você está bem para dirigir de volta?

Era uma boa pergunta, e ela não tinha certeza se estava mentindo quando disse “sim” a Tag.

– Tudo bem.

O som do motor mudou assim que ele engatou a marcha, mas Tag não saiu com o carro, nem fechou a janela. Em vez disso, disse, hesitante:

– Algo aconteceu... Eu senti algo...

– Bruxa – disse Anna firme e honestamente, tanto quanto possível.

Se Bran quisesse que todos soubessem o que a bruxa de Asil tinha feito com ele, poderia dizer-lhes pessoalmente. Anna fechou a janela e começou a descer a estrada novamente.

Ela estava preocupada por achar que não conseguiria encontrar a casa de Charles, mas chegou lá sem problemas. A casa parecia confortável e segura, coberta por uma nova camada de neve.

Anna deixou que todos entrassem, cambaleou até o banheiro e depois foi para o quarto. Ela tirou suas roupas imundas e molhadas e, em seguida, entrou sob as cobertas vestida apenas com a roupa de baixo. Anna adormeceu enquanto os três lobos tentavam decidir como iriam se ajeitar na cama com ela.

⊠

– Ela está bem? – perguntou seu pai.

Charles fechou os olhos e *ouviu*. Tudo o que podia dizer era que o vínculo entre ele e sua companheira era forte e sólido. Charles não podia ainda dizer o que o vínculo deles significava, quais dons ele traria. Seus ouvidos, porém, lhe disseram que ela estava cantando.

– Ela vai ficar bem – disse ele.

Asil levantou sua xícara de chá em saudação. Como seu pai, Asil acabara de tomar banho e estava vestido com um par extra de calças de moletom.

Um carro subiu pela entrada da garagem e estacionou na frente da casa.

– Meu carro – disse Asil, sem se preocupar em se levantar.

Sage abriu a porta sem bater e olhou cautelosamente o local. Quando viu Bran, ela tirou a neve das botas e entrou.

– Alguém precisa limpar isso – disse Sage, olhando para Charles. – Sil, eu trouxe seu carro, e você pode ficar com ele se me der uma carona de volta até minha casa.

– A limpeza terminou? – perguntou Bran suavemente.

Sage assentiu com a cabeça.

– Tag diz que sim. Ele foi com a caminhonete de Charles até o crematório para dar um jeito nos corpos, e me falou para dizer a você que as cinzas do lobo serão dispensadas no local de costume e que dois quilos de sal serão misturados com as cinzas da bruxa. Ele vai trazer os resultados até sua casa para eliminação.

– Muito bom – disse Bran. – Obrigado.

Enquanto Sage estava falando, Asil reunira seus pratos e os levara para a cozinha.

– Vou sair com Sage – disse ele, respirando fundo. Em seguida, curvou-se formalmente para Bran. – Sobre as coisas que eu não lhe disse, espero a sua visita nos próximos dias.

Sage ofegou, mas Bran soltou um suspiro.

– Você está um pouco velho para uma surra. Eu não tenho nada para lhe dizer que você já não saiba – disse Bran, levantando uma sobrancelha ao continuar –, a menos que você tenha outra bruxa ou algo pior atrás de você que possa pôr em perigo a alcateia? Não? Então vá para casa e descanse um pouco, velho amigo. – Bran tomou um gole de chá e depois disse: – Espero que isso signifique que você vai parar de me pedir para matá-lo. Isso me dá indigestão.

Asil sorriu.

– Acho que eu vou continuar a lhe dar indigestão, mas provavelmente não por esse motivo. Pelo menos não por um tempo ainda. – Asil se virou para Charles e curvou-se no mesmo cumprimento formal. – Obrigado por sua ajuda.

Charles inclinou a cabeça para trás em direção ao banheiro onde o chuveiro ainda estava correndo.

– Anna foi quem matou a bruxa.

O sorriso de Asil ficou malicioso.

– Então terei de agradecer a ela corretamente...

Charles olhou com frieza em seus olhos.

– Faça isso.

Asil jogou a cabeça para trás e riu. Ele tomou Sage pelos ombros e caminhou para fora, pisando com os pés descalços a neve sem sequer estremecer.

Depois que o carro partiu, Bran disse:

– Você ainda vai ter problemas com esse aí, mas ele não vai mais fazer isso de propósito. Acho que vou voltar para casa também. Leah vai ficar preocupada.

Charles deu de ombros para seus problemas com Asil; ele estava mais preocupado com outros assuntos.

– Você tem certeza? Você é bem-vindo para ficar aqui por mais um tempo.

Charles nunca se esqueceria do Outro, o *berserker* que se escondia embaixo do calmo exterior de seu pai.

Bran sorriu, mas isso apenas enfatizou o olhar assombrado em seus olhos.

– Estou bem. Cuide de sua companheira e me avise quando vocês quiserem tornar as coisas oficiais. Eu gostaria de torná-la um membro da alcateia formalmente o mais rápido possível. Esta semana é de lua cheia.

– Está ótimo. – Charles cruzou os braços sobre o peito e inclinou a cabeça. – Mas você deve estar cansado, se acha que pode mentir para mim assim.

Bran, que estava a meio caminho da porta, virou-se. Dessa vez, o sorriso iluminou seus olhos.

– Você se preocupa demais. Que tal assim: eu *ficarei* bem. Está melhor?

Isso era verdade.

– Se você tiver problemas, ligue para mim, e eu lhe levarei Anna.

Bran acenou com a cabeça uma vez e saiu, deixando Charles preocupado. Somente quando Anna, ainda quente e molhada, saiu do chuveiro e entrou na sala assobiando uma melodia familiar, sua preocupação por Bran diminuiu.

– *Crep, strep, venefica est mortua* – disse-lhe Anna.

– O que morreu? – perguntou Charles. Ele pensou na música e sorriu.

– Quer dizer: "*Ding-dong*, a bruxa está morta"[1] – esclareceu Anna, sentando-se ao lado dele. – E também um bom homem. Devemos comemorar ou lamentar?

– Essa é sempre a questão – disse-lhe Charles.

Anna esticou os dedos sobre a mesa.

– Ele era um homem bom, afinal de contas. Merecia um final feliz.

Charles cobriu os dedos dela com a sua própria mão, buscando as palavras certas, mas elas não vieram.

Depois de um momento, Anna encostou a testa no ombro dele.

– Você poderia ter morrido.

– Sim.

– Eu também.

– Sim.

– Acho que vou aceitar o final feliz que ele nos deu e fazer com que tenha valido a pena.

Ela enrolou os braços ao redor dele ferozmente.

– Eu te amo.

Charles se virou e puxou Anna para o seu colo. Seus braços tremiam, e ele foi muito cuidadoso para não segurá-la tão forte a ponto de machucá-la.

– Eu também te amo. – Depois de um longo tempo, ela olhou para cima. – Você está com fome também?

⊗

Bran sentiu o monstro se agitar inquieto enquanto ele saía da casa do filho. Ele pensara que o havia enjaulado de uma vez por todas, e foi desagradável descobrir que a jaula que ele havia criado era falha. Muito mais do que apenas desagradável.

A última vez que se sentira assim foi quando Blue Jay Woman morreu. Bran manteve o controle sobre a fera por muito pouco naquela época, e isso o assustara. Ele não podia se dar ao luxo de amar alguém assim nunca mais.

Ainda estava escuro quando Bran estacionou na garagem. Eles haviam dormido o dia inteiro na casa de Charles, e ainda faltavam algumas horas até o amanhecer. Ele entrou em casa calmamente e subiu as escadas.

Leah não estava em seu quarto.

Ele sabia, antes de chegar à sua porta, que Leah dormia na cama dele. Silenciosamente, ele entrou e fechou a porta atrás dele.

Enrolada em seu lado da cama, Leah abraçava um travesseiro. A ternura brotou nele; dormindo, ela parecia suave e vulnerável.

Bran empurrou a ternura para longe, pois havia perigo em demasia. Ele sabia que seus filhos nunca tinham entendido seu casamento, sua escolha de companheira. Bran havia demorado alguns anos após a morte de Blue Jay Woman para encontrar Leah; ele tinha certeza de que nunca iria amar uma mulher tão egoísta e tola. Mas amor não era necessário para estabelecer o vínculo com seu companheiro – e sim aceitação e confiança –, e amor era um bônus que Bran não podia se dar ao luxo de ter.

Com Blue Jay Woman ele descobrira que o vínculo com a companheira era a resposta à fera, aumentando o custo do controle. Bran precisava do vínculo para manter o monstro em que ele podia se transformar sob controle. Mas ele não podia se dar ao luxo de perder alguém que amava, não do jeito como amara Blue Jay Woman. Assim, ele achou uma espécie equilíbrio com Leah.

Bran tirou suas roupas, e agora estava fazendo barulho. Leah acordou quando o casaco de moletom caiu no chão.

Ela se sentou e esfregou o sono de seu rosto, mas, quando as calças seguiram o casaco, ela fez biquinho para ele, e disse:

– Se você pensa que vai...

Subitamente, Bran fechou sua boca com a dele, e alimentou a fera com a sua pele, seu cheiro e os ruídos que ela fazia enquanto ele lhe dava prazer. Leah parou de resistir após o primeiro beijo. Quando Bran terminou, Leah se aninhou perto dele, ainda sentindo os choques da onda de prazer.

E, assim, a Fera adormeceu.

A alcateia corria pela floresta silenciada pelo frio como a Caçada Selvagem[2] das histórias antigas, fatal para qualquer criatura infeliz o suficiente para cruzar seu caminho.

Anna estava feliz por nada ter cruzado seu caminho. Ela não se importava com uma boa caçada – pelo menos, não o seu lobo –,

mas ainda podia sentir o gosto da carne e do sangue de Bran, dados a ela para cimentar o seu lugar na alcateia. O sabor era doce e delicioso, e isso incomodou Anna muito mais do que seu lobo, por isso ela queria estar confortável antes de consumir a carne e o sangue de qualquer outra coisa.

Charles ficava constantemente para trás, e Anna juntava-se a ele quando ele se distanciava da alcateia. Na frente dos outros lobos, ele se comportara com dignidade solene. Quando estavam sozinhos, Charles de repente se esquivava para o lado, fazendo-a cair antes que Anna pudesse se preparar, e o jogo continuava. Anna e Charles brincaram até que ela notou que ele estava mancando da perna ferida, e então eles descansaram.

Eles haviam se casado naquela tarde na pequena igreja na cidade. Sage tinha levado Anna em uma viagem de emergência até Missoula no dia anterior, para que ela se casasse com um vestido adequado. Asil tinha fornecido o buquê e decorado a capela com suas rosas.

Anna não sabia que Charles havia entrado em contato com família dela até entrar na capela e ver seu pai esperando no corredor para acompanhá-la, em vez de Bran. Seu irmão estava em pé com os padrinhos, ao lado de Samuel.

Assim, ela se casou com lágrimas escorrendo por seu rosto. O pastor tinha parado a cerimônia a fim de lhe entregar um lenço de papel para limpar o nariz, o que a fez rir.

Seu momento preferido, porém, foi depois da cerimônia, quando seu pai, magro, alto e curvado, sacudiu o dedo para Charles e o ameaçou de morte e desmembramento se ele não cuidasse dela. Todos os lobos que tinham ouvido – o que queria dizer todos os lobos na sala – tinham visto com espanto divertido como Charles havia humildemente inclinado a cabeça, como se o pai dela fosse o Marrok.

Anna recostou-se contra Charles enquanto descansavam na floresta, sentindo seu pelo macio e espesso contra o dela. Pelo que ela percebeu, Charles tinha andado em um círculo, porque estavam acima da casa de Bran: ela podia ver as luzes em seu interior, onde o pai e o irmão de Charles ainda estavam acordados, provavelmente falando sobre ela. Anna esperava que eles estivessem felizes por ela. A julgar pelos últimos dias, sua nova vida não ia ser fácil, mas ela achava que iria gostar mesmo assim.

Em algum lugar no meio da floresta ao redor deles, um lobo cinzento chamou sua companheira. Anna levantou-se de um salto, mordeu o nariz de Charles de brincadeira e partiu com ele em seu encalço.

ALFA E ÔMEGA

UM

O vento estava gelado, e o frio congelara as pontas dos dedos dos seus pés. Um dia desses ela teria de se dar por vencida e comprar botas – se ao menos ela não precisasse comer.

Anna riu e enterrou o nariz na jaqueta, avançando penosamente os últimos oitocentos metros até sua casa. Era verdade que ser um lobisomem lhe dava maior força e resistência, mesmo na forma humana. Mas o turno de doze horas que ela acabara de encerrar no Scorci's era suficiente para fazer até mesmo os *seus* ossos doerem. As pessoas não tinham coisa melhor para fazer no Dia de Ação de Graças do que ir a um restaurante italiano?

Tim, o dono do restaurante (que era irlandês e não italiano, apesar de fazer o melhor nhoque de Chicago), deixava-a trabalhar em turnos extras – embora não a deixasse trabalhar mais que cinquenta horas por semana. O maior bônus era a refeição grátis que ela recebia a cada turno. Mesmo assim, receava que um segundo emprego seria necessário para cobrir suas despesas: a vida como lobisomem, ela havia descoberto, era tão dispendiosa em termos financeiros quanto pessoais.

Ela usou suas chaves para entrar. Não havia nada em sua caixa de correio, então pegou a correspondência e o jornal de Kara e subiu as escadas até seu apartamento no terceiro andar. Quando ela abriu a porta, o gato siamês de Kara, Mouser, deu-lhe uma olhada, cuspiu com repulsa e desapareceu atrás do sofá.

Por seis meses ela havia alimentado o gato toda vez que sua vizinha estava ausente – o que acontecia frequentemente, pois Kara trabalhava em uma agência de viagens organizando excursões.

Mouser ainda a odiava. De seu esconderijo, ele praguejou contra ela, como só um siamês poderia fazer.

Com um suspiro, Anna jogou a correspondência e o jornal sobre a pequena mesa da sala de jantar e abriu uma lata de comida para gatos, colocando-a perto do prato de água. Sentou-se à mesa e fechou os olhos. Ela estava pronta para ir para seu próprio apartamento que ficava um andar acima, mas tinha de esperar o gato comer. Se simplesmente o deixasse ali, voltaria de manhã e encontraria uma lata de comida que não havia sido tocada. Ele até podia odiá-la, mas Mouser não comia a menos que houvesse alguém com ele – mesmo que fosse um lobisomem em quem não confiava.

Geralmente ela ligava a TV e assistia qualquer coisa que estivesse passando, mas hoje à noite estava cansada demais para fazer tal esforço, então abriu o jornal para ver o que tinha acontecido desde a última vez que havia lido um, alguns meses atrás.

Ela passou os olhos pelas manchetes na primeira página, sem interesse. Ainda reclamando, Mouser apareceu e andou ressentidamente até a cozinha.

Ela virou a página para que Mouser soubesse que ela estava realmente lendo – e arquejou ao ver a foto de um jovem. Era uma foto de rosto, obviamente tirada na escola, e ao lado dela havia uma foto similar de uma garota da mesma idade. A manchete dizia: “Sangue Encontrado na Cena do Crime Pertence ao Adolescente Desaparecido de Naperville.”

Sentindo-se um pouco agitada, ela leu a retrospectiva do crime inserida no artigo para aqueles que, como ela, haviam perdido os relatos iniciais.

Dois meses atrás, Alan MacKenzie Frazier tinha desaparecido de um baile do colégio, na mesma noite em que o corpo de sua acompanhante havia sido encontrado no terreno da escola. A causa da morte fora difícil de determinar, pois o corpo da jovem havia sido

dilacerado por animais – ali, um bando de cães de rua vinha perturbando a vizinhança nos últimos meses. As autoridades não tinham certeza se o garoto desaparecido era um suspeito ou não. O fato de também acharem seu sangue no local levou-os à suspeita de que ele fosse outra vítima.

Anna tocou a face sorridente de Alan Frazier com dedos trêmulos. Ela sabia. *Ela sabia.*

Ela pulou da mesa, ignorando o grunhido descontente de Mouser, e jogou água fria da pia da cozinha sobre seus pulsos, tentando manter a náusea sob controle. *Aquele pobre garoto*.

Mouser demorou mais uma hora para terminar sua comida. A essa altura, Anna já havia memorizado o artigo – e tomado uma decisão. Na verdade, ela soubera assim que lera o jornal, mas havia levado mais de uma hora inteira para encontrar a coragem para agir: se ela aprendeu algo em seus três anos como lobisomem, foi que se envolver com qualquer coisa que atraia a atenção de um dos lobos dominantes não é algo desejável. Ligar para o Marrok, que governava todos os lobos na América do Norte, certamente atrairia a atenção dele.

Anna não tinha telefone em seu apartamento, então emprestou o de Kara; ela esperou até que suas mãos e sua respiração ficassem mais estáveis, mas quando viu que isso não iria acontecer, não esperou mais e mesmo assim ligou para o número escrito no pedaço de papel amarrotado.

O telefone tocou três vezes – e ela percebeu que uma hora em Chicago correspondia a um horário consideravelmente diferente em Montana, para onde o código de área indicava que ela estava ligando. Era uma diferença de duas ou três horas? Para mais ou para menos? Anna desligou o telefone apressadamente. Afinal, o que tinha para lhe dizer? Que havia visto o garoto (obviamente a vítima de um ataque de lobisomem), semanas depois de seu

desaparecimento, em uma jaula na casa de seu Alfa? Que ela achava que o Alfa havia ordenado o ataque?

Tudo o que Leo precisava fazer era dizer ao Marrok que havia encontrado o garoto mais tarde, por acidente – que não havia sancionado aquilo. Talvez tivesse sido assim que acontecera. Talvez ela estivesse projetando tudo a partir de sua própria experiência.

Ela nem mesmo sabia se o Marrok iria objetar contra o ataque. Talvez lobisomens tivessem a permissão para atacar qualquer pessoa que quisessem. Isso é o que havia acontecido com ela.

Anna se afastou do telefone e viu o rosto do garoto olhando para ela do jornal aberto. Ela o olhou por mais um momento e então discou o número novamente – certamente o Marrok iria pelo menos se opor à publicidade gerada pela notícia. Dessa vez o telefonema foi respondido ao primeiro toque.

– Bran falando.

O som de sua voz não era ameaçador.

– Meu nome é Anna – disse ela, desejando que sua voz não tremesse. *Houve uma época*, pensou um tanto amargamente, *em que eu não tinha medo de minha própria sombra. Quem imaginaria que ser transformada em um lobisomem me tornaria uma covarde? Mas agora sei que os monstros são reais.*

Mesmo zangada consigo mesma, não conseguia fazer outra palavra sair de sua boca. Se Leo soubesse que ela havia ligado para o Marrok, seria melhor atirar em si própria com a bala de prata que havia comprado meses atrás e poupar a ele o trabalho.

– Você está ligando de Chicago, Anna?

Ela se assustou por um momento, mas então percebeu que ele devia ter um identificador de chamadas no telefone. O Marrok não parecia zangado pelo fato de ter sido perturbado por ela – e esse comportamento não se parecia com o de qualquer dominante que ela já conhecera. Talvez ele fosse um secretário, ou algo parecido.

Isso fazia mais sentido. O número pessoal do Marrok não era algo a ser distribuído por aí.

A esperança de que poderia não estar falando com o Marrok ajudou-a a sentir-se mais decidida. Até mesmo Leo tinha medo do Marrok. Anna nem se preocupou em responder sua pergunta – ele já sabia a resposta.

– Liguei para falar com o Marrok, mas talvez você possa me ajudar.

Houve uma pausa; então Bran disse, um pouco pesarosamente:

– Eu sou o Marrok, criança.

O pânico voltou a se instalar, mas antes que ela pudesse dar uma desculpa e desligar, ele disse, para tranquilizá-la:

– Está tudo bem, Anna. Você não fez nada errado. Diga-me o motivo de ter ligado.

Anna respirou profundamente, consciente de que esta seria sua última chance de ignorar o que havia visto e proteger a si própria.

Em vez disso, ela falou sobre o artigo do jornal – e que havia visto o garoto desaparecido na casa de Leo, em uma das jaulas que ele mantinha para os novos lobos.

– Entendi – murmurou o lobo do outro lado da linha telefônica.

– Eu não podia provar que algo estava errado até ver o jornal – disse Anna.

– Leo sabe que você viu o garoto?

– Sim.

Como havia dois Alfas na área de Chicago, Anna imaginou brevemente como ele sabia de *qual* Alfa ela estava falando.

– Como ele reagiu?

Anna engoliu em seco, tentando esquecer o que havia acontecido depois. Após a intervenção da companheira de Leo, o Alfa havia parado (na maior parte das vezes) de oferecê-la aos outros lobos de acordo com a sua vontade, mas naquela noite Leo havia decidido

que Justin merecia uma recompensa. Mas isso o Marrok não precisava saber.

Ele a poupou da humilhação ao esclarecer a pergunta.

– Ele ficou zangado por você ter visto o garoto?

– Não. Ele estava... feliz com o homem que o trouxe.

Ainda havia resquícios de sangue no rosto de Justin e ele exalava o cheiro da excitação da caçada.

Leo também havia ficado feliz quando Justin trouxera Anna para ele. Justin é que ficara zangado – ele não havia percebido que Anna seria uma loba submissa. Ser submissa significava que Anna estava no lugar mais baixo da alcateia. Justin havia rapidamente percebido que cometera um erro ao Transformá-la. Ela também achava isso.

– Entendo.

Por alguma razão, Anna tinha a estranha sensação de que o Marrok compreendia mesmo.

– Onde você está agora, Anna?

– Na casa de uma amiga.

– Outro lobisomem?

– Não.

Então, Anna percebeu que ele poderia pensar que ela havia contado a alguém sobre o que era – algo estritamente proibido –, e então se apressou em esclarecer.

– Não tenho telefone em meu apartamento. Minha vizinha está fora e estou cuidando de seu gato. Usei o telefone dela.

– Entendo – disse ele. – Quero que você fique longe de Leo e de sua alcateia nesse momento; você pode não estar segura se alguém descobrir que você me telefonou.

Isso era um eufemismo.

– Tudo bem.

– Para dizer a verdade – disse o Marrok –, recentemente fiquei sabendo de problemas em Chicago.

Compreender que havia arriscado tudo desnecessariamente fez Anna não prestar atenção às palavras que ele disse a seguir.

– Eu normalmente teria entrado em contato com a alcateia mais próxima. Entretanto, se Leo está assassinando pessoas, não entendo como o outro Alfa de Chicago não saberia disso. Como Jaimie não entrou em contato comigo, tenho de concluir que ambos os Alfas estão envolvidos, de uma forma ou de outra.

– Não é Leo que está criando os lobisomens – disse Anna. – É Justin, seu segundo em comando.

– O Alfa é responsável pelas ações de sua alcateia – replicou o Marrok friamente. – Eu enviei um... investigador. Na verdade, ele está voando para Chicago hoje à noite. Gostaria que você o encontrasse.

E foi assim que no meio da noite Anna terminou nua entre alguns carros estacionados no Aeroporto Internacional O'Hare. Ela não tinha carro ou dinheiro para um táxi, mas o aeroporto, em uma linha reta, ficava mais ou menos a apenas oito quilômetros de seu apartamento. Já passara da meia-noite, e sua forma de lobo era negra como piche e também muito pequena para um lobisomem. Eram poucas as chances de alguém vê-la, e caso a vissem pensariam que era apenas um cão vadio.

O frio havia aumentado, e ela tremeu ao colocar a camiseta que havia trazido. Não havia sobrado espaço para o casaco na sua pequena mochila, depois que ela colocara os sapatos, jeans e uma blusa – os quais eram muito mais necessários.

Na verdade, Anna nunca esteve no O'Hare antes e levou algum tempo até que encontrasse o terminal certo. Quando ela chegou lá, *ele* já estava esperando por ela.

Somente depois de ter desligado o telefone é que Anna percebeu que o Marrok não lhe havia dado uma descrição do investigador. Durante todo o caminho até o aeroporto ela se preocupou com isso, mas sem necessidade. Não havia como confundi-lo com outra

pessoa. Mesmo no terminal lotado as pessoas paravam para olhar para ele, antes de desviar o olhar furtivamente.

Norte-americanos nativos, embora bastante raros em Chicago, não eram tão estranhos assim a ponto de chamar atenção como ele chamava. Provavelmente, nenhum dos humanos que passavam por ele seria capaz de explicar exatamente por que tinha de olhar – mas Anna sabia. Era algo comum aos lobos muito dominantes. Leo também tinha essa característica – mas não a esse ponto.

Ele era alto, mais alto ainda do que Leo, e seu cabelo negro (bastante negro) estava enrolado em uma grossa trança que terminava abaixo de seu cinto de contas e couro. Sua calça jeans era escura e parecia nova, ao contrário das gastas botas de caubói. Ele virou a cabeça levemente, e as luzes refletiram os pequenos brincos de bolinha de ouro que ele usava nas orelhas. De alguma maneira, ele não parecia o tipo de homem que furaria as orelhas.

As feições sob a pele jovem e firme, cor-de-teca[1], eram amplas e planas, e tinham uma aparência agressiva devido à sua falta de expressão. Seus olhos negros passavam lentamente pela multidão em movimento e se fixaram nela por um instante, e o impacto deixou Anna sem fôlego. Depois disso, ele desviou seus olhos.

⁂

Charles detestava voar. Especialmente quando outra pessoa estava pilotando. Ele já havia pilotado até Salt Lake, mas aterrissar seu pequeno jato em Chicago poderia ter alertado sua presa – e ele preferia surpreender Leo. Além disso, depois que haviam fechado Meigs Field, Charles havia desistido de pilotar seu próprio avião até Chicago. Havia muito tráfego em O'Hare e Midway.

Ele odiava as cidades grandes. Eram tantos os cheiros que chegavam até a obstruir seu nariz, e era tanto barulho que ele apanhava pedaços de centenas de conversas sem ao menos tentar – mas isso também o impedia de não ouvir o barulho de alguém se

esgueirando atrás dele. Ao sair do avião, alguém esbarrou nele no corredor, e Charles tivera de se controlar para não empurrar de volta, com mais força. Pousar no O'Hare no meio da noite havia pelo menos evitado as grandes multidões, mas ainda havia pessoas demais em volta dele, e isso era desconfortável.

Charles também detestava telefones celulares. Quando ligou o seu aparelho após o avião ter pousado, uma mensagem de seu pai o esperava. Agora, em vez de ir até o balcão da locadora de automóveis e daí para o seu hotel, ele precisava localizar uma mulher e ficar com ela para que Leo ou seus outros lobos não a matassem. Tudo o que ele tinha era um nome – Bran não lhe havia dado uma descrição dela.

Charles parou fora dos portões da segurança e deixou seu olhar passear a esmo, esperando que seus instintos encontrassem a mulher. Ele podia sentir o cheiro de outro lobisomem ali, mas a ventilação no aeroporto o impedia de identificar a fonte do cheiro. Seu olhar parou primeiro em uma jovem de pele pálida, tipo irlandesa, cabelo cacheado cor-de-uísque e o olhar derrotado de alguém que apanhava regularmente. Ela parecia estar cansada e com frio, além de ser muito magra. Ele ficou zangado ao olhar para ela, e já estava zangado demais para manter-se sob controle, então forçou seu olhar a desviar-se.

Ali havia uma mulher vestida com um *tailleur* de executiva que refletia o tom quente de sua pele cor-de-chocolate. Ela não se parecia com alguém chamado Anna, mas andava com tal postura que Charles até podia vê-la desafiando seu Alfa e ligando para o Marrok. A mulher estava obviamente procurando alguém. Ele quase deu um passo à frente, mas então viu o rosto dela se transformando quando encontrou a pessoa que estava procurando – que não era ele.

Charles iniciou uma segunda varredura do aeroporto quando uma voz pequena e hesitante disse, do seu lado esquerdo:

– O senhor acabou de chegar de Montana?

Era a garota com cabelo cor-de-uísque. Ela devia ter se aproximado enquanto ele olhava para outro lugar – algo que a garota não seria capaz de fazer se ele não estivesse no meio daquela droga de aeroporto.

Pelo menos ele não precisava mais procurar o contato de seu pai. Ali, tão próximo da garota, nem mesmo as correntes de ar artificiais podiam esconder o fato de que ela era um lobisomem. Mas não foi apenas com o seu nariz que ele percebeu que a garota era algo muito mais raro.

Primeiro, achou que ela era submissa. A maioria dos lobisomens era dominante, uns mais e outros menos. Pessoas de índole mais gentil geralmente não eram obstinadas o suficiente para sobreviver à brutal transformação de humano para lobisomem. O que significava que lobisomens submissos eram poucos e raros.

Então ele percebeu que a súbita mudança em sua raiva e seu desejo irracional de protegê-la das multidões que passavam por eles eram indicações de outra coisa. Ela não era uma submissa, embora muitos a pudessem identificar como tal: ela era um Ômega.

Naquele momento, Charles teve certeza de que, de todas as coisas que faria em Chicago, matar quem tivesse sido responsável por aquele olhar ferido era prioridade.

De perto ele era ainda mais impressionante; podia sentir sua energia deslizando sobre ela como uma cobra sentindo o gosto de sua presa. Anna manteve seu olhar fixo no chão, esperando pela resposta.

– Eu sou Charles Cornick – disse ele. – O filho do Marrok. Você deve ser Anna.

Ela concordou com a cabeça.

– Você veio de carro ou pegou um táxi?

– Eu não tenho carro – disse.

Ele grunhiu algo que ela não entendeu muito bem.

– Você sabe dirigir?

Ela assentiu.

– Ótimo.

⊗

Ela dirigia bem, mesmo sendo cautelosa demais – uma característica com a qual ele não se importava, embora isso não evitasse que, com uma das mãos, ele segurasse no painel do carro alugado. Ela não havia dito nada quando ele lhe disse para dirigir até seu apartamento, embora a consternação dela não lhe tivesse passado despercebida.

Charles poderia ter dito a ela que seu pai o havia instruído a mantê-la viva, se possível – e para fazer isso, ele teria de ficar por perto. Não queria assustá-la mais do que ela já estava. Poderia ter-lhe dito que não tinha a intenção de levá-la para a cama, mas tentava não mentir. Nem para si mesmo. Então ficou em silêncio.

Enquanto ela dirigia o veículo utilitário alugado pela via expressa, a metade lobo de Charles havia mudado da fúria homicida causada pelo avião superlotado para uma sensação de relaxamento que ele nunca havia sentido antes. Os dois outros lobos Ômega que ele havia conhecido em sua longa existência haviam causado um efeito parecido nele, mas não tão forte.

Essa deve ser a sensação de ser totalmente humano.

A raiva e a cautela de caçador que sua metade lobo sempre possuíra eram agora apenas uma vaga lembrança, que deixava apenas a determinação de tomá-la como companheira – Charles também nunca havia sentido nada assim.

Ela era bonita o suficiente, mas ele gostaria de alimentá-la e suavizar a cautela rígida em seus ombros. O lobo em seu interior queria levá-la para a cama e tomá-la como sua, mas como Charles

era de natureza mais cautelosa do que sua metade lobo, iria esperar até conhecê-la melhor antes de decidir cortejá-la.

– Meu apartamento não é grande coisa – disse a garota, em um esforço óbvio para quebrar o silêncio. A aspereza de sua voz mostrou a ele que a sua garganta estava seca.

Ela estava com medo dele. Por ser o executor escolhido por seu pai,
estava acostumado a ser temido, embora nunca tivesse gostado disso. Charles se encostou contra a porta para dar mais espaço a ela e olhou para fora, para as luzes da cidade, a fim de que ela se sentisse segura em espiá-lo se quisesse. Charles havia ficado quieto, esperando que ela se acostumasse a ele, mas aí pensou que talvez tivesse cometido um erro.

– Não se preocupe – disse a ela. – Não sou exigente. Qualquer que seja o estado de seu apartamento, é sem dúvida melhor do que a cabana indígena onde eu cresci.

– Uma cabana indígena?

– Sou mais velho do que aparento – disse ele, sorrindo um pouco. – Há duzentos anos, uma cabana indígena era um tipo de moradia bastante sofisticada em Montana.

Como a maioria dos lobos mais velhos, ele não gostava de falar sobre o passado, mas descobriu que faria até mais do que isso, se conseguisse deixá-la mais à vontade.

– Tinha esquecido que você poderia ser mais velho do que aparenta – disse ela, em tom de desculpas. Charles percebeu que talvez ela tivesse visto seu sorriso, porque o nível de seu medo havia diminuído significantemente. – Não há nenhum lobo mais velho na alcateia, aqui.

– Alguns – ele discordou, quando notou que ela havia dito “a alcateia” e não “*minha* alcateia”. Leo tinha setenta ou oitenta anos, e sua companheira era bem mais velha do que isso – velha o suficiente para apreciar a dádiva de um Ômega em vez de reduzir a

garota a essa criança abatida, que se encolhia cada vez que ele olhava para ela mais longamente.

– Às vezes é difícil dizer a idade de um lobo. A maioria de nós não fala sobre isso. Ajustar-se já é difícil o bastante sem ficar falando incessantemente sobre o passado.

A garota não respondeu, e então ele procurou algo diferente sobre o qual pudessem falar. Conversação não era o seu forte; ele deixava isso a cargo de seu pai e de seu irmão, que tinham línguas mais afiadas.

– De que tribo você é? – perguntou ela, antes que ele encontrasse um tópico de conversação. – Não sei muito sobre as tribos de Montana.

– Minha mãe era Salish[2] – disse ele. – Da tribo Flathead[3].

Ela deu uma rápida olhada para sua testa, perfeitamente normal. *Ah*, ele pensou aliviado, *há uma boa história que posso contar a ela*.

– Você sabe como os Flatheads receberam esse nome?

Ela balançou a cabeça. Seu rosto estava com uma expressão tão grave que ele ficou tentado a inventar algo para provocá-la. Mas ela não o conhecia bem o suficiente para isso, então ele lhe disse a verdade.

– Muitas das tribos indígenas na Bacia do Colúmbia, em sua maioria outros povos Salish, costumavam achatar a cabeça de seus bebês – os Flatheads eram uma das poucas tribos que não faziam isso.

– Então porque eles são chamados de Flathead? – ela perguntou.

– Porque os nativos das outras tribos não estavam tentando alterar suas testas, e sim dar a si mesmos um formato cônico ao topo de suas cabeças. Como os Flatheads não faziam isso, as outras tribos nos chamaram de “cabeças chatas”. Não era um cumprimento.

O cheiro de medo que ela emanava se dissipava à medida que ela seguia sua história.

– Bom, nós éramos os primos feios e bárbaros, sabe... – disse ele, rindo. – Ironicamente, os caçadores brancos entenderam mal o nome. Tivemos má fama por um longo tempo por uma prática que não seguíamos. Assim, o homem branco, como nossos primos, pensava que éramos bárbaros.

– Você disse que sua mãe era Salish – disse ela. – O Marrok é um nativo norte-americano?

Ele sacudiu a cabeça.

– Meu pai é galês. Ele veio para cá caçar e vender peles de animais na época dos caçadores de peles, e ficou porque se apaixonou pelo cheiro do pinheiro e da neve.

Seu pai havia explicado exatamente daquela forma. Charles percebeu que estava sorrindo novamente, um verdadeiro sorriso dessa vez, e sentiu a sensação de relaxamento crescer ainda mais – e seu rosto não estava doendo, absolutamente; ele teria de ligar para seu irmão, Samuel, e dizer que havia finalmente aprendido que seu rosto não iria rachar se ele sorrisse. Fora preciso apenas um lobisomem Ômega para ensiná-lo.

Ela entrou em um beco e parou o carro em um pequeno estacionamento, atrás de um daqueles prédios de apartamentos de tijolos que ocupavam os subúrbios mais antigos dessa parte da cidade.

– Em que parte da cidade estamos? – perguntou ele.

– Oak Park – disse ela. – Lar de Frank Lloyd Wright[4], Edgar Rice Burroughs[5] e Scorci's.

– Scorci's?

Ela acenou com a cabeça e pulou para fora do carro.

– O melhor restaurante italiano de Chicago, e meu atual emprego.

Ah. É por isso que ela cheirava a alho.

– Então sua opinião é imparcial?

Ele saiu do carro com uma sensação de alívio. Seu irmão caçoava de sua falta de apreciação por carros, já que mesmo um acidente grave provavelmente não o mataria. Mas Charles não estava preocupado em morrer – não gostava apenas do fato de que carros andavam muito rápido. Ele não conseguia sentir a terra por onde passavam, e se sentisse sono e quisesse cochilar um pouco enquanto viajava, carros não seriam capazes de seguir a trilha por si mesmos. Ele preferia cavalos.

Depois que Charles apanhou a mala na parte de trás do carro, Anna travou o carro com o chaveiro. O carro buzinou uma vez, o que fez Charles pular. Depois disso, ele deu um olhar irritado para o carro. Quando se voltou, Anna estava olhando fixamente para o chão.

– Sinto muito – murmurou ela. Se estivesse em sua forma de lobo, Anna estaria agachada, com o rabo enfiado entre as pernas.

– Pelo quê? – perguntou ele, incapaz de suprimir a raiva que elevava sua voz em uma oitava. – Porque eu fico nervoso perto de carros? Não é sua culpa.

Tenho que ter cuidado dessa vez, percebeu Charles, assim que tentou colocar o lobo sob controle novamente. Geralmente, quando seu pai o enviava para lidar com problemas, ele era capaz de fazê-lo friamente. Mas com um lobo Ômega ferido por perto, por quem se sentia responsável em vários níveis, ele teria de controlar melhor seu temperamento.

– Anna – disse ele totalmente sob controle novamente. – Eu sou o matador de aluguel do meu pai. É meu trabalho, como segundo em comando. Mas isso não significa que tenho prazer em fazer isso. Não vou te ferir, dou a minha palavra.

– Sim, senhor – disse ela, claramente não acreditando nele.

Ele lembrou a si mesmo que a palavra de um homem não valia muito nessa época moderna. Charles sentia nela, ao mesmo tempo,

o cheiro de raiva e de medo, o que o ajudou a se controlar – ela não havia sido totalmente vencida.

Charles chegou à conclusão de que futuras tentativas de fazer com que Anna se sentisse mais segura provavelmente teriam o efeito oposto. Ela teria de aprender a aceitar o fato de que ele era mesmo um homem de palavra. Enquanto isso, ele lhe daria algo para pensar.

– Além disso – disse Charles gentilmente –, meu lobo está mais interessado em cortejá-la do que em demonstrar minha dominância.

Ele caminhou para longe dela, antes de sorrir ao perceber como o seu medo e raiva haviam se transformado em choque... e em algo que poderia ser o início de algum interesse.

Anna tinha as chaves da porta externa do edifício e seguiu na frente, entrando no prédio e subindo as escadas sem olhar para ele. No segundo lance de escadas, seu cheiro havia se exaurido de qualquer emoção, exceto cansaço.

Ela estava visivelmente se arrastando à medida que subia as escadas até o último andar. Sua mão tremeu quando tentou enfiar a chave na fechadura de uma das duas portas no andar de cima. Anna precisava comer mais. Lobisomens não deveriam ficar tão magros – poderia ser perigoso para as pessoas ao seu redor.

⊗

Conforme havia dito, Charles era um executor enviado pelo seu pai para resolver problemas entre os lobisomens; *ele deve ser ainda mais perigoso do que Leo para ter sobrevivido a esse tipo de trabalho,* pensou Anna. Ela podia sentir quão dominante ele era e ela sabia como os dominantes eram. Ela tinha de ficar alerta, preparada para qualquer movimento agressivo que ele fizesse – pronta para lidar com a dor e o pânico, para não fugir e torná-lo pior.

Contudo, por que quanto mais tempo ele ficava por perto, mais segura ela se sentia?

Ele a seguiu pelos quatro lances de escada sem dizer uma palavra, e ela mentalmente se negou a pedir desculpas novamente pelo seu apartamento. Ele mesmo havia se convidado, afinal de contas, e também era culpa dele ter que dormir em um *futon* de casal em vez de deitar em uma confortável cama de hotel. Anna não sabia como alimentá-lo – esperava que ele tivesse comido durante a viagem. Amanhã daria uma saída e compraria algo; o cheque do Scorci's estava na porta da geladeira aguardando o depósito no banco.

Originalmente, existiam dois apartamentos de dois cômodos no seu andar, mas nos anos 1970 alguém havia transformado o quarto andar em um apartamento de três cômodos e uma quitinete – esta última, seu apartamento.

Sua casa tinha aparência dilapidada e vazia, e seus móveis não passavam de um *futon*, uma mesa pequena e um par de cadeiras dobráveis. Somente o assoalho de carvalho polido lhe dava algum atrativo.

Anna olhou de relance para Charles quando esse passou pela porta atrás dela, mas seu rosto não revelava nada que ele não desejasse revelar. Ela não conseguia ver o que ele estava pensando, embora imaginasse que os seus olhos haviam se fixado no *futon* – que servia muito bem a ela, mas iria ser pequeno demais para ele.

– O banheiro fica naquela porta – disse ela desnecessariamente, já que a porta estava aberta e a banheira era claramente visível.

Ele concordou com a cabeça, observando-a com olhos que pareciam opacos sob a fraca iluminação da luminária.

– Você precisa trabalhar amanhã? – perguntou ele.

– Não. Não até sábado.

– Ótimo. Podemos conversar pela manhã, então – disse Charles, levando consigo sua pequena mala ao entrar no banheiro.

Anna tentou não prestar atenção aos ruídos não familiares de alguém se preparando para dormir enquanto remexia em seu armário procurando um velho cobertor que mantinha ali, desejando novamente ter um carpete bom e barato ao invés do piso de carvalho polido, que era lindo de se olhar, mas frio para pés descalços – e certamente seria duro para suas costas quando ela tentasse dormir ali.

A porta abriu-se enquanto ela estava ajoelhada no chão dobrando o cobertor para que esse imitasse um colchão – tão longe quanto possível do lugar em que Charles dormiria.

– Você pode ficar com a cama – ela começou a falar, mas, quando se virou, encontrou-se olhando diretamente nos olhos de um grande lobisomem de pelo marrom-avermelhado.

Ele balançou o rabo e sorriu à sua óbvia surpresa antes de passar por ela e se enroscar no cobertor. Ele se chacoalhou um pouco, colocou a cabeça sobre as patas dianteiras e fechou os olhos, parecendo ter adormecido imediatamente. Anna não estava convencida, mas ele não se mexeu quando ela entrou no banheiro ou quando saiu de lá vestida com o mais quente par de calças de moletom que possuía.

Anna não conseguiria dormir com um homem em seu apartamento, mas de alguma forma o lobo era menos ameaçador. Pelo menos *esse* lobo era menos ameaçador. Ela trancou a porta, apagou a luz e arrastou-se até a cama, sentindo-se mais segura do que já havia se sentido desde a noite em que descobrira que havia monstros no mundo.

⊗

Na manhã seguinte, os passos nas escadas não a incomodaram a princípio. A família que morava em frente entrava e saía a qualquer hora do dia ou da noite. Anna puxou o travesseiro para cima da cabeça a fim de bloquear o barulho, mas então percebeu

que os passos rápidos e determinados pertenciam à Kara – e que havia um lobisomem no seu apartamento. Ela sentou-se de um pulo e olhou para Charles.

O lobo era ainda mais bonito à luz do dia do que parecera à noite; tinha o pelo realmente vermelho, como ela agora podia observar, realçado pela pelagem preta nas pernas e patas. Ele levantou a cabeça quando ela se sentou e se levantou quando Anna fez o mesmo.

Ela colocou o dedo sobre os lábios quando Kara deu rápidas batidas na porta.

– Anna, você está aí, garota? Você sabia que alguém estacionou na sua vaga novamente? Você quer que eu chame o guincho ou você está com um homem aí dessa vez?

Kara simplesmente não iria embora.

– Estou aqui, só um minuto.

Ela olhou ao seu redor freneticamente, mas não havia nenhum lugar onde esconder um lobisomem. Ele não caberia no armário, e se Anna fechasse a porta do banheiro, Kara iria querer saber o porquê disso – da mesma forma que iria querer saber por que na sala de Anna havia um cão do tamanho de um *wolfhound* irlandês[6] – mas que nem de longe era tão amigável quanto um.

Ela deu a Charles um último olhar inquieto e rapidamente foi até a porta, enquanto ele trotava para o banheiro. Anna ouviu o barulho do trinco após ele ter entrado quando ela destrancou a porta.

– Voltei – disse Kara ao entrar, alegremente, colocando um par de sacos de papel na mesa. Sua pele escura como a noite parecia ainda mais brilhante do que o usual depois de uma semana de sol tropical.

– Parei no caminho para casa e comprei café da manhã para nós. Você não come o suficiente para manter um camundongo vivo –

disse ela, e depois seu olhar se voltou para a porta do banheiro fechada. – Você está com alguém aí, mesmo...

Ela sorriu, mas seus olhos mostravam desconfiança. Kara não havia feito segredo do fato de não gostar de Justin; Anna havia explicado, de forma suficientemente verdadeira, que ele era um antigo namorado.

– Huummm...

Anna estava infelizmente consciente de que Kara não sairia até que ela visse quem estava no banheiro. Por alguma razão, Kara havia posto sua vizinha sob sua proteção desde o dia em que Anna se mudara para lá, logo depois que foi Transformada.

Nesse momento, Charles abriu a porta do banheiro e saiu de lá.

– Você tem um elástico, Anna?

Ele estava totalmente vestido, já na sua forma humana, mas Anna sabia que isso era impossível. Não haviam se passado nem cinco minutos desde que ele entrara no banheiro, e um lobisomem levava muito mais do que isso até mudar para a forma humana novamente.

Ela olhou inquieta para Kara – mas sua vizinha estava muito ocupada olhando fixamente para o homem na porta do banheiro para que pudesse notar o choque de Anna.

O olhar extasiado de Kara fez Anna dar uma segunda olhada também; ela tinha que admitir que Charles, com o cabelo negro-azulado caindo livre até a cintura, em uma cascata espessa que o fazia parecer estranhamente despido a despeito de sua camisa de flanela e calças jeans perfeitamente respeitáveis, valia bem a pena ser olhado. Ele deu um sorriso para Kara antes de voltar sua atenção para Anna.

– Parece que perdi meu elástico. Você tem outro?

Ela assentiu com a cabeça e passou por ele para entrar no banheiro. *Como ele mudou de forma tão rápido*?, pensou. Claro que ela não podia perguntar a ele agora, com Kara na sala.

Ele cheirava bem. Mesmo após três anos era desconcertante notar tais coisas nas pessoas. Geralmente ela tentava ignorar o que seu nariz lhe dizia – mas teve de se esforçar para não parar e cheirar profundamente o rico aroma que emanava dele.

– E quem é você, afinal? – Anna ouviu Kara perguntar com desconfiança.

– Charles Cornick.

Anna não conseguia dizer pela sua voz se ele estava aborrecido pela postura não amigável de Kara ou não.

– E quem é você?

– Essa é Kara, minha vizinha do andar de baixo – disse Anna, estendendo-lhe um elástico ao passar por ele de volta para a sala. – Desculpe, eu deveria ter apresentado vocês. Kara, esse é Charles Cornick, ele veio de Montana para me visitar. Charles, essa é Kara Mosley, minha vizinha do andar de baixo. Agora apertem as mãos e sejam educados.

A repreensão era para Kara, que podia ser bastante ácida quando decidia que não gostava de alguém, mas mesmo assim Charles levantou a sobrancelha para Anna antes de se virar para Kara e oferecer a ela sua mão de dedos longos.

– De Montana? – perguntou Kara ao tomar a mão dele e apertá-la firmemente.

Ele acenou com a cabeça e começou a fazer uma trança embutida nos cabelos com movimentos rápidos e experientes.

– Meu pai me mandou aqui porque ficou sabendo que um homem andava perturbando Anna.

Com aquela frase, Anna soube que Charles havia conquistado Kara completamente.

– Justin? Você vai dar um jeito naquele miserável? – disse Kara, dando um olhar apreciativo para Charles. – Veja bem, você está em ótima forma, não me entenda mal, mas Justin é barra pesada... Eu

morava em Cabrini Green[7] até minha mãe se tocar e se casar com um bom homem. Mas aqueles conjuntos habitacionais dão abrigo a um certo tipo de predador, o tipo que gosta da violência pela violência. Aquele Justin tem um olhar morto, e assim que o vi pela primeira vez ele me lembrou desses tipos que conheci vinte anos atrás. Ele já feriu pessoas antes e gostou disso. Você não vai assustá-lo apenas com uma advertência.

Os cantos dos lábios de Charles curvaram-se para cima e seu olhar se aqueceu, o que mudou totalmente sua aparência:

– Obrigado pelo aviso – disse a ela.

Kara deu-lhe um olhar sério.

– Se conheço a Anna, não há um grama de comida no apartamento. Você precisa alimentar essa menina. Há *bagels*[8] e queijo cremoso nos sacos sobre a mesa – e não, não vou ficar. Tenho trabalho acumulado de uma semana me esperando, mas não podia ir sem saber que Anna ia comer algo.

– Farei com que coma – disse Charles, ainda com o pequeno sorriso na face.

Kara levantou a mão e deu batidinhas no rosto dele, em um gesto maternal.

– Obrigada.

Ela deu um rápido abraço em Anna, tirou um envelope do bolso e o colocou sobre a mesa ao lado dos *bagels*:

– Isso é por você cuidar do gato; assim eu não preciso deixá-lo em um hotelzinho de animais com todos aqueles cães que ele detesta e pelo qual eu tenho que pagar quatro vezes mais. Se eu encontrar esse dinheiro no meu pote de biscoitos novamente, vou levá-lo ao hotelzinho só de maldade, porque isso vai deixá-la com sentimento de culpa.

Depois disso, ela saiu.

Anna esperou até que o som de seus passos atingisse o andar de baixo, e então disse:

– Como você se transformou tão rápido?

– Você quer o de alho ou mirtilo[9]? – perguntou Charles, abrindo o saco de papel.

Quando ela não respondeu à pergunta, ele colocou ambas as mãos na mesa e suspirou.

– Quer dizer que você nunca ouviu a história do Marrok e sua donzela índia?

Ela não conseguia interpretar o tom de voz dele, e como sua face estava virada para o outro lado, também não conseguia interpretar seu rosto.

– Não – disse ela.

Charles deu uma curta risada, embora ela não estivesse achando nenhuma graça.

– Minha mãe era linda e isso salvou sua vida. Ela estava apanhando ervas e assustou um alce. Ele a derrubou e a pisoteou, e quando minha mãe estava morrendo por causa dos ferimentos, meu pai, atraído pelo barulho, chegou até ela. Ele a salvou ao transformá-la em um lobisomem.

Charles tirou os *bagels* do saco e os colocou sobre a mesa, com guardanapos. Depois, sentou-se e acenou para a cadeira vazia.

– Comece a comer e eu lhe contarei o resto da história.

Ele havia lhe dado o *bagel* de mirtilo. Anna se sentou à frente dele e deu uma mordida no pão.

Charles acenou a cabeça, satisfeito, e então continuou:

– Foi uma daquelas histórias de amor à primeira vista de ambas as partes, aparentemente. Deve ter sido atração física, porque no começo nenhum dos dois sabia falar a língua do outro. Tudo ia bem, até minha mãe ficar grávida. O pai de minha mãe era um xamã e a ajudou quando ela lhe disse que precisava permanecer humana até

o meu nascimento. Então, todos os meses, quando meu pai e irmão caçavam sob a lua, ela permanecia humana. E a cada lua, ela ficava mais e mais fraca. Meu pai brigava com ela e com o pai dela, preocupado com a ideia de que ela possivelmente estivesse se matando.

– Por que ela fez isso? – perguntou Anna.

Charles franziu as sobrancelhas.

– Há quanto tempo você é um lobisomem?

– São três anos, completados no último mês de agosto.

– Mulheres lobisomens não podem ter filhos – disse ele. – A Transformação é muito difícil para o feto. Elas perdem a criança no terceiro ou quarto mês.

Anna olhou-o fixamente. Ninguém jamais havia lhe contado isso.

– Você está bem?

Ela não sabia como responder a ele. Não é que estivesse planejando ter filhos, exatamente – especialmente considerando sua estranha vida nesses últimos anos. Ela apenas não tinha planejado *não* ter filhos, também.

– Isso deveria ter sido explicado a você antes que escolhesse pela Transformação.

Foi a vez de Anna rir.

– Ninguém me explicou nada. Não, está tudo bem. Por favor, conte-me o resto da história.

Ele a observou por um longo tempo, então acenou de forma estranhamente solene.

– Apesar dos protestos de meu pai, ela foi capaz de aguentar até o meu nascimento. Enfraquecida pela mágica que combatia o chamado da lua, ela não sobreviveu. Eu nasci um lobisomem, não fui Transformado como todos os outros. Isso me dá algumas habilidades extras – como ser capaz de me transformar rapidamente.

– Isso seria bom – disse Anna, com emoção.

– Ainda assim dói – acrescentou ele.

Ela brincou com um pedaço de pão e disse:

– Você vai procurar o garoto desaparecido?

A boca dele se enrijeceu.

– Não. Sabemos onde Alan Frazier está.

Algo na voz dele a fez entender.

– Ele está morto?

Ele acenou com a cabeça.

– Há algumas boas pessoas investigando a morte dele que descobrirão quem é o responsável. Ele foi Transformado sem ter dado seu consentimento, e a garota que estava com ele foi morta. Depois, ele foi vendido para ser usado como cobaia de laboratório. A pessoa responsável por isso pagará por seus crimes.

Ela começou a perguntar-lhe sobre mais alguma coisa, mas a porta de seu apartamento abriu-se com estrondo e atingiu a parede atrás dela, revelando Justin parado na soleira da porta aberta.

Anna estivera tão concentrada em Charles que não tinha ouvido Justin subir as escadas, e havia se esquecido de trancar a porta depois que Kara saiu. Não que isso tivesse feito muita diferença. Justin tinha a chave do apartamento dela.

Anna não pôde evitar e se encolheu quando ele atravessou a porta como se fosse o proprietário.

– Dia de pagamento – disse ele. – Você me deve um cheque.

Justin olhou para Charles.

– Hora de você partir. A dama e eu temos negócios.

Anna não podia acreditar que mesmo alguém como Justin conseguisse usar aquele tom de voz com Charles. Ela olhou para Charles para avaliar sua reação e viu porque Justin havia metido os pés pelas mãos.

Charles estava mexendo em seu prato, os olhos fixos em suas mãos. Toda a incrível força de sua personalidade estava reprimida e contida em algum lugar escondido.

– Não acho que seja melhor eu ir – murmurou ele, ainda olhando para baixo. – Ela pode precisar de ajuda.

Os lábios de Justin se curvaram.

– Onde você arranjou esse, sua vadia? Espere só até eu contar ao Leo que você encontrou um cão vadio e não contou a ele sobre isso.

Justin atravessou a sala e agarrou um punhado dos cabelos dela. Dessa forma, forçou Anna a ficar em pé e contra a parede, empurrando-a com o quadril em um gesto que era sexual e violento ao mesmo tempo. Ele aproximou seu rosto do dela.

– Espere só. Talvez ele decida deixar que eu castigue você novamente. Eu gostaria disso.

Ela se lembrou da última vez que Justin tinha tido permissão de castigá-la e não foi capaz de reprimir sua reação. Ele estava apreciando o pânico de Anna, e seu corpo estava pressionado com força suficiente contra o dela para que Anna o sentisse.

– Não creio que ela é quem será punida – disse Charles, com a voz ainda suave; mesmo assim, Anna sentiu uma sensação de alívio. Ele não deixaria Justin lhe fazer mal.

Ela não saberia dizer como sabia disso – ela já tinha descoberto que somente o fato de um lobo não lhe ferir não significava que ele impediria outro de fazê-lo.

– Não lhe disse para falar – rosnou Justin, virando sua cabeça repentinamente para longe dela para que pudesse lançar um olhar furioso ao outro homem. – Cuido de você quando tiver terminado.

As pernas da cadeira de Charles fizeram um barulho áspero ao arranhar o chão quando ele se levantou. Anna podia ouvi-lo limpando os farelos das mãos, levemente.

– Acho que você já acabou aqui. Deixe-a em paz.

Anna sentiu o poder daquelas palavras penetrando seus ossos e aquecendo seu estômago, que estivera gelado de medo. Justin tinha mais gosto em feri-la do que desejo pelo seu corpo relutante.

Ela havia lutado com Justin até perceber que isso o agradava ainda mais, e tinha aprendido rapidamente que não havia como vencer uma luta com ele. Justin era mais forte e mais rápido, e na única vez em que Anna havia conseguido escapar, o resto da alcateia a segurara para ele.

Entretanto, às palavras de Charles, Justin a soltou tão rápido que ela se desequilibrou, embora isso não a tivesse impedido de correr para longe dele tanto quanto possível – o que, no caso, significava a cozinha. Anna pegou o rolo de macarrão de mármore que havia sido de sua avó e o segurou, cautelosamente.

– Quem diabos é você? – gritou Justin, mas Anna sentiu o medo dele sob a raiva.

– Eu podia devolver a pergunta – disse Charles. – Tenho uma lista de todos os lobisomens nas alcateias de Chicago e seu nome não consta nela. Mas isso é apenas parte de meus negócios aqui. Vá para casa e diga a Leo que Charles Cornick está aqui para falar com ele; diga também que eu o encontrarei em sua casa às dezenove horas. Ele pode trazer seus primeiros seis em comando e sua companheira, mas o resto da alcateia deve manter-se afastada.

Para a surpresa de Anna, Justin somente rosnou mais uma vez e foi embora, sem qualquer outro protesto.

DOIS

O lobo que tanto havia assustado Anna não queria sair, mas ele não era dominante o suficiente para fazer algo enquanto Charles estava de guarda. Foi essa a razão de Charles ter esperado alguns segundos antes de segui-lo calmamente escada abaixo.

No andar inferior, ele encontrou Justin parado em frente a uma porta, pronto para abri-la a chutes. Charles tinha quase certeza de que essa era a porta de Kara; não lhe surpreendeu o fato de que Justin procurasse outra forma de punir Anna por ele ter que sair do apartamento precipitadamente. Charles arrastou os pés na escada e observou o outro lobo enrijecer e abaixar o braço.

– Kara não está em casa – disse-lhe Charles. – E feri-la não seria aconselhável.

Charles ponderou matá-lo imediatamente, mas tinha uma reputação, e, por causa de seu pai, não podia dar-se ao luxo de perdê-la. Ele matava somente aqueles que quebravam as regras do Marrok, e apenas depois que a culpa dessas pessoas tivesse sido estabelecida.

Anna dissera a seu pai que Justin era o lobo que havia transformado Alan MacKenzie Frazier contra a vontade deste, mas como havia muitas coisas erradas com essa alcateia, poderia haver circunstâncias atenuantes no caso. Anna era um lobisomem há três anos e ninguém lhe havia dito que ela não podia ter filhos. Se Anna sabia tão pouco, então era bem possível que esse lobo também não soubesse as regras.

Mesmo que o lobo desconhecesse seus crimes, Charles ainda queria matá-lo. Quando Justin se virou para encará-lo, Charles

deixou a fera olhar através de seus olhos e observou o outro lobo empalidecer e continuar a descer as escadas.

– Você deve encontrar Leo e passar a mensagem – disse Charles. Dessa vez, ele deixou Justin perceber que estava sendo seguido, fazendo ele sentir como era ser a presa de um predador maior.

Contudo, Justin era corajoso: continuou a virar a cabeça para encarar Charles – apenas para encontrar seus olhos e ser forçado a desviá-los novamente. A caçada excitou o seu lobo, e Charles, ainda furioso por causa da maneira bruta com que Justin havia tratado Anna, deixou o lobo mostrar-se somente um pouco mais do que deveria. Para Charles, foi uma verdadeira luta para conseguir parar na porta da rua e deixar Justin ir embora. O lobo tinha começado uma caçada, e esta tinha sido muito, muito curta.

O irmão-lobo também não havia gostado de ver Anna assustada. Ele havia feito sua reivindicação, e foi necessário todo o autocontrole de Charles para que ele simplesmente não matasse Justin no apartamento de Anna. Somente a forte suspeita de que ela voltaria a ficar com medo dele permitiu que Charles ficasse sentado até que tivesse certeza de que podia se controlar.

Subir os quatro lances de escadas deveria ter dado tempo suficiente a Charles para silenciar o seu lobo. Deveria, exceto pelo fato de que Anna estava esperando por ele, com o rolo de macarrão na mão, no vão da escada abaixo de seu apartamento.

Charles parou no meio do lance de escadas e Anna se virou sem dizer uma palavra. Ele a seguiu de volta ao apartamento até a área da cozinha, onde ela colocou o rolo de macarrão de volta em seu lugar – ao lado de uma pequena panela que estava cheia de facas.

– Por que o rolo de macarrão e não uma faca? – perguntou ele, sua voz estava áspera devido a toda aquela ação.

Anna olhou para ele pela primeira vez desde que havia visto seu rosto na escada.

– Uma faca não conseguiria pará-lo, mas ele iria demorar para se recuperar de ossos quebrados...

Ele gostou daquilo. Quem diria que ficaria excitado por uma mulher com um rolo de macarrão?

– Certo – disse Charles. – Concordo.

Ele se virou abruptamente e a deixou parada na frente da bancada, porque se ficasse ali teria tomado Anna para si e tentaria seduzi-la. O apartamento não era grande o suficiente para caminhar para lá e para cá, ou para que os dois ficassem a uma boa distância um do outro. O cheiro de Anna, misturado com medo e excitação, era perigoso. Ele precisava de uma distração.

Charles puxou uma das cadeiras e sentou-se nela, inclinando-se para trás até que a cadeira estivesse apoiada em apenas dois pés, cruzando os braços atrás da cabeça e assumindo uma postura deliberadamente relaxada. Depois, semicerrou os olhos e disse:

– Quero que você me conte sobre sua Transformação.

Observando a hesitação de Anna, Charles concluiu que não havia interpretado mal as pistas; havia algo errado com a forma pela qual ela foi Transformada. Ele se concentrou nisso.

– Por quê? – perguntou ela, desafiando Charles, que percebeu que Anna ainda estava invadida pela descarga de adrenalina causada pela visita de Justin. Anna viu o que havia feito e virou as costas para Charles, encolhendo-se como se esperasse que ele explodisse.

Charles fechou os olhos totalmente. Mais um pouco e ele iria colocar de lado todo o cavalheirismo que seu pai havia lhe ensinado e tomá-la, disposta ou não. *Ah, sim, isso a ensinaria a não ter medo de mim*, pensou.

– Preciso saber como a alcateia de Leo é dirigida – disse Charles pacientemente, embora, no momento, não estivesse dando a mínima para isso. – Seria melhor fazer isso ouvindo suas

impressões primeiro e depois lhe fazendo perguntas. Assim eu terei um melhor discernimento do que ele está fazendo e por quê.

Anna olhou-o com desconfiança, mas Charles não havia se mexido. Ela ainda podia sentir o cheiro da raiva no ar, mas isso poderia ser um resquício que havia ficado da presença de Justin ali. Charles estava excitado também – e ela se pegou respondendo a isso, muito embora soubesse que era um resultado comum de confrontações vitoriosas entre machos. Charles estava ignorando o fato, então Anna também podia fazê-lo.

Anna respirou profundamente, e o cheiro dele invadiu seus pulmões; limpando a garganta, ela tentou traçar o início de sua história:

– Eu estava trabalhando em uma loja de música no Loop[1] quando encontrei Justin pela primeira vez. Ele me disse que era guitarrista como eu e começou a aparecer algumas vezes por semana, para comprar cordas, partituras... pequenas coisas. Ele costumava flertar e brincar.

Anna deu uma pequena bufada de exasperação ao pensar em como tinha sido tola.

– Eu pensei que ele era um cara legal; então, quando me convidou para sair, eu aceitei.

Ela olhou para Charles, mas ele parecia ter adormecido. Os músculos de seus ombros estavam relaxados e sua respiração era lenta e calma.

– Saímos algumas vezes. Ele me levou a um pequeno restaurante perto de um parque, uma das reservas florestais. Quando terminamos, ele me levou para dar uma volta pelo bosque, “para olhar a lua”, ele disse.

Mesmo agora, tanto tempo depois daquela noite, Anna ainda podia ouvir a tensão em sua voz.

– Ele me pediu para esperar um minuto, disse que voltaria logo.

Ela se lembrava que Justin estava agitado, quase frenético devido à emoção suprimida. Ele havia apalpado os bolsos e depois disse que havia deixado algo no carro. Anna ficara preocupada, pois achou que ele iria buscar uma aliança, e praticou formas gentis de dizer não enquanto esperava. Eles tinham muito pouco em comum e nenhuma química. Embora Justin parecesse gentil o bastante, Anna havia começado a sentir que havia algo estranho com ele, e seus instintos lhe diziam que ela precisava terminar o relacionamento. Anna continuou com a história.

– Demorou muito mais que um minuto e eu já ia voltar para o carro sozinha quando ouvi algo nos arbustos.

A pele de seu rosto formigou de medo, exatamente como havia acontecido naquela noite.

– Você não sabia que ele era um lobisomem? – disse Charles. Sua voz lembrou Anna de que ela estava segura em seu apartamento.

– Não. Eu achava que lobisomens eram apenas histórias.

– Conte-me sobre o que aconteceu depois do ataque.

Ela não precisava contar a ele como Justin a havia perseguido por uma hora, cercando-a toda vez que ela chegava perto da saída da reserva. Charles só queria saber da alcateia de Leo. Anna ocultou seu suspiro de alívio.

– Acordei na casa de Leo. A princípio, ele estava animado com minha chegada. Sua alcateia tinha somente outra mulher. Foi então que eles descobriram o que eu sou.

– E o que você é, Anna? – disse Charles

A voz de Charles... pensou Anna. *É como fumaça, leve e imponderável*.

– Submissa – disse ela. – O mais inferior de todos.

E então, vendo que os olhos dele ainda estavam fechados, ela acrescentou:

– Inútil...

– Foi isso o que lhe disseram? – perguntou ele pensativamente.

– É a verdade.

Anna deveria ficar mais aborrecida com isso – os lobos que não a desprezavam, tratavam-na com pena. Mas ela não queria ser dominante e ter de lutar e machucar pessoas.

Charles não falou nada, então ela continuou a contar sua história, tentando dar a ele todos os detalhes que podia lembrar. Ele fez algumas perguntas:

– Quem a ajudou a ter controle sobre o lobo?

– Ninguém, fiz isso sozinha – disse Anna, e esse era outro ponto negativo contra ela, pois mostrava que não era dominante, conforme haviam dito.

– Quem lhe deu o número do Marrok?

– O terceiro em comando de Leo, Boyd Hamilton.

– Quando e por quê?

– Imediatamente antes da companheira de Leo intrometer-se e fazê-lo parar de me entregar a qualquer macho que ele quisesse recompensar.

Anna tentava evitar os lobos que ocupavam as posições mais importantes – ela não tinha ideia do motivo pelo qual Boyd lhe entregara aquele número, e não tinha vontade de perguntar.

– Quantos novos membros se juntaram à alcateia desde que você entrou?

– Três, todos machos – mas dois deles não conseguiam se controlar e tiveram de ser mortos.

– Quantos membros tem a alcateia?

– Vinte e seis.

Quando ela finalmente chegou ao final, ficou quase surpresa ao ver que estava sentada no chão da sala, no lado oposto à área ocupada pela cadeira de Charles, com as costas contra a parede. Lentamente, Charles deixou sua cadeira cair de volta à posição normal e apertou a parte superior do nariz, entre os olhos. Ele

suspirou pesadamente e então olhou para ela diretamente pela primeira vez desde que Anna havia começado a falar.

Ela arquejou ao ver o dourado brilhante dos olhos dele. Charles estava próximo de Transformar-se devido a alguma emoção muito forte – e, apesar de ver isso em seus olhos, ela não podia identificá-lo em seu corpo ou cheiro, pois ele havia conseguido esconder isso dela.

– Existem regras. Primeiro, ninguém deve ser Transformado contra sua vontade. Segundo, ninguém deve ser Transformado até ter sido submetido a aconselhamento e passado por um teste simples para demonstrar que entendeu o que a Transformação significa.

Ela não sabia o que dizer, mas finalmente se lembrou de desviar os olhos de seu olhar intenso.

– Considerando o que você me contou, Leo está adicionando novos lobos e perdendo outros... ele não relatou isso ao Marrok. No ano passado, ele veio ao nosso encontro anual com sua companheira e seu quarto em comando, esse Boyd Hamilton, e nos disse que seu segundo e terceiro estavam ocupados.

Anna franziu as sobrancelhas.

– Boyd tem sido seu terceiro em comando desde que eu me juntei à alcateia, e Justin é o segundo.

– Você disse que há apenas mais uma fêmea na alcateia além de você?

– Sim.

– Deveria ter quatro.

– Ninguém mencionou outras – disse-lhe Anna.

Ele olhou para o cheque na geladeira.

– Eles ficam com o seu pagamento. Quanto lhe dão de volta?

A voz dele era grave, e Anna podia sentir o calor da Transformação por trás dela.

– Sessenta por cento.

– Ah...

Ele fechou os olhos novamente e respirou profundamente. Agora ela podia sentir o cheiro almiscarado da raiva dele, embora seus ombros ainda parecessem relaxados.

Quando ele não disse mais nada, ela falou suavemente:

– Há algo que eu possa fazer para ajudar? Você quer que eu saia ou fale, ou coloque música para tocar?

Ela não tinha televisão, mas ainda tinha seu velho aparelho de som.

Os olhos dele permaneceram fechados, mas ele sorriu – apenas um torcer dos lábios.

– Meu controle é geralmente melhor do que isso.

Ela esperou, mas tudo pareceu ficar pior ao invés de melhorar.

Os olhos dele abriram-se repentinamente e seu frio olhar amarelado a prendeu contra a parede em que estava encostada, enquanto ele se esticava e vagueava pela sala.

O pulso dela se acelerou de forma errática e ela abaixou a cabeça, encolhendo-se para ficar menor. Anna mais sentiu do que viu quando Charles ficou agachado na sua frente. As mãos dele rodeando sua face eram tão quentes que ela se encolheu – e se arrependeu quando ele rosnou.

Ele ficou de joelhos, esfregando o nariz em seu pescoço, e descansou o corpo (agora tenso como ferro) contra o dela, prendendo-a entre a parede e ele. Charles colocou as mãos na parede, uma de cada lado, e então parou de se mover. Anna sentia seu hálito no pescoço.

Ela ficou sentada tão imóvel quanto possível, temendo fazer algo que pudesse romper o controle de Charles. Mas havia algo nele que não a deixava ter medo; verdadeiramente, algo insistia que ele não a machucaria. Que ele nunca a machucaria.

O que, aliás, era uma tolice. Todos os dominantes feriam aqueles abaixo deles. Isso ela sabia de tanto apanhar. Só porque Anna era

capaz de cicatrizar rapidamente não significava que achava agradável essas agressões. Porém, Anna não era capaz de temê-lo, e não importava o quanto dissesse a si mesma que deveria estar com medo dele – um dominante entre dominantes, um homem estranho que nunca tinha visto até a noite passada (ou mais precisamente, a madrugada passada).

Embora Charles exalasse cheiro de raiva, ele também cheirava à chuva de primavera, lobo e homem. Anna fechou os olhos e parou de lutar, deixando o cheiro doce e pungente dele lavar o medo e a raiva resultantes de ter contado a esse homem sobre a pior coisa que já havia acontecido a ela.

Assim que ela relaxou, ele também o fez. Seus músculos rígidos relaxaram e ele deixou que os braços que a aprisionavam contra a parede caíssem, descansando-os sobre os ombros dela.

Depois de algum tempo, ele se afastou lentamente, mas ficou agachado, fazendo sua cabeça ficar apenas ligeiramente mais alta do que a dela. Charles colocou um dedo gentilmente sob o queixo de Anna e elevou sua cabeça até que ela estivesse olhando diretamente em seus olhos. Ela subitamente sentiu que se pudesse olhar dentro daqueles olhos, pelo resto de sua vida seria feliz. Isso a deixou com muito mais medo do que a raiva de Charles provocara.

– Você está fazendo alguma coisa que esteja me obrigando a sentir isso? – perguntou Anna, antes de ter tido tempo de censurar-se.

Charles não perguntou a Anna como ela se sentia a respeito dele. Então, ele inclinou a cabeça, em um gesto parecido com um lobo, mas manteve contato visual, embora não houvesse desafio em seu cheiro. Anna teve a impressão de que ele estava quase tão surpreso quanto ela.

– Acho que não. Certamente, não de propósito.

Ele rodeou a face dela com as mãos. As mãos dele eram grandes e calejadas, e estavam levemente trêmulas. Ele se curvou até

encostar o queixo no topo da cabeça dela.

– Eu também nunca me senti assim antes.

Eles poderiam ter ficado ali para sempre, a despeito do desconforto de estarem ajoelhados no chão de madeira dura. Charles nunca havia se sentido assim antes – certamente não com uma mulher que conhecera há apenas 24 horas. Ele não sabia como lidar com isso, não queria lidar com isso e – diferentemente do que costumava fazer – estava disposto a adiar essa questão indefinidamente enquanto pudesse manter o corpo dela contra o seu.

É claro que havia algo que ele queria fazer, mas percebeu que, salvo engano, havia alguém subindo as escadas. Evidentemente, quatro lances de escada não eram suficientes para manter os intrusos a distância. Ele fechou os olhos e deixou seu irmão-lobo investigar os cheiros e identificar quem era o mais novo visitante.

Alguém bateu à porta.

Anna pulou para longe dos braços dele, ofegante. Parte dele estava feliz ao perceber que ele a havia distraído tanto que ela não havia notado mais nada até então. Parte dele estava preocupado com a vulnerabilidade dela.

Com relutância, ele se levantou e se afastou um pouco dela.

– Entre, Isabelle.

A porta se abriu e a companheira de Leo enfiou a cabeça para dentro da sala. Ela deu uma boa olhada em Anna e sorriu maliciosamente.

– Estou interrompendo alguma coisa interessante?

Charles sempre gostou de Isabelle, embora sempre tentasse arduamente não demonstrar. Sendo o executor de seu pai, ele havia aprendido há muito tempo a não se aproximar de alguém que pudesse ter de matar algum dia – o que tornava seu círculo de

amigos muito restrito: praticamente, era somente seu pai e seu irmão.

Anna levantou-se e retribuiu o sorriso de Isabelle com um de seus sorrisos tímidos, embora Charles percebesse que ela ainda estava abalada. Entretanto, para sua surpresa, ela disse:

– Sim, algo interessante estava acontecendo. Entre, de qualquer forma.

Quando o convite foi feito, Isabelle entrou na sala de forma arrebatadora, como ela geralmente fazia, simultaneamente fechando a porta e estendendo a mão para Charles.

– Charles, é tão bom ver você.

Charles pegou a mão de Isabelle e se debruçou sobre ela, beijando-a levemente. A mão dela cheirava a cravo e canela. Ele havia esquecido que Isabelle usava perfume para confundir os aguçados sentidos dos lobisomens; o aroma era apenas forte o suficiente para escondê-la e assim lhe dar proteção contra o olfato aguçado dos seus semelhantes lobos. A menos que estivesse extremante agitada, pelo seu cheiro ninguém saberia como ela estava se sentindo.

– Você está linda – disse Charles, já sabendo que ela esperava por isso. E era verdade.

– Eu deveria estar uma pilha de nervos – disse ela, passando a mão que Charles beijara pelos cabelos finos e cortados em camadas, que combinados com sua face delicada davam a ela um jeito de princesa de contos de fadas. Ela era mais baixa que Anna e tinha ossos menores, mas Charles nunca havia cometido o erro de pensar nela como alguém frágil.

– Justin chegou furioso contando uma história sem nexo sobre uma reunião hoje à noite. Ele estava quase incoerente, por que você enraiveceu o rapaz daquele jeito? Eu disse a Leo que daria uma passada para ver o que você estava fazendo.

Era por esse motivo que ele não tinha amigos.

– Leo recebeu minha mensagem? – perguntou Charles.

Isabelle confirmou com a cabeça.

– E ficou bastante assustado, o que não fica bem para ele, como eu lhe disse.

Ela se inclinou e colocou a mão de uma forma íntima demais sobre o braço de Charles.

– O que o trouxe ao nosso território, Charles?

Ele deu um passo para trás. Charles não gostava muito de tocar ou ser tocado – embora parecesse esquecer-se disso completamente quando estava perto de Anna.

Sua Anna.

Esforçando-se, ele novamente focou nos negócios.

– Vim para me encontrar com Leo hoje à noite.

O rosto geralmente alegre de Isabelle endureceu, e Charles esperou que ela explodisse com ele. Isabelle era famosa por seu temperamento, tanto quanto por seu carisma. Ela era uma das poucas pessoas que já havia explodido na frente do Marrok sem ser punida por isso – o pai de Charles gostava de Isabelle também.

Porém, Isabelle não disse mais nada a ele. Em vez disso, virou a cabeça para olhar para Anna, e então Charles repentinamente percebeu que Isabelle estivera ignorando-a propositalmente. Quando ela voltou a olhar para Charles, começou a falar, mas não com ele:

– Que mentiras você esteve contando, Anna, minha querida? Reclamando de sua posição na alcateia? Escolha um companheiro se você não gosta disso, eu já lhe disse antes. Tenho certeza que Justin a tomaria como companheira.

Não havia nada venenoso em sua voz. Se Charles já não tivesse conhecido Justin, talvez não teria notado a forma como Anna empalidecera, e não teria percebido a ameaça.

Anna não disse nada.

Isabelle continuou a olhar fixamente para Charles, embora tivesse o cuidado de não olhar diretamente em seus olhos. Charles pensou que ela estava estudando suas reações, mas sabia que sua face não demonstrava nada – ele havia se preparado para a maneira como seu irmão-lobo surgira em fúria para defender Anna nessa ocasião.

– Você está dormindo com ele? – perguntou Isabelle. – Ele é um bom amante, não é?

Embora Isabelle tivesse um companheiro, outros despertavam o seu interesse, e Leo a deixava agir como quisesse, uma situação quase única entre lobisomens. Isso não significava que ela não fosse ciumenta – Leo não podia sequer olhar para outra mulher. Charles sempre sentiu que a relação deles era estranha, mas eles estavam juntos há bastante tempo. Quando ela tentou seduzi-lo há alguns anos, ele consentiu, sabendo que não haveria nada mais sério em relação à oferta dela, e não ficou surpreso quando Isabelle tentou obter sua ajuda para convencer seu pai a deixar Leo expandir seu território. Entretanto, ela recebeu sua recusa com bom humor.

O sexo não havia significado nada para nenhum dos dois – mas significava para Anna. Charles teria de ser humano para não sentir a mágoa e a desconfiança em seus olhos após o golpe desferido por Isabelle.

– Seja boazinha, Isabelle – disse Charles, abruptamente impaciente. Ele elevou a voz ao dizer:

– Vá para casa e diga a Leo que falarei com ele hoje à noite.

Os olhos de Isabelle se iluminaram de raiva e ela empertigou-se.

– Eu não sou o meu pai – disse ele suavemente. – É melhor você não bancar a megera comigo.

O medo esfriou a cólera dela – e também a dele. Seu perfume poderia ter ocultado o seu cheiro, mas não escondera seus olhos ou suas mãos crispadas. Normalmente, ele não gostava de assustar as pessoas.

– Vá para casa, Isabelle. Você terá de engolir sua curiosidade até lá.

Ele fechou a porta gentilmente atrás de Isabelle e olhou para a porta por um momento, relutante em encarar Anna – embora não soubesse por que deveria se sentir tão culpado por ter feito algo muito tempo antes de tê-la conhecido.

– Você vai matá-la?

Antes de responder, ele olhou para Anna, incapaz de dizer o que ela achava a respeito disso.

– Não sei.

Anna mordeu o lábio:

– Ela foi gentil comigo.

Gentil? Para ele, gentileza é algo que sempre esteve bem distante de tudo o que acontecera a Anna desde sua Transformação. Mas a preocupação no rosto dela o fez engolir sua resposta cáustica.

– Há algo estranho acontecendo com a alcateia de Leo – disse Charles reticente. – Descobrirei exatamente o que é hoje à noite.

– Como?

– Vou perguntar a eles – disse-lhe Charles. – Eles sabem muito bem que não podem mentir para mim, e a recusa em responder minhas perguntas ou em se encontrar comigo é admitir a culpa.

Anna parecia estar confusa.

– Por que não poderiam mentir para você?

Charles deu batidinhas no nariz dela.

– Sentir o cheiro de uma mentira é bastante fácil, a menos que você esteja lidando com alguém que não sabe a diferença entre verdade e mentira, mas há outras formas de detectá-las.

O estômago dela roncou.

– Chega disso – disse ele, decidindo que era tempo de alimentá-la um pouco. Um *bagel* não era o suficiente. – Pegue o seu casaco.

Charles não queria ir de carro até o Loop, onde seria difícil achar estacionamento, ainda mais tendo de lidar com seu temperamento, que ficava muito instável perto dela. Ele não conseguiu convencê-la a pegar um táxi, o que era uma nova experiência para ele – poucas pessoas não prestavam atenção quando ele lhes dizia o que fazer. Mas ela era um Ômega, e não era compelida pela necessidade instintiva de obedecer a um lobo mais dominante. Com um suspiro íntimo, ele a seguiu alguns quarteirões abaixo até a estação L[2] mais próxima.

Ele nunca havia entrado no trem elevado de Chicago, e se não fosse por uma certa mulher teimosa, não teria andado em um dessa vez também. Embora ele admitisse, mesmo que somente para si mesmo que havia gostado, quando um bando de desordeiros brutamontes disfarçados de adolescentes decidira importuná-lo.

– Ei, Zé-Índio – disse um garoto usando roupas folgadas. – Você é novo na cidade? Sua garota é *sexy*. Se ela gosta de carne escura, há bastante aqui... – continuou ele, batendo no peito.

Havia gangues de verdade em Chicago, criadas no mundo selvagem do centro da cidade. Mas esses garotos eram um bando de imitadores de membros de gangue, provavelmente entediados e fora da escola devido às férias, e que haviam decidido se divertir assustando os adultos que não eram capazes de diferenciar entre amadores e gangues de verdade. Não que um bando de garotos não pudesse ser perigoso em circunstâncias erradas...

Uma mulher de idade sentada ao lado deles se encolheu toda, e o cheiro do seu medo acabou com a paciência dele.

Charles levantou-se, sorriu e observou como a presunção deles se evaporava em face de sua autoconfiança.

– Ela é *sexy*, sim – ele disse. – Mas ela pertence a mim.

– Ei, cara – disse o garoto que estava logo atrás do que havia falado. – Sem ressentimentos, cara.

Charles deu um amplo sorriso e observou-os afastarem-se às pressas.

– Está um lindo dia. Acho que vocês deveriam sentar-se ali naqueles assentos vazios, onde poderão enxergar seu caminho mais claramente.

Eles correram para a parte da frente do vagão, e depois que todos haviam se sentado, Charles sentou-se de volta ao lado de Anna.

Havia tanta satisfação no rosto de Charles quando ele se sentou que Anna precisou suprimir um sorriso, temendo que um dos garotos olhasse para trás e visse que ela estava rindo deles.

– Isso foi um excelente exemplo de envenenamento por testosterona – observou ela secamente. – E agora, você vai perseguir bandeirantes?

Os olhos de Charles brilharam, divertidos.

– Agora eles sabem que precisam escolher suas presas com mais cuidado.

Anna raramente ia ao Loop – tudo o que precisava podia encontrar mais próximo de casa. Charles evidentemente conhecia o lugar melhor do que ela, apesar de ser um visitante. Ele escolheu a estação onde iriam descer e a levou diretamente a um pequeno restaurante grego escondido sob as sombras dos trilhos do trem elevado, onde ele foi cumprimentado pelo nome e levado a uma sala privada, com apenas uma mesa.

Charles deixou que Anna fizesse o pedido e pediu o mesmo que ela, adicionando alguns acompanhamentos.

Enquanto esperavam pela comida, ele pegou um pequeno caderno espiral encapado em couro, já bastante usado, do bolso da jaqueta. Ele abriu as espirais e tirou algumas folhas de papel pautado do caderno e entregou-as a Anna junto com uma caneta.

– Gostaria que você escrevesse os nomes dos membros de sua alcateia. Ajudaria se você os listasse começando do mais dominante até o menos.

Anna tentou, mas não sabia o sobrenome de todos e, considerando que todos estavam à sua frente em termos de hierarquia, não havia prestado muita atenção ao *status* de cada um.

Ela entregou o papel e a caneta de volta a ele com uma expressão preocupada.

– Eu esqueci de algumas pessoas, e com exceção dos quatro ou cinco lobos mais importantes, posso ter me enganado em relação à hierarquia.

Ele colocou as páginas sobre a mesa e então pegou algumas páginas já escritas e comparou as duas listas, fazendo anotações nelas. Anna pegou sua cadeira e a arrastou ao redor da mesa até ficar sentada ao seu lado e conseguir ver o que ele estava fazendo.

Charles pegou sua lista e colocou na frente dela.

– Essas são as pessoas que deveriam fazer parte de sua alcateia. Eu verifiquei os nomes dos que não aparecem na sua lista.

Anna deu uma rápida olhada na lista, depois pegou a caneta de volta e marcou uma das anotações dele.

– Ele ainda está lá. Eu simplesmente me esqueci dele. E esse aqui também.

Ele pegou a lista de volta.

– Todas as mulheres se foram. Os que estão faltando, na maioria, são lobos mais velhos, mas não *muito velhos*. Agora não há nenhum lobo que seja mais velho do que Leo. Há alguns lobos jovens desaparecidos também.

Ele deu batidinhas em alguns dos nomes na lista.

– Esses eram jovens. Esse Paul Lebshak era lobisomem há somente quatro anos. George não era muito mais velho.

– Você conhece todos os lobisomens?

Ele sorriu.

– Conheço todos os Alfas. Temos reuniões anuais com todos eles. Conheço a maioria dos segundos e terceiros em comando. Uma das coisas que fazemos nas reuniões é atualizar os nomes dos membros das alcateias. Os Alfas precisam informar ao Marrok quando as pessoas morrem ou quando novos lobos são Transformados. Se meu pai soubesse que tantos lobos estavam desaparecidos, teria investigado. Embora Leo tenha perdido um terço dos membros da alcateia, parece que fez um bom trabalho ao substituí-los.

Charles lhe devolveu a lista que ela havia escrito – vários nomes, incluindo o dela, também estavam marcados.

– Todos esses são novos. Baseado no que você me disse, eu imagino que todos tenham sido Transformados à força. A taxa de sobrevivência de vítimas de um ataque aleatório é muito baixa. O seu Leo matou muitas pessoas nos últimos anos a fim de manter o número de membros de sua alcateia tal como está; o suficiente para que pudesse ter atraído a atenção das autoridades. Quantas dessas pessoas foram transformadas em lobos depois de você?

– Nenhuma delas. O único lobo que vi foi aquele pobre garoto.

Anna bateu no papel com a caneta.

– Se eles não deixaram corpos e aumentaram o perímetro da caçada, poderiam ter facilmente escondido o desaparecimento de uma centena de pessoas na Grande Chicago por um período de alguns anos.

Charles se recostou na cadeira e fechou os olhos, depois sacudiu a cabeça.

– Eu já não me lembro muito bem de datas. Nunca conheci a maioria dos lobos desaparecidos e não me lembro da última vez que vi o segundo em comando de Leo. Lembro somente que foi nesses últimos dez anos. Então, seja lá o que aconteceu, foi depois disso.

– O que aconteceu com o quê?

– Com Leo, imagino. Algo aconteceu que o fez matar todas as mulheres na alcateia – exceto Isabelle – e a maioria dos lobos mais velhos, que teriam contestado quando ele começou a atacar pessoas inocentes ou parou de ensinar aos novos lobos as regras e direitos que lhes pertencem. Posso entender por que ele precisava matar os *homens* – mas por que as mulheres? E por que o outro Alfa de Chicago não disse nada ao meu pai quando isso começou?

– Pode ser que ele não soubesse. Leo e Jaimie se mantêm longe um do outro, e nossa alcateia não tem permissão de entrar no território de Jaimie em hipótese alguma. O Loop é território neutro, mas não podemos ir para o norte dessa área, a não ser que uma permissão especial seja obtida.

– É? Interessante. Você ouviu alguma coisa sobre o porquê de eles não estarem se entendendo?

Anna deu de ombros. Havia um bocado de rumores.

– Alguém me disse que Jaimie não queria dormir com Isabelle. Outra pessoa disse que eles tinham tido um caso, e depois que ele terminou com ela, Isabelle se sentiu insultada. Ou que ele não queria terminar e Leo teve de intervir. Outra história é que Jaimie e Leo nunca se entenderam. Não sei.

Ela olhou para as marcas que identificavam os lobos mais novos na sua alcateia e subitamente riu.

– O quê?

– Não é nada – disse ela, sacudindo a cabeça.

– Conte-me.

O rosto dela enrubesceu de vergonha.

– Está bem. Você estava procurando algo que todos os lobos mais novos tivessem em comum. Estava pensando que se alguém quisesse listar os homens mais atraentes na alcateia, todos seriam candidatos.

Ambos ficaram surpresos com a onda de ciúme territorial que ele não se preocupou em esconder dela.

Era provavelmente uma ótima hora para o garçom entrar com o primeiro prato do pedido.

Anna começou a mover a cadeira de volta para seu lugar original, mas o garçom colocou a travessa sobre a mesa e pegou a cadeira, colocando-a no lugar certo, antes de voltar a colocar os pratos na mesa.

– E como está o senhor? – disse a Charles. – Ainda não desistiu? Não quer mudar para a civilização de uma vez por todas?

– A civilização é grandemente superestimada – respondeu Charles, ao colocar as folhas de volta no caderno e fechar a capa.

– Enquanto eu puder vir aqui uma ou duas vezes por ano e comer neste restaurante, estarei contente.

O garçom sacudiu a cabeça com falsa tristeza.

– Montanhas são bonitas, mas não tão bonitas quanto nossa linha do horizonte. Um dia desses vou levá-lo para sair à noite e você nunca mais vai partir.

– Phillip!

Uma mulher magra como um passarinho entrou na sala.

– Enquanto você está batendo papo com o Sr. Cornick, nossos outros clientes estão passando fome.

O garçom deu uma risada e piscou para Anna. Ele deu um beijo na face da mulher e saiu pela porta.

A mulher reprimiu um sorriso e balançou a cabeça.

– Esse aí... Sempre falando. Ele precisa de uma boa esposa para mantê-lo na linha. Estou muito velha.

Ela jogou as mãos para o alto e então seguiu o garçom.

Os vinte minutos seguintes trouxeram uma série de garçons e garçonetes que pareciam ser parentes. Eles traziam comida nas travessas e nunca diziam nada sobre o estranho fato de duas pessoas sozinhas consumirem tanta comida.

Charles encheu seu prato, olhou para o dela e disse:

– Você deveria ter me contado que não gosta de cordeiro.

Ela olhou para o próprio prato.

– Eu gosto.

Ele franziu a testa para ela, pegou a colher de servir e colocou mais comida no prato de Anna.

– Você precisa comer mais. Muito mais. A Transformação requer um bocado de energia. Você precisa comer mais como lobisomem para manter seu peso.

Depois disso, por consentimento mútuo, Anna e Charles limitaram sua conversa a banalidades. Eles falaram sobre Chicago e o estilo de vida urbano. Ela pegou um pouco de arroz e Charles olhou para ela até que Anna pegasse uma segunda porção. Ele lhe contou um pouco sobre Montana. Ela descobriu que Charles era bastante articulado e que a maneira mais fácil de interromper a conversa era perguntar algo pessoal. *Não é como se ele não quisesse falar sobre si próprio*, ela pensou, *mas parece que ele não se acha muito interessante*.

A porta se abriu mais uma vez e uma garota de aproximadamente catorze anos entrou com a sobremesa.

– Você não deveria estar na escola? – perguntou Charles.

Ela suspirou.

– Férias. Todo mundo tem tempo livre. Mas eu? Eu tenho que trabalhar no restaurante. É uma droga.

– Estou vendo – disse ele. – Talvez você devesse ligar para o Serviço Social e denunciar sobre o trabalho infantil.

Ela deu uma risada.

– Isso deixaria papai com os cabelos em pé. Estou tentada a fazer isso só para ver a cara dele. Se eu disser a ele que a ideia foi sua, você realmente acha que ele ficaria bravo com você em vez de ficar bravo comigo? – ela torceu o nariz. – Provavelmente não.

– Diga à sua mãe que a comida estava perfeita.

Ela pegou a travessa vazia, apoiando-a no quadril, e se dirigiu à porta:

– Eu direi a ela, mas ela já me disse para dizer a você que não estava. O cordeiro estava meio fibroso, mas foi tudo o que ela conseguiu fazer.

– Parece que você vem muito aqui – disse Anna, remexendo em um pedaço de *baklava*[3] sem muito entusiasmo. Não que ela tivesse algo contra *baklava* – mas agora havia uma quantidade de comida equivalente ao que ela consumia em uma semana dentro de seu estômago.

– Muito frequentemente – disse Charles. Anna notou que ele não estava tendo problemas em comer mais. – Temos interesses comerciais aqui, então tenho de vir três ou quatro vezes por ano. O dono do restaurante é um lobo, da alcateia de Jaimie. Às vezes acho conveniente discutir negócios aqui.

– Pensei que você era o matador de aluguel de seu pai – disse ela com interesse. – Você precisa caçar pessoas em Chicago três a quatro vezes por ano?

Ele riu alto. O som era áspero, como se ele não fizesse isso muito frequentemente – embora devesse, pois ficava muito bem assim. Tão bem que ela se animou e comeu a garfada de *baklava* com a qual estivera brincando, e depois precisou descobrir como engolir aquilo, pois seu estômago estava lhe dizendo que não precisava que ela mandasse mais comida para lá.

– Não, eu tenho outras obrigações também. Tomo conta dos interesses financeiros da alcateia de meu pai. Sou muito bom em meus dois trabalhos – disse ele, sem qualquer traço de modéstia.

– Aposto que você é.

Ele era o tipo de pessoa que seria muito bom em qualquer coisa que decidisse fazer.

– Eu deixaria você investir minhas economias. Acho que tenho 22,97 dólares nesse exato momento.

Ele franziu a testa para ela, sem demonstrar um pingo de diversão.

– Foi uma brincadeira – explicou Anna.

Mas ele a ignorou.

– A maioria dos Alfas faz seus membros darem 10% de seus rendimentos para o bem da alcateia, especialmente quando ela é nova. O dinheiro é usado, por exemplo, para assegurar que haja uma casa segura. Entretanto, quando a alcateia está firmemente estabelecida, a necessidade de dinheiro diminui. A alcateia de meu pai está estabelecida há muito tempo – não há necessidade de dízimo porque somos os proprietários da terra onde vivemos e há investimentos suficientes para o futuro. Leo está aqui há trinta anos: tempo suficiente para estar bem estabelecido. Nunca ouvi falar em uma alcateia que exigisse 40% de seus membros – o que me leva a crer que a alcateia de Leo está com dificuldades financeiras. Ele vendeu aquele jovem sobre o qual você comentou com meu pai e vários outros como ele, para alguém que estava usando-os para desenvolver uma forma de fazer drogas funcionarem em nós tão bem como funcionam em seres humanos. Ele precisou matar vários humanos para obter um único sobrevivente lobisomem.

Ela pensou nas implicações.

– Quem queria as drogas?

– Saberei quando Leo me disser para quem ele vendeu o garoto.

– Então por que ele não me vendeu? – disse Anna, que sabia não ter muito valor para a alcateia.

Charles se recostou na cadeira.

– Se um Alfa vendesse um membro de sua alcateia, ele teria uma rebelião em mãos. Além disso, Leo teve muito trabalho para conseguir você. Nenhum membro da alcateia foi morto ou desapareceu desde que você se tornou um membro dela.

Não era uma pergunta, mas ela respondeu de qualquer forma.

– Isso mesmo.

– Acho que você talvez seja a chave para o mistério de Leo.

Ela não conseguiu se segurar e soltou um ruído de escárnio.

– Eu? Leo precisava de um novo capacho?

Ele se inclinou subitamente, derrubando sua cadeira ao arrancar Anna do seu assento e a colocar em pé. Ela achava que tinha se acostumado com a velocidade e força dos lobos, mas ele tirou seu fôlego.

Enquanto ela permanecia em pé e em choque, ele andou à sua volta, até ficar novamente à sua frente e beijá-la, um longo, misterioso, profundo beijo que a deixou sem fôlego por uma razão totalmente diferente.

– Leo a encontrou e decidiu que precisava de você – disse-lhe Charles. – Ele mandou Justin atrás de você porque qualquer um dos outros lobos saberia o que você é. Mesmo antes de sua Transformação, eles saberiam. Então ele enviou um lobo semienlouquecido, porque qualquer outro teria sido incapaz de atacar você.

Magoada, Anna se afastou dele. Charles a tratava como se fosse especial, mas Anna sabia que ele estava mentindo. Ele parecia estar dizendo a verdade, mas ela não era nenhum prêmio. Ela não era nada. Por três anos, tinha sido nada. Charles tinha feito Anna sentir-se especial hoje, mas ela sabia a verdade.

As mãos dele, quando pousaram em seus ombros, eram duras, e era impossível resistir a elas.

– Deixe-me contar-lhe algo sobre lobos Ômegas, Anna. *Olhe* para mim.

Anna piscou para evitar que as lágrimas corressem e, incapaz de resistir ao seu comando, ergueu os olhos para olhar Charles fixamente.

– São quase únicos... – disse ele, e deu-lhe uma leve chacoalhada. – Trabalho com números e porcentagens o tempo todo, Anna. Posso não ser capaz de calcular a probabilidade com

exatidão, mas posso assegurar-lhe que as chances de Justin ter escolhido você para Transformá-la por puro acaso são quase infinitesimais. Nenhum lobisomem, agindo somente por instinto, atacaria um Ômega. E Justin me parece ser um lobo que age basicamente por instinto e nada mais.

– Por quê? Por que ele não teria me atacado? E o que é um Ômega?

Essa evidentemente era a pergunta certa, pois fez Charles ficar imóvel e sua agitação desaparecer.

– Você é um Ômega, Anna. Aposto que quando você entra em uma sala, as pessoas vêm até você. Aposto que estranhos contam coisas a você que eles não diriam às suas próprias mães.

Incrédula, ela olhou para ele.

– Você viu Justin essa manhã. Ele lhe pareceu calmo?

– Sim, eu vi Justin – concordou ele lentamente. – E acho que em qualquer outra alcateia ele teria sido morto logo após ter sido Transformado, porque o seu controle não é bom o suficiente. Não sei por que ele não foi morto. Mas acho que você permite que ele controle o lobo dele – e ele a odeia por isso... Você não deveria ocupar a última posição em sua alcateia.

As mãos dele deslizaram pelos ombros dela até que ele tomou suas mãos. Estranhamente, o gesto parecia mais íntimo do que fora o beijo.

– O lobo Ômega é como o curandeiro índio, está fora da hierarquia normal. Eles precisaram lhe ensinar a baixar os olhos, não foi? Para lobos submissos, isso é instintivo, mas para conseguir isso com você, tiveram de te espancar até a submissão.

– Você traz paz a todos ao seu redor, Anna – disse ele com fervor, os olhos fixos nos dela. – Um lobisomem, especialmente um lobisomem dominante, está sempre à beira de cometer violência. Depois de ficar fechado em um avião com pessoas demais durante horas e horas, eu cheguei ao aeroporto querendo derramar sangue,

como um drogado deseja uma nova dose. Mas quando você chegou perto de mim, a raiva, a fome, desapareceram.

Ele apertou as mãos dela.

– Você é uma dádiva, Anna. Um lobo Ômega na alcateia significa que mais lobos sobreviverão à Transformação de humano para lobo, porque eles podem obter controle mais facilmente com você ali. Significa que perdemos menos machos em lutas estúpidas por dominância, porque um Ômega traz tranquilidade a todos em volta dele. Ou dela.

Mas havia um furo no argumento dele.

– Então o que aconteceu mais cedo, quando você quase se Transformou por estar tão zangado?

Quando Anna disse isso, algo aconteceu ao rosto de Charles. Era uma emoção que ela não soube identificar pelo fato de não conhecê-lo tão bem ainda, mas pôde perceber que era uma emoção forte.

Quando ele falou, foi com visível esforço, como se sua garganta estivesse apertada:

– A maioria dos lobisomens acha alguém para amar, casa-se e assim os dois passam um longo tempo juntos até que a metade-lobo aceite a outra como companheira.

Ele abaixou os olhos e virou-se, andando até o outro lado da sala e voltando as costas a ela.

Sem o calor do corpo dele, Anna se sentia com frio e sozinha. Assustada.

– Algumas vezes não acontece assim – disse Charles, voltado para a parede. – Vamos parar por aqui, Anna. Você já passou por muita coisa, não precisa disso.

– Estou tão cansada da minha ignorância – gritou ela, subitamente muito brava. – Você mudou tudo a meu respeito, então você *deve* me dizer que droga são essas novas regras!

Tão abruptamente quanto veio, a raiva foi embora, deixando-a trêmula e à beira das lágrimas.

Charles se virou e seus olhos haviam ficado dourados, refletindo a luz baça da sala até brilharem:

– Está bem. Você deveria ter ignorado, mas quer a verdade.

A voz dele soava como um trovão, embora não fosse tão alta.

– Meu irmão-lobo tomou você como companheira. Se você não significasse *nada* para mim, eu nunca permitiria tal abuso, considerando tudo o que você sofreu desde a sua Transformação. Mas você é minha, e pensar em você ferida, sem ser capaz de fazer nada para ajudar, é uma cólera que nem mesmo um lobo Ômega pode acalmar.

Ora, vejam só, pensou Anna estupefata. Ela sabia que Charles estava interessado nela, mas concluíra que havia sido uma coisa casual. Leo era o único lobo que ela conhecia que tinha uma companheira. Anna não conhecia as regras. O que Charles queria dizer com “meu irmão-lobo tomou você como companheira”? Ela tinha escolha na questão? A maneira como ele a excitava sem precisar se esforçar, a maneira como ele a fazia sentir-se – como se ela o tivesse conhecido toda sua vida, e quisesse acordar ao lado dele pelo resto da vida, embora, na verdade, o conhecesse há apenas algumas horas – isso era culpa dele?

– Se você permitisse – disse ele –, eu a teria cortejado gentilmente e conquistado seu coração.

Charles fechou os olhos.

– Não tive a intenção de assustá-la.

Anna deveria estar assustada. Ao invés disso, ela se sentiu calma, muito calma, como se estivesse no olho de um furacão de emoções.

– Eu não gosto de sexo – disse-lhe Anna, porque lhe pareceu que era algo que Charles deveria saber, considerando as circunstâncias.

Charles engoliu em seco e abriu os olhos, que passaram de uma cor brilhante para uma cor escura e mais humana enquanto Anna o observava.

– Eu já não gostava muito antes da Transformação – disse-lhe Anna de forma simples. – E depois de ser passada de mão em mão como uma prostituta por um ano, até que Isabelle colocasse um ponto final nisso, eu gosto menos ainda.

A boca dele enrijeceu, mas ele não disse nada, então Anna continuou.

– E eu não serei forçada. Nunca mais.

Anna puxou as mangas da camisa para cima e mostrou a ele as longas cicatrizes no lado inferior dos braços, dos pulsos aos cotovelos. Ela mesmo havia se ferido com uma faca de prata, e caso Isabelle não a tivesse encontrado, Anna teria se matado.

– É por isso que Isabelle fez Leo parar de me obrigar a dormir com todo macho que o deixasse satisfeito o suficiente. Ela me encontrou e me manteve viva. Depois disso comprei um revólver e balas de prata.

Ele rosnou baixo, mas não para ela, disso tinha quase certeza.

– Não estou ameaçando me matar. Mas você precisa saber disso sobre mim porque, se você deseja ser meu companheiro, eu não serei como Leo. Não deixarei você ir para a cama por aí com qualquer uma. Também não serei forçada. Já aguentei o suficiente. Se isso fizer de mim uma grande egoísta, que seja. Mas, se eu for sua, você terá que ser meu *de verdade*!

– Uma grande egoísta? – disse Charles, deixando escapar um jato de ar pela boca que poderia ter sido uma meia-risada. Ele fechou os olhos novamente e disse em um tom de voz mais razoável:

– Se Leo sobreviver hoje à noite, ficarei surpreso. Se eu sobreviver a você, ficarei igualmente surpreso.

Depois que disse isso, ele olhou para Anna:

– E nada mais me surpreende.

Charles voltou para a mesa e colocou sua cadeira no lugar quando passou por Anna. Ele parou em sua frente e tocou seu queixo com gentileza, e então riu. Ainda sorrindo, colocou uma mecha dos cabelos de Anna atrás de sua orelha.

– Prometo que você vai gostar de sexo comigo – murmurou ele.

De alguma maneira, ela conseguiu aprumar-se novamente. Ainda não estava pronta para derreter-se aos pés dele – ainda.

– Isabelle disse que você é um bom amante.

Ele riu de novo.

– Você não precisa ficar com ciúmes. Sexo com Isabelle não significou muito mais para mim do que uma boa coçada na barriga, e ainda menos para ela, eu acho. Nada que valesse a pena repetir para ambos.

Havia murmúrios de sons fora da sala e ele pegou a mão de Anna.

– Hora de ir embora.

Charles elogiou educadamente a refeição ao entregar o cartão de crédito a um homem jovem que o chamou de “senhor” e que cheirava a lobisomem. *O dono do restaurante*, Anna supôs.

– Então, onde você gostaria de ir agora? – perguntou ela, ao pisar na calçada cheia de gente.

Ele vestiu a jaqueta durante o resto do percurso e desviou de uma mulher que carregava uma valise de couro.

– Algum lugar com menos gente.

– Podíamos ir ao zoológico – sugeriu ela. – Nessa época do ano é bastante deserto, mesmo com as crianças fora da escola devido ao feriado de Ação de Graças.

Charles virou a cabeça e começou a falar, quando algo em uma vitrine chamou sua atenção. Imediatamente Charles agarrou Anna e jogou-a no chão, caindo sobre ela. Houve um barulho alto, como um

cano de escapamento, e depois de ter um pequeno espasmo, Charles ficou imóvel sobre ela.

TRÊS

Já fazia muito tempo que Charles não levava um tiro, mas a sensação de queimadura da bala de prata ainda lhe era familiar. Ele não tinha sido rápido o suficiente, e a multidão de pessoas ao seu redor havia impedido que ele fosse atrás do carro que havia partido assim que o tiro fora disparado. Ele não tinha nem mesmo conseguido dar uma boa olhada no atirador; conseguiu apenas uma impressão.

– Charles? – debaixo dele, os olhos de Anna estavam negros com o choque. Ela deu batidinhas nos seus ombros. – Alguém estava atirando contra nós? Você está bem?

– Sim – disse ele, embora não pudesse realmente avaliar o estrago até se mover, o que Charles realmente não queria fazer.

– Fique onde você está até que eu possa dar uma olhada – disse uma voz firme. – Sou um paramédico.

O comando na voz do paramédico forçou Charles a se mover – ele não recebia ordens de ninguém a não ser seu pai. Ele saiu de cima de Anna, ficando em pé, e então se curvou e agarrou sua mão para ajudá-la a levantar-se da calçada congelada.

– Com os diabos, homem, você está sangrando. Não seja estúpido – falou secamente o estranho. – Sente-se.

Ter levado um tiro havia enraivecido o lobo nele, e Charles virou-se para rosnar para o paramédico, um homem de meia-idade com um ar competente, cabelo cor-de-areia e um bigode ruivo que estava ficando grisalho.

Então Anna apertou a mão dele, que ela ainda segurava, e agradeceu o paramédico, dizendo a Charles:

– Deixa ele dar uma olhada.

Depois disso, ele conseguiu se segurar, mas não evitou um rosnado baixo quando o estranho deu uma olhada em seu ferimento: nunca se deve demonstrar fraqueza a um possível inimigo. Charles se sentia exposto demais na calçada, muitas pessoas estavam olhando – eles tinham uma grande plateia.

– Ignore-o – disse Anna ao paramédico. – Ele fica rabugento quando está ferido.

George, o lobisomem que era o dono do restaurante, trouxe uma cadeira para que ele se sentasse. Alguém havia chamado a polícia; dois carros vieram, seguidos por uma ambulância, e as luzes piscantes e sirenes perturbavam seus ouvidos.

A bala havia atravessado sua pele e uma fina camada de músculo, atravessando a parte de trás de sua escápula, sem causar muito estrago, conforme lhe disseram. Perguntaram a Charles se ele tinha inimigos, e foi Anna quem lhes disse que ele havia acabado de chegar de Montana, e que esse deveria ser apenas um caso de bala perdida, embora ali não fosse o tipo de bairro comum para esse tipo de crime.

Se o policial tivesse nariz de lobisomem, nunca teria acreditado nessa mentira. Entretanto, era um policial experiente, e a resposta de Anna o deixou pouco à vontade. Mas quando Charles mostrou-lhe a carteira de motorista com o endereço de Montana, o policial relaxou.

A presença de Anna permitiu a Charles submeter-se à limpeza, aos curativos e às perguntas, mas nada o faria ser enfiado em uma ambulância e ser arrastado até um hospital, muito embora ferimentos feitos por balas de prata cicatrizassem com lentidão humana. Charles ainda sentia a dor quente da prata à medida que a bala penetrava em seus músculos.

Enquanto Charles permanecia sentado, suportando o toque de mãos de estranhos e lutando para não perder o controle, não conseguia tirar a imagem do atirador de sua cabeça. Quando ele

olhou para a vitrine antes do disparo, viu o reflexo da arma e o rosto do atirador (enrolado em um cachecol); percebeu também que ele usava óculos escuros. Isso não foi o suficiente para identificar o atirador, houve somente um vislumbre – mas ele podia jurar que o homem não olhava para ele quando seu dedo enluvado puxou o gatilho. Ele estava olhando para Anna.

O que, aliás, não fazia muito sentido. Por que alguém estaria tentando matar Anna?

Eles decidiram não ir ao zoológico.

Enquanto ele usava o banheiro do restaurante para se limpar, George conseguiu uma jaqueta para cobrir o curativo, para que Charles não tivesse de anunciar sua fraqueza para todos que o vissem. Dessa vez Anna não objetou quando ele lhe pediu para chamar um táxi.

O telefone dele tocou a caminho do apartamento de Anna, mas Charles o silenciou sem olhar para o aparelho. Poderia ser seu pai, Bran, que tinha um talento incrível para saber quando ele havia sido ferido. Mas ele não tinha nenhuma vontade de falar com o Marrok sabendo que o motorista do táxi conseguiria ouvir cada palavra. Era mais provável que fosse Jaimie. George havia ligado para seu Alfa assim que Charles fora alvejado. Em qualquer caso, ambos teriam de esperar até que ele estivesse em algum lugar mais reservado.

Charles fez Anna esperar no táxi, enquanto ia até seu apartamento dar uma boa olhada. Ninguém os seguira desde o Loop, mas os agressores mais prováveis eram o grupo de Leo – e todos eles sabiam onde Anna morava. Charles não havia reconhecido o atirador, mas também não conhecia todos os lobos de Chicago.

Anna estava se mostrando paciente com ele. Ela não reclamou de ter que esperar, mas o motorista do táxi olhou para Charles como se ele fosse louco.

A paciência de Anna ajudou-o com o seu controle – que estava mais instável do que estivera em um longo tempo. Ele imaginou como estaria se comportando se sua Anna não fosse um Ômega, cujo efeito tranquilizante era quase bom o suficiente para suplantar a raiva protetora despertada pelo ataque à vida de Anna. A dolorosa sensação de queimadura nos ombros, que sempre piorava por um tempo, devido aos ferimentos causados pela prata, não ajudava a abrandar seu temperamento, nem mesmo o fato de saber que sua capacidade de lutar estava diminuída acalmava-o.

Alguém estava tentando matar Anna. Não fazia sentido, mas em algum lugar, durante a viagem de volta à Oak Park, ele havia aceitado o fato.

Satisfeito com a ausência de ameaça imediata dentro ou ao redor do prédio, ele estendeu a mão para ajudar Anna a sair do táxi e pagou a corrida, enquanto seus olhos rastreavam os arredores, procurando qualquer coisa fora do lugar. Mas não havia nada.

Ao passarem pela porta de entrada do prédio, um homem que estava pegando a correspondência cumprimentou Anna. Eles trocaram uma frase ou duas, mas após dar uma olhada no rosto de Charles, ela começou a subir as escadas.

Charles não conseguiu entender uma palavra do que ela havia dito, o que era um sinal muito ruim. Com o rosto carrancudo, ele a seguiu até as escadas, os ombros pulsando com os seus batimentos cardíacos. Charles flexionou os dedos quando ela abriu a porta, e suas juntas doíam com a necessidade de Transformar-se, mas ele precariamente conseguiu se segurar. Se ele estava assim tão mal na forma humana, o lobo estaria no controle caso ele realmente se Transformasse.

Charles se sentou no *futon* e observou Anna abrir a geladeira e depois o congelador. Finalmente, ela tirou uma frigideira das profundezas de um armário e saiu com uma grande lata nas mãos.

Anna abriu a lata e despejou o nada apetitoso conteúdo em uma panela que colocou sobre o fogão.

Depois, Anna se ajoelhou no chão, na frente de Charles. Ela tocou sua face e disse muito claramente:

– Transforme-se – dizendo também mais algumas coisas que roçaram suas orelhas como o voo de borboletas.

Charles fechou os olhos, encostado a ela.

Havia alguma razão urgente para não se Transformar, mas ele havia esquecido enquanto estivera observando-a.

– Você tem cinco horas até o encontro – disse Anna lentamente; sua voz fazia mais sentido enquanto os seus olhos estavam fechados.

– Se você puder se Transformar no lobo e então de volta para humano, isso irá ajudá-lo a cicatrizar.

– Eu não tenho o controle – disse-lhe Charles. Era isso. Era essa a razão.

– O ferimento não é o problema – é a prata. Minha Transformação será perigosa demais para você. Não posso.

Houve uma pausa, e então ela disse:

– Se eu sou sua companheira, seu lobo não irá me machucar, e não vai importar se você não estiver totalmente no controle, certo?

Sua voz soava mais como uma esperança do que como uma certeza, e Charles não conseguia pensar de forma clara o suficiente para saber se ela estava correta.

Dominantes custavam a acatar sugestões de lobos inferiores, então ela deixou Charles resolver o que fazer por si só, enquanto mexia o cozido de carne para evitar que queimasse. Não que ao queimar o gosto ficasse pior. Anna havia comprado aquela lata de carne em uma oferta especial seis meses antes, e nunca teve fome o suficiente para comer o conteúdo. Mas ali tinha proteína, da qual

Charles precisava após ter sido ferido, e essa era a única carne na casa.

O ferimento ainda lhe parecia doloroso, mas não intratável, e nenhum dos paramédicos parecera seriamente preocupado.

Anna pegou a bala de metal do bolso de seu jeans e sentiu a prata queimando sua pele. Enquanto o paramédico trabalhava em suas costas, Charles atraiu sua atenção e olhou para o pequeno projétil sangrento na calçada; seguindo uma ordem silenciosa, Anna colocou a bala no bolso.

A bala agora estava na bancada. A prata não era um bom sinal; significava que aquilo não tinha sido um tiroteio ao acaso. Ela não viu quem foi que atirou, mas só restava concluir que havia sido um membro de sua alcateia, provavelmente Justin.

Ferimentos à prata não cicatrizavam em minutos ou horas, e Charles teria de ir à casa de Leo ainda ferido.

De repente, Anna ouviu o barulho de unhas no chão de madeira, e o lobo cor-de-raposa, a contraparte de Charles, veio até ela e desabou no chão, perto o suficiente para descansar a cabeça em cima de um dos seus pés. Havia pequenos retalhos de tecido rasgado aqui e ali no corpo dele, e uma olhada ao *futon* mostrou a Anna que Charles não havia se dado ao trabalho de tirar as roupas, e os curativos também não haviam sobrevivido à Transformação. O corte que atravessava sua escápula era profundo, e dele corria sangue.

Porém, Charles parecia mais esgotado do que selvagem e esfaimado, e então ela concluiu não ser justificado o temor de Charles; um lobisomem fora de controle, de acordo com a experiência dela, estaria rosnando e andando para lá e para cá, não deitado calmamente aos pés dela.

Ele comeu um pouco e parou depois do primeiro bocado.

– Eu sei – disse Anna, se desculpando –, não é alta gastronomia. Eu poderia ir ao andar de baixo para ver se Kara tem alguns bifes

ou um pedaço de carne.

Ele voltou a comer, mas Anna sabia, baseada em sua própria experiência com ferimentos, que ele estaria melhor se comesse mais carne. Kara não estava em casa, mas Anna tinha uma chave, e sabia que a vizinha não se importaria se ela pegasse um pedaço de carne – contanto que repusesse depois.

Charles parecia estar absorvido em sua refeição, e assim Anna se dirigiu à porta. Porém, antes que chegasse à metade do caminho, Charles havia abandonado a comida e a seguira, andando aos seus pés. Ela sabia que Charles sentia dor ao se mover, mas não tinha certeza como percebia isso, já que ele não estava visivelmente mancando, nem se movendo lentamente.

– Você precisa ficar aqui – disse-lhe. – Eu já volto.

Mas quando Anna tentou abrir a porta, ele se colocou na frente dela.

– Charles – disse ela, mas viu os olhos dele e engoliu em seco. Não havia sobrado nada de Charles nos olhos amarelos do lobo.

Sair do apartamento não era uma opção.

Anna voltou à cozinha e parou ao lado da tigela de comida que havia deixado para Charles. Ele ficou parado perto da porta por um momento antes de segui-la. Quando ele terminou de comer, Anna se sentou no *futon*. Ele veio até o seu lado, colocou a cabeça em seu colo e fechou os olhos com um suspiro profundo.

Depois, o irmão-lobo de Charles abriu um olho e então o fechou novamente. Anna correu os dedos pela sua pelagem, cuidadosamente evitando o ferimento.

Eles eram mesmo companheiros? Anna achava que não. Algo assim precisaria de uma cerimônia mais formal... Ela não havia realmente dito a ele que o aceitava – da mesma forma que Charles não lhe pedira isso.

Ainda assim... ela fechou os olhos e deixou o cheiro dele fluir através dela, e sua mão fechou-se possessivamente sobre um

punhado de pelos. Quando abriu os olhos, viu-se olhando para os claros olhos dourados dele.

De repente, o celular de Charles tocou em algum lugar do chão; Anna estendeu a mão, puxou o que sobrara das calças dele, tirou o celular de lá e verificou o número. Ela virou o telefone para Charles, mostrando-lhe o display.

– Aqui diz *Pai* – disse-lhe ela. Mas evidentemente o lobo ainda estava no controle, pois Charles nem sequer olhou para o telefone.

– Acho que você pode ligar de volta quando estiver melhor.

Ela esperava que isso acontecesse logo. Mesmo com o envenenamento por prata, ele deveria estar melhor em algumas horas – assim ela esperava.

O telefone parou de tocar por um instante, e então começou de novo. Tocou três vezes e parou, e depois mais três vezes, parando novamente. Quando tocou outra vez, ela atendeu.

– Alô?

– Ele está bem?

Anna se lembrou do lobisomem que havia trazido uma cadeira para Charles sentar-se enquanto o paramédico tratava de seu ferimento. Provavelmente, ele devia ter ligado para o Marrok.

– Acho que sim. O ferimento não foi tão feio, é um corte profundo que atravessa a escápula, mas a bala era de prata e parece que ele não está tendo uma boa reação.

Houve uma pequena pausa.

– Posso falar com ele?

– Ele está em sua forma de lobo – disse ela –, mas está ouvindo você nesse momento.

Uma das orelhas dele estava virada para o telefone.

– Você precisa de ajuda com Charles? A reação dele à prata pode ser um pouco extrema.

– Não. Ele não está causando nenhum problema.

– Prata deixa o lobo de Charles descontrolado – disse o Marrok suavemente. – Mas ele não está causando nenhum problema? Por que será?

Ela nunca havia encontrado o Marrok, mas não era tola. Aquela suavidade era perigosa. Será que ele estava achando que Anna tinha alguma coisa a ver com o fato de Charles ter levado um tiro, e que agora o mantinha como prisioneiro? Ela tentou responder à pergunta, a despeito do possível embaraço.

– Hummm... Charles acha que o lobo dele me escolheu como companheira.

– Em menos de 24 horas?

Pareceu realmente uma tolice quando ele colocou as coisas daquela maneira.

– Sim.

Anna tentou, mas não conseguiu manter o tom de incerteza longe de sua voz, embora isso perturbasse Charles. Ele ficou em pé e rosnou suavemente.

– Charles também disse que eu sou um lobo Ômega – disse Anna ao pai de Charles. – Isso pode ter algo a ver também.

O silêncio estendeu-se e ela começou a pensar que havia perdido a conexão do celular. Então o Marrok riu suavemente.

– Ah, o irmão dele vai provocá-lo sem piedade por causa disso. Por que você não me conta tudo o que aconteceu? Comece quando você encontrou Charles no aeroporto.

As juntas dos dedos de Anna estavam brancas ao redor do volante, mas Charles não estava com disposição para acalmar seus medos.

Charles até tentou deixá-la para trás, pois não queria Anna no meio de uma provável luta naquela noite. Ele não a queria ferida – e

não queria que ela o visse no papel que fora escolhido para ele há tanto tempo.

– Eu sei onde Leo mora – dissera-lhe Anna. – Se você não me levar com você, eu pegarei um táxi e o seguirei. Você não vai até lá sozinho. Você ainda tem o cheiro de seus ferimentos – e eles tomarão isso como um sinal de fraqueza.

A verdade das palavras de Anna quase o fizeram ser cruel. Estivera na ponta de sua língua perguntar como ela – uma fêmea Ômega – achava que poderia ajudá-lo, mas seu irmão-lobo havia congelado sua língua. Ela já fora machucada o suficiente, e o lobo não mais permitiria que isso acontecesse. Pelo que Charles se lembrava, essa foi a única vez em que o lobo é quem controlou sua metade humana, e não o contrário. As palavras teriam sido erradas também. Ele se lembrava de Anna segurando o rolo de macarrão de mármore. Anna podia não ser agressiva, mas havia um limite para o que podia aguentar.

Charles se viu humildemente concordando com a companhia dela, embora à medida que chegavam perto da casa de Leo, em Naperville, seu arrependimento fazia a presença de Anna ser indesejável.

– A casa de Leo fica em uma propriedade de sessenta mil metros quadrados – disse-lhe Anna. – Isso é grande o suficiente para a alcateia caçar, mas ainda assim precisamos ser bastante silenciosos.

A voz dela estava tensa. Charles achou que ela estava tentando conversar para manter a ansiedade sob controle. Zangado como estava, viu-se forçado a ajudá-la.

– É difícil caçar em cidades grandes – concordou.

Então, para conferir a reação dela, já que eles nunca tinham tido a oportunidade de terminar a discussão sobre o que ela significava para Charles, ele disse:

– Levarei você a uma verdadeira caçada em Montana. Você nunca mais vai querer morar perto de uma cidade grande. Geralmente caçamos cervos ou veados-campeiros, mas a população de alces está alta o suficiente para que os cacemos às vezes também. Alces são um verdadeiro desafio.

– Acho que prefiro me limitar aos coelhos, se você não se importa – disse ela. Na maioria das vezes, eu fico atrás na caçada – disse-lhe, dando um pequeno sorriso. – Acho que vi *Bambi* vezes demais.

Charles riu. Sim, ele iria ficar com ela. Anna estava desistindo sem lutar. Um desafio talvez – veio à sua mente o momento em que Anna lhe contou que não estava muito interessada em sexo –, mas não uma luta.

– Caçar é parte de quem somos. Não somos gatos para prolongar o ato de matar, e os animais que caçamos precisam ter seu número diminuído para manter os rebanhos fortes e saudáveis. Mas se isso lhe incomoda, você pode ficar para trás na caçada em Montana, sem problemas. Ainda assim, você vai gostar da corrida.

Anna dirigiu o carro até parar em frente a um portão de cedro acinzentado que exibia um dispositivo de alarme com um teclado numérico e digitou quatro números. Após uma pausa, a corrente na parte superior do portão começou a se mover e o portão deslizou ao longo da parede.

Charles já estivera ali duas vezes. A primeira vez foi há mais de um século, e nessa época a casa era pouco mais do que uma cabana. A propriedade tinha duzentos mil metros quadrados de terreno naquela época, e o Alfa era um pequeno irlandês católico chamado Willie O'Shaughnessy, que se entendia surpreendentemente bem com seus vizinhos – em sua maioria, alemães luteranos. A segunda vez tinha sido no início do século XX, para o funeral de Willie. Ele era velho, quase tão velho quanto o Marrok. Havia uma espécie de loucura que às vezes acometia aqueles que viviam por muito tempo, e quando os primeiros

sintomas haviam se manifestado em Willie, ele parou de comer – uma exibição da força de vontade que o tornara um Alfa. Charles lembrou-se do pesar de seu pai com a morte de Willie. Charles e seu irmão Samuel ficaram preocupados por vários meses, pois achavam que seu pai poderia imitar Willie.

A casa de Willie e as terras haviam passado para o próximo Alfa, um lobisomem alemão casado com a filha de O'Shaughnessy. Charles não conseguia lembrar-se do que havia acontecido com ele, nem mesmo de seu nome. Houvera vários Alfas aqui depois dele, até Leo tomar o comando.

Willie e alguns excelentes construtores alemães haviam construído a casa utilizando uma técnica que seria proibitivamente cara agora. Várias das janelas estavam mais grossas com a idade. Ele se lembrava de quando aquelas janelas eram novas.

Charles detestava ser lembrado de sua idade.

Anna desligou o motor e começou a abrir a porta, mas ele a impediu.

– Espere um minuto.

Seus aguçados instintos, um dos dons herdados de sua mãe, lhe passavam uma sensação de desconforto, e Charles havia aprendido a prestar atenção a esses sinais. Ele olhou para Anna e franziu a testa, em uma expressão ameaçadora – ela era vulnerável demais. Se algo acontecesse a ele, eles a destroçariam.

– Preciso que você se transforme – disse-lhe Charles. Algo dentro dele relaxou: ele estava certo. – Se algo me acontecer, quero que você corra como nunca correu antes, vá para algum lugar seguro, ligue para meu pai e diga a ele para tirar você daqui.

Ela hesitou.

Não era da natureza de Charles dar explicações. Como um lobo dominante na alcateia de seu pai, ele raramente precisava fazer isso. Por ela, entretanto, ele faria um esforço.

– Será necessário que você esteja na forma de lobo ao entrarmos lá – disse ele, um pouco impaciente e dando de ombros. – Aprendi a confiar em meus instintos.

– Está bem.

Anna demorou um pouco. Charles teve tempo de abrir seu caderno e olhar para a lista dela. Ele havia dito a Justin que Leo poderia levar consigo Isabelle mais seus cinco primeiros em comando na reunião. De acordo com a lista de Anna, além de Isabelle, dentre aqueles seis, apenas Boyd estava na lista de nomes que seu pai havia lhe entregado. Se Justin era o segundo em comando, então não havia outro lobo além de Leo que pudesse representar uma ameaça para ele.

A dor de seu ferimento refutou esse pensamento, e então Charles se corrigiu. Não havia nenhum entre eles que pudesse vencê-lo em uma luta justa.

Anna terminou sua transformação e sentou-se ofegando pesadamente no lado do passageiro. *Ela é linda*, Charles pensou. Negra como carvão, com uma mancha branca sobre o focinho. Ela era pequena para um lobisomem, mas ainda assim muito maior do que um pastor alemão. Os olhos dela eram azuis, muito claros, o que era estranho, pois seus olhos humanos eram castanhos.

– Você está pronta? – perguntou a ela.

Anna gemeu ao se erguer, e suas unhas deixaram marcas de furos no assento de couro. Ela se chacoalhou uma vez, como se estivesse molhada, e então assentiu com a cabeça.

Charles não viu ninguém observando os dois pelas janelas, mas havia uma pequena câmera de vigilância, habilidosamente embutida em um enfeite de madeira na varanda. Ele saiu do carro, assegurando-se de não demonstrar nenhum sinal da dor que estava sentindo.

Charles havia dado uma boa olhada no ferimento quando esteve no banheiro do apartamento de Anna, e achou que ele não

diminuiria sua velocidade de forma considerável, agora que o pior do envenenamento por prata havia passado. Ele considerou agir como se estivesse mais machucado do que realmente estava – e realmente teria feito isso, se tivesse certeza de que Leo era responsável por todas as mortes. Agir como se estivesse mais ferido do que realmente estava poderia levar Leo a atacá-lo – e Charles não tinha a intenção de matá-lo até que soubesse exatamente o que estava acontecendo.

Ele manteve a porta do carro aberta até Anna pular do carro, então a fechou e caminhou ao lado dela até a casa. Ele não se deu ao trabalho de bater na porta; essa não era uma visita amigável.

A casa tinha mudado muito por dentro. O revestimento escuro havia sido descolorido até ficar claro, e luzes elétricas haviam substituído os velhos candelabros a gás. Anna caminhava ao lado dele, mas Charles não precisava ser guiado por ela até o salão formal, pois esse era o único cômodo com pessoas.

Tudo o mais na casa podia ter mudado, mas eles haviam deixado o orgulho e a alegria de Willie intacto: a enorme lareira de granito esculpida à mão ainda dominava o salão. Isabelle, que gostava de ser o centro das atenções, estava empoleirada na abóbada de cerejeira polida que ficava sobre a lareira. Leo estava posicionado bem na frente dela. Justin estava à sua esquerda. Boyd estava à sua direita. Os outros três homens, cuja presença Charles havia permitido, estavam sentados em delicadas cadeiras vitorianas. Todos eles, exceto Leo, estavam vestidos em ternos escuros, tipo risca-de-giz. Leo não usava nada a não ser um par de calças pretas, mostrando seu bronzeado e sua excelente forma física.

O efeito dessa ameaça conjugada era um pouco suprimido pelo tom roxo-rosado do estofamento e das paredes – e por Isabelle, que estava vestida em jeans e uma meia-camisa da mesma cor.

Charles deu dois passos e parou. Anna comprimiu-se contra suas pernas, não o suficiente para desequilibrá-lo, mas só o suficiente

para lembrá-lo de que ela estava ali.

Ninguém falou, porque Charles é quem deveria ser o primeiro a quebrar o silêncio. Ele respirou profundamente e manteve a respiração suspensa por alguns segundos, aguardando até que seus sentidos lhe dissessem algo. De sua mãe, Charles havia herdado mais que a cor da pele e as feições, e também mais que a habilidade de se transformar mais rápido do que outros lobisomens. Ela lhe deixou a capacidade de *enxergar*. Não com os olhos, mas com todo seu espírito.

E realmente havia algo doente na alcateia de Leo; ele podia sentir a incorreção que emanava disso.

Ele olhou para os olhos claros de Leo, da cor do céu, e não viu nada que não tivesse visto antes. Nenhum traço de loucura. Não era ele, então, mas alguém da alcateia.

Depois, Charles olhou também para os outros três lobos que ainda não havia encontrado – e viu o que Anna queria dizer quando mencionou a beleza física. Leo não era feio, com suas feições de *viking* dinamarquês, mas era um guerreiro e parecia-se com um guerreiro. Boyd tinha um nariz longo, e seu corte militar fazia suas orelhas parecerem mais compridas do que realmente eram.

Todos os lobos que Charles não conhecia pareciam modelos de *smoking* em lojas de aluguel de roupas. Esguios e provocantes, sem carne suficiente para marcar as linhas de um casaco. Apesar das diferenças de tom de pele e cabelos, havia certa similaridade entre eles. Isabelle colocou os pés nus sobre a abóbada da lareira, junto com o resto de seu corpo, e deu um longo suspiro.

Charles ignorou a impaciência dela; agora, ela não era importante – ao contrário de Leo.

Charles encarou o Alfa e disse:

– O Marrok enviou-me aqui para perguntar a você por que vendeu seu filho como escravo.

Claramente, essa não era a pergunta que Leo esperava. Isabelle havia pensado que a reunião era sobre Anna, e Charles não fizera nada para tirá-la do seu erro. Mesmo assim, eles também teriam de lidar com o problema de Anna, mas a pergunta de seu pai era um ponto de partida melhor, porque era inesperada.

– Não tenho filhos – disse Leo.

Charles sacudiu a cabeça.

– Todos os seus lobos são seus filhos, Leo, você sabe disso. Eles são seus para amar e alimentar, guardar e proteger, guiar e ensinar. Você vendeu um jovem chamado Alan Mackenzie Frazier. Para quem e por quê?

– Ele não era da alcateia – disse Leo, abrindo os braços com as palmas voltadas para fora. – É caro manter tantos lobos felizes aqui na cidade. Eu precisava do dinheiro. Ficarei feliz em lhe dar o nome do comprador, embora ache que ele seja apenas um atravessador.

Verdade. Tudo verdade. Mas Leo estava sendo muito cuidadoso com a forma de escolher as palavras para suas respostas.

– Meu pai gostaria de saber o nome e o método que você usou para entrar em contato com ele.

Leo assentiu para um dos homens atraentes, que passou por Charles com os olhos no chão, embora parasse por um momento para olhar malevolamente para Anna. Ela achatou as orelhas contra o crânio e rosnou para ele.

Ele foi uma má influência para ela, pensou Charles friamente.

– Há algo mais que possa fazer para ajudá-lo? – perguntou Leo educadamente.

Todos os lobos de Leo haviam utilizado o truque de Isabelle com o perfume, mas Charles tinha um nariz afiado e Leo estava... triste.

– Você não atualizou os nomes dos membros de sua alcateia por cinco ou seis anos – disse Charles, imaginando a reação de Leo. Ele já havia sido enfrentado com desacato, raiva, medo, mas nunca com tristeza.

– Achei que você ia perceber isso. Você e Anna devem ter comparado as listas. Sim, eu tive de enfrentar algo parecido com uma tentativa de golpe de estado, então precisei agir um tanto duramente.

Verdade, mas novamente não toda a verdade. Leo tinha o conhecimento equivalente ao de um advogado sobre como ser cuidadoso com a verdade e usá-la para mentir, quando se quer despistar alguém.

– É por isso que você matou todas as mulheres de sua alcateia? Todas elas se rebelaram contra você?

– Não havia muitas mulheres, nunca há.

Novamente reticente... Havia algo que ele não estava captando. Não fora Leo que atacara o jovem Frazier – havia sido Justin.

O lobo de Leo estava de volta. Ele entregou a Charles um bilhete com um nome e um número de telefone escrito em tinta roxa.

Charles enfiou o bilhete em seu bolso e então assentiu.

– Você está certo. Não há fêmeas suficientes – e as que existem precisam ser protegidas, não mortas. Você as matou sozinho?

– Todas as mulheres? Não.

– Quais delas você matou?

Leo não respondeu e Charles sentiu seu lobo ficar alerta, à medida que a caçada começava.

– Você não matou nenhuma das mulheres – disse Charles. Ele olhou para os homens parecidos com modelos fotográficos e para Justin, que era bonito, de uma forma um pouco rústica.

Leo estava protegendo alguém. Charles olhou para Isabelle, que amava homens bonitos. Isabelle, que era mais velha do que o velho Willie O'Shaughnessy quando começara a enlouquecer...

Charles imaginou há quanto tempo Leo sabia que Isabelle havia enlouquecido.

Ele olhou de volta para o Alfa.

– Você deveria ter pedido ajuda ao Marrok.

Leo sacudiu a cabeça.

– Você sabe o que ele teria feito. Ele a teria matado.

Charles teria realmente apreciado ver o que Isabelle estava fazendo, mas não podia dar-se ao luxo de desviar os olhos de Leo: um lobo encurralado era um lobo perigoso.

– E quantos morreram por isso? Quantos de sua alcateia foram perdidos? As mulheres que ela matou por ciúmes e os companheiros que foram mortos por você para protegê-la? E os lobos que se revoltaram com o que vocês dois estavam fazendo? Quantos foram?

Leo ergueu o queixo.

– Nenhum, por três anos.

A cólera surgiu dentro de Charles.

– Sim – concordou Charles muito suavemente. – Não desde que você enviou seu pequeno capanga valentão para atacar uma mulher indefesa e Transformá-la sem o consentimento dela. Uma mulher que você então passou a brutalizar.

– Se eu a tivesse protegido, Isabelle a teria odiado – explicou Leo. – Mas ao contrário, forcei Isabelle a protegê-la. Funcionou, Charles. Isabelle sempre esteve normal nesses últimos três anos.

Mas isso só até ela ter ido à casa de Anna naquele dia, quando percebeu que Charles estava interessado na garota; Isabelle nunca gostou de ver qualquer um prestando atenção a outras fêmeas enquanto ela estivesse por perto.

Charles arriscou um olhar e viu que, embora Isabelle não tivesse se mexido da abóbada da lareira, suas pernas estavam penduradas para baixo, para que assim ela pudesse pular para o chão rapidamente se quisesse. Seus olhos haviam mudado e observavam tudo com pálida impaciência, esperando pela violência que ela sabia que viria. Isabelle lambeu os lábios e moveu seu peso de um lado para outro, ansiosa.

Charles sentiu-se enojado com todas essas mortes. Ele voltou sua atenção de volta para o Alfa.

– Não há nenhuma morte, porque você tem uma Ômega para mantê-la calma, e também porque não há fêmeas para competir com ela, exceto Anna, que não quer nenhum de seus lobos, não depois de ter sido violentada por eles, sob suas ordens.

– Isso manteve Anna viva – insistiu Leo. – Manteve ambas vivas.

Ele abaixou a cabeça, em um apelo por proteção.

– Diga a seu pai que ela está estável. Diga a ele que eu não a deixarei machucar mais ninguém.

– Ela tentou matar Anna hoje – disse Charles gentilmente. – E mesmo que ela não tivesse... ela está louca, Leo.

Charles viu o último traço de esperança desaparecer do rosto de Leo. O Alfa sabia que Charles não deixaria Isabelle viver – ela era perigosa demais, imprevisível demais. Leo também sabia que já estava marcado. Ele havia se esforçado demais para salvar sua companheira.

Leo não deu nenhum aviso antes de atacar – mas Charles estivera pronto para ele. Leo não era o tipo de lobo que se submeteria facilmente à morte. Não haveria gargantas expostas nessa luta.

Porém, ambos sabiam quem iria vencer.

⊗

Anna ficara imobilizada com o choque da revelação de Leo, mas isso terminou quando Leo atacou. Ela não conseguiu segurar um pequeno uivo, e também não pôde evitar um salto instintivo para a frente a fim de proteger Charles.

Um par forte de mãos de trabalhador a agarrou pelo tufo de pelos do pescoço e a arrastou para trás, apesar de suas unhas arranharem o chão de madeira.

– Vamos, tenha calma – o som da voz de Boyd atingiu suas orelhas. – Fique parada. Essa luta não é sua.

A voz dele, a qual Anna já estava acostumada a obedecer, a acalmou, e assim ela pôde pensar melhor. Também ajudou o fato de que Charles havia evitado o primeiro golpe de Leo com um movimento mínimo dos ombros.

Os outros lobos haviam se levantado, e parte dela registrou o insistente refrão de Justin: “Mate-o, mate-o”. Ela não tinha certeza sobre qual lobo Justin queria ver morto. Ele odiava Leo por controlá-lo e por ser o companheiro de Isabelle. Talvez ele não se importasse se qualquer um dos dois morresse.

Leo atacou três vezes em rápida sucessão, errando todas as vezes. Ele havia se esforçado no último golpe, e quando esse não funcionou, foi forçado a dar um passo a mais para a frente.

Charles tirou vantagem do deslize e, posicionando-se na frente de Leo, com um movimento sutil que Anna não conseguiu acompanhar, fez algo com o ombro de Leo que fez o Alfa gritar de dor e raiva.

Os acontecimentos seguintes ocorreram tão rápido que Anna ficou confusa quanto à ordem em que eles haviam ocorrido.

Houve um barulho duplo de arma de fogo. As mãos de Boyd afrouxaram-se e soltaram seu pelo, enquanto ele praguejava e Isabelle dava uma risada frenética e excitada.

Foi preciso apenas um olhar para que Anna percebesse o que havia acontecido. Isabelle segurava um revólver, observando a luta e esperando por outra oportunidade de atirar em Charles.

Anna libertou-se das mãos de Boyd e correu para o outro lado da sala.

Da abóbada, Isabelle olhou diretamente nos olhos de Anna e disse rispidamente:

– Pare, Anna.

Ela tinha tanta certeza da obediência de Anna que não esperou para verificar que Anna havia obedecido, e voltou sua atenção novamente para a luta dos homens.

Anna sentiu a força da ordem de Isabelle, como uma brisa perpassando seu corpo e encrespando seu pelo. Porém, isso não a fez diminuir a velocidade, em absoluto.

Anna se agachou sobre as patas traseiras e pulou. Seus dentes fecharam-se no braço de Isabelle e ela sentiu o osso se quebrar com um ruído que satisfez a cólera de seu lobo. A força de seu pulo foi tal que ela puxou Isabelle de cima da abóbada de 1,80 metros de altura, arremessando-a na lareira quando ambas caíram – as mandíbulas de Anna ainda cravadas em volta do braço que segurava a arma.

Anna ficou agachada ali, esperando Isabelle fazer alguma coisa, mas a outra mulher apenas ficou imóvel. Alguém veio por trás delas e Anna rosnou em advertência.

– Calma... – disse Boyd, e sua voz tranquila tocou-a como a ordem de Isabelle não fora capaz.

As mãos dele pousaram sobre suas costas e ela aumentou o rosnado, mas ele não prestou atenção; estava olhando para Isabelle.

– Morta – grunhiu ele. – Bem feito para ela, por esquecer que você não é apenas outra loba submissa que deve prestar atenção às ordens dela. Deixe-a, Anna. Você afundou o crânio dela na lareira. Ela está morta.

Mas quando Anna relutantemente a libertou, Boyd assegurou-se da morte de Isabelle, girando seu pescoço até que o mesmo fizesse um barulho nauseante. Depois, Boyd apanhou o revólver do chão.

Olhando para o corpo quebrado de Isabelle, Anna começou a tremer. Ela ergueu um pé, mas não sabia se iria dar um passo para a frente ou para trás. Uma cadeira a atingiu do lado e a lembrou que

havia uma luta em andamento – e que Isabelle havia atirado em Charles duas vezes.

Se Charles estava realmente ferido, não mostrava sinais disso. Ele se movia tão facilmente como no princípio da luta, e Leo estava cambaleando, com um braço imóvel ao lado do corpo. Charles virou-se para ficar atrás dele e deu-lhe um golpe na parte posterior do pescoço com a lateral da mão, e Leo caiu no chão, como uma pipa quando o vento desaparece.

Boyd, que ainda estava em pé sobre ela, deu um uivo suave, um lamento, no que foi imitado pelos outros lobos, em luto pela morte de seu Alfa.

Ignorando-os, Charles ajoelhou-se ao lado de Leo e, com o mesmo movimento que Boyd havia usado em Isabelle, assegurou-se que o pescoço quebrado era permanente.

Charles ficou lá, ajoelhado, sobre um joelho e um pé, como um homem pedindo a mão de uma mulher em casamento. Ele abaixou a cabeça e estendeu a mão novamente, dessa vez para acariciar o rosto do homem morto.

O movimento de Justin foi tão rápido que Anna não teve tempo de emitir um aviso; ela não havia nem notado quando ele se transformara em lobo. Justin atingiu Charles como um aríete, e Charles caiu sob ele.

Mas, se Anna estava congelada, Boyd não estava. Ele atingiu Justin com um tiro no olho, um segundo antes do corpo de Justin bater em Charles.

Tudo acabou rapidamente.

Boyd arrastou o corpo imóvel de Justin para tirá-lo de cima de Charles e o jogou para o lado. Anna não se lembrava de ter se mexido, mas de repente ela estava sobre Charles e rosnando para Boyd.

Boyd se afastou lentamente, com suas mãos erguidas, mostrando que estavam vazias. O revólver estava enfiado no cinto das calças.

Assim que Anna cessou de ver Boyd como ameaça, desviou sua atenção para Charles. Ele estava caído no chão, com o rosto para baixo, coberto de sangue – seu nariz lhe dizia que parte do sangue era de Justin, mas que outra parte era de Charles.

Apesar da forma como Charles estivera lutando com Leo, Isabelle o havia atingido pelo menos uma vez, e Anna podia ver o buraco sangrento em suas costas. Em sua forma de lobo, ela não podia ajudá-lo e ela levaria algum tempo até se transformar.

Ela olhou por cima de seu ombro para Boyd.

Ele deu de ombros:

– Não posso ajudá-lo se não puder chegar mais perto do que isso.

Anna olhou para ele, desafiando-o com os olhos, de uma forma que nunca havia feito antes. Isso não pareceu aborrecê-lo. Ele apenas esperou que ela se decidisse. Sua parte lobo não queria confiar seu companheiro a ninguém – mas ela sabia que não tinha escolha.

Anna pulou por sobre o corpo de Charles, dando acesso à Boyd. Mas não aguentou e rosnou quando Boyd virou Charles de lado, para verificar os ferimentos. Ele encontrou um segundo ferimento à bala na panturrilha esquerda de Charles.

Boyd tirou o casaco do terno e rasgou sua camisa elegante, espalhando botões pelo chão, além de também rasgar a camisa em tiras, e então, enquanto fazia curativos em Charles com rápida experiência, começou a dar ordens.

– Holden, chame o resto da alcateia e comece com Rashid. Diga a ele que precisamos que traga o que for necessário para tratar um ferimento feito por bala de prata; ambas as balas saíram. Quando você terminar, telefone para o Marrok e conte-lhe o que aconteceu. Você achará o número dele no livro de endereços de Isabelle na gaveta da cozinha sob o telefone.

Anna soltou um lamento. Ambos os tiros de Isabelle haviam atingido o alvo.

– Ele não vai morrer – disse-lhe Boyd, amarrando o último curativo. Boyd olhou em volta e praguejou. – Esse lugar parece a última cena de Hamlet. Gardner, comece a limpar essa bagunça junto com Simon. Vamos levar Charles a algum lugar mais calmo. Ele não vai ficar muito feliz ao acordar, e todo esse sangue não vai ajudar.

Boyd pegou Charles, e quando o carregou para fora da sala, Anna já estava em seus calcanhares.

⊗

Já de volta à sua forma humana, Anna estava deitada na cama ao lado de Charles. Rashid, que era um médico de verdade, além de lobisomem, já viera e fora embora, substituindo o curativo improvisado de Boyd por algo mais estéril. Ele disse a Anna que Charles estava inconsciente devido à perda de sangue.

Boyd viera logo depois e a havia aconselhado a ficar longe de Charles, antes que ele acordasse. O quarto era reforçado para aguentar um lobo enfurecido – Anna não era.

Boyd não discutiu quando Anna se recusou a sair. Ele apenas trancou a porta do quarto ao sair. Anna esperou até que ele saísse e então se transformou. Havia roupas no antiquado armário; muitas peças de tamanho único. Ela encontrou uma camiseta e um par de jeans que não ficaram tão ruins.

Charles não notou quando ela subiu na cama e deitou-se ao seu lado. Anna colocou a cabeça no travesseiro dele e escutou sua respiração.

⊗

Charles não acordou silenciosamente; em um momento estava imóvel, e em outro saltou violentamente para fora da cama, ficando em pé. Anna nunca o havia observado durante a transformação e,

embora soubesse que ela era rápida, não sabia que também era muito bonita; iniciava-se com os pés dele, e como um cobertor de pelos avermelhados, passava por todo seu corpo, deixando para trás um lobisomem malevolente, furioso, pingando sangue dos curativos.

Olhos amarelos brilhantes esquadrinharam o quarto, assimilando a porta fechada, as barras nas janelas e, finalmente, ela.

Anna ficou muito quieta, deixando-o absorver os arredores e verificar que não havia ameaça. Quando ele olhou para ela pela segunda vez, Anna se sentou e começou a verificar os curativos.

Ele rosnou para ela, e então Anna deu suaves batidinhas em seu focinho.

– Você já perdeu sangue suficiente hoje. Os curativos não lhe fazem parecer mais fraco do que sangrar por toda a parte o faria... Pelo menos assim você não vai arruinar o carpete.

Quando ela terminou, entrelaçou os dedos no pelo em volta do pescoço dele e curvou a cabeça até encostar-se nele.

– Pensei que tinha perdido você.

Charles ficou parado em seu abraço por um minuto, antes de libertar-se dele. Ele saiu da cama e foi até a porta.

– Está trancada – disse-lhe Anna, pulando da cama e andando atrás dele.

Ele lhe deu um olhar paciente.

Nesse momento, houve um clique e a porta foi aberta por um homem esguio, de aparência comum, que parecia ter vinte e poucos anos. Ele ficou de cócoras e olhou no rosto de Charles antes de olhar para ela.

A força da personalidade nos olhos dele atingiu Anna como um soco no estômago, então ela não ficou inteiramente surpresa quando reconheceu a voz dele.

– Ferido a bala três vezes em um dia – murmurou o Marrok. – Acho que Chicago foi mais penoso para você do que o usual, meu

filho. Acho que é melhor levá-lo para casa, não acha?

Anna não sabia o que dizer, então não disse nada. Ela colocou a mão nas costas de Charles e engoliu em seco.

Charles olhou para seu pai.

– Você perguntou a ela?

Charles deu um rosnado baixo.

O Marrok riu e levantou-se.

– Mesmo assim, eu vou perguntar. Você é Anna?

Não era bem uma pergunta.

A garganta dela estava seca demais para responder, então ela assentiu com a cabeça.

– Meu filho gostaria que você nos acompanhasse até Montana. Asseguro-lhe que se houver algo que não seja de seu agrado, providenciarei sua realocação para qualquer lugar que você considere melhor.

Charles rosnou e Bran ergueu uma sobrancelha, enquanto olhava para ele.

– *Eu* sou o Marrok, Charles. Se a criança quiser ir para outro lugar, ela pode.

Anna encostou-se ao quadril de Charles.

– Acho que gostaria de visitar Montana – disse ela.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.

1 As montanhas Cabinet, localizadas na região noroeste de Montana, estão sob a jurisdição da Floresta Nacional de Kootenai. Seu nome deriva dos primeiros exploradores franceses que observaram que as montanhas se assemelhavam a uma série de armários ou gabinetes – *cabinet*, em inglês (N.T.).
2 Arbusto de folhas carnudas e pequenas bagas vermelhas, a “uva-ursina” ou uva-de-urso, assim chamada não só porque os ursos comem as bagas da planta, mas provavelmente também porque o seu sabor desagradável as torna impróprias para consumo humano (N.T.).
3 Representa o governo dos EUA (figura fortemente ligada ao senso patriótico durante a Guerra do Vietnã, daí a associação com o treinamento de Walter, veterano da guerra) (N.T.).
4 Final do verão no hemisfério norte (N.T.).
5 Personagem de um seriado da TV americana na década de 1950, retrato da perfeita mãe e esposa amorosa (N.T.).

1 Um lobisomem Ômega traz paz a todos os lobos ao seu redor, e não é de maneira alguma submisso; para mais detalhes, ler a história *Alfa e Ômega*, cronologicamente anterior a este (N.R.).
2 Grupo de índios norte-americanos que habitam a Colônia Britânica (Canadá) e o noroeste dos Estados Unidos (N.T.).

1 O estilo de armário sem adornos foi produzido primeiramente pelos Shakers por volta da década de 1790. Eles eram um grupo religioso que valorizava o artesanato simples e sólido (N.T.).
2 Telfa é um tipo de curativo absorvente utilizado em estabelecimentos médicos (e também de uso doméstico) para os procedimentos de primeiros socorros e/ou médicos. (N.T.).
3 O Pé-Grande é descrito como uma criatura na forma de um grande macaco que vive nas regiões selvagens e remotas dos Estados Unidos e do Canadá. Diz-se que seria um parente do *iéti* tibetano (o “Abominável Homem das Neves”) (N.T.).

1 I João 3:11–12 (N.T.).
2 Apelido de *Doctor (Doutor)* (N.R.).
3 A Sociedade Unida dos Crentes na Segunda Vinda de Cristo, também conhecidos como Shakers, é um grupo religioso protestante que nasceu em Manchester, Inglaterra, em 1747, na casa de Jane e James Wardley. Os Shakers nasceram do grupo religioso dos Quackers, fundado no século XVII (N.T.).

1 Veículo usado principalmente pelas Forças Armadas dos Estados Unidos. Também é usado por muitos outros países e organizações, e até mesmo em adaptações civis (N.T.).
2 Tri-Cities é uma área metropolitana de médio porte na parte sudeste do estado de Washington (EUA), que consiste em três cidades vizinhas: Kennewick, Pasco e Richland (N.T.).
3 Literalmente “alegria de viver”. Em francês, no original (N.T.).

1 Tipo de estampa psicodélica. Tingimento muito usado nos anos 1960, o que contribui para o visual *hippie* do personagem (N.R.).
2 Cerca de 4,20 m (N.R.).
3 Um nativo de Londres, especialmente da classe trabalhadora, nascido no East End, que fala um dialeto característico do Inglês (o *cockney*) (N.T.).

1 Também conhecido como Carlos Magno, foi o rei dos francos entre 768 e imperador do Ocidente entre 800 até a sua morte em 814. Ele expandiu o Reino Franco até que ele se tornasse o Império Carolíngio, que incorporou a maior parte da Europa Ocidental e da Central (N.T.).

1 A Willis Tower, anteriormente conhecida como Sears Tower, é um arranha-céu localizado em Chicago. É o mais alto edifício dos Estados Unidos (N.T.).
2 Referência à frase de Shakespeare: “Se a rosa tivesse outro nome, ainda assim teria o mesmo perfume”, em *Romeu e Julieta* (N.T.).
3 Linha de trem suspensa de Chicago que forma um grande círculo (*loop*, em inglês) ao redor do centro da cidade (N.T.).
4 As Mission Mountains (ou Mission Range) são uma cadeia de montanhas rochosas localizadas no noroeste de Montana, nos Estados Unidos (N.T.).

1 Animal que só vive no hemisfério norte. Um carcaju (ou *wolverine*), resumidamente, se assemelha a um pequeno urso com cauda (chega até 30 kg e mede de 70 a 110 cm de comprimento fora a cauda, que chega aos 20 cm). (N.R.).
2 Talher híbrido de *spoon* (colher) e *fork* (garfo), muito utilizado em acampamentos (N.T.).
3 A jumenta de Balaão viu o anjo do Senhor por três vezes. Como empacou no caminho todas as vezes em que se desviou do anjo, foi fustigada três vezes pelo seu mestre. Depois da terceira, abriu a boca e falou que tinha salvo Balaão três vezes da ira divina (Nm 22:5-33) (N.R.).
4 Oficial Comandante (N.T.).
5 Espécie de queimação causada pelo frio intenso, provocando também inchaço (N.R.).
6 Área selvagem no sudoeste de Montana, no noroeste dos Estados Unidos (N.T.).
7 *Pemmican* é uma mistura concentrada de gordura e proteína utilizada como alimento nutritivo. O termo deriva da palavra *pimîhkân*, da língua dos *crees*, uma tribo nativa norte-americana, e deriva da palavra *pimî*, que significa gordura, graxa (N.T.).
8 Personagem da série *Jornada nas Estrelas*, caracterizado pelo seu tom sóbrio e formal (N.T.).
9 Árvores da mesma família dos pinheiros (N.R.).

1 Espécie de feiticeira que prepara poções ou faz feitiços com ervas venenosas (N.R.).
2 Este tipo de esporte foi criado como uma variação mais leve do beisebol (*soft* é “leve” em inglês), por isso se tornou uma modalidade mais popular entre as mulheres (N.T.).
3 *Fae* ou *Fairie* – do latim *fata*. Fadas são seres sobrenaturais que vivem em um mundo situado entre a terra e o céu. Elas podem ser boas ou más, tem aparência humana e poderes mágicos (N.T.).

1 ZZ Top é uma banda de *blues-rock* norte-americana, também conhecida como “That Little Ol’ Band from Texas”. Os membros da banda são: Billy Gibbons (vocal e guitarra), Dusty Hill (vocal e baixo) e Frank Beard (bateria). Apesar de Gibbons e Hill usarem barbas compridas, o baterista Beard (barba, em inglês) usa apenas um bigode aparado (N.T.).
2 Estados americanos localizados no sudeste dos Estados Unidos, onde o inglês é falado com um sotaque peculiar (N.R).

1 Significa “Teletransporte-me, caledônio”; referência divertida à celebre frase “Teletransporte-me, Scotty”, da série de TV *Jornada nas Estrelas.* O personagem Scotty é escocês, o que na antiguidade clássica corresponderia, grosso modo, a uma pessoa pertencente ao povo caledônio (N.T.).
2 Ressuscitação cardiopulmonar (N.T.).

1 *Civilian Conservation Corps*; eram grupos que forneciam trabalho e formação profissional para homens jovens desempregados e solteiros por meio da conservação e desenvolvimento dos recursos naturais do país (N.T.).
2 Aproximadamente vinte litros (N.R.).
3 Espírito ou animal guardião de uma bruxa ou de um mago (N.R.).
4 Esse termo será explicado mais adiante (N.R.).

1 Para fins de referência, explicamos aqui que o termo *berserker* originalmente designa um guerreiro nórdico devoto do deus Odin, que entrava em fúria frenética e assassina antes de uma batalha. Neste livro, o termo tem um significado semelhante, como explicado neste capítulo (N.R.).
2 Poema épico que narra as aventuras de Beowulf, herói com força sobre-humana (N.T.).
3 Na mitologia nórdica, Grendel é um personagem monstruoso do poema épico medieval anglo-saxão *Beowulf*. É um dos três oponentes derrotados pelo herói do poema (N.T.).

1 Ser artificial e mítico, associado à tradição mística do judaísmo, particularmente à cabala, o qual pode ser trazido à vida através de um processo mágico. Feito de material inanimado, o golem é muitas vezes visto como um gigante de pedra (N.T.).
2 Banda canadense de música tradicional irlandesa, formada em 1963 em Toronto, cujo nome é uma homenagem à tradicional canção irlandesa *The Irish Rover* (N.T.).

1 Referência à canção do filme *O Mágico de Oz* (N.T.).
2 A Caçada Selvagem é um mito popular antigo recorrente na Europa. É um grupo fantasmagórico, consistindo de espectros de caçadores com os apetrechos de caça, cavalos, cães, etc., em uma caçada insana através dos céus, ao longo do terreno ou logo acima dele (N.T.).

1 Árvore de madeira avermelhada (N.T.).
2 Grupo de índios norte-americanos que habitam a Colônia Britânica (Canadá) e o noroeste dos Estados Unidos (N.T.).
3 *Flathead* quer dizer “cabeça chata”, por isso Anna olhou para a testa de Charles (N.T.).
4 Um dos mais importantes arquitetos americanos do século XX (N.T.).
5 O escritor Edgar Rice Burroughs é mundialmente conhecido como o criador do Tarzan (N.T.).
6 Cão originário da Irlanda, de grande porte, utilizado para caçar lobos e cervos (N.T.).
7 Bairro pobre na periferia de Chicago (N.T.).
8 Pãozinho trançado, em forma de rosca (N.T.).
9 Fruto nativo da Europa e da Ásia, é muito cultivado pelos frutos doces, usado em geleias, tortas e bebidas alcoólicas (N.R.).

1 O centro financeiro de Chicago é chamado de “Loop”. O nome vem de uma linha de trem suspensa que forma um grande círculo (*loop*, em inglês) ao redor da área (N.T.).
2 Estação de metrô em Chicago (N.T.).
3 Doce árabe feito de massa folheada, recheado de mel e amêndoas e polvilhado com pistache (N.T.).